

*Augusto Fischer*  
*Luiz Carlos Lückmann*

# A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos,  
econômicos e educacionais de Santa Catarina*

**editora**  
**unoesc**





Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão (PPGE)

# A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e  
educacionais de Santa Catarina*

Augusto Fischer  
Luiz Carlos Lückmann

Colaboradores: Aristides Cimadon,  
Fábio Lazzarotti e  
Fagner Lourenci Rosa

Joaçaba, SC  
2020

**Editora Unoesc**

**Coordenação**

Tiago de Matia

Agente administrativa: Caren Scalabrin  
Revisão linguística e metodológica: Giovana Patrícia Bizinela  
Projeto gráfico e diagramação: Simone Dal Moro  
Capa: Simone Dal Moro

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F529m Fischer, Augusto.

A mesorregião Oeste catarinense: análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina / Augusto Fischer, Luiz Carlos Lückmann. – Joaçaba: Editora Unoesc, 2020. 224 p., il. ; 23 cm.

ISBN: 978-65-86158-13-7

ISBN (e-book): 978-65-86158-12-0

Inclui bibliografia

I. Desenvolvimento regional – Mesorregião Oeste Catarinense. 2. Indicadores econômicos – Santa Catarina, Oeste. 3. Indicadores educacionais. I. Título.

CDD 338.0098164

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da Unoesc de Joaçaba

**Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc**

Reitor

Aristides Cimadon

Vice-reitores de Campi

Campus de Chapecó

Carlos Eduardo Carvalho

Campus de São Miguel do Oeste

Vitor Carlos D'Agostini

Campus de Videira

Ildo Fabris

Campus de Xanxerê

Genesio Téó

Pró-reitora Acadêmica  
Lindamir Secchi Gadler

Pró-reitor de Administração  
Ricardo Antônio de Marco

**Conselho Editorial**

Jovani Antônio Steffani  
Tiago de Matia  
Sandra Fachinetto  
Aline Pertile Remor  
Lisandra Antunes de Oliveira  
Marilda Pasqual Schneider  
Claudio Luiz Orço  
Ieda Margarete Oro

Silvio Santos Junior  
Carlos Luiz Strapazon  
Wilson Antônio Steinmetz  
César Milton Baratto  
Marconi Januário  
Marceli Maccari  
Daniele Cristine Beuron

## **Lista de Ilustrações**

Quadro 1 – Mesorregiões de Santa Catarina .....	30
Mapa 1 – Mesorregiões Geográficas de Santa Catarina .....	30
Quadro 2 – Microrregiões do Oeste Catarinense .....	31
Mapa 2 – Microrregiões Geográficas do Oeste Catarinense.....	33



## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Evolução da população residente nas mesorregiões (2000 a 2019) .....	36
Tabela 2 – Evolução da população residente nas microrregiões do Oeste Catarinense (2000 a 2019) .....	39
Tabela 3 – População por faixa etária em Santa Catarina (2000, 2010 e 2019) .....	42
Tabela 4 – População por faixa etária em Santa Catarina (2010 e 2019).....	43
Tabela 5 – População por faixa etária nas microrregiões do Oeste Catarinense (2010 a 2019) .....	44
Tabela 6 – Produto Interno Bruto nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2017 .....	48
Tabela 7 – Produto Interno Bruto nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2017 .....	50
Tabela 8 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense com os maiores PIB em 2017 .....	53
Tabela 9 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense com as maiores taxas de crescimento do PIB (entre 2000 e 2017) .....	54
Tabela 10 – PIB per capita nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$) (2000 a 2017) .....	56
Tabela 11 – PIB per capita nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	58
Tabela 12 – VAB total nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2017 .....	61

Tabela 13 – Participação dos VAB setoriais no VAB total das mesorregiões de SC (%).....	64
Tabela 14 – VAB total nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2017 .....	67
Tabela 15 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB total em 2017.....	70
Tabela 16 – Participação dos VAB setoriais no VAB total das microrregiões do Oeste Catarinense (%).....	70
Tabela 17 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB agropecuário em 2017 .....	72
Tabela 18 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB industrial em 2017 .....	74
Tabela 19 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB serviços em 2017 .....	77
Tabela 20 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB serviços públicos em 2017 .....	79
Tabela 21 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense em geração de impostos líquidos 2017 .....	80
Tabela 22 – Empregados em 31/12 nas Mesorregiões – Total: 2000 a 2018	84
Tabela 23 – Participação das mesorregiões no total de empregados no Estado de SC, por setor (%).....	86
Tabela 24 – Distribuição dos empregados por setor nas mesorregiões de SC (%).....	89
Tabela 25 – Empregados em 31/12 nas microrregiões do Oeste Catarinense – total: 2000 a 2018 .....	91

Tabela 26 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados em 31/12/2018 .....	93
Tabela 27 – Participação das microrregiões no total de empregados do Oeste Catarinense por setor (%) .....	94
Tabela 28 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados na Indústria em 31/12/2018.....	96
Tabela 29 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados na Construção Civil em 31/12/2018.....	97
Tabela 30 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados no Comércio em 31/12/2018 .....	98
Tabela 31 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados nos Serviços em 31/12/2018.....	99
Tabela 32 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados na Agropecuária em 31/12/2018 .....	100
Tabela 33 – Distribuição dos empregados por setor nas microrregiões do Oeste Catarinense (%).....	101
Tabela 34 – Remuneração média nas mesorregiões deflacionada pelo IPCA, base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2018.....	103
Tabela 35 – Remuneração média nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionada pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2018.....	108
Tabela 36 – Evolução das matrículas na creche (2011-2018).....	121
Tabela 37 – Evolução das matrículas na pré-escola por região (2011-2018).....	122
Tabela 38 – Evolução das matrículas no ensino fundamental: anos iniciais (2011-2018) .....	124

Tabela 39 – Matrículas no ensino fundamental: anos finais, no Brasil e por região (2011-2018) .....	126
Tabela 40 – Matrículas na EJA, ensino fundamental, por região (2014-2018) .....	128
Tabela 41 – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, anos iniciais (2011-2017) .....	130
Tabela 42 – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, anos finais (2011-2017).....	132
Tabela 43 – Evolução das matrículas no ensino médio por região (2011-2018).....	134
Tabela 44 – Matrículas no ensino médio técnico por região (2011-2018) .....	136
Tabela 45 – Matrículas na EJA, ensino médio, Brasil, Santa Catarina e Mesorregiões (2014-2015).....	137
Tabela 46 – Evolução do número de IES atuando no Brasil, Santa Catarina e Mesorregiões .....	140
Tabela 47 – Número de IES na Mesorregião Oeste Catarinense por organização acadêmica e por categoria administrativa (2018).....	141
Tabela 48 – Evolução da oferta de cursos por região (2010-2018).....	142
Tabela 49 – Oferta de cursos por modalidade, no Brasil, em SC e nas mesorregiões (2010-2018).....	144
Tabela 50 – Evolução da oferta de cursos por categoria administrativa (2010-2018).....	146
Tabela 51 – Evolução da oferta de cursos por modalidade, nas IES privadas (2010-2018).....	147
Tabela 52 – Evolução da oferta de vagas novas de cursos na modalidade presencial por região .....	150

Tabela 53 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação por região (2010-2018).....	152
Tabela 54 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação por categoria administrativa (2010-2018).....	154
Tabela 55 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação, por modalidade de ensino (2010-2018).....	156
Tabela 56 – Evolução dos ingressantes por modalidade de ensino nas IES privadas (2010-2018).....	157
Tabela 57 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação por grau de curso (2010-2018).....	159
Tabela 58 – Evolução dos ingressantes em cursos de bacharelado por modalidade de ensino (2010-2018).....	160
Tabela 59 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura por modalidade de ensino (2010-2018).....	161
Tabela 60 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018) .....	163
Tabela 61 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018) .....	164
Tabela 62 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação com grau de licenciatura por categoria administrativa da IES (2010-2018) .....	165
Tabela 63 – Evolução dos ingressantes em cursos de tecnólogo por modalidade de ensino (2010-2018).....	166
Tabela 64 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por região (2010-2018).....	169
Tabela 65 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por categoria administrativa (2010-2018).....	170

Tabela 66 – Evolução das matrículas em cursos de graduação nas IES privadas (2010-2018).....	171
Tabela 67 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por modalidade de ensino (2010-2018).....	173
Tabela 68 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por modalidade de ensino nas IES privadas (2010-2018).....	175
Tabela 69 – Evolução das matrículas em cursos de graduação presencial nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018) .....	176
Tabela 70 – Evolução das matrículas em cursos de graduação a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018).....	177
Tabela 71 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por grau de curso (2010-2018) .....	179
Tabela 72 – Evolução das matrículas em cursos de graduação com grau de bacharelado por modalidade de ensino (2010-2018).....	181
Tabela 73 – Evolução das matrículas em cursos de licenciatura por categoria administrativa (2010-2018).....	182
Tabela 74 – Evolução das matrículas em cursos de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018) .....	183
Tabela 75 – Evolução das matrículas em cursos de licenciatura a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018).....	185
Tabela 76 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação (2010-2018).....	186
Tabela 77 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação por categoria administrativa (2010-2018).....	187
Tabela 78 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação na categoria administrativa privada (2010-2018) .....	188

Tabela 79 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação por modalidade de ensino (2010-2018).....	190
Tabela 80 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação, por modalidade de ensino, nas IES privadas (2010-2018).....	191
Tabela 81 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018).....	193
Tabela 82 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação por grau de curso (2010-2018).....	195
Tabela 83 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação com grau de bacharelado nas IES privadas por modalidade de ensino (2010-2018).....	196
Tabela 84 – Evolução da evasão em cursos de graduação por região (2010-2018).....	197
Tabela 85 – Evolução da evasão em cursos de graduação por modalidade de ensino (2010-2018).....	198
Tabela 86 – Evolução da evasão em cursos de graduação a distância em IES com e sem fins lucrativos (2010-2018) .....	199
Tabela 87 – Cursos de pós-graduação por nível de ensino e região .....	202
Tabela 88 – Cursos de pós-graduação stricto sensu por categoria administrativa (2010-2018).....	203
Tabela 89 – Evolução das matrículas na PG por nível de ensino e região (2010-2018).....	205
Tabela 90 – Representação dos titulados da PG por nível de ensino e região (2010-2018).....	208



## Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Evolução da população residente nas mesorregiões de SC (2000 a 2019) .....	37
Gráfico 2 – Evolução da população residente nas microrregiões do Oeste Catarinense (2000 a 2019) .....	40
Gráfico 3 – Evolução do PIB nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	49
Gráfico 4 – Evolução do PIB nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	52
Gráfico 5 – Evolução do PIB per capita nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	57
Gráfico 6 – Evolução do PIB per capita nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	60
Gráfico 7 – Evolução do VAB total nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	63
Gráfico 8 – Evolução do VAB total nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	68
Gráfico 9 – Empregados em 31/12 nas mesorregiões – totais: 2000 a 2018 .....	85
Gráfico 10 – Empregados em 31/12 nas microrregiões do Oeste Catarinense – totais: 2000 a 2018 .....	92

Gráfico 11 – Remunerações médias nas mesorregiões de Santa Catarina deflacionadas pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	105
Gráfico 12 – Remunerações médias nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionadas pelo IPCA, base 2000 (R\$), 2000 a 2017 .....	110
Gráfico 13 – Evolução do número de matrículas no ensino fundamental, anos iniciais, nas microrregiões do Oeste Catarinense (2011-2018) .....	125
Gráfico 14 – Evolução do número de matrículas nos anos finais do ensino fundamental nas microrregiões do Oeste catarinense (2011-2018) .....	127
Gráfico 15 – Evolução do número de matrículas em creches, pré-escola e ensino fundamental – Mesorregião Oeste Catarinense (2011-2018) .....	129
Gráfico 16 – Evolução da nota do IDEB, ensino fundamental, anos iniciais, nas microrregiões do Oeste Catarinense .....	131
Gráfico 17 – Evolução da nota do IDEB do ensino fundamental, anos finais, nas microrregiões do Oeste Catarinense .....	132
Gráfico 18 – Evolução das matrículas no ensino médio nas microrregiões do Oeste Catarinense (2011-2018).....	135
Gráfico 19 – Evolução do número de matrículas no ensino médio, EJA, nas microrregiões do Oeste Catarinense (2014-2018) .....	138
Gráfico 20 – Evolução do número de matrículas no ensino médio e suas modalidades na Mesorregião Oeste Catarinense (2011-2018) .....	138

Gráfico 21 – Evolução da oferta de cursos nas microrregiões do Oeste Catarinense .....	143
Gráfico 22 – Evolução da oferta de cursos a distância nas microrregiões do Oeste Catarinense (2010-2018).....	145
Gráfico 23 – Evolução da oferta de cursos presenciais nas microrregiões do Oeste Catarinense (2010-2018).....	145
Gráfico 24 – Evolução dos cursos de graduação, por modalidade, no segmento privado (2010-2018).....	148
Gráfico 25 – Evolução da oferta de vagas novas no Brasil, nas modalidades presencial e a distância (2010-2018).....	150
Gráfico 26 – Evolução de vagas novas de cursos presenciais nas microrregiões do Oeste Catarinense (2010-2017).....	151
Gráfico 27 – Evolução dos ingressantes nas microrregiões do Oeste catarinense .....	153
Gráfico 28 – Evolução dos ingressantes em IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018).....	155
Gráfico 29 – Evolução dos ingressantes na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018).....	157
Gráfico 30 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação a distância em IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018).....	158
Gráfico 31 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura por modalidade de ensino na Mesorregião Oeste Catarinense ...	162
Gráfico 32 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018) .....	164

Gráfico 33 – Evolução dos ingressantes em cursos de tecnólogo, por modalidade de ensino, na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018).....	167
Gráfico 34 – Evolução das matrículas em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense, na categoria administrativa privada com e sem fins lucrativos (2010-2018).....	172
Gráfico 35 – Evolução das matrículas em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018).....	174
Gráfico 36 – Evolução das matrículas em cursos de graduação em IES privadas na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018) .....	176
Gráfico 37 – Evolução das matrículas em cursos de graduação a distância em IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018) .....	178
Gráfico 38 – Evolução das matrículas em cursos de graduação com grau de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018) ..	184
Gráfico 39 – Evolução das matrículas em cursos de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018) .....	185
Gráfico 40 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense por categoria administrativa (2010-2018) .....	188
Gráfico 41 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense, na categoria administrativa privada com e sem fins lucrativos (2010-2018).....	189

Gráfico 42 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018).....	191
Gráfico 43 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação em IES privadas na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018) .....	192
Gráfico 44 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação a distância em IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018) .....	194
Gráfico 45 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação, por grau de curso, na mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018) .....	195
Gráfico 46 – Evolução dos cursos de PG por nível de ensino na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018) .....	204
Gráfico 47 – Evolução das matrículas na pós-graduação stricto sensu por nível de ensino na Mesorregião Oeste Catarinense .....	207



# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	25
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	29
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>VARIAÇÕES DEMOGRÁFICAS</b> .....	35
2.1 POPULAÇÃO RESIDENTE .....	35
2.1.1 Mesorregiões de Santa Catarina .....	35
2.1.2 Microrregiões do Oeste Catarinense .....	38
2.2 POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA .....	41
2.2.1 Mesorregiões de Santa Catarina .....	42
2.2.2 Microrregiões do Oeste Catarinense .....	44
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>INDICADORES SOCIOECONÔMICOS</b> .....	47
3.1 PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) .....	47
3.1.1 Mesorregiões de Santa Catarina .....	47
3.1.2 Microrregiões do Oeste Catarinense .....	50
3.2 PIB PER CAPITA .....	55
3.2.1 Mesorregiões de Santa Catarina .....	56

3.2.2 Microrregiões do Oeste Catarinense.....	58
3.3 VALOR ADICIONADO BRUTO (VAB) .....	60
3.3.1 Mesorregiões de Santa Catarina .....	61
3.3.2 Microrregiões do Oeste Catarinense.....	66
<b>CAPÍTULO 4</b>	
<b>EMPREGOS E REMUNERAÇÃO .....</b>	<b>83</b>
4.1 ESTOQUE DE EMPREGOS.....	83
4.1.1 Mesorregiões de Santa Catarina .....	83
4.1.2 Microrregiões do Oeste Catarinense.....	90
4.2 REMUNERAÇÕES MÉDIAS .....	103
4.2.1 Mesorregiões de Santa Catarina .....	103
4.2.2 Microrregiões do Oeste Catarinense.....	108
<b>CAPÍTULO 5</b>	
<b>SÍNTESE DOS INDICADORES DEMOGRÁFICOS E</b>	
<b>ECONÔMICOS DO OESTE CATARINENSE.....</b>	<b>113</b>
<b>CAPÍTULO 6</b>	
<b>INDICADORES EDUCACIONAIS .....</b>	<b>119</b>
6.1 EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....	119
6.1.1 Matrículas na educação infantil .....	119
6.1.2 Matrículas no ensino fundamental .....	122
6.1.3 Matrículas na educação de jovens e adultos – ensino fundamental.....	127

6.1.4 Índice de desenvolvimento da educação básica – ensino fundamental .....	129
6.1.5 Matrículas no ensino médio.....	133
6.1.6 Matrículas na educação profissional média.....	135
6.1.7 Matrículas na EJA de nível médio .....	136
6.2 EDUCAÇÃO SUPERIOR .....	139
6.2.1 A rede de educação superior brasileira: evolução do número de IES .....	139
6.2.2 Oferta de cursos de graduação .....	142
6.2.3 Oferta de cursos de graduação, por modalidade de oferta ....	143
6.2.4 Oferta de cursos de graduação por categoria administrativa .....	145
6.2.5 Oferta de vagas .....	149
6.2.6 Estudantes ingressantes.....	151
6.2.7 Matrículas em cursos de graduação.....	167
6.2.8 Concluintes em cursos de graduação .....	186
6.2.9 Evasão .....	196
<b>CAPÍTULO 7</b>	
<b>PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU .....</b>	<b>201</b>
7.1 CURSOS EM ANDAMENTO .....	201
7.2 MATRÍCULAS NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU .....	205
7.3 TITULADOS .....	207

<b>CAPÍTULO 8</b>	
<b>SÍNTESE DOS INDICADORES DA EDUCAÇÃO NO OESTE CATARINENSE.....</b>	<b>209</b>
8.1 EDUCAÇÃO BÁSICA .....	209
8.2 EDUCAÇÃO SUPERIOR .....	211
<b>CAPÍTULO 9</b>	
<b>INSTIGAÇÕES PARA REFLEXÃO E DEBATES PARA O OESTE... </b>	<b>215</b>
<b>CAPÍTULO 10</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>219</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>221</b>

## PREFÁCIO

A Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), em 2012, por meio de seus professores Augusto Fischer, Alciomar Antônio Marin, Aristides Cimadon e Luiz Carlos Lückmann, lançou, pela Editora Unoesc, o livro intitulado *Análise Demográfica, Educacional e Socioeconômica nas Secretarias de Desenvolvimento Regional do Oeste Catarinense*. O estudo, que analisou dados demográficos, educacionais e socioeconômicos entre 2000 e 2010, teve como objetivo subsidiar as tomadas de decisão e servir de fonte de informação para os planejamentos estratégicos das instituições públicas responsáveis pelo desenvolvimento em suas áreas de abrangência.

A *Mesorregião Oeste Catarinense: análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*, sob o mesmo enfoque, atualiza e amplia os dados e indicadores sob análise referenciada, não mais pelas áreas abrangidas das então Secretarias de Desenvolvimento Regional, mas pelas Mesorregiões de Santa Catarina, em especial pela Mesorregião Oeste, com suas microrregiões e seus respectivos municípios. De modo detalhado, o estudo subsidia os tomadores de decisão no sentido de construir e realizar o planejamento estratégico para o desenvolvimento dessa importante região do Estado de Santa Catarina.

O estudo de indicadores relacionados à evolução demográfica, socioeconômica e educacional das populações deve ser uma atividade constante de governos, seja das esferas federal e estadual, seja municipal, de instituições de ensino e de organizações em geral. A definição de políticas públicas, bem como de ações de planejamento, gestão e priorização de investimentos devem estar pautadas em estudos técnicos e científicos. O conhecimento, como resultado de tais estudos e de experiências acumuladas, é a base para tomadas de decisão de gestores públicos e privados, sendo um importante aliado para a elaboração e execução de projetos de organizações e de desenvolvimento regional.

Nesse sentido, a Universidade do Oeste de Santa Catarina, conforme sua missão, pretende contribuir com tomadores de decisão, líderes, políticos, professores e estudantes ao apresentar este importante estudo, *A Mesorregião Oeste Catarinense: análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*, resultado do estudo de autoria dos experientes professores doutores Augusto Fischer,

pesquisador do Mestrado Profissional em Administração, e Luiz Carlos Lückmann, Coordenador da Comissão Própria de Avaliação (CPA) e ex-reitor da Unoesc.

O livro tem como propósito disseminar dados, informações e conhecimento sobre a realidade do Oeste Catarinense, em comparação a outras regiões do Estado de Santa Catarina, no que tange à análise de indicadores demográficos, econômicos e educacionais. Esses dados foram coletados em bases oficiais de órgãos de pesquisa do País, organizados e analisados neste livro, por meio de séries históricas, em tabelas ou gráficos comparativos entre regiões, Estado e até mesmo em nível nacional, o que permite ao leitor maior compreensão do estudo.

Contudo, mais que disseminar conhecimento, o livro tem a pretensão de gerar debates, interações e ações estruturadas entre gestores, lideranças e interessados com o futuro do grande Oeste Catarinense. O conjunto de dados apresentados no livro tende a suscitar importantes discussões sobre os rumos que essa Mesorregião poderá seguir, se mantidas as condições históricas de sua trajetória de desenvolvimento.

Ao pinçar alguns dados analisados no livro, como, por exemplo, o crescimento demográfico em termos de população residente, chama a atenção que o Oeste Catarinense tinha a segunda maior população de Santa Catarina no início da década de 2000, atrás somente do Vale do Itajaí. Em 2010, a Mesorregião Oeste foi ultrapassada pela Mesorregião Norte, e, se mantida a evolução histórica desse dado, em mais sete anos, o Oeste será ultrapassado também pela Mesorregião da Grande Florianópolis. Dos 118 municípios do Oeste Catarinense, 61, isto é, 52%, tiveram redução de população residente nos últimos 19 anos.

Infere-se, no estudo, que a redução populacional no Oeste de Santa Catarina tem como principais causas a queda da taxa de natalidade, o envelhecimento da população, principalmente na faixa etária a partir dos 50 anos, e o fenômeno chamado de “litoralização” de pessoas da região Oeste para a região do litoral catarinense. Quanto aos dois primeiros motivos, não são fenômenos específicos do Oeste de Santa Catarina. Observamos a redução das taxas de natalidade e o envelhecimento da população em todas as regiões do Estado e em praticamente todo o País, isso devendo acentuar-se até 2030. Todavia, a “litoralização” pode estar associada a outros fatores, como a insuficiência dos sistemas viário e logístico e a baixa oferta de serviços e lazer e negócios diversificados na região.

Dados econômicos podem despertar a atenção dos leitores deste livro, como o Produto Interno Bruto (PIB) e o Valor Adicionado Bruto (VAB) do Oeste Catarinense. No período compreendido entre 2000 e 2017, considerando-se os dados levantados, o PIB e o VAB da Mesorregião Oeste Catarinense apresentaram o menor desempenho quando comparados aos das demais mesorregiões do Estado. Similarmente, o PIB per capita do Oeste Catarinense também se mostra abaixo da maioria das demais regiões, com resultados inferiores à média do Estado em todos os cortes da série avaliada, refletindo desaceleração da economia regional. Dentre os setores que compõem o VAB, devemos atentar ao setor agropecuário, que é representativo no Oeste Catarinense, e ao setor industrial, os quais também vêm perdendo participação no Estado. Por outro lado, o setor de serviços vem crescendo na região, porém em menores taxas que outras mesorregiões de Santa Catarina.

Os aspectos econômicos que se mostram relativamente mais favoráveis para a Mesorregião Oeste Catarinense estão relacionados ao crescimento da remuneração média e aos estoques de empregos, com melhores desempenhos, comparativamente às demais mesorregiões catarinenses.

No campo dos indicadores educacionais destacam-se alguns dados que devem receber atenção dos tomadores de decisão. Embora seja uma realidade nacional, a redução do número de matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental, por exemplo, é mais significativa na Mesorregião Oeste de Santa Catarina, ficando acima apenas da Mesorregião Serrana. Situação similar é verificada com as matrículas dos anos finais do ensino fundamental e com as matrículas no ensino médio. Essa redução de matrículas no ensino fundamental e médio pode estar associada à redução populacional na faixa etária, que poderá ser verificada nos indicadores demográficos. No entanto, existem outros problemas, além dos supracitados, como a repetência e a evasão, que refletem na diminuição de matrículas nessas etapas da educação, na região.

Um dado educacional que se mostra positivo na Mesorregião Oeste Catarinense, evidenciado no livro, é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). A meta estabelecida pelo Plano Nacional da Educação (PNE) para 2017, no País, era de 5 pontos para os anos finais do ensino fundamental. Enquanto o País e o Estado de Santa Catarina alcançaram 4,7 e 4,94 pontos, respectivamente, o Oeste Catarinense obteve 5,09 pontos, portanto, acima das médias nacional e estadual.

Na educação superior, o estudo mostra um crescimento exponencial da oferta de cursos na modalidade a distância nos últimos anos, no Brasil e nas diferentes regiões de Santa Catarina, destacadamente no Oeste Catarinense, que registrou a terceira maior evolução entre as mesorregiões do Estado, ficando atrás somente da Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí. O mesmo comportamento é verificado nas matrículas, com um expressivo crescimento na educação a distância. No ensino presencial, os dados apresentados pelo estudo evidenciam praticamente uma estagnação das matrículas, com base no período de 2010 a 2018.

Ainda sobre a educação superior, o livro também traz dados que denotam um crescimento significativo da pós-graduação, em nível de *stricto sensu*, na Mesorregião do Oeste de SC, impulsionado principalmente pela atuação das universidades comunitárias da região.

Para não ficar somente no levantamento e na análise de dados e indicadores, o livro traz algumas instigações para reflexões e discussões entre lideranças, tomadores de decisão e interessados no assunto, inclusive, com sugestões de alternativas que podem balizar a elaboração de projetos, programas e ações de desenvolvimento regional.

O livro apresenta informações relevantes que devem contribuir na tomada de decisão para o planejamento e execução de programas e projetos tanto para as organizações privadas quanto públicas. Impossível planejar sem observar os dados da realidade circundante. Por sua vez pode servir aos estudantes pesquisadores, professores, gestores dos mais diferentes campos de atividades.

Espera-se que o estudo que se apresenta à comunidade regional e acadêmica da Mesorregião Oeste Catarinense gere um olhar crítico sobre a realidade que nos cerca e sobre qual futuro queremos e podemos construir. Em especial, que o livro possa contribuir para possíveis intervenções e para o planejamento e a formulação de políticas públicas voltadas para a melhoria dos indicadores demográficos, econômicos e educacionais em questão e, conseqüentemente, para a melhoria da qualidade de vida da população do Grande Oeste de Santa Catarina.

Aristides Cimadon – Reitor da Unoesc

Fábio Lazzarotti – Pró-reitor de Pesquisa, Pós-graduação e Extensão da Unoesc

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

O objetivo geral do estudo apresentado neste livro consistiu em avaliar a evolução de indicadores socioeconômicos, demográficos e educacionais no Estado de Santa Catarina e, em particular, na Mesorregião Oeste Catarinense. Com base nas caracterizações, e por meio de avaliações comparativas entre as mesorregiões, visou-se avaliar os respectivos desempenhos da Mesorregião Oeste Catarinense, objeto principal do estudo. Os destaques dos indicadores do Oeste Catarinense destinam-se a propiciar comparativos de desempenhos dos indicadores com as demais mesorregiões do Estado de Santa Catarina, bem como apurar as assimetrias e possíveis tendências desses indicadores para os próximos anos.

Para atender ao objetivo geral, o estudo orientou-se pelo conjunto de dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), além de outras fontes.

O estudo compreende um conjunto de indicadores que possibilitam a avaliação das condições e de níveis socioeconômicos e educacionais, partindo do perfil demográfico no Estado de Santa Catarina, destacando o panorama correspondente nas seis mesorregiões do Estado. De forma geral apresenta uma breve descrição e caracterização dos contextos demográficos, socioeconômicos e educacionais do Estado de Santa Catarina e de suas mesorregiões, e na Mesorregião Oeste Catarinense as informações relacionadas às microrregiões.

O conjunto dos indicadores pode subsidiar as definições e estruturas de planos de empreendimentos nos setores públicos e privados. Os resultados deste estudo podem contribuir para a definição de políticas e estratégias públicas em diversas áreas, a fim de se buscar o desenvolvimento e a melhoria da qualidade de vida da sociedade em âmbito local e regional.

As séries temporais dos indicadores utilizados neste estudo compreendem o ano de 2000 ao ano da disponibilidade dos dados nas bases consultadas. Portanto, para as análises demográficas, as séries temporais compreendem o período de 2000 a 2019.

Para os indicadores econômicos, as séries compreendem o período de 2000 a 2017. Os indicadores de empregos e salários reúnem dados de 2000 a 2018. Para os indicadores educacionais, as séries temporais compreendem o período de 2010 a 2018. Os limites finais dos períodos históricos considerados estão relacionados à disponibilidade dos respectivos dados até as datas em que foram extraídos e tabulados para este estudo.

O contexto geral deste estudo delimita-se ao Estado de Santa Catarina. Para fins de verificação e análises comparativas, utilizaram-se as subdivisões nas mesorregiões definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e o Quadro I apresenta as mesorregiões.

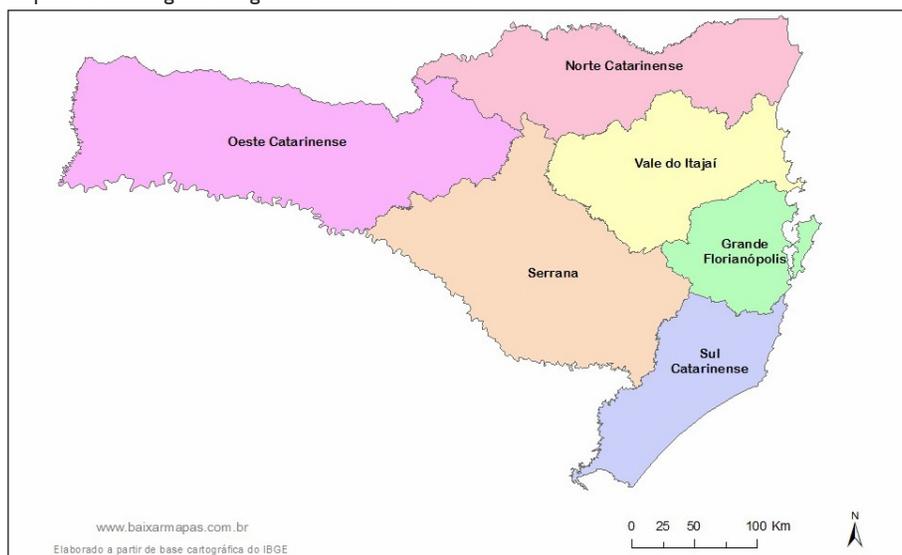
Quadro I – Mesorregiões de Santa Catarina

1 Oeste Catarinense	4 Vale do Itajaí
2 Norte Catarinense	5 Grande Florianópolis
3 Serrana (Planalto Serrano)	6 Sul Catarinense

Fonte: os autores.

Para a visualização da distribuição mesorregional, o Mapa I apresenta as mesorregiões geográficas de Santa Catarina.

Mapa I – Mesorregiões Geográficas de Santa Catarina



Fonte: Suporte Geográfico (2018).

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

O estudo teve como objeto principal os indicadores da Mesorregião Oeste Catarinense e, assim, concentra mais densamente a avaliação destes. Essa Mesorregião compreende 118 municípios, representando 40% dos municípios de Santa Catarina. No Quadro 2 relacionam-se as microrregiões da Mesorregião Oeste Catarinense com os seus respectivos municípios.

Quadro 2 – Microrregiões do Oeste Catarinense

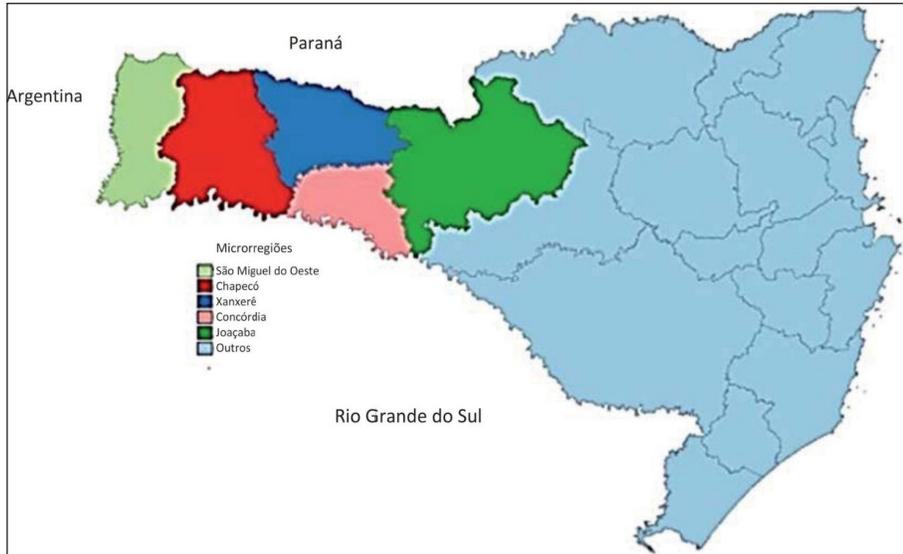
<b>Microrregião</b>	<b>Municípios</b>	
Chapecó	Águas de Chapecó Águas Frias Bom Jesus do Oeste Caibi Campo Erê Caxambu do Sul Chapecó Cordilheira Alta Coronel Freitas Cunha Porã Cunhataí Flor do Sertão Formosa do Sul Guatambu Iraceminha Irati Jardinópolis Maravilha Modelo	Nova Erechim Nova Itaberaba Novo Horizonte Palmitos Pinhalzinho Planalto Alegre Quilombo Saltinho Santa Terezinha do Progresso Santiago do Sul São Bernardino São Carlos São Lourenço do Oeste Saudades Serra Alta Sul Brasil Tigrinhos União do Oeste
Concórdia	Alto Bela Vista Arabutã Arvoredo Concórdia Ipira Ipumirim Irani Itá	Lindóia do Sul Paial Peritiba Piratuba Presidente Castello Branco Seara Xavantina

<b>Microrregião</b>	<b>Municípios</b>	
Joaçaba	Água Doce Arroio Trinta Caçador Calmon Capinzal Catanduvas Erval Velho Fraiburgo Herval d'Oeste Ibiam Ibicaré Iomerê Jaborá Joaçaba	Lacerdópolis Lebon Régis Luzerna Macieira Matos Costa Ouro Pinheiro Preto Rio das Antas Salto Veloso Tangará Trezé Tílias Vargem Bonita Videira
São Miguel do Oeste	Anchieta Bandeirante Barra Bonita Belmonte Descanso Dionísio Cerqueira Guaraciaba Guarujá do Sul Iporá do Oeste Itapiranga Mondáí	Palma Sola Paraíso Princesa Riqueza Romelândia Santa Helena São João do Oeste São José do Cedro São Miguel da Boa Vista São Miguel do Oeste Tunápolis
Xanxerê	Abelardo Luz Bom Jesus Coronel Martins Entre Rios Faxinal dos Guedes Galvão Ipuçu Jupιά Lajeado Grande	Marema Ouro Verde Passos Maia Ponte Serrada São Domingos Vargeão Xanxerê Xaxim

Fonte: os autores.

Como o contexto específico visado neste estudo é a Mesorregião Oeste Catarinense, utilizam-se as subdivisões em suas microrregiões, e o Mapa 2 apresenta as cinco microrregiões da Mesorregião Oeste Catarinense com os respectivos municípios.

Mapa 2 – Microrregiões Geográficas do Oeste Catarinense



Fonte: Suporte Geográfico (2018).

Esta obra está estruturada em 10 Capítulos, incluindo esta introdução. O segundo Capítulo apresenta e descreve as variações demográficas entre 2000 e 2019. Nesse Capítulo são descritas as variações da população residente e a evolução da população por faixas etárias. No terceiro Capítulo são apresentados os principais indicadores de agregados socioeconômicos relacionados a avaliações da geração da riqueza, destacadamente o Produto Interno Bruto (PIB) total e per capita, e a geração de Valores Adicionados Brutos (VAB) totais e setoriais, no período de 2000 a 2017. No quarto Capítulo apresenta-se a evolução dos estoques de empregados em 31 de dezembro do período de 2000 a 2018 e das remunerações médias em cada ano da série, cujos indicadores estão discriminados pelos grandes setores, conforme classificação do IBGE. No quinto Capítulo são descritas as sínteses da evolução e das tendências dos indicadores demográficos e socioeconômicos na Mesorregião Oeste Catarinense.

O Capítulo seis aborda os indicadores educacionais e compreende dados do ensino infantil, fundamental, médio e superior, com discriminação por categorias administrativas. No sétimo Capítulo discorre-se sobre o ensino de pós-graduação

stricto sensu, e no oitavo Capítulo, sobre as tendências da educação no Oeste Catarinense.

O nono Capítulo busca instigar debates e iniciativas e, para esse propósito, apresenta um conjunto de alternativas gerais a serem avaliadas para a dinamização das diversas áreas na Mesorregião Oeste Catarinense. E no Capítulo 10 estão as considerações finais com a apresentação sucinta dos resultados apurados pelas análises dos conjuntos de indicadores, bem como comentários quanto às tendências dos agregados socioeconômicos.

## CAPÍTULO 2

# VARIAÇÕES DEMOGRÁFICAS

Este Capítulo compreende a caracterização e a análise da evolução demográfica no período de 2000 a 2019, com corte intermediário em 2010 na verificação dos índices médios e acumulados das variações. Além da população residente, fazem-se avaliações do perfil da população, especificamente, em termos de gênero, faixas etárias, domicílios, variações locais e possíveis tendências, cujos resultados podem apoiar estudos inferenciais para finalidades de educação, saúde e socioeconômicas em geral. Os dados aqui tabulados e analisados foram extraídos das bases do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), especialmente dos censos demográficos de 2000 a 2010, e das estimativas da população realizadas anualmente.

### 2.1 POPULAÇÃO RESIDENTE

O crescimento acumulado de 33,76% no período de 2000 a 2019 da população residente em Santa Catarina foi superior em 9,85 pontos percentuais ao crescimento acumulado da população residente no Brasil, cuja taxa acumulada foi de 23,91%. No período de 2010 a 2018, quando as taxas médias apresentaram reduções, o crescimento no Estado foi de 4,6 pontos percentuais, maior que o crescimento acumulado no País, sendo de 14,67% contra 10,16%, respectivamente.

#### 2.1.1 Mesorregiões de Santa Catarina

O crescimento demográfico por mesorregião comportou-se de formas distintas, as quais podem ser caracterizadas sob três grupos. No primeiro grupo estão as Mesorregiões do Vale do Itajaí e na Grande Florianópolis, cujas taxas de crescimento foram consideravelmente superiores às taxas estaduais. No segundo grupo, as Mesorregiões do Norte Catarinense, com taxas pouco superiores às taxas do Estado, e do Sul Catarinense, cujas taxas de crescimento foram pouco inferiores à média estadual, mas superiores à média nacional. No terceiro grupo, tendendo

à estabilidade, estão as Mesorregiões Serrana e Oeste Catarinense, cujas taxas de crescimento ficaram consideravelmente abaixo das taxas de crescimento observadas no Estado. Nestas, inclusive, alguns municípios vêm perdendo população residente, especialmente a partir dos últimos seis anos. Ao longo de 19 anos, observou-se no Oeste Catarinense redução de população em 61 dos 118 municípios, e na Mesorregião Serrana, 15 dos 30, inclusive Lages.

A Tabela I apresenta a evolução da população residente, no período de 2000 a 2019, por mesorregião do Estado de Santa Catarina.

Tabela I – Evolução da população residente nas mesorregiões (2000 a 2019)

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado	Brasil
2000*	803.151	1.026.606	1.116.766	400.951	822.671	1.186.215	5.356.360	169.590.693
2001**	824.482	1.048.593	1.122.501	402.971	835.480	1.214.709	5.448.736	172.385.826
2002**	841.839	1.066.247	1.130.591	406.412	845.387	1.237.231	5.527.707	174.632.960
2003**	859.806	1.084.643	1.136.998	408.944	855.934	1.260.908	5.607.233	176.871.437
2004**	897.497	1.123.264	1.150.464	414.263	878.072	1.310.618	5.774.178	181.569.056
2005**	918.362	1.144.633	1.156.552	418.576	890.320	1.338.125	5.866.568	184.184.264
2006**	926.156	1.165.849	1.165.942	421.535	911.708	1.367.076	5.958.266	186.770.562
2007**	923.940	1.141.018	1.152.766	406.765	876.513	1.365.250	5.866.252	183.888.841
2008**	926.659	1.173.144	1.193.106	419.768	919.777	1.420.133	6.052.587	189.605.006
2009**	939.667	1.187.158	1.199.895	421.210	928.178	1.442.635	6.118.743	191.480.630
2010**	994.095	1.212.843	1.200.712	406.741	925.065	1.508.980	6.248.436	190.755.799
2011**	1.008.751	1.227.137	1.207.241	407.097	932.925	1.533.755	6.316.906	192.379.287
2012**	1.022.938	1.240.976	1.213.617	407.457	940.551	1.557.747	6.383.286	193.904.015
2013**	1.071.214	1.291.931	1.247.136	414.705	972.659	1.636.605	6.634.250	201.032.714
2014**	1.091.157	1.311.341	1.255.886	415.122	983.288	1.670.354	6.727.148	202.768.562
2015**	1.110.920	1.330.579	1.264.554	415.535	993.811	1.703.791	6.819.190	204.450.049
2016**	1.130.542	1.349.666	1.273.154	415.945	1.004.258	1.736.988	6.910.553	206.081.432
2017**	1.149.994	1.368.598	1.281.691	416.351	1.014.623	1.769.904	7.001.161	207.660.929
2018**	1.167.379	1.384.571	1.286.144	415.191	1.022.269	1.799.940	7.075.494	208.494.900
2019**	1.186.740	1.403.281	1.294.228	415.384	1.032.366	1.832.789	7.164.788	210.147.125

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado	Brasil
<b>Variações</b>								
Acumulada	47,76%	36,69%	15,89%	3,60%	25,49%	54,51%	33,76%	23,91%
Média 2000-2019	2,08%	1,66%	0,78%	0,19%	1,20%	2,32%	1,54%	1,13%
Média 2010-2019	1,99%	1,63%	0,84%	0,23%	1,23%	2,18%	1,53%	1,08%

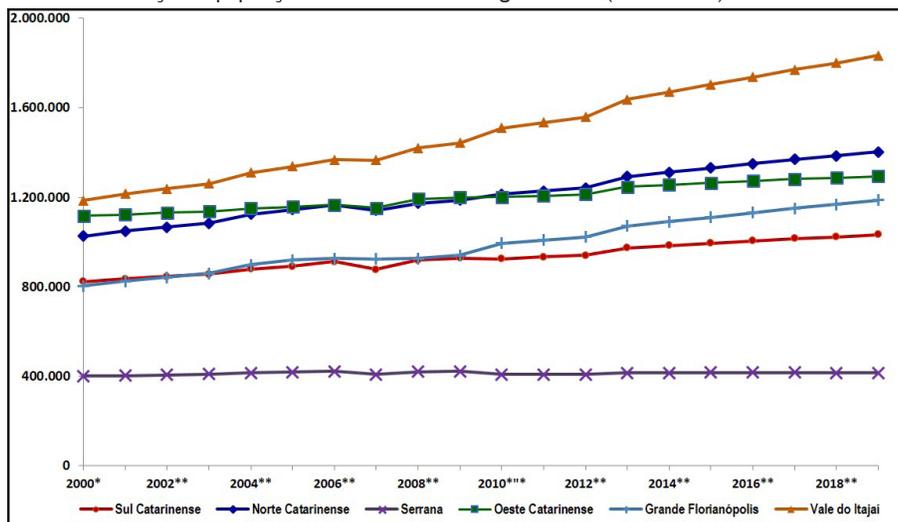
Fonte: IBGE (2000, 2007, 2010, 2019).

Nota: \* = Censo 2000; \*\* = População Estimada; “\*” = Contagem da População 2007; “\*\*” = Censo 2010.

Entre os municípios com a estimativa de redução da população em 2019, Lages e Correia Pinto, na Mesorregião Serrana, e Faxinal dos Guedes, no Oeste Catarinense, respectivamente, com 157,7 mil, 12,8 mil e 10,7 mil habitantes em 2019, excetuam-se dos demais municípios, que predominantemente têm até 10 mil habitantes.

O Gráfico 1 apresenta a evolução da população.

Gráfico 1 – Evolução da população residente nas mesorregiões de SC (2000 a 2019)



Fonte: elaborado com base em IBGE (2000, 2007, 2010, 2019).

Nota: \* = Censo 2000; \*\* = População Estimada; “\*” = Contagem da População 2007; “\*\*” = Censo 2010.

Em 2010, a Mesorregião Oeste Catarinense passou da segunda para a terceira posição em população residente, sendo ultrapassada pelo Norte Catarinense. As taxas de crescimento do Oeste Catarinense também foram menores que as respectivas taxas nacionais, cujas diferenças foram de 4,96 pontos percentuais entre 2000 e 2010, 2,38 pontos percentuais entre 2010 e 2019, acumulando em 19 anos o crescimento de 33,6% menor que a média nacional.

As tendências apontam que a Grande Florianópolis, na quarta posição, pode ultrapassar o Oeste Catarinense, em 7 anos, considerando-se as respectivas taxas médias de crescimento do período de 2000 a 2019, ou em 8 anos, considerando-se as respectivas taxas de crescimento verificadas no período entre 2010 e 2019, que foram um pouco melhores. A Grande Florianópolis ultrapassou a Mesorregião do Sul Catarinense em 2003, mas o distanciamento entre ambas se acentuou a partir de 2010.

Essas dinâmicas demográficas resultam, predominantemente, de fatores socioeconômicos e da natureza e complexidade das atividades econômicas. As Mesorregiões do Vale do Itajaí, da Grande Florianópolis e do Norte Catarinense possuem as taxas mais elevadas de crescimento demográfico no Estado, em razão da maior diversificação nas áreas de serviços e nas atividades industriais, além de contarem com centros de desenvolvimento tecnológico. Essa diversificação proporciona maior oferta de empregos, renda média superior e mais alternativas de natureza social e cultural (lazer, saúde, educação, etc.), que resultam em níveis de qualidade de vida mais elevados. Tais condições socioeconômicas atraem imigrantes de diversas regiões do País, mas principalmente do Oeste Catarinense e do Planalto Serrano, cujo fenômeno é conhecido como “litoralização”.

### **2.1.2 Microrregiões do Oeste Catarinense**

A população do Oeste Catarinense vem crescendo abaixo do crescimento médio ocorrido no Estado. Entre 2000 e 2010 para as microrregiões da Mesorregião Oeste Catarinense, objeto deste estudo, Chapecó registrou taxas superiores às médias da Mesorregião, Joaçaba e Xanxerê registraram taxas similares às médias e Concórdia e São Miguel do Oeste registraram taxas bastante inferiores. A Tabela 2 apresenta a evolução da população residente nas microrregiões do Oeste Catarinense.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Tabela 2 – Evolução da população residente nas microrregiões do Oeste Catarinense (2000 a 2019)

Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
2000*	359.327	304.043	173.178	142.326	137.892	1.116.766
2001**	361.464	308.603	171.112	143.697	137.625	1.122.501
2002**	363.784	312.791	169.764	144.916	139.336	1.130.591
2003**	365.851	316.797	168.174	146.119	140.057	1.136.998
2004**	370.193	325.210	164.841	148.643	141.577	1.150.464
2005**	372.596	328.500	162.997	150.041	142.418	1.156.552
2006**	374.980	333.082	163.204	151.427	143.249	1.165.942
2007***	383.071	310.347	173.688	145.691	139.969	1.152.766
2008**	397.405	320.673	179.991	150.531	144.506	1.193.106
2009**	400.961	322.199	180.428	151.240	145.067	1.199.895
2010***	403.162	326.459	176.636	152.465	141.990	1.200.712
2011**	406.527	328.257	176.901	153.242	142.314	1.207.241
2012**	409.800	330.010	177.170	154.003	142.634	1.213.617
2013**	423.649	339.181	180.556	158.148	145.602	1.247.136
2014**	428.199	341.594	180.885	159.189	146.019	1.255.886
2015**	432.703	343.980	181.216	160.219	146.436	1.264.554
2016**	437.172	346.353	181.540	161.242	146.847	1.273.154
2017**	441.608	348.703	181.866	162.259	147.255	1.281.691
2018**	444.841	349.912	181.517	162.754	147.120	1.286.144
2019**	449.161	352.143	181.753	163.708	147.463	1.294.228
<b>Variações</b>						
Acumulada	25,00%	15,82%	4,95%	15,02%	6,94%	15,89%
Média 2000-2019	1,18%	0,78%	0,25%	0,74%	0,35%	0,78%
Média 2010-2019	1,21%	0,85%	0,32%	0,79%	0,42%	0,84%

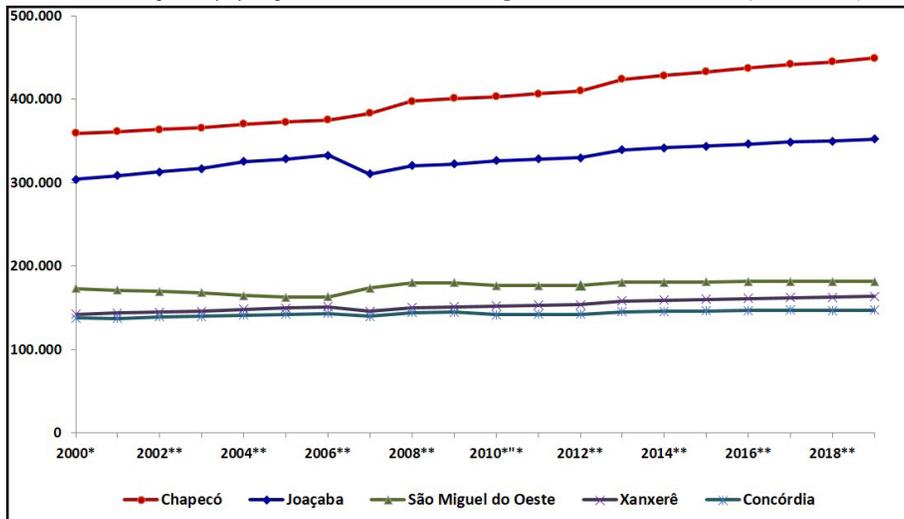
Fonte: IBGE (2000, 2007, 2010, 2019).

Nota: \* = Censo 2000; \*\* = População Estimada; \*\*\* = Contagem da População 2007; \*\*\* = Censo 2010.

As taxas de crescimento demográfico da Mesorregião Oeste Catarinense representam menos da metade das respectivas taxas do Estado, durante o período de análise, desde 2000. Entre 2000 e 2010, o crescimento da população da região foi 49,5% menor que o crescimento da população no Estado, e, entre 2010 e 2019, essa diferença aumentou para 54,6%. A Microrregião de Chapecó é a única entre as cinco microrregiões do Oeste que registra taxas médias anuais superiores a um ponto percentual. Contudo, seu crescimento ficou abaixo do crescimento demográfico estadual, em 8,8 pontos percentuais no período de 2000 a 2019.

A Microrregião de Joaçaba registrou crescimento com taxas praticamente iguais às taxas médias da Mesorregião, enquanto para Xanxerê essas taxas ficaram menores em 0,87 pontos percentuais entre 2000 e 2019. As Microrregiões de Concórdia e São Miguel do Oeste tiveram as taxas mais baixas de crescimento, considerando que as taxas médias anuais ficaram abaixo de 0,5%.

Gráfico 2 – Evolução da população residente nas microrregiões do Oeste Catarinense (2000 a 2019)



Fonte: elaborado com base em IBGE (2000, 2007, 2010, 2019).

Nota: \* = Censo 2000; \*\* = População Estimada; \*\*\* = Contagem da População 2007; \*\*\*\* = Censo 2010.

Embora o Oeste Catarinense tenha registrado um pequeno aumento na taxa média de crescimento demográfico no período de 2010 a 2019, em comparação ao período de 2000 a 2019, as tendências não indicam aceleração do crescimento. Dos 118 municípios da região, 89 têm menos de 10 mil habitantes. Em 61 municípios houve

redução da população a partir de 2000, sendo que, destes, 59 têm menos de 10 mil habitantes. Os municípios que tiveram redução acumulam queda de 12% da população, a partir do ano 2000, e 5,7% a partir de 2010, correspondendo a 0,6% anuais.

Entre os municípios com até 10 mil habitantes que registraram crescimento demográfico estão aqueles que contam com bases sólidas de atividades econômicas, como indústrias de grande porte, a exemplo de Treze Tílias com uma indústria do segmento lácteo, Salto Veloso com uma unidade industrial frigorífica do grupo JBS; diversificadas atividades industriais, como Pinheiro Preto, que conta com mais de 20 vinícolas, além de outras indústrias de pequeno e médio portes dos segmentos de alimentos e embalagens; ou limítrofes de municípios maiores, como Cordilheira Alta e Nova Itaberaba com Chapecó, Nova Erechim com Pinhalzinho e Iomerê com Videira.

As razões para o baixo crescimento demográfico estão relacionadas à queda da taxa de natalidade, que também ocorre em todo o Estado e País. Porém, mais acentuadamente, o Oeste Catarinense sofre com a emigração da população para centros maiores, sobretudo para o Vale do Itajaí e a Grande Florianópolis, cujo fenômeno é conhecido como “litoralização”, em busca de empregos e de alternativas variadas de serviços e lazer de menor oferta na região.

Dessas constatações se infere que a partir da infraestrutura geral e da conjuntura econômica atual da região, a população residente na região terá crescimento bem menor comparativamente a outras mesorregiões do Estado. Isto é, caso se mantenha o conjunto das atividades econômicas atuais, sem expressivas diversificações com atividades de natureza mais complexa, como indústrias de outros ramos de transformação e serviços tecnológicos, a população residente deverá se estabilizar, com tendência à redução.

## 2.2 POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA

Com a finalidade de compreender, mesmo que parcialmente, as potenciais demandas por serviços públicos em geral, por mercados de interesse, incluindo ações estratégicas voltadas para áreas específicas, como o ensino em particular, foram analisadas as variações demográficas absolutas e médias por faixa etária.

A Tabela 3 apresenta a população no Estado de Santa Catarina por faixa etária nos anos de 2000 e 2010 e a estimada em 2019.

Tabela 3 – População por faixa etária em Santa Catarina (2000, 2010 e 2019)

Ano	Faixas etárias							
	0-4	5-9	10-19	20-29	30-39	40-49	50-59	60 ou +
2000 <sup>1</sup>	475.622	507.600	1.062.038	919.881	883.511	667.822	409.453	430.433
2010 <sup>2</sup>	405.745	436.785	1.064.969	1.132.141	982.237	905.865	663.781	656.913
2019 <sup>3</sup>	484.745	454.448	927.814	1.162.178	1.201.239	999.236	891.910	1.043.218
Variações								
Acumula- lada	1,92%	-10,47%	-12,64%	26,34%	35,96%	49,63%	117,83%	142,36%
Média 2000- 2019	0,10%	-0,58%	-0,71%	1,24%	1,63%	2,14%	4,18%	4,77%
Média 2010- 2019	2,00%	0,44%	-1,52%	0,29%	2,26%	1,10%	3,34%	5,27%

Fonte: elaborada com base em IBGE (2000, 2010, 2019).

Nota: <sup>1</sup> = Censo 2000; <sup>2</sup> = Censo 2010; <sup>3</sup> = População Estimada

Pela indisponibilidade de estimativas ou projeções por faixa etária para o nível de unidade geográfica municipal, micro e mesorregional, levantaram-se as variações da população por faixas etárias do Estado de Santa Catarina. Para as mesorregiões de Santa Catarina e para as microrregiões do Oeste Catarinense, estimou-se a população por faixa etária, por meio da ponderação das taxas de crescimento da população total estimada em cada unidade geográfica ou região do Estado de Santa Catarina, com a projeção da taxa de crescimento da população por faixa etária para o Estado.

## 2.2.1 Mesorregiões de Santa Catarina

Apesar de apresentar leve aumento da taxa média anual de crescimento nos últimos nove anos, a primeira faixa etária no Estado de Santa Catarina ainda fica pouco abaixo de uma taxa sustentável de manutenção dos níveis demográficos. Entre 2010 e 2019, estima-se que a população até 19 anos deverá reduzir 2,2%, enquanto a população das faixas de 20 a 59 anos deverá crescer 15,7%, e a população com 60 anos ou mais deverá crescer mais de 58%. As taxas médias de crescimento, a partir de 2000 até 2019, representam redução de 0,44% anuais para a população até 19 anos, crescimento de 2,08% anuais para a população entre 20 e 59 anos e

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

crescimento de 4,74% anuais para a faixa etária acima de 60 anos. Essa evolução corrobora a tendência de envelhecimento demográfico no Estado. A população por faixas etárias agrupadas em 2010 e 2019 (estimada) é demonstrada na Tabela 4.

Tabela 4 – População por faixa etária em Santa Catarina (2010 e 2019)

Faixas etárias	Ano	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	SC	Brasil
Total	2010 <sup>(1)</sup>	994.095	1.212.843	1.200.712	406.741	925.065	1.508.980	6.248.436	194.890.682
	2019 <sup>(3)</sup>	1.186.740	1.403.281	1.294.228	415.384	1.032.366	1.832.789	7.164.788	210.147.125
	Var.	19,4%	15,7%	7,8%	2,1%	11,6%	21,5%	14,67%	7,83%
0 a 4 anos	2010 <sup>(1)</sup>	59.283	83.813	77.496	28.527	58.568	98.058	405.745	14.858.280
	2019 <sup>(3)</sup>	73.603	101.631	86.788	30.431	67.887	124.202	484.542	14.798.332
	Var.	24,2%	21,3%	12,0%	6,7%	15,9%	26,7%	19,42%	-0,40%
5 a 9 anos	2010 <sup>(1)</sup>	63.271	89.198	86.020	31.968	62.768	103.560	436.785	15.865.195
	2019 <sup>(3)</sup>	68.411	94.195	83.895	29.698	63.360	114.234	453.793	14.542.132
	Var.	8,1%	5,6%	-2,5%	-7,1%	0,9%	10,3%	3,9%	-8,34%
10 a 19 anos	2010 <sup>(1)</sup>	159.037	209.843	211.745	74.780	157.172	252.392	1.064.969	34.616.390
	2019 <sup>(3)</sup>	143.988	185.555	172.925	58.171	132.852	233.122	926.613	31.089.140
	Var.	-9,46%	-11,6%	-18,3%	-22,2%	-15,5%	-7,6%	-13,0%	-10,2%
20 a 29 anos	2010 <sup>(1)</sup>	193.010	221.779	205.675	66.266	164.817	280.594	1.132.141	34.810.889
	2019 <sup>(3)</sup>	205.899	231.072	197.913	60.738	164.151	305.376	1.165.149	34.324.757
	Var.	6,7%	4,2%	-3,8%	-8,3%	-0,4%	8,8%	2,9%	-1,4%
30 a 39 anos	2010 <sup>(1)</sup>	166.083	199.540	178.038	59.777	135.457	243.342	982.237	30.031.057
	2019 <sup>(3)</sup>	211.077	247.684	204.102	65.274	160.725	315.512	1.204.374	34.130.660
	Var.	27,1%	24,1%	14,6%	9,2%	18,7%	29,7%	22,6%	13,65%
40 a 49 anos	2010 <sup>(1)</sup>	143.124	173.198	174.639	56.686	139.098	219.120	905.865	25.176.609
	2019 <sup>(3)</sup>	164.067	193.911	180.579	55.831	148.865	256.254	999.507	28.689.589
	Var.	14,6%	12,0%	3,4%	-1,5%	7,0%	16,9%	10,3%	13,95%
50 a 59 anos	2010 <sup>(1)</sup>	107.679	122.196	129.161	42.073	104.166	158.506	663.781	18.664.337
	2019 <sup>(3)</sup>	150.359	166.651	162.686	50.477	135.797	225.802	891.772	23.477.440
	Var.	39,6%	36,4%	26,0%	20,0%	30,4%	42,5%	34,3%	25,79%
60 anos ou +	2010 <sup>(1)</sup>	102.608	113.276	137.938	45.675	103.019	153.408	656.913	20.867.925
	2019 <sup>(3)</sup>	169.336	182.582	205.340	64.764	158.729	258.287	1.039.038	29.095.075
	Var.	65,0%	61,2%	48,9%	41,8%	54,1%	68,4%	58,2%	39,42%

Fonte: elaborada com base em IBGE (2010, 2019).

Nota: <sup>(1)</sup> = Censo 2010; <sup>(3)</sup> = População Estimada

As projeções para a população residente estadual até 2030 em relação a 2010 (IBGE, 2019a) apontam uma taxa média anual de crescimento da população de 1,17% até 2030, indicando a gradativa redução do crescimento demográfico. Por grupos etários, aponta-se o decréscimo médio anual de 0,06% para as faixas até 19 anos, crescimento médio anual de 1,40% para as faixas etárias de 20 a 59 anos e de 4,63% para a população com 60 anos ou mais. Até 2060 em relação a 2010, a população deve crescer em média 0,70% anuais. Esse comportamento projeta-se negativamente para a população até 19 anos, indicando queda média anual de 0,17%, e crescimento menos acentuado da população de 20 a 59 anos, com média anual de 0,26%. Para a população das faixas etárias superiores a 60 anos, a média anual de crescimento é de 4,63% até 2030 e de 3,05% até 2060.

## 2.2.2 Microrregiões do Oeste Catarinense

Na Mesorregião Oeste, as projeções indicam que a faixa etária até 4 anos deve crescer 1,28% ao ano entre 2010 e 2019. No entanto, esse crescimento, para a mesma faixa etária, fica muito abaixo da taxa de crescimento médio anual do Estado, no mesmo período, cuja projeção é de 2% anuais. A Microrregião de Chapecó, cujo crescimento médio anual estimado é de 1,68%, apresenta a maior taxa nessa faixa etária da Mesorregião, mas, assim mesmo, a taxa é inferior à taxa média estadual.

A Tabela 5 apresenta a população por faixa etária nas microrregiões do Oeste Catarinense, em 2010 e 2019, bem como a variação relativa no período.

Tabela 5 – População por faixa etária nas microrregiões do Oeste Catarinense (2010 a 2019)

Faixas etárias	Ano	São					Oeste Catarinense
		Chapecó	Joaçaba	Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	
Total	2010 <sup>(1)</sup>	403.162	326.459	176.636	152.465	141.990	1.200.712
	2019 <sup>(3)</sup>	449.161	352.143	181.753	163.708	147.463	1.294.228
	Var.	11,4%	7,9%	2,9%	7,4%	3,9%	7,8%
0 a 4 anos	2010 <sup>(1)</sup>	25.534	22.356	10.472	10.631	8.503	77.496
	2019 <sup>(3)</sup>	29.658	25.156	11.087	11.928	9.058	86.887
	Var.	16,2%	12,5%	5,9%	12,2%	6,5%	12,1%

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Faixas etárias	Ano	São Miguel do Oeste					Oeste Catarinense
		Chapecó	Joaçaba	Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	
5 a 9 anos	2010 <sup>(1)</sup>	28.254	24.905	11.685	11.958	9.218	86.020
	2019 <sup>(3)</sup>	28.580	24.405	10.775	11.684	8.551	83.995
	Var.	1,2%	-2,0%	-7,8%	-2,3%	-7,2%	-2,4%
10 a 19 anos	2010 <sup>(1)</sup>	71.143	58.612	30.857	28.459	22.674	211.745
	2019 <sup>(3)</sup>	60.261	48.094	23.824	23.285	17.613	173.077
	Var.	-15,3%	-17,9%	-22,8%	-18,2%	-22,3%	-18,3%
20 a 29 anos	2010 <sup>(1)</sup>	72.521	55.507	28.425	25.582	23.640	205.675
	2019 <sup>(3)</sup>	72.378	53.667	25.858	24.662	21.638	198.203
	Var.	-0,2%	-3,3%	-9,0%	-3,6%	-8,5%	-3,6%
30 a 39 anos	2010 <sup>(1)</sup>	60.788	49.292	24.494	22.175	21.289	178.038
	2019 <sup>(3)</sup>	72.277	56.777	26.546	25.469	23.214	204.283
	Var.	18,9%	15,2%	8,4%	14,9%	9,0%	14,7%
40 a 49 anos	2010 <sup>(1)</sup>	58.758	47.198	26.174	21.302	21.207	174.639
	2019 <sup>(3)</sup>	63.014	49.036	25.586	22.067	20.858	180.561
	Var.	7,2%	3,9%	-2,2%	3,6%	-1,6%	3,4%
50 a 59 anos	2010 <sup>(1)</sup>	42.256	32.943	21.193	15.887	16.882	129.161
	2019 <sup>(3)</sup>	55.202	41.691	25.236	20.048	20.226	162.403
	Var.	30,6%	26,6%	19,1%	26,2%	19,8%	25,7%
60 anos ou +	2010 <sup>(1)</sup>	43.908	35.646	23.336	16.471	18.577	137.938
	2019 <sup>(3)</sup>	67.791	53.317	32.841	24.565	26.305	204.819
	Var.	54,4%	49,6%	40,7%	49,1%	41,6%	48,5%

Fonte: elaborada com base em IBGE (2010, 2019).

Nota: <sup>(1)</sup> = Censo 2010; <sup>(3)</sup> = População Estimada

A população das faixas etárias até 19 anos possui projeção de redução de 8,3% entre 2010 e 2019, representando a média de 0,89% ao ano. A estimativa da população das faixas etárias de 20 a 59 anos é de crescimento de 8,4%, ou média de 0,85% ao ano, sendo esse resultado influenciado pela redução da população estimada para a faixa de 20 a 29 anos em 13,0% no período. Comparativamente à evolução da população por faixa etária no Estado, a população até 19 anos cresceu no Oeste 73% menos que no Estado, e a população das faixas etárias entre 20 e 39 anos também cresceu 59,5% menos. Todavia, essas taxas incorporam o menor crescimento demográfico da região em comparação ao crescimento demográfico no Estado.

No período de 2000 a 2019, as maiores taxas de crescimento estimadas para a população acima de 50 anos e, principalmente acima de 60 anos, em todas

as mesorregiões do Estado, corroboram as estimativas para o envelhecimento da população, cujo fenômeno deverá se acentuar até 2030 e continuar a taxas menores até 2060. O envelhecimento da população, influenciado pelo aumento da expectativa de vida, e a redução das taxas de crescimento demográfico em razão da redução das taxas de natalidade são verificados em todo o Estado de Santa Catarina e em âmbito nacional.

Contudo, nas Mesorregiões Serrana, Oeste Catarinense e Sul Catarinense, verifica-se menor crescimento demográfico, junto com maiores quedas da população até 19 anos. Embora nas Mesorregiões do Vale do Itajaí e da Grande Florianópolis sejam estimadas taxas de crescimento da população superiores a 2% ao ano, identifica-se que a população até os 19 anos crescerá a taxas inferiores a 0,5% ao ano.

Iniciativas fundamentadas nas populações por grupos etários têm como desafios os delineamentos de planos e ações orientadas para a mudança do perfil demográfico, especialmente para essas regiões. Embora já existam políticas e ações para a população dessas faixas etárias, há demandas de serviços especializados destinados a ela em diferentes áreas, especialmente nas áreas de saúde e lazer.

## **CAPÍTULO 3**

### **INDICADORES SOCIOECONÔMICOS**

Neste Capítulo apresentam-se os resultados e as análises socioeconômicas nas mesorregiões do Estado de Santa Catarina e nas microrregiões do Oeste Catarinense, com base nos agregados econômicos que indicam, direta ou indiretamente, a geração de riquezas. Os agregados aqui analisados são: o Produto Interno Bruto (PIB), total e per capita, e a geração de Valores Adicionados Brutos (VAB). Para identificar e apurar as tendências dos agregados econômicos, avaliou-se a série histórica de 2000 a 2017. Dados de agregados econômicos por município após o ano de 2016 não estavam disponíveis nas bases do IBGE no momento das tabulações deste estudo.

Os valores nominais do PIB (total e per capita) e do VAB (total e setoriais) foram extraídos das bases de dados do IBGE, compreendendo o período de 2000 a 2017. Os valores dos agregados econômicos do PIB e do VAB (total e setoriais), neste estudo, foram deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), com base no ano de 2000.

#### **3.1 PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)**

Entre 2000 e 2017, o PIB catarinense cresceu 28% e 7% acima do crescimento do mesmo agregado no País, respectivamente nos períodos entre 2000 e 2017 e entre 2010 e 2017. Esse crescimento é influenciado pelas mesorregiões do Vale do Itajaí e da Grande Florianópolis, cuja participação média no PIB total do Estado foi de 44,5% entre 2010 e 2017.

##### **3.1.1 Mesorregiões de Santa Catarina**

O PIB catarinense está expressivamente amparado nas Mesorregiões do Vale do Itajaí, Norte Catarinense e da Grande Florianópolis. O desempenho do agregado por mesorregião aponta maior dinamismo nessas Mesorregiões, cujas atividades econômicas são mais diversificadas e complexas, características do Vale do Itajaí e

da Grande Florianópolis. Na Tabela 6 apresenta-se a série do PIB deflacionado por mesorregião.

Tabela 6 – Produto Interno Bruto nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2017

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado de SC
2000	5.886.881	9.973.239	8.696.542	2.335.055	5.542.256	10.877.940	43.311.914
2001	6.099.881	10.464.671	9.247.797	2.503.810	5.665.699	11.292.307	45.274.164
2002	6.637.306	10.706.877	8.799.056	2.484.905	5.301.634	11.035.185	44.964.963
2003	6.960.826	11.664.505	9.595.800	2.674.226	5.624.452	11.880.437	48.400.247
2004	7.164.054	12.804.932	10.110.626	2.671.818	5.912.385	12.999.151	51.662.966
2005	7.916.328	13.271.345	10.156.232	2.714.343	6.107.391	13.981.909	54.147.548
2006	8.713.185	14.352.199	10.548.561	2.867.648	6.606.978	15.534.624	58.623.196
2007	9.526.079	15.620.026	11.749.298	3.166.414	6.980.681	16.884.087	63.926.584
2008	10.524.214	17.205.236	13.015.598	3.570.643	7.749.458	18.627.285	70.692.435
2009	10.873.243	16.959.895	13.081.818	3.522.920	8.087.079	19.497.260	72.022.215
2010	12.243.048	18.919.557	14.507.889	4.002.482	8.888.650	22.415.230	80.976.856
2011	13.072.700	19.621.901	15.841.869	4.027.694	9.444.049	24.085.218	86.093.432
2012	13.694.560	20.142.644	15.895.311	4.578.572	9.741.960	25.574.750	89.627.796
2013	14.338.802	21.192.088	17.267.193	4.460.384	10.479.911	26.911.170	94.649.548
2014	15.335.924	21.866.467	16.984.720	4.697.699	11.319.606	30.373.272	100.577.687
2015	15.158.767	20.146.142	15.505.524	4.540.208	10.449.741	27.520.496	93.320.879
2016	14.105.009	19.409.466	15.722.542	4.521.535	10.288.334	26.428.106	90.474.992
2017	14.317.949	20.794.345	16.063.441	4.702.958	10.622.840	28.413.173	94.914.706
Variações							
Acumulada	143,22%	108,50%	84,71%	101,41%	91,67%	161,20%	119,14%
Média 2000-2017	5,37%	4,42%	3,68%	4,20%	3,90%	5,81%	4,72%
Média 2010-2017	2,26%	1,36%	1,47%	2,33%	2,58%	3,45%	2,29%

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

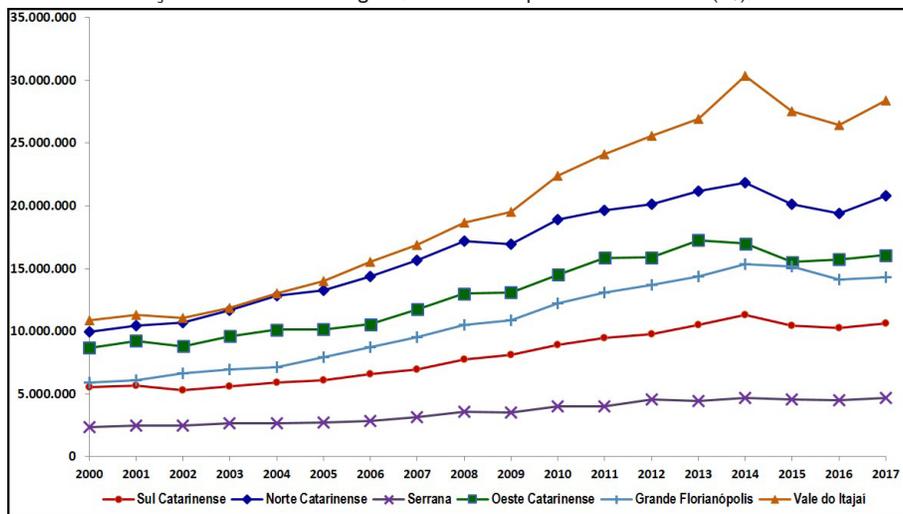
## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Até 2013, as Mesorregiões Sul, Serrana, Oeste e Norte cresceram menos que a média estadual. Entre as demais mesorregiões, o Oeste Catarinense registrou o pior desempenho entre 2000 e 2017, tanto comparado ao desempenho do PIB estadual quanto ao desempenho do PIB nacional, decorrente principalmente da queda de 8,9% entre 2013 e 2016. Note-se que o PIB estadual manteve a trajetória crescente até 2014, enquanto o Oeste e o Sul Catarinenses já registravam quedas nesse ano em relação a 2013. Em 2017 o PIB voltou a crescer 4,9%, com o desempenho influenciado pelo Vale do Itajaí e Norte Catarinense.

O Gráfico 3 apresenta a evolução do PIB nas mesorregiões no período de 2000 a 2017.

Gráfico 3 – Evolução do PIB nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017



Fonte: elaborado com base em IBGE (2012, 2017).

Entre 2014 e 2016, o Estado registrou queda de 10% de seu PIB, em que o Vale do Itajaí e o Norte Catarinense amargaram as maiores perdas, respectivamente de 13% e 11,2%. Mas na Mesorregião Oeste, a queda ocorreu a partir de 2013. A partir de 2017 vem ocorrendo leve recuperação da economia, observada em todas as regiões do Estado, bem como no País. O desempenho do PIB no Oeste Catarinense está relacionado às atividades do setor do agronegócio, que possuem expressiva relação com o mercado externo, cujas políticas de preços e de restrições

às importações, com limitações de volumes e suspensões de importação, e restrições sanitárias, influenciaram negativamente o desempenho econômico a partir de 2013. O Vale do Itajaí e o Norte Catarinense tiveram seu desempenho influenciado, principalmente, pelo baixo desempenho das atividades econômicas nacionais que reduziram suas demandas de bens industriais.

### 3.1.2 Microrregiões do Oeste Catarinense

Entre 2000 e 2017, o PIB do Oeste Catarinense cresceu 39,4 pontos percentuais a menos que o PIB estadual, correspondendo a um crescimento relativo aproximadamente 29% menor. No período, o desempenho econômico da região ficou abaixo do desempenho estadual em 3,4 pontos percentuais. Na Tabela 7 apresenta-se a série do PIB por microrregião.

Tabela 7 – Produto Interno Bruto nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2017

Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
2000	2.714.102	2.834.162	930.461	959.855	1.257.961	8.696.542
2001	2.865.496	2.948.409	993.295	1.057.244	1.383.353	9.247.797
2002	2.887.297	2.580.605	1.028.534	1.217.883	1.084.737	8.799.056
2003	3.207.943	2.806.259	1.144.622	1.295.424	1.141.551	9.595.800
2004	3.411.799	2.950.356	1.190.866	1.335.470	1.222.135	10.110.626
2005	3.411.404	3.061.018	1.202.832	1.300.840	1.180.137	10.156.232
2006	3.557.009	3.182.865	1.247.080	1.291.492	1.270.116	10.548.561
2007	4.107.293	3.375.995	1.411.591	1.513.840	1.340.579	11.749.298
2008	4.643.820	3.586.017	1.593.646	1.719.823	1.472.293	13.015.598
2009	4.563.193	3.576.859	1.593.827	1.755.395	1.592.544	13.081.818
2010	5.230.012	3.920.030	1.658.791	1.813.318	1.885.738	14.507.889
2011	5.792.530	4.136.773	1.862.534	2.101.107	1.948.925	15.841.869
2012	5.932.684	4.128.728	1.906.267	2.136.333	1.791.298	15.895.311
2013	6.352.970	4.448.384	2.144.038	2.283.748	2.038.053	17.267.193

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
2014	6.147.580	4.860.358	2.084.497	1.863.953	2.028.331	16.984.720
2015	5.491.826	4.460.095	1.933.879	1.671.990	1.947.734	15.505.524
2016	5.588.373	4.359.735	1.936.427	1.731.245	2.106.761	15.722.542
2017	5.750.680	4.480.605	1.958.105	1.744.341	2.129.710	16.063.441
Variações						
Acumulada	111,88%	58,09%	110,44%	81,73%	69,30%	84,71%
Média 2000-2017	4,52%	2,73%	4,47%	3,58%	3,15%	3,68%
Média 2010-2017	1,37%	1,93%	2,40%	-0,55%	1,75%	1,47%

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

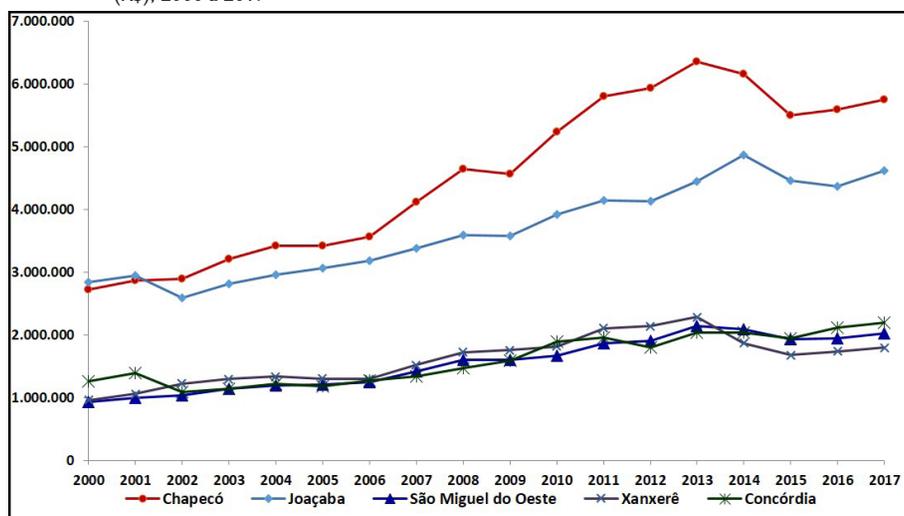
De 2000 a 2013, o PIB no Oeste Catarinense cresceu 5,4% ao ano contra 6,2% de crescimento ao ano no Estado. Esse desempenho representa 20 pontos percentuais abaixo do crescimento estadual, o que corresponde a 16,9% menor que o crescimento estadual. Entre 2014 e 2015, o PIB do Oeste registrou queda de 10,2% em decorrência da crise econômica interna e externa. Isto refletiu no desempenho médio do PIB da região, a partir de 2010, quando a média cresceu 2,2 pontos abaixo da média de crescimento do período de 2000 a 2010. O desempenho econômico registrado em 2017 na Mesorregião Oeste em relação ao ano anterior acompanha a recuperação da economia do País, mas, ainda assim, ficou em 2,7 pontos percentuais aquém do crescimento observado no Estado.

Entre as microrregiões do Oeste, ao longo do período de 2000 a 2017, Chapecó e São Miguel do Oeste tiveram os melhores desempenhos, cujos crescimentos foram, respectivamente, 27,2 e 25,7 pontos percentuais superiores à média regional. O desempenho na microrregião de Chapecó foi puxado pelos municípios de Pinhalzinho, Maravilha, São Carlos e São Lourenço do Oeste. Na Microrregião de São Miguel do Oeste, o desempenho foi puxado pelos municípios de

Mondaí, Dionísio Cerqueira, São Miguel do Oeste e São José do Cedro. Concórdia, Xanxerê e Joaçaba tiveram crescimento inferior à média regional.

De 2010 a 2017 o crescimento do PIB desacelerou em 60% em decorrência da crise econômica ocorrida entre 2013 e 2016. São Miguel do Oeste manteve o melhor desempenho, e Xanxerê registrou queda de 0,55% anuais. Entre 2013 e 2017 Xanxerê, Chapecó e São Miguel do Oeste tiveram queda do PIB, respectivamente, de 23,6%, 9,5% e 8,7%, resultando na queda de 7% do PIB do Oeste Catarinense. Concórdia e Joaçaba registraram crescimento de 4,5% e 0,7%, respectivamente. No Gráfico 4 apresenta-se a evolução do PIB deflacionado nas microrregiões.

Gráfico 4 – Evolução do PIB nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017



Fonte: elaborado com base em IBGE (2012, 2017).

Quanto ao desempenho do PIB por município, no período de 2000 a 2010, quatro municípios do Oeste tiveram queda do PIB, e outros 44 tiveram crescimentos abaixo da média regional. Entre 2010 e 2017, 41 municípios tiveram redução do PIB, enquanto outros 19 também tiveram crescimento do PIB inferior à média da região. Pela avaliação dos desempenhos por município, mesmo consideradas as oscilações observadas entre os períodos, apura-se a tendência de desaceleração da economia regional, apesar da recuperação de 2017 em relação a 2016.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Os 10 municípios com maior montante do PIB em 2017 acumularam o crescimento de 3,7% anuais entre 2000 e 2017, mas a partir de 2010, o crescimento vem reduzindo, apesar de se manter superior ao crescimento da região. Entre 2000 e 2010, o crescimento foi de 4,7% anuais contra 2,4% anuais de 2010 e 2017. Sua participação representava 52,7% do PIB regional em 2000, passando a 49,9% em 2010 e a 53,3% em 2017. A Tabela 8 apresenta os 10 municípios com o PIB de 2017 e as taxas de crescimento médio anual em três cortes.

Tabela 8 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense com os maiores PIB em 2017

Município	PIB de 2017 deflacionado (R\$ mil)	Variação média anual do PIB (%)		
		2000 - 2010	2010 - 2017	2000 - 2017
Chapecó	3.044.131	5,03	3,30	4,31
Concórdia	1.088.511	2,11	3,09	2,51
Caçador	1.052.481	5,28	3,84	4,69
Videira	755.282	1,37	1,17	1,29
Xanxerê	549.032	6,46	0,01	3,76
Joaçaba	539.957	3,83	1,37	2,81
São Miguel do Oeste	496.249	7,85	0,69	4,84
Maravilha	361.244	9,99	1,27	6,31
Pinhalzinho	349.026	12,54	2,79	8,42
Xaxim	318.215	3,32	0,60	2,19

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

As maiores taxas médias de crescimento do PIB, no período da série analisada, foram registradas em municípios com até 10 mil habitantes, com exceção de Pinhalzinho e Mondaí, cujas populações em 2017 eram de 19,5 mil e 11,5 mil habitantes, respectivamente. Esses municípios e as respectivas taxas de variações estão relacionados na Tabela 9.

Tabela 9 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense com as maiores taxas de crescimento do PIB (entre 2000 e 2017)

Município	PIB de 2017 deflacionado (R\$ mil)	Variação média anual do PIB (%)		
		2000 - 2010	2010 - 2017	2000 - 2017
Piratuba	223.662	22,30	(3,09)	11,12
Guatambu	83.836	17,42	(1,56)	9,20
Pinhalzinho	349.026	12,54	2,79	8,42
Arvoredo	29.839	8,72	5,41	7,34
Bom Jesus	31.508	9,58	3,60	7,08
Mondaí	199.007	7,90	5,71	6,99
Águas Frias	31.933	8,49	4,14	6,68
Iomerê	43.555	11,29	0,27	6,61
Passos Maia	46.645	12,59	(1,46)	6,58
Ipuçu	76.371	8,37	3,94	6,52

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

A participação desses municípios no PIB da Mesorregião Oeste cresceu de 2000 a 2017: em 2000 foi de 3,4% e em 2017 passou a 6,9%. O crescimento médio desses municípios no período de 2000 a 2010 foi de 13,2% anuais contra 1,7% anuais entre 2010 e 2017, resultando no crescimento médio de 8,2% anuais em 17 anos.

A crise econômica internacional deflagrada a partir de 2007, influenciou a desaceleração econômica no Brasil a partir de 2010 (SANTOS; ARUTO, 2018). Tal fenômeno, que também levou vários países importadores, especialmente da Europa, a implementar políticas fiscais restritivas, sobretudo relacionadas a importações, comprometeu o desempenho econômico de setores do agronegócio e da mineração nacional, em decorrência das quedas dos preços. As taxas de crescimento do PIB registradas no Oeste e Sul Catarinense resultam diretamente desse fenômeno, enquanto o Norte Catarinense foi mais impactado pela crise econômica do País.

Essa crise atingiu o País a partir de 2010 e, mais acentuadamente a partir de 2013, refletiu no desempenho econômico da região Oeste Catarinense, a qual levou à queda 10,2% do PIB no Oeste Catarinense, entre 2014 e 2015. A recuperação em 2016 e 2017 ainda mantém o PIB abaixo do seu montante de 2013, exceto na

microrregião de Concórdia, que cresceu 4,5%. Note-se que, referente à região, deve-se acrescentar outros fatores que influenciam o baixo desempenho econômico.

No Oeste Catarinense, a precarização da infraestrutura viária, sobretudo referente às condições logísticas, tem comprometido iniciativas de investimentos, influenciando o deslocamento das atividades agroindustriais. Em médio e longo prazos, tais condições podem, inclusive, influenciar o deslocamento de plantas industriais. Além disso, a região ainda possui baixa diversificação e baixo nível de complexidade econômica, sobretudo industrial, resultando em baixo dinamismo socioeconômico que reflete na emigração conhecida como “litoralização”. Embora se verifique a recuperação da economia a partir de 2017, alerta-se para fenômenos sociopolíticos e econômicos no País e no exterior, cujos efeitos têm possibilidade de impactar negativamente o desempenho das atividades econômicas.

De forma geral, a participação do Oeste Catarinense no PIB estadual caiu de 20,1% em 2000 para 16,9% em 2017. Caso se mantenham as taxas médias de crescimento do período de 2010 a 2017, o PIB da Grande Florianópolis pode ultrapassar o PIB do Oeste Catarinense em 14 anos. Mas, considerando-se as taxas médias do período da série (2000 a 2017), Florianópolis ultrapassaria o Oeste em pouco mais de sete anos. Essa constatação se consolida na conjuntura e nas condições estruturais da economia das duas Mesorregiões. Enquanto a Grande Florianópolis se caracteriza pelas atividades de alta complexidade, que mais adicionam valor a bens e serviços, o Oeste conta ainda com atividades econômicas de média e baixa complexidade, inclusive no setor terciário.

### 3.2 PIB PER CAPITA

O PIB per capita é o agregado que resulta da relação entre PIB total e a população, utilizado para avaliar a geração de riquezas por indivíduos numa região ou por indivíduos de uma nação. No Estado, o PIB per capita teve desempenho superior ao mesmo indicador em nível nacional. Enquanto no Estado acumulou-se a média de 3,1% ao ano ao longo de 17 anos, em nível nacional acumulou-se o crescimento de 2,7% anuais. Esse indicador era mais de 16% superior ao PIB per capita nacional em 2000 e passou a 25% superior ao mesmo indicador nacional em 2017.

Entre 2010 e 2017 o PIB per capita nacional manteve-se estável, sendo que, após crescer até 2011, caiu 3,5% daquele a partir de 2012 até 2017, enquanto no Estado o mesmo indicador cresceu 2,4% no mesmo período, apesar da queda entre 2015 e 2016.

### 3.2.1 Mesorregiões de Santa Catarina

A evolução desse indicador seguiu o mesmo comportamento do PIB total, embora com taxas distintas, em decorrência das taxas de crescimento demográfico. Na Tabela 10 apresenta-se a série histórica do agregado deflacionado, por mesorregião, no período de 2000 a 2017.

Tabela 10 – PIB per capita nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$) (2000 a 2017)

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado
2000	7.329,73	9.714,77	7.787,26	5.823,79	6.736,90	9.170,29	8.086,07
2001	7.398,44	9.979,73	8.238,56	6.213,37	6.781,37	9.296,31	8.309,11
2002	7.884,29	10.041,65	7.782,70	6.114,25	6.271,25	8.919,26	8.134,47
2003	8.095,81	10.754,23	8.439,59	6.539,35	6.571,13	9.422,13	8.631,75
2004	7.982,26	11.399,75	8.788,30	6.449,57	6.733,37	9.918,34	8.947,24
2005	8.620,05	11.594,41	8.781,47	6.484,71	6.859,77	10.448,88	9.229,85
2006	9.407,90	12.310,51	9.047,24	6.802,87	7.246,81	11.363,39	9.838,97
2007	10.310,28	13.689,55	10.192,27	7.784,38	7.964,15	12.367,03	10.897,35
2008	11.357,16	14.665,92	10.909,00	8.506,23	8.425,37	13.116,58	11.679,71
2009	11.571,38	14.286,13	10.902,47	8.363,81	8.712,85	13.515,03	11.770,75
2010	12.315,77	15.599,35	12.082,74	9.840,37	9.608,68	14.854,56	12.959,54
2011	12.959,29	15.989,98	13.122,38	9.893,70	10.123,05	15.703,43	13.629,05
2012	13.387,48	16.231,29	13.097,47	11.236,95	10.357,72	16.417,78	14.041,01
2013	13.385,56	16.403,42	13.845,48	10.755,56	10.774,50	16.443,29	14.266,80
2014	14.054,74	16.674,89	13.524,09	11.316,43	11.511,99	18.183,73	14.951,01
2015	13.645,24	15.140,88	12.261,65	10.926,17	10.514,82	16.152,51	13.685,04
2016	12.476,32	14.380,94	12.349,29	10.870,51	10.244,71	15.214,90	13.092,29
2017	12.450,45	15.193,90	12.533,01	11.295,66	10.469,74	16.053,51	13.557,00

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

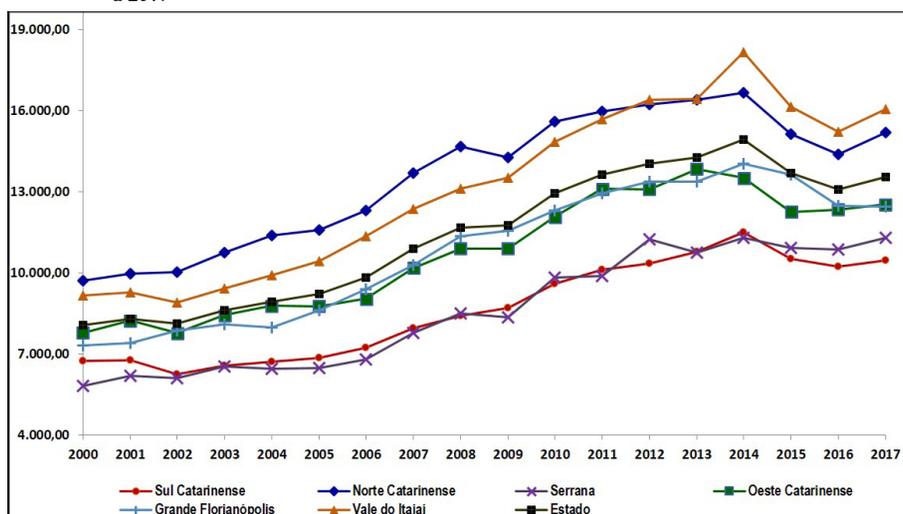
Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado
<b>Variações</b>							
Acumulada	69,86%	56,40%	60,94%	93,96%	55,41%	75,06%	67,66%
Média 2000-2017	3,17%	2,67%	2,84%	3,97%	2,63%	3,35%	3,09%
Média 2000-2010	5,33%	4,85%	4,49%	5,39%	3,61%	4,94%	4,83%
Média 2010-2017	0,16%	-0,38%	0,52%	1,99%	1,23%	1,12%	0,65%

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

O Vale do Itajaí e o Norte Catarinense possuem o PIB per capita mais alto do Estado. Entre as demais mesorregiões, quanto ao Sul Catarinense, que tem o menor PIB per capita, o valor foi ultrapassado pela Mesorregião Serrana em 2015. No entanto, o Oeste teve desempenho inferior à média em todos os cortes da série avaliada, refletindo a desaceleração da economia da região, comentada em seções anteriores que descrevem as microrregiões dessa Mesorregião.

O Gráfico 5 demonstra a evolução do PIB per capita.

Gráfico 5 – Evolução do PIB per capita nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017



Fonte: elaborado com base em IBGE (2012, 2017).

Em decorrência da crise econômica que se agravou a partir de 2013, o PIB per capita estadual caiu 12,4% entre 2015 e 2016, voltando a crescer em 2017. Entre as mesorregiões, as quedas mais acentuadas desse indicador ocorreram no Vale do Itajaí, com menos 16,3%, e no Norte Catarinense, com menos 13,8%.

### 3.2.2 Microrregiões do Oeste Catarinense

A queda do PIB per capita no Oeste Catarinense já iniciou em 2014, em decorrência da crise econômica que começou em meados de 2013, enquanto nas demais mesorregiões essa queda iniciou a partir de 2015. A Tabela 11 apresenta a série histórica do indicador entre 2000 e 2017.

Tabela 11 – PIB per capita nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017

Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
2000	7.553,29	9.321,58	5.372,86	6.744,06	9.122,80	7.787,26
2001	7.927,47	9.554,05	5.804,94	7.357,45	10.051,61	8.238,56
2002	7.936,84	8.250,25	6.058,61	8.404,06	7.785,05	7.782,70
2003	8.768,44	8.858,23	6.806,18	8.865,54	8.150,62	8.439,59
2004	9.216,27	9.072,16	7.224,33	8.984,41	8.632,30	8.788,30
2005	9.155,77	9.318,17	7.379,47	8.669,90	8.286,43	8.781,47
2006	9.485,86	9.555,80	7.641,23	8.528,81	8.866,49	9.047,24
2007	10.722,02	10.878,13	8.127,16	10.390,76	9.577,68	10.192,27
2008	11.685,36	11.182,78	8.854,03	11.425,04	10.188,45	10.909,00
2009	11.380,64	11.101,40	8.833,59	11.606,68	10.977,99	10.902,47
2010	12.972,48	12.007,73	9.391,01	11.893,34	13.280,78	12.082,74
2011	14.248,82	12.602,24	10.528,68	13.711,04	13.694,54	13.122,38
2012	14.477,02	12.510,92	10.759,54	13.872,02	12.558,70	13.097,47
2013	14.995,83	13.115,07	11.874,64	14.440,58	13.997,42	13.845,48

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste			Concórdia	Oeste Catarinense
			Miguel do Oeste	Xanxerê			
2014	14.356,83	14.228,47	11.523,88	11.709,06	13.890,87	13.524,09	
2015	12.691,91	12.966,15	10.671,68	10.435,66	13.300,92	12.261,65	
2016	12.783,01	12.587,55	10.666,67	10.736,94	14.346,64	12.349,29	
2017	13.022,14	12.849,34	10.766,74	10.750,35	14.462,74	12.533,01	
Variações							
Acumulada	72,40%	37,85%	100,39%	59,40%	58,53%	60,94%	
Média 2000-2017	3,26%	1,91%	4,17%	2,78%	2,75%	2,84%	
Média 2000-2010	5,56%	2,56%	5,74%	5,84%	3,83%	4,49%	
Média 2010-2017	0,05%	0,97%	1,97%	-1,43%	1,23%	0,52%	

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

O crescimento do PIB per capita da Mesorregião Oeste foi 9,9% menor que o crescimento no Estado. Durante o período da série, seu valor médio continua aproximadamente 6% abaixo do mesmo indicador no Estado de Santa Catarina. Essa diferença foi de 3,7% em 2000, piorando desde 2006, quando subiu a 8,0%. A partir de 2007 até 2013 a diferença oscilava em torno de 7%, culminando em 2015 em 10,4% e retornando, em 2017, a ficar em 7,6% aquém do valor médio do Estado. Esse desempenho explica parcialmente a emigração demográfica do Oeste para outras regiões catarinenses, especialmente as áreas litorâneas, e para outros estados. Entre 2014 e 2015, o valor do PIB per capita da região caiu 11,4%, resultado da desaceleração da economia.

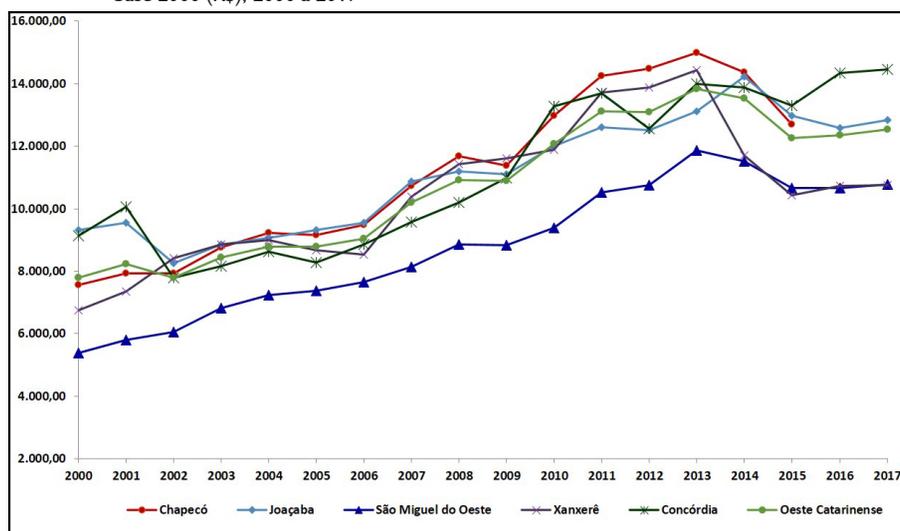
Quanto ao desempenho entre as microrregiões oestinas, São Miguel do Oeste registrou o maior crescimento relativo do PIB per capita entre 2000 e 2017, apresentando ainda a menor oscilação ao longo do período. Por sua vez, Joaçaba teve o menor crescimento do mesmo indicador. Entre 2010 e 2017, o indicador teve fraco crescimento em decorrência da queda em 2015 e 2016 em relação a 2014.

Nesse período, Xanxerê, que entre 2000 e 2010 teve o maior crescimento, registrou perda do valor do PIB per capita entre 2010 e 2017, principalmente a partir

de 2014, com a queda de 25,6% deste. Chapecó, que da mesma forma registrou queda de 13,2% a partir de 2014, manteve o valor do indicador praticamente estável. As duas microrregiões influenciaram o baixo crescimento do indicador na Mesorregião.

O Gráfico 6 demonstra a evolução do indicador nas microrregiões.

Gráfico 6 – Evolução do PIB per capita nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017



Fonte: elaborado com base em IBGE (2012, 2017).

Destaque-se que no Oeste Catarinense estão três dos municípios com maior PIB per capita em 2017. São eles: Piratuba, na Microrregião de Concórdia, Vargem Bonita e Treze Tílias, na Microrregião de Joaçaba, respectivamente, na primeira, quarta e quinta posições no Estado.

### 3.3 VALOR ADICIONADO BRUTO (VAB)

Os resultados das atividades produtivas são demonstrados pelo Valor Adicionado Bruto (VAB), totalizando os setores agropecuário e industrial e os serviços de todas as áreas. Esse indicador representa a diferença entre o valor da produção de bens e serviços e o valor do consumo intermédio. Nesta seção apresentam-se

as séries históricas de 2000 a 2017 por mesorregião do Estado de Santa Catarina, destacadamente das microrregiões do Oeste Catarinense.

No período de 2000 a 2017, o crescimento do VAB total catarinense foi 19% superior ao crescimento do VAB nacional. Quando se considera o período de maior dinamismo da economia, entre 2000 e 2010, o crescimento do VAB total foi 11% maior no Estado comparativamente ao crescimento do VAB total nacional. E, apesar da desaceleração da economia a partir de 2011 e mais acentuadamente a partir de 2014, esse agregado continuou crescendo mais no Estado que no País.

### 3.3.1 Mesorregiões de Santa Catarina

O crescimento do VAB total de Santa Catarina foi puxado pelo desempenho do agregado da Grande Florianópolis, do Vale do Itajaí e do Norte Catarinense, que registraram crescimento médio anual superior à média estadual de 18,6%, 9,8% e 6,0%, respectivamente, e cujas participações médias no VAB total do Estado acumulavam 63%. As demais mesorregiões registraram crescimento de 17,1% menor que o crescimento no Estado.

A Tabela 12 apresenta a série do VAB total por mesorregião, com os valores deflacionados pelo IPCA.

Tabela 12 – VAB total nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2017

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado
2000	5.047.433	8.823.399	8.005.399	2.118.269	5.052.760	9.632.256	<b>38.679.515</b>
2001	5.197.808	9.180.007	8.445.609	2.263.016	5.118.735	9.938.383	<b>40.143.558</b>
2002	5.428.192	9.290.875	7.860.998	2.290.612	4.699.152	9.508.373	<b>39.078.202</b>
2003	5.689.206	10.084.021	8.554.262	2.440.568	4.954.691	10.190.788	<b>41.913.536</b>
2004	5.883.838	11.213.577	9.104.559	2.445.060	5.252.462	11.151.106	<b>45.050.601</b>
2005	6.363.593	11.363.952	9.092.855	2.471.215	5.423.965	11.845.545	<b>46.561.124</b>
2006	7.084.285	12.359.548	9.516.025	2.620.445	5.877.718	13.171.624	<b>50.629.645</b>
2007	7.830.395	13.472.449	10.605.806	2.901.787	6.209.024	14.138.685	<b>55.158.147</b>

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado
2008	8.566.381	14.729.592	11.724.117	3.303.905	6.848.952	15.380.306	<b>60.553.254</b>
2009	9.030.456	14.576.489	11.800.823	3.231.858	7.208.149	16.235.184	<b>62.082.959</b>
2010	9.947.307	16.213.391	12.918.315	3.660.542	7.913.062	18.073.698	<b>68.726.314</b>
2011	10.570.312	16.751.772	14.022.251	3.658.802	8.393.594	19.281.505	<b>72.678.235</b>
2012	11.186.659	17.218.675	14.081.541	4.113.754	8.694.044	20.434.182	<b>75.728.854</b>
2013	11.819.737	17.991.951	15.353.104	4.061.412	9.368.620	21.255.547	<b>79.850.371</b>
2014	12.793.141	18.121.368	15.311.719	4.289.542	10.110.130	24.310.286	<b>84.936.187</b>
2015	11.920.540	17.217.076	14.095.776	4.146.842	9.484.799	21.692.837	<b>78.557.871</b>
2016	11.805.885	16.154.007	14.066.599	4.187.625	9.165.196	21.403.732	<b>76.783.046</b>
2017	11.894.786	17.321.070	14.357.537	4.284.516	9.442.033	22.780.504	<b>80.080.445</b>
Variações							
Acumulada	135,66%	96,31%	79,35%	102,26%	86,87%	136,50%	107,04%
Média 2000-2017	5,17%	4,05%	3,50%	4,23%	3,75%	5,19%	4,37%
Média 2010-2017	2,59%	0,95%	1,52%	2,27%	2,56%	3,36%	2,21%

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

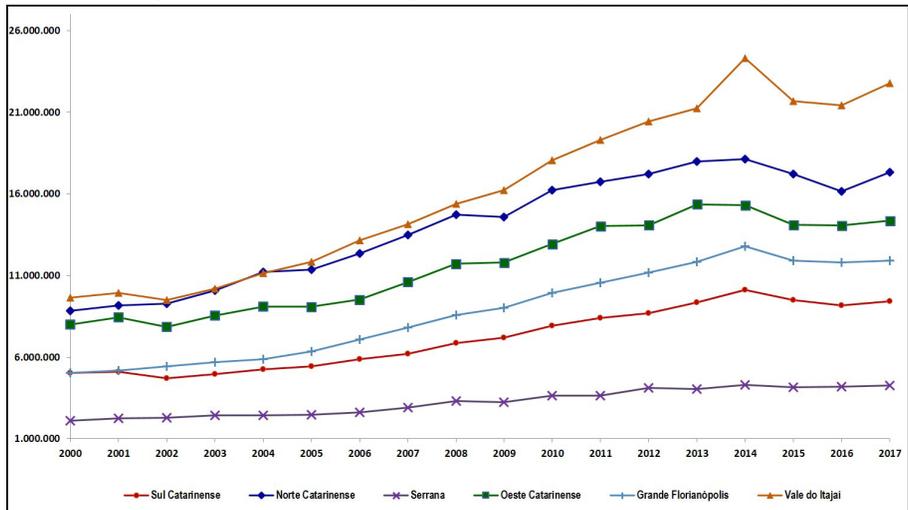
Assim como apurado quanto ao desempenho do PIB entre 2010 e 2017, o crescimento do VAB desacelerou no Estado de Santa Catarina, cuja taxa média de crescimento foi 62,7% menor que a taxa média dos 10 anos anteriores. Tal fato decorreu da recessão econômica a partir de 2014 até 2016, resultando na redução do VAB total em 9,6% no Estado, em que as maiores quedas ocorreram no Vale do Itajaí (-12%) e Norte Catarinense (-10,9%).

O Gráfico 7 apresenta a evolução do VAB deflacionado pelo IPCA, no período de 2000 a 2016.

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Gráfico 7 – Evolução do VAB total nas mesorregiões, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017



Fonte: elaborado com base em IBGE (2012, 2017).

Os setores com melhor desempenho do VAB durante o período de 2000 a 2017 foram os setores de serviços públicos e de serviços em geral (exclusive públicos), cujas taxas médias anuais foram de 6,5% e 5,3%, respectivamente. Esses dois setores aumentaram suas participações no VAB total, respectivamente, em 41,3% e 15,6%. A indústria e a agropecuária registraram crescimento muito abaixo da taxa de crescimento do VAB total e, conseqüentemente, perderam 24,0% e 31,2% da participação no VAB total. Suas taxas médias anuais de crescimento foram 2,7% e 2,1%, respectivamente.

Em razão da crise econômica, principalmente a partir de 2013 e 2014, o crescimento do VAB total reduziu 9,6% entre 2015 e 2016. Nesses dois anos, a queda foi de 19,1% na indústria e de 7,8% no setor de serviços em geral, excluídos os serviços públicos. A queda do VAB industrial iniciou em 2013 no Norte Catarinense e na Grande Florianópolis, acumulando em relação a 2012 perdas de 22,6% e 18,6%, respectivamente.

Nas demais mesorregiões a indústria registrou queda a partir de 2014, e, entre elas, o Sul e o Vale do Itajaí tiveram as maiores quedas entre 2015 e 2016, quando acumularam perdas de 24,6% e 22,8%, respectivamente. No setor de serviços (exclusive públicos), as maiores quedas foram registradas entre 2015 e 2016,

no Vale do Itajaí e no Oeste Catarinense, acumulando, respectivamente, perdas de 9,6% e 7,3% nos dois anos.

A Tabela 13 apresenta a participação dos VAB setoriais no VAB total, por mesorregião, nos anos de 2000, 2005, 2010 e 2017.

Tabela 13 – Participação dos VAB setoriais no VAB total das mesorregiões de SC (%)

Setor	Ano	Grande Flórida-nópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	SC
Agropecuária	2000	3,9	5,2	17,2	20,0	8,7	5,4	8,8
	2005	3,1	4,4	19,4	17,1	9,9	4,0	8,4
	2010	2,9	4,4	15,0	15,9	7,4	3,3	6,9
	2017	2,1	4,3	13,6	15,3	7,1	2,6	6,1
Indústria	2000	18,4	44,7	36,1	28,3	40,6	34,7	35,6
	2005	17,2	45,2	26,6	25,9	30,4	32,8	31,8
	2010	20,5	44,4	28,5	30,0	32,3	32,4	32,7
	2017	15,5	35,9	27,6	26,9	24,7	26,9	27,0
Serviços (exceto públicos)	2000	67,6	39,9	35,8	40,9	39,8	50,9	45,4
	2005	66,0	38,1	40,7	45,5	44,0	51,1	46,8
	2010	63,5	39,2	43,3	41,5	44,8	52,1	47,6
	2017	66,7	46,6	43,9	42,0	51,8	57,2	52,5
Serviços públicos	2000	10,1	10,2	10,9	10,9	10,9	9,1	10,2
	2005	13,7	12,3	13,4	11,6	15,7	12,1	13,0
	2010	13,1	12,0	13,1	12,6	15,5	12,2	12,9
	2017	15,7	13,1	14,8	15,9	16,3	13,3	14,4
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos	2000	16,6	13,0	8,6	10,2	9,7	12,9	12,0
	2005	24,4	16,3	11,7	12,0	12,6	18,0	16,3
	2010	23,1	16,5	12,3	10,4	12,3	24,0	17,8
	2017	20,4	20,1	11,9	9,8	12,5	24,7	18,5

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Com base na participação do VAB setorial no seu agregado total, depreendem-se as vocações das atividades econômicas setoriais das mesorregiões. A agropecuária tem maiores participações no VAB total nas mesorregiões Serrana e Oeste Catarinense, as quais respondem por aproximadamente 55% do VAB agropecuário de Santa Catarina. O VAB industrial tem a maior participação no VAB

total no Norte Catarinense, mas sua participação no correspondente montante do Estado vem reduzindo desde 2004, quando respondia por 35,3%, passando a 28,7% em 2017.

O VAB do setor de serviços em geral (exceto públicos) tem maiores participações no VAB total na Grande Florianópolis e no Vale do Itajaí. As duas Mesorregiões respondem por aproximadamente 48% do VAB do setor no Estado. O setor dos serviços públicos possui as maiores participações no VAB total das Mesorregiões Sul, Serrana e Grande Florianópolis. Entre 2000 e 2017 esse setor registrou nessas mesmas Mesorregiões os maiores aumentos na participação do VAB total. As três Mesorregiões acumulam a participação de 35,5% no VAB do setor no Estado, mas o Vale do Itajaí tem a maior participação, respondendo por mais de 24% do montante estadual do setor. O Vale do Itajaí e o Norte têm as maiores proporções de impostos líquidos sobre produtos em relação a seus respectivos VAB totais. Ambas respondem, em média, por mais de 55% do montante dos impostos líquidos no Estado.

A agropecuária e a indústria vêm perdendo participação na composição do VAB total, enquanto os serviços vêm aumentando. Esse comportamento entre os setores também se observa em nível nacional. A queda de participação da agropecuária é atribuída, principalmente, às condições climáticas adversas que afetaram a produção em alguns anos e à queda dos preços dos produtos, os quais, mesmo com aumentos nominais que aparentemente tenham melhorado a renda de produtores, reduziram em termos reais ao longo dos últimos anos. As exportações dos principais produtos do agronegócio tiveram queda acumulada de 13% no período de 2012 a 2016 (EPAGRI/CEPA, 2017). As exportações do agronegócio influenciaram principalmente a Mesorregião Oeste, que tem maior participação na agropecuária e na indústria agroalimentar. Essas condições resultaram no baixo desempenho do setor agropecuário, cujo crescimento médio foi de pouco mais de 12% do crescimento dos setores de serviços no período de 2010 a 2017.

A participação da indústria no VAB total catarinense caiu 24,0% de 2000 a 2017, sendo que a queda mais acentuada ocorreu entre 2010 e 2017, quando caiu 17,3%. As maiores quedas de participação da indústria no VAB total ocorreram nas Mesorregiões Sul, Oeste, Vale do Itajaí e Norte, que foram, respectivamente, de 39,0%, 23,4%, 22,5% e 19,7%. A queda da participação da indústria caracteriza

a desindustrialização precoce da economia, inclusive no contexto nacional. Esse fenômeno tem preocupado especialistas (PARENTE, 2017; SOUZA, 2017) em decorrência da perda de competitividade perante a produção manufatureira externa (CUNHA; LELIS; FLIGENSPAN, 2013) e de os efeitos de longo prazo refletirem sobre o desempenho de toda a economia.

Por sua vez, os setores de serviços em geral (exclusive públicos) e dos serviços públicos registraram entre 2000 e 2017 crescimento de suas participações no VAB total, respectivamente, de 15,6% e 41,3%. No setor dos serviços públicos, as Mesorregiões do Vale do Itajaí, Norte e Grande Florianópolis puxaram a média estadual de 7,1% ao ano, e sua participação no VAB total passou de 3,7% em 2000 para 6,5% em 2017. Esse crescimento é um fenômeno global, definido como economia de serviços (KÖHLER; GAY, 2016), sobretudo nas economias mais desenvolvidas. Por outro lado, o mesmo fenômeno também reflete a desindustrialização precoce, observada por Parente (2017), Souza (2017) e Cunha, Lelis e Fligenspan (2013).

### **3.3.2 Microrregiões do Oeste Catarinense**

Ao longo dos 17 anos considerados neste estudo, o pior desempenho do VAB total foi registrado no Oeste Catarinense, cujo crescimento ficou 25,9% aquém do crescimento do VAB total no Estado. De 2010 a 2017 o VAB total do Oeste cresceu 69% menos que o crescimento médio nos 10 anos anteriores, em decorrência da queda do agregado nos anos de 2014 a 2016, quando o seu montante caiu 8,4% em relação a 2013.

Na Tabela 14 apresenta-se a série do VAB total de 2000 a 2017 das microrregiões do Oeste Catarinense, a valores deflacionados pelo IPCA.

Tabela 14 – VAB total nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2017

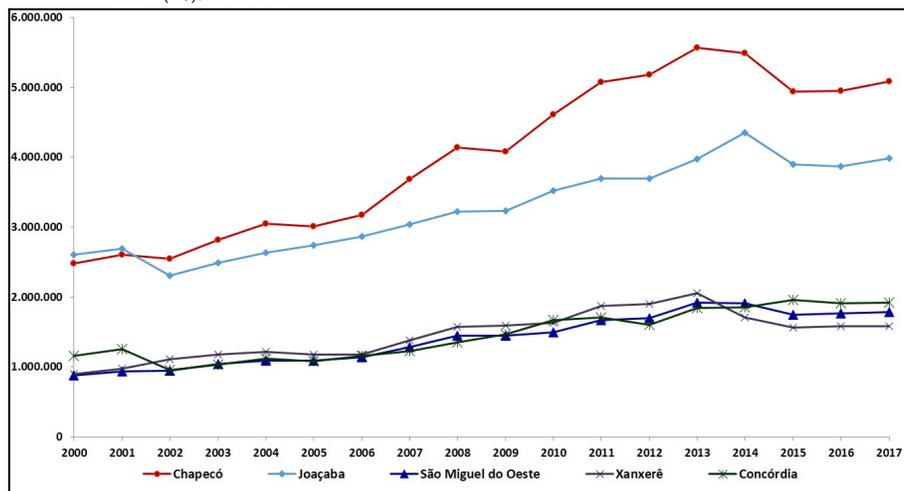
Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
2000	2.477.148	2.600.475	876.516	891.022	1.160.237	<b>8.005.399</b>
2001	2.600.493	2.690.268	931.748	973.705	1.249.395	<b>8.445.609</b>
2002	2.550.372	2.303.000	939.809	1.109.890	957.927	<b>7.860.998</b>
2003	2.819.267	2.489.423	1.041.698	1.176.966	1.026.907	<b>8.554.262</b>
2004	3.049.010	2.636.563	1.085.129	1.217.058	1.116.799	<b>9.104.559</b>
2005	3.009.845	2.740.707	1.089.236	1.178.406	1.074.661	<b>9.092.855</b>
2006	3.176.701	2.867.421	1.135.299	1.176.361	1.160.243	<b>9.516.025</b>
2007	3.681.298	3.036.078	1.283.124	1.377.850	1.227.455	<b>10.605.806</b>
2008	4.142.475	3.221.803	1.447.726	1.566.488	1.345.625	<b>11.724.117</b>
2009	4.076.658	3.227.085	1.445.802	1.586.590	1.464.689	<b>11.800.823</b>
2010	4.610.240	3.516.966	1.498.626	1.629.005	1.663.477	<b>12.918.315</b>
2011	5.076.315	3.692.468	1.668.643	1.875.026	1.709.799	<b>14.022.251</b>
2012	5.183.674	3.696.286	1.700.912	1.903.510	1.597.159	<b>14.081.541</b>
2013	5.562.415	3.977.990	1.922.985	2.049.482	1.840.231	<b>15.353.104</b>
2014	5.488.287	4.354.671	1.907.324	1.710.362	1.851.076	<b>15.311.719</b>
2015	4.936.237	3.896.848	1.743.441	1.565.455	1.953.796	<b>14.095.776</b>
2016	4.947.899	3.872.849	1.762.192	1.577.362	1.906.297	<b>14.066.599</b>
2017	5.080.222	3.987.582	1.781.812	1.584.770	1.923.152	<b>14.357.537</b>
<b>Variações</b>						
Acumulada	105,08%	53,34%	103,28%	77,86%	65,76%	79,35%
Média 2000-2017	4,32%	2,55%	4,26%	3,45%	3,02%	3,50%
Média 2000-2010	6,41%	3,07%	5,51%	6,22%	3,67%	4,90%
Média 2010-2017	1,40%	1,81%	2,50%	-0,39%	2,09%	1,52%

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

No período de 2000 a 2017, as Microrregiões de Chapecó e de São Miguel do Oeste registraram o melhor desempenho do VAB total no Oeste. Por sua vez, Joaçaba obteve um desempenho inferior à média da região, com crescimento 32,8% menor. Entre 2014 e 2016 Xanxerê teve perda de 23%, acumulando decréscimo de

2,7% em relação a 2010. Com exceção de Concórdia, as demais microrregiões não recuperaram o montante do agregado alcançado em 2014. Entre 2010 e 2017, São Miguel do Oeste e Concórdia registraram o melhor desempenho.

Gráfico 8 – Evolução do VAB total nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionado pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017



Fonte: elaborado com base em IBGE (2012, 2017).

O desempenho da Microrregião de Xanxerê foi impactado pelas quedas do VAB total nos municípios de Abelardo Luz e Faxinal dos Guedes, cuja economia está fortemente baseada na agroindústria, e pela estabilidade do agregado no município de Xanxerê. Porém, entre 2013 e 2016, todos os municípios da Microrregião, exceto Passos Maia, tiveram redução do montante do VAB total, resultando na queda de 23% deste. A maioria dos municípios dessa Microrregião continuou com queda do agregado até 2017. Entre os setores, apenas o VAB dos serviços públicos cresceu no período considerado.

O desempenho do VAB total da Microrregião de Chapecó foi impactado pela redução de 11% entre 2015 e 2016 em relação a 2014. De 2014 a 2016, a indústria perdeu 20%, e o setor de serviços (exceto públicos) perdeu 13%. Até 2017, com exceção de Cunhataí e Santa Terezinha do Progresso os demais municípios não recuperaram as perdas a partir de 2013 ou 2014, sendo que 18 municípios registraram

perdas entre 2010 e 2017. Entre 2013 e 2016, apenas o VAB dos serviços públicos cresceu nessa Microrregião.

A Microrregião de Joaçaba manteve o crescimento do VAB total no período da série analisada, mesmo com queda de 2,6% entre 2015 e 2016 em relação a 2014. Sua recuperação em 2017 foi de 3% em relação a 2016, o que assegurou o desempenho de 19% superior ao desempenho no Oeste, em razão da recuperação do VAB industrial, principalmente nos municípios de Caçador, Vargem Bonita, Fraiburgo e Treze Tílias.

Na Microrregião de Concórdia ocorreu o inverso verificado nas demais microrregiões, pois nesta o VAB total cresceu 3,6% de 2013 a 2016, impactado pelo desempenho do VAB industrial dos municípios de Xavantina, Ipumirim, Seara, Peritiba, Piratuba e Concórdia. Nesse mesmo período, considerado o mais crítico para a economia do Oeste Catarinense, a indústria cresceu 2,2% na Microrregião de Concórdia.

A Microrregião de São Miguel do Oeste sofreu em 2015 perda de 9,3% do VAB total em relação a 2013, recuperando 2,2% entre 2016 e 2017. Mas, em decorrência do crescimento em mais de 28% do VAB total entre 2010 e 2013, a Microrregião registrou o melhor desempenho do agregado no Oeste Catarinense.

Entre 2000 e 2010, os municípios com maior VAB total da região em 2017 tiveram desempenho 12% inferior ao desempenho da região Oeste, o que levou à queda da participação destes de 51,6%, em 2000, para 48,8%, em 2010. Porém, a partir de 2011 até 2017, Concórdia, Caçador, Chapecó e Pinhalzinho registraram desempenho superior ao desempenho da região, resultando em crescimento médio maior que o crescimento alcançado por ela e, conseqüentemente, aumentando a participação a 52,3%.

Na Tabela 15 apresenta-se o ranking dos 10 municípios com maior VAB total em 2017 com as respectivas taxas médias de crescimento deste.

Tabela 15 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB total em 2017

Município	VAB (R\$ mil) (*)	Crescimento médio anual (%)		
		2000-17	2000-10	2010-17
Chapecó	2.659.526	4,16	4,75	3,32
Concórdia	953.872	2,35	1,13	4,11
Caçador	922.164	4,57	5,18	3,70
Videira	663.121	1,02	0,99	1,06
Xanxerê	488.550	3,69	6,31	0,07
Joaçaba	476.580	2,71	3,53	1,55
São Miguel do Oeste	447.693	4,79	7,58	0,94
Maravilha	312.392	5,88	9,18	1,34
Pinhalzinho	304.076	8,20	12,15	2,80
Xaxim	282.861	1,97	2,94	0,60
Total	7.510.836	3,58	4,32	2,53

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Nota: (\*) Valores deflacionados pelo IPCA, base do ano 2000.

Setorialmente, o Oeste responde por mais de 41% do VAB agropecuário, por 18% do VAB industrial, aproximadamente 16% do VAB de serviços (exceto públicos) e por aproximadamente 19% do VAB de serviços públicos de Santa Catarina. A Tabela 16 apresenta a participação dos VAB setoriais no VAB total por microrregião do Oeste Catarinense, nos anos de 2000, 2005, 2010 e 2016.

Tabela 16 – Participação dos VAB setoriais no VAB total das microrregiões do Oeste Catarinense (%)

Sector	Ano	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
Agropecuária	2000	15,0	13,2	28,7	24,6	16,8	17,2
	2005	14,5	17,9	24,9	25,3	25,2	19,4
	2010	11,1	16,5	19,1	17,6	16,8	15,0
	2017	10,4	12,3	19,9	20,5	13,5	13,6

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Sector	Ano	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
Indústria	2000	34,7	43,3	22,1	23,5	43,1	36,1
	2005	28,0	30,2	20,5	23,6	22,5	26,6
	2010	27,7	29,1	23,2	28,8	34,0	28,5
	2017	26,0	32,0	21,8	21,3	33,6	27,6
Serviços (exceto públicos)	2000	39,1	34,0	35,2	39,3	30,7	35,8
	2005	44,5	39,2	39,3	37,8	38,3	40,7
	2010	49,0	41,1	41,7	40,1	37,0	43,3
	2017	49,3	41,2	41,6	41,3	39,8	43,9
Serviços públicos	2000	11,2	9,5	13,9	12,6	9,4	10,9
	2005	13,0	12,8	15,3	13,3	14,0	13,4
	2010	12,3	13,4	16,0	13,4	12,2	13,1
	2017	14,4	14,5	16,7	16,9	13,2	14,8
Impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos	2000	9,6	9,0	6,2	7,7	8,4	8,6
	2005	13,3	11,7	10,4	10,4	9,8	11,7
	2010	13,4	11,5	10,7	11,3	13,4	12,3
	2017	13,2	12,4	9,9	10,1	10,7	11,9

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

No período avaliado, a participação do VAB agropecuário e do VAB industrial caiu em relação ao VAB total. Os dois setores foram diretamente impactados pela crise econômica a partir de 2013. A agropecuária, que vem perdendo participação desde 2005, teve as maiores quedas de participação relativa nas Microrregiões de São Miguel do Oeste, Chapecó e Concórdia, as quais foram superiores à média do Oeste. O VAB industrial teve perda de participação mais acentuada nas Microrregiões de Joaçaba, Chapecó e Concórdia e menos intensa nas Microrregiões de São Miguel do Oeste e Xanxerê. Embora com pequenas oscilações, os valores adicionados brutos dos setores de serviços registraram crescimento de participação em todas as regiões.

Apesar de manter sua participação acima de 40% no VAB agropecuário estadual, o setor tem crescido no Oeste abaixo do crescimento médio no Estado, cuja desaceleração ocorre desde 2008, em razão de problemas climáticos que afetaram a

produção agrícola e da crise econômica internacional a partir de 2007. Ao longo dos 17 anos da série analisada, o VAB agropecuário cresceu acima da média do Estado nas Mesorregiões Norte, Serrana e Sul, nas quais o setor teve menor influência da crise externa dada a sua dependência menor do setor com as exportações, com as quais este está relacionado, direta e indiretamente, na Mesorregião Oeste.

Na Mesorregião Oeste, o setor agropecuário perdeu 3,8 pontos percentuais (21%) de participação no VAB total. Durante o período da série histórica compreendida por este estudo, o montante do setor oscilou com quedas e recuperações, influenciadas principalmente por fatores climáticos e mercadológicos. Entre as microrregiões, a maior participação do setor em relação ao VAB total é de Xanxerê e São Miguel do Oeste. No entanto, as duas regiões respondem por pouco mais de 34% do valor desse setor no Oeste, enquanto a Microrregião de Chapecó vem mantendo sua participação regional no setor em 27%. Depois da forte queda do montante desse agregado, entre 2013 e 2015, e sua recuperação em 2016, o setor voltou a sofrer queda em 2017. O montante do setor sofreu fortes quedas nas Microrregiões de Xanxerê e São Miguel do Oeste entre 2014 e 2015, em razão de problemas climáticos. Em 2017, além de problemas climáticos, as condições de mercado resultaram em queda do agregado em toda a região.

Entre os municípios, Chapecó, que ocupava a 1ª posição no montante do VAB agropecuário em 2000, passou para a 4ª posição. A Tabela 17 apresenta o ranking dos municípios com maior montante do VAB agropecuário em 2017.

Tabela 17 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB agropecuário em 2017

Município	VAB (R\$ mil) (*)	Crescimento médio anual (%)		
		2000-17	2000-10	2010-17
Concórdia	69.729	1,41	2,42	(0,02)
Abelardo Luz	60.397	2,97	1,89	4,52
Palmitos	53.967	3,40	6,34	(0,66)
Chapecó	50.928	3,44	7,83	(2,53)
Videira	48.384	4,57	8,55	(0,85)
Água Doce	42.707	4,98	10,07	(1,88)
Itapiranga	42.161	3,08	1,57	5,28
Fraiburgo	41.044	(2,60)	(0,17)	(5,98)

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Município	VAB (R\$ mil) (*)	Crescimento médio anual (%)		
		2000-17	2000-10	2010-17
Caçador	36.828	(2,03)	3,44	(9,34)
Seara	34.749	2,58	6,83	(3,19)
Total	480.894	1,78	4,26	(1,67)

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Nota: (\*) Valores deflacionados pelo IPCA, base do ano 2000.

No período de 2010 a 2017, os 10 municípios com maior montante do VAB na agropecuária acumularam perda expressiva, sendo que, entre eles, apenas Itapiranga e Abelardo Luz registraram desempenho positivo, sobretudo avaliado como elevado. No mesmo período, 51 municípios acumularam perdas de 18% do VAB agropecuário. As maiores perdas absolutas do montante gerado pelo setor nesses sete anos foram registradas nos municípios de Caçador, Chapecó, Fraiburgo, Concórdia, São Lourenço do Oeste e Xanxerê. As maiores taxas de crescimento do setor foram alcançadas pelos municípios de Passos Maia, Planalto Alegre, Guatambu, Entre Rios e Água Doce. Em termos absolutos, Videira, Água Doce, Abelardo Luz, Palmitos e Chapecó geraram os maiores aumentos do agregado.

Os municípios de Fraiburgo e Caçador registraram os desempenhos negativos mais expressivos do VAB agropecuário. O primeiro teve as quedas decorrentes da redução dos pomares de macieiras, cujo segmento responde pela maior parcela do montante do setor agropecuário no município. Por sua vez, o setor agropecuário de Caçador está baseado nas lavouras temporárias, de soja, milho, cebola e tomate, além de fruticultura com destaque para maçã e uva. Ao longo do período, as culturas de tomate, maçã e uva foram severamente atingidas por fatores climáticos.

No período de 2000 a 2010, o VAB industrial da Mesorregião cresceu 2,5% ao ano, ficando com o segundo pior desempenho entre as mesorregiões do Estado, à frente do Sul Catarinense, cujo crescimento foi de 2,2% ao ano, enquanto no Estado o setor cresceu 5,0% ao ano. Entre 2010 e 2017, o setor registrou no Oeste o melhor desempenho, com crescimento de 1,1% ao ano contra a queda de 0,5% ao ano no Estado. Mesmo assim, ao longo dos 17 anos da série, a Mesorregião não conseguiu mudar sua posição, pois seu crescimento ficou em 1,9% ao ano frente à

média estadual de 2,7% ao ano. E a participação do Oeste no montante estadual do setor industrial caiu no período, de 21% em 2000, para 18,3%, em 2017.

A participação relativa da indústria no VAB total da Mesorregião Oeste caiu mais de 23%, com as maiores quedas ocorridas nas Microrregiões de Joaçaba (-26%) e Chapecó (-25,2%). Entre as microrregiões, Chapecó lidera na geração de valor do setor depois de passar à frente de Joaçaba em 2004. As duas Microrregiões respondem, respectivamente, por 34% e 32% do montante do setor no Oeste. Na sequência estão Concórdia, São Miguel do Oeste e Xanxerê. São Miguel do Oeste obteve o melhor desempenho do setor entre as microrregiões do Oeste, durante o período da série, crescendo 4,2% ao ano. Por sua vez, a Microrregião de Joaçaba obteve o pior desempenho no mesmo período, crescendo 0,8% ao ano, seguida de Concórdia, com crescimento de 1,5% ao ano. Os resultados das duas Microrregiões foram influenciados pela queda das atividades de agroindústrias com instalações nos municípios de Catanduvas, Capinzal, Salto Veloso, Videira e Herval d'Oeste na Microrregião de Joaçaba e de Seara e Concórdia na Microrregião de Concórdia.

Os 10 municípios com maior montante do VAB industrial em 2017 respondem por 59% do setor no Oeste Catarinense. No ano de 2000, essa participação foi de 55%, o que indica certo aumento da concentração industrial. A Tabela 18 apresenta o ranking dos 10 maiores montantes do VAB industrial em 2017.

Tabela 18 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB industrial em 2017

Município	VAB (R\$ mil) (*)	Crescimento médio anual (%)		
		2000-17	2000-10	2010-17
Chapecó	714.955	0,84	(0,92)	3,41
Caçador	428.978	5,45	5,14	5,91
Concórdia	275.692	(0,69)	(5,08)	5,93
Videira	203.551	(2,71)	(6,31)	2,68
Piratuba	170.196	15,45	32,16	(4,83)
Pinhalzinho	117.467	10,58	16,91	2,13
Maravilha	117.288	5,76	8,09	2,50
São Miguel do Oeste	109.956	3,09	6,41	(1,48)

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Município	VAB (R\$ mil) (*)	Crescimento médio anual (%)		
		2000-17	2000-10	2010-17
Joaçaba	106.230	1,03	0,74	1,45
Xanxerê	97.692	1,59	6,48	(5,01)
Total	2.342.004	1,76	1,43	2,25

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Nota: (\*) Valores deflacionados pelo IPCA, base do ano 2000.

De 2000 a 2017 o VAB industrial dos municípios do ranking cresceu 52% menos que o crescimento do agregado no Oeste. No entanto, entre 2010 e 2017, os 10 municípios acumularam crescimento no montante do setor de 53% a mais que o crescimento alcançado pelo Oeste. Mas, no mesmo período, 57 municípios acumularam perdas de 38,7% do VAB industrial. As maiores perdas absolutas do montante gerado pelo setor industrial nesses sete anos foram de Piratuba, Xanxerê, Fraiburgo, Águas de Chapecó, Faxinal dos Guedes, Cunha Porã, Abelardo Luz, Vargeão e Quilombo, que acumularam a perda de 9%

O município de Chapecó mantém a liderança no VAB industrial, cujo montante em 2017 representou 18% do setor no Oeste Catarinense. Caçador, cujo montante representou em 2017 10,8% da região, ultrapassou Videira e Concórdia que ocupavam em 2000, a segunda e a terceira posições no ranking. Entre os 10 municípios do ranking, Piratuba teve o melhor desempenho, com crescimento de 15,5% anuais entre 2000 e 2017.

Entre os municípios do Oeste, o melhor desempenho do VAB industrial no período de 2000 a 2017 foi registrado nos municípios de Arvoredo, Ipuauçu, Bom Jesus, Piratuba e Xavantina, que acumularam a taxa média de crescimento de 17% ao ano. A participação desses municípios no VAB industrial do Oeste saltou de 0,7%, em 2000, para 7,3%, em 2017. Os piores desempenhos no período, foram registrados nos municípios da Microrregião de Joaçaba e de Concórdia: Salto Veloso, Herval d'Oeste, Catanduvas, Capinzal, Videira e Seara. Esses municípios acumularam a queda de 7,6% ao ano entre 2000 e 2010. Mas, com exceção de Herval D'Oeste, os demais municípios tiveram crescimento significativo de 2010 a 2017, o que resultou na queda acumulada de 3,1% ao ano ao longo dos 17 anos da série.

As quedas do VAB industrial nos municípios com os piores desempenhos estão relacionadas à crise no setor agroalimentar, especialmente a partir de 2002, recuperando-se a partir de 2007 e 2008, pois possuem instalações dos maiores grupos agroindustriais do País. A desaceleração da indústria agroalimentar é observada nos mesmos municípios de forma mais acentuada entre 2000 e 2010, quando os piores desempenhos foram verificados, pela ordem: Catanduvas, Salto Veloso, Capinzal, Videira, Seara, Concórdia e Herval d'Oeste.

Além de variáveis relacionadas à cadeia agroalimentar e ao fenômeno da desindustrialização precoce da economia (PARENTE, 2017; SOUZA, 2017), que influenciou o desempenho do setor no Oeste Catarinense, este apresenta indícios de desaceleração em razão de condições do sistema viário e logístico, o qual vem comprometendo a competitividade da agroindústria. As condições viárias insuficientes ou precárias oneram o suprimento de matéria-prima e o escoamento dos produtos industriais da região. Como consequência, grupos agroindustriais descontinuaram linhas de produção instaladas na região, sobretudo nos municípios com as maiores perdas de VAB industrial, ou, ainda, deslocaram parte da produção desses municípios para outros estados, como Paraná, Mato Grosso, Goiás, entre outros.

O VAB do setor de serviços (exceto públicos) no Oeste cresceu durante o período da série avaliada 4,7% ao ano, aumentando sua participação relativa no VAB total da região em aproximadamente 23%. A participação do setor no produto total passou de 35,8%, em 2000, para 43,9%, em 2017, mas perdeu 8% de participação no montante do setor no Estado. Entre 2000 e 2010, o montante do setor cresceu no Oeste 10% acima do crescimento observado no Estado, mas cresceu menos que o Vale do Itajaí (5,9% ao ano), Grande Florianópolis (5,3% ao ano) e Sul Catarinense (5,2% ao ano).

No entanto, entre 2010 e 2017 o VAB do setor de serviços da área privada do Oeste registrou o menor crescimento entre as mesorregiões do Estado, com aumento 53% inferior à média estadual, e, assim, acumulou, ao longo dos 17 anos da série, o crescimento 10% inferior à média estadual. Esse desempenho resultou na queda de 8,1% na participação do setor no VAB dos serviços privados no Estado, passando de 16,3%, em 2000, para 15,0%, em 2017, apesar de alcançar 17,5% em 2011. Esse desempenho, puxado principalmente pelo comércio em geral, está

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

relacionado à crise econômica no período de 2013 a 2016, que foi relativamente maior no Oeste em comparação às demais mesorregiões.

Quanto à participação do setor dos serviços da área privada em relação ao VAB total, as maiores variações foram registradas nas Microrregiões de Chapecó e Concórdia, respectivamente, com 29,4% e 25,9% de aumento na participação relativa. As Microrregiões de Chapecó e São Miguel do Oeste registraram o melhor desempenho do setor durante o período da série, com crescimento médio anual de 5,7% e 5,3%, respectivamente. As demais microrregiões tiveram crescimento inferior à média da região. Xanxerê e Joaçaba registraram as menores taxas, crescendo 3,7% ao ano. Xanxerê, particularmente, vem registrando perda desde 2012, acumulando queda nesse setor de 6,9% ao ano até 2016.

Os 10 municípios com as maiores gerações de VAB serviços vêm reduzindo sua participação no setor, o que infere a desconcentração espacial do setor. A Tabela 19 apresenta o ranking dos 10 maiores montantes do VAB serviços (exceto públicos) em 2017.

Tabela 19 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB serviços em 2017

Município	VAB (R\$ mil) (*)	Crescimento médio anual (%)		
		2000-17	2000-10	2010-17
Chapecó	1.551.658	6,10	8,18	3,21
Concórdia	493.513	4,63	5,09	3,99
Caçador	343.802	4,67	5,24	3,85
Videira	327.536	3,77	6,45	0,05
Joaçaba	295.916	2,91	3,91	1,50
Xanxerê	284.397	4,58	6,47	1,94
São Miguel do Oeste	252.417	5,30	8,43	1,00
Maravilha	141.625	6,85	11,99	(0,08)
Pinhalzinho	139.220	8,12	11,79	3,07
Fraiburgo	126.211	2,07	2,36	1,65
Total	3.956.296	5,02	6,82	2,50

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Nota: (\*) Valores deflacionados pelo IPCA, base do ano 2000.

O município de Chapecó tem a maior participação no VAB dos serviços (exceto públicos) do Oeste, respondendo por mais de 24% do respectivo montante regional. A partir de 2010, o crescimento médio do setor nesses municípios foi 45% superior ao crescimento médio no Oeste Catarinense, o que lhes possibilitou acumular crescimento 5,9% maior que a região. Mesmo assim, houve queda de seu desempenho entre 2010 e 2017, quando Maravilha registrou perda do montante e Videira ficou estável. Nesse período, 36 municípios do Oeste registraram queda média de 25,8% do montante dos serviços, reduzindo sua participação no montante da região de 17%, em 2010, para 11%, em 2017. Destes, 30 municípios tinham, em 2017, menos de 10 mil habitantes. Nos pequenos municípios, o setor de serviços privados está fortemente concentrado no comércio, o qual foi impactado pela crise econômica que atingiu a região a partir de 2013 e 2014.

Mesmo com o segundo melhor desempenho alcançado no período entre 2010 e 2017, ficando atrás apenas da Grande Florianópolis, o VAB dos serviços públicos do Oeste teve o menor crescimento do mesmo agregado entre as mesorregiões do Estado, entre 2000 e 2017, alcançando a taxa média de 5,4% ao ano, contra 6,5% ao ano no Estado. Sua participação no agregado do setor no Estado caiu de 22,0%, em 2000, a 18,4%, em 2017. Nos 17 anos da série histórica, a participação dos serviços públicos no VAB total no Oeste cresceu 36,4%, alcançando o maior aumento entre os setores da região.

A Microrregião de Chapecó, que obteve o melhor desempenho da região, registrou taxas superiores somente à taxa alcançada pela Mesorregião Serrana. Esta concentrou, em 2017, 34,3% do montante do setor gerado na região. As demais microrregiões alcançaram taxas de crescimento inferiores inclusive à taxa média da Mesorregião Oeste.

Os 10 primeiros municípios do ranking de VAB de serviços públicos em 2017 respondiam, em 2000, por 44% do mesmo agregado no Oeste Catarinense, passando a 46% em 2017. A Tabela 20 apresenta o ranking dos 10 maiores montantes do VAB serviços públicos em 2017.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Tabela 20 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense na geração de VAB serviços públicos em 2017

Município	VAB (R\$ mil) (*)	Crescimento médio anual (%)		
		2000-17	2000-10	2010-17
Chapecó	341.985	6,63	7,91	4,82
Concórdia	114.938	5,12	6,21	3,58
Caçador	112.556	5,25	6,80	3,07
Videira	83.651	5,06	6,69	2,76
Xanxerê	72.882	5,59	7,24	3,27
São Miguel do Oeste	60.950	6,55	8,44	3,90
Fraiburgo	56.464	3,13	3,71	2,31
Joaçaba	54.959	5,71	7,22	3,59
Xaxim	44.712	5,65	7,16	3,54
Maravilha	38.788	7,21	9,26	4,36
Total	981.884	5,72	7,08	3,81

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Nota: (\*) Valores deflacionados pelo IPCA, base do ano 2000.

De 2000 a 2017, nesse agregado, todos os municípios da Mesorregião Oeste tiveram crescimento de 3,0% a 8,1% ao ano no período de 2000 a 2017, e de negativos 0,6% a 5,8% ao ano no período de 2010 a 2017. Contudo, no período de 17 anos, 77 municípios do total de 118 da Mesorregião Oeste, tiveram taxas de crescimento inferiores à média da região, e, nos últimos sete anos da série, esse número subiu a 82 municípios. Esse desempenho aponta que o setor público do Oeste não avançou na geração de valor econômico na mesma proporção das demais mesorregiões do Estado.

No que se refere à geração de impostos líquidos de subsídios sobre o valor dos produtos, no período da série analisada, o Oeste teve crescimento médio de 5,5% ao ano, aumentando sua participação no VAB total da região em 37,6% no período da série. Mas seu crescimento ficou 23% abaixo da taxa de crescimento apurada no Estado, reduzindo sua participação na geração de montante estadual de impostos líquidos de 14,9%, em 2000, para 11,5%, em 2017.

Entre as microrregiões, São Miguel do Oeste e Chapecó influenciaram o crescimento desse agregado, cujo crescimento foi, respectivamente, 32% e 16% superior à taxa anual de aumento deste. Nas demais microrregiões, os impostos cresceram abaixo da média da região. Como nos demais agregados econômicos, neste, o crescimento também desacelerou nos últimos sete anos da série, com queda da taxa média em mais de 50%.

Nesse agregado, os 10 primeiros municípios também aumentaram a concentração na geração de impostos líquidos da Mesorregião Oeste. Em 2000 esses municípios respondiam por 55% do montante gerado no Oeste, passando a responder por 62% desse montante em 2017. A Tabela 21 apresenta o ranking dos 10 maiores geradores de impostos líquidos em 2017.

Tabela 21 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense em geração de impostos líquidos 2017

Município	VAB (R\$ mil) <sup>(*)</sup>	Crescimento médio anual (%)		
		2000-17	2000-10	2010-17
Chapecó	384.605	5,50	7,16	3,17
Concórdia	134.638	3,83	8,48	(2,47)
Caçador	130.317	5,60	6,06	4,94
Videira	92.161	3,69	4,91	1,97
Joaçaba	63.376	3,60	6,13	0,09
Xanxerê	60.482	4,31	7,76	(0,43)
Maravilha	48.852	10,22	17,27	0,87
São Miguel do Oeste	48.556	5,32	10,31	(1,43)
São Lourenço do Oeste	46.325	8,13	11,68	3,24
Pinhalzinho	44.951	10,11	15,63	2,69
<b>Total</b>	<b>1.054.263</b>	<b>5,25</b>	<b>7,86</b>	<b>1,62</b>

Fonte: IBGE (2012, 2017), em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa).

Nota: (\*) Valores deflacionados pelo IPCA, base do ano 2000.

Apesar de menor que a média de crescimento do Estado, a geração de impostos líquidos teve bom desempenho entre 2000 e 2010, com crescimento de 8,7% ao ano. No entanto, no período de 2010 a 2017, 44 municípios tiveram queda

## **A mesorregião Oeste catarinense:**

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

---

do montante desse agregado, e outros seis municípios registraram crescimento deste abaixo da média da região. Esses resultados, relacionados aos demais agregados econômicos, refletem a desaceleração das atividades econômicas na região Oeste Catarinense, principalmente entre 2013 e 2016, com leve recuperação em 2017.

No próximo Capítulo, em que se apresenta o desempenho dos estoques de empregos e das remunerações médias, corroboram-se as condições da economia.



## CAPÍTULO 4

# EMPREGOS E REMUNERAÇÃO

Neste Capítulo apresentam-se as séries históricas de 2000 a 2018 dos estoques de empregos em 31 de dezembro, por setor econômico, e as remunerações médias por setor econômico das mesorregiões do Estado de Santa Catarina e das microrregiões do Oeste Catarinense. Os estoques de empregos e as remunerações médias foram extraídos das bases do Relatório Anual de Informações Salariais (RAIS) e do MTE. Não foi utilizada a movimentação de empregados por ano pelo fato de os seus números, baseados no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), compreenderem somente os empregados regidos pela CLT.

### 4.1 ESTOQUE DE EMPREGOS

Entre 2000 e 2018, o estoque de empregos em Santa Catarina cresceu 26,2 pontos percentuais acima do crescimento do estoque de empregos no País. Apesar da queda dos estoques de emprego de 4,9% a partir de 2014 até 2016, no período de 2010 a 2018, os estoques de emprego em Santa Catarina cresceram 14,7 pontos percentuais acima do crescimento nacional. Na seção seguinte descrevem-se os níveis de estoques de empregos nas mesorregiões catarinenses.

#### 4.1.1 Mesorregiões de Santa Catarina

Os melhores desempenhos nos estoques de empregos entre 2000 e 2018 foram registrados no Oeste Catarinense, no Vale do Itajaí e no Sul Catarinense. As demais mesorregiões tiveram desempenhos inferiores à média no Estado. Na Tabela 22 apresenta-se a série dos estoques de empregos por mesorregião.

Tabela 22 – Empregados em 31/12 nas Mesorregiões – Total: 2000 a 2018

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado
2000	231.605	220.409	174.398	54.062	129.454	267.950	<b>1.077.878</b>
2001	241.749	230.314	189.890	59.222	146.055	288.482	<b>1.155.712</b>
2002	258.647	249.376	206.602	63.059	154.044	303.884	<b>1.235.612</b>
2003	267.720	260.138	217.177	66.042	160.959	320.371	<b>1.292.407</b>
2004	292.445	282.630	240.317	72.334	171.183	347.338	<b>1.406.247</b>
2005	315.095	286.620	253.936	73.350	180.798	377.170	<b>1.486.969</b>
2006	342.566	307.585	271.596	74.915	196.637	405.155	<b>1.598.454</b>
2007	365.837	328.390	289.980	77.297	204.639	431.657	<b>1.697.800</b>
2008	382.355	345.504	306.099	78.836	213.142	451.668	<b>1.777.604</b>
2009	394.268	353.933	313.301	79.535	223.141	474.156	<b>1.838.334</b>
2010	418.367	380.656	329.741	85.189	241.392	514.309	<b>1.969.654</b>
2011	437.717	396.647	349.651	88.891	254.215	534.456	<b>2.061.577</b>
2012	459.246	400.555	341.814	91.466	262.557	547.364	<b>2.103.002</b>
2013	481.351	420.924	368.613	96.709	276.210	567.120	<b>2.210.927</b>
2014	495.392	433.857	379.546	100.355	279.670	585.113	<b>2.273.933</b>
2015	480.373	417.075	373.610	99.777	274.032	569.425	<b>2.214.292</b>
2016	477.897	401.605	366.115	96.309	267.953	558.044	<b>2.167.923</b>
2017	477.123	414.191	374.148	98.254	269.834	572.188	<b>2.205.738</b>
2018	471.355	423.639	372.054	95.692	266.404	569.294	<b>2.198.438</b>
<b>Variações</b>							
Acumulada	103,52%	92,21%	113,34%	77,00%	105,79%	112,46%	103,96%
Média 2000-2018	6,09%	5,62%	6,58%	4,65%	6,43%	6,74%	6,21%
Média 2000-2010	7,36%	6,75%	7,87%	5,88%	7,48%	7,83%	7,39%
Média 2010-2018	1,50%	1,35%	1,52%	1,46%	1,24%	1,28%	1,38%

Fonte: MTE (2019).

Durante o período, inclusive nos três cortes temporais observados, o Oeste teve o melhor desempenho relativo, cuja participação no estoque total de

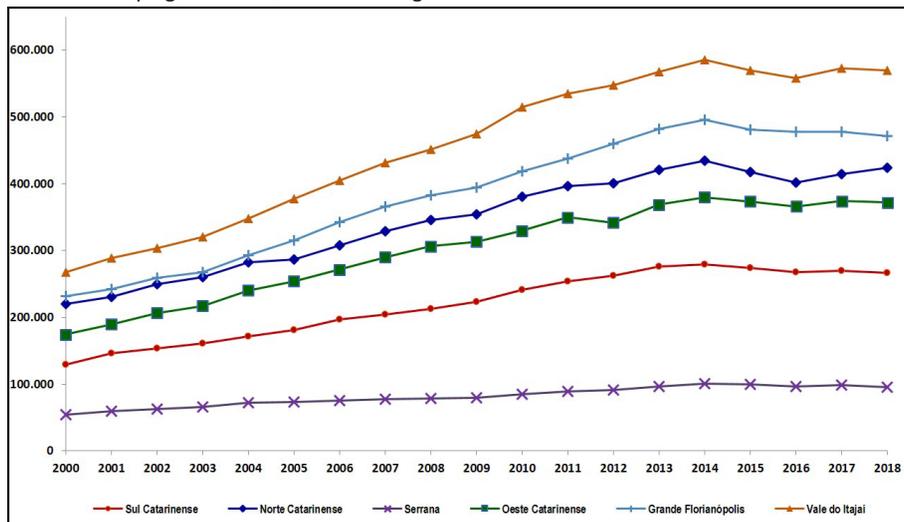
## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

empregados cresceu 4,6%, Itajaí, que em termos absolutos responde por mais de 25% dos empregos, registrou o segundo melhor desempenho ao longo do período, mas registrou crescimento abaixo da taxa de crescimento estadual entre 2010 e 2018. Os estoques de empregados do Planalto Serrano e do Norte Catarinense registraram as menores taxas de crescimento no Estado. A Mesorregião Serrana teve os piores desempenhos relativos, perdendo 13,2% da participação no estoque de empregados, embora nos últimos oito anos tenha acumulado crescimento acima da média estadual, ficando abaixo do Oeste e da Grande Florianópolis. O Sul teve o segundo melhor desempenho entre 2000 e 2010, mas teve desempenho ligeiramente abaixo da média estadual entre 2010 e 2018. Apesar das diferenças entre as mesorregiões, até 2018, nenhuma delas recuperou os níveis de 2014, quando a crise e a depressão econômica se tornaram mais intensas.

O Gráfico 9 apresenta a evolução dos estoques de empregados nas Mesorregiões de Santa Catarina no período de 2000 a 2018.

Gráfico 9 – Empregados em 31/12 nas mesorregiões – totais: 2000 a 2018



Fonte: elaborado com base em dados do MTE (2019).

Comparativamente a 2014, entre 2015 e 2018 todas as mesorregiões perderam estoques de empregados, sendo que as maiores quedas ocorreram na Grande Florianópolis, no Sul Catarinense e no Planalto Serrano, as quais foram,

respectivamente, de 4,9%, 4,7% e 4,6%, enquanto a queda no Estado foi de 3,3%. Ao longo de 2000 a 2018, os estoques de empregados no Norte Catarinense cresceram abaixo da média estadual, registrando as maiores quedas entre 2015 e 2016. No entanto, depois da queda dos empregos a partir de 2014, estes voltaram a crescer a partir de 2017, refletindo a pequena retomada das atividades econômicas.

Para avaliação das variações dos estoques de empregados, apurou-se a sua participação e distribuição entre os grandes setores definidos pelo IBGE, quais sejam: Indústria (extração mineral, produção mineral não metálica, metalúrgica, indústria mecânica, elétrica e comunicação, material de transporte, madeira e mobiliário, papel e gráfica, borracha, fumo e couros, química, têxtil, calçados, alimentos e bebidas e serviço de utilidade pública); Construção Civil; Comércio (atacadista e varejista); Serviços (financeiros, administração técnica e profissional, transportes e comunicações, alojamentos, médicos, odontológicos e veterinários e administração pública); e a Agropecuária.

Na Tabela 23 são apresentadas as participações das mesorregiões no total do estoque de empregados por setor no Estado de Santa Catarina.

Tabela 23 – Participação das mesorregiões no total de empregados no Estado de SC, por setor (%)

Setor	Ano	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí
Indústria	2000	6,0	28,0	17,4	4,4	13,9	30,3
	2005	6,9	26,6	18,7	3,6	13,9	30,4
	2010	7,9	26,2	17,7	3,3	14,0	31,0
	2018	7,5	25,6	20,1	3,6	13,8	29,4
Construção Civil	2000	29,3	13,1	19,9	3,8	12,9	21,0
	2005	31,8	11,5	18,1	4,3	13,7	20,6
	2010	26,3	13,7	20,7	3,8	10,3	25,2
	2018	24,4	14,1	17,3	3,1	12,1	28,9
Comércio	2000	18,9	17,7	16,7	5,0	14,2	27,5
	2005	19,0	17,5	17,3	5,1	14,3	26,7
	2010	19,6	17,0	17,0	4,8	14,6	27,0
	2018	19,7	17,4	16,4	4,7	14,3	27,6

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Setor	Ano	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí
Serviços	2000	36,5	16,3	12,9	4,6	9,7	20,1
	2005	34,7	15,2	13,7	4,8	9,8	21,9
	2010	33,5	15,8	14,0	4,0	10,2	22,5
	2018	32,2	16,5	14,0	4,0	10,2	23,0
Agropecuária	2000	7,5	10,6	40,5	21,8	6,8	12,6
	2005	8,5	9,7	41,5	21,0	8,4	10,8
	2010	5,2	12,3	41,8	22,8	5,5	12,3
	2018	3,1	12,0	41,2	25,2	5,8	12,8

Fonte: elaborada com base em dados do MTE (2019).

Os estoques de empregados na indústria cresceram 3,04% ao ano, durante o período de 2000 a 2018, mas perderam 6,7% acumulados entre 2015 e 2018 frente a 2014. No setor industrial, o Vale do Itajaí e o Norte Catarinense ainda respondem por 55% dos empregados. Na primeira avançou até 2010 e caiu em 2010 a 2018, principalmente a partir de 2015, acumulando perda de 11% em 2018 comparado ao estoque de 2014. No entanto, entre 2010 e 2018, as duas regiões perderam 3,8% e 1,0% dos seus estoques, respectivamente. No Norte, a participação vem caindo em razão do crescimento inferior à taxa estadual e de 2010 a 2018 acumulou a perda de mais de 1% de empregados. O Planalto Serrano e o Sul também apresentaram quedas de participação. A Grande Florianópolis registrou o maior crescimento médio durante o período da série, mas apresentou queda entre 2014 e 2018 de mais de 5% do estoque de empregados de 2013. O Oeste Catarinense registrou o segundo melhor desempenho nesse setor e o maior aumento de participação. Embora tenha perdido 2,8% entre 2015 e 2016 do estoque de empregados, recuperou essa perda entre 2017 e 2018 e acumulou o crescimento de 15,3% de 2010 a 2018.

A Construção Civil, que cresceu no Estado 4,3% ao ano no período da série, perdeu 23,2% de seus estoques de empregados entre 2014 e 2018 em relação a 2013. Em todas as regiões registraram-se quedas, que ocorreram a partir de 2013 na Grande Florianópolis, no Sul e no Oeste, e a partir de 2014 nas demais regiões. O Vale do Itajaí e a Grande Florianópolis respondem por mais de 53% do estoque de

empregados no Estado. Porém, a partir de 2013 inverteram suas posições, quando o Vale do Itajaí passou à frente da Grande Florianópolis, que registrou queda de 30,2% entre 2014 e 2018 frente a 2013. As demais regiões têm mantido suas posições, com a oscilação em suas participações.

Durante o período da série, o Comércio teve o maior crescimento entre os setores no Estado, apesar de perder 2,2% dos saldos de empregados entre 2015 e 2018 frente aos estoques de 2014. Entre 2000 e 2010, o setor cresceu acima da média estadual na Grande Florianópolis, no Oeste e no Sul, enquanto as demais regiões tiveram crescimentos abaixo da média. Contudo, entre 2010 e 2018, o Oeste, o Planalto Serrano e o Sul registraram taxas de crescimento abaixo da média estadual. Quanto à participação das mesorregiões nos estoques estaduais do setor, Itajaí lidera com 27,5%, e as demais mantiveram suas posições durante o período da série.

O setor de Serviços teve o segundo maior crescimento entre os setores. Ao contrário dos demais setores, esse setor manteve seus níveis de empregados praticamente estáveis. Ou seja, enquanto os demais setores tiveram quedas dos estoques entre 2014 e 2016, o setor de Serviços continuou em crescimento. Entre as mesorregiões, o Vale do Itajaí vem registrando o maior crescimento. A Grande Florianópolis mantém a primeira posição nos níveis de estoques de empregados, mas vem perdendo participação, registrando a menor taxa de crescimento ao longo do período da série.

A Agropecuária teve o pior desempenho entre os setores. Seus estoques de empregados vêm caindo desde 2009, acumulando perda de 13,5% até 2018 em relação a 2008, o que representa perda de 1,4% anuais. Em termos relativos, a Grande Florianópolis teve a maior perda, mas o Oeste teve a maior perda em termos absolutos, respondendo por 55% da redução no Estado. A Mesorregião Serrana teve o melhor desempenho do setor durante os 18 anos da série avaliada, e a menor queda entre 2009 e 2018. O Oeste Catarinense lidera nos estoques de empregados do setor, seguido da Mesorregião Serrana. As duas Mesorregiões participam com mais de 65% dos estoques de empregados no setor.

A Tabela 24 apresenta a distribuição dos empregados por setores, nas mesorregiões, nos anos de 2000, 2005, 2010 e 2018.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Tabela 24 – Distribuição dos empregados por setor nas mesorregiões de SC (%)

Setor	Ano	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	SC
Indústria	2000	10,1	49,2	38,8	31,3	41,7	43,9	36,0
	2005	11,2	47,7	37,9	25,3	39,5	41,4	34,6
	2010	12,3	45,1	35,2	25,1	38,1	39,4	33,3
	2018	10,6	40,1	35,9	25,0	34,6	34,3	30,2
Construção Civil	2000	4,8	2,2	4,3	2,6	3,7	2,9	3,5
	2005	5,0	2,0	3,6	2,9	3,8	2,7	3,4
	2010	5,6	3,2	5,6	4,0	3,8	4,4	4,5
	2018	4,1	2,7	3,7	2,6	3,6	4,0	3,6
Comércio	2000	14,8	14,6	17,4	16,9	20,0	18,7	16,9
	2005	17,1	17,4	19,3	19,9	22,5	20,1	19,1
	2010	18,6	17,6	20,4	22,4	23,9	20,8	20,1
	2018	18,6	18,3	19,6	21,7	23,9	21,6	20,3
Serviços	2000	69,4	32,6	32,7	37,1	33,0	33,0	40,9
	2005	65,4	31,5	32,0	39,1	32,1	34,4	40,0
	2010	62,9	32,6	33,3	37,0	33,3	34,4	39,9
	2018	66,4	37,8	36,5	40,7	37,1	39,3	44,1
Agropecuária	2000	1,0	1,4	6,9	12,0	1,6	1,4	2,8
	2005	1,2	1,5	7,3	12,7	2,1	1,3	3,0
	2010	0,5	1,4	5,5	11,6	1,0	1,0	2,2
	2018	0,2	1,1	4,2	10,1	0,8	0,9	1,7

Fonte: elaborada com base em dados do MTE (2019).

A Indústria tem a maior taxa de participação relativa dos estoques de empregos no Norte Catarinense. Os setores de Serviços e Construção Civil possuem maior taxa relativa na Grande Florianópolis, o Comércio tem a maior taxa de participação no Sul e a Agropecuária na Mesorregião Serrana. O setor do Comércio, com aumento de 20%, teve o maior crescimento de participação nos totais de estoques de empregados, principalmente em razão de os dados se referirem aos

estoques de empregados em 31 de dezembro, época que mais demanda empregados nesse setor.

Mas setores não sujeitos a variações de demandas nessa época, como a Agropecuária, com queda de participação de 37% no período, e a Indústria com queda de participação relativa de 16%, registraram as mais significativas perdas de participação. A queda de participação nesses dois setores resulta da queda de atividade e da geração de valores adicionados brutos. A Agropecuária compensa a redução de empregos com o aumento de produtividade decorrente da modernização no campo (MARCONDES, 2016), enquanto na Indústria a redução dos empregos é influenciada, por um lado, pelo aumento de produtividade e, por outro, pela desindustrialização (PARENTE, 2017; SOUZA, 2017; CUNHA; LELIS; FLIGENSPAN, 2013). Os setores da Construção Civil e dos Serviços aumentaram suas participações relativas nos estoques de empregados em 4% e 8%, respectivamente.

O setor dos Serviços, que concentra a maior participação relativa do estoque de empregados, aumentou sua participação em 8% entre 2000 e 2018. A Indústria, mesmo com a queda de participação relativa de 16% entre 2000 e 2018, concentra a segunda maior participação. Seguem na ordem de participação relativa os setores do Comércio, da Construção Civil e da Agropecuária.

Em síntese, com exceção da Agropecuária, nos demais setores o estoque de empregos manteve taxas de crescimento médio superiores às respectivas taxas nacionais. A Agropecuária perdeu no Estado 11,2% do estoque de empregados entre 2010 e 2018, enquanto no mesmo período este cresceu 5,8% no País.

Na seção seguinte são descritos os estoques de empregados nas Microrregiões do Oeste Catarinense, com vistas ao detalhamento maior para a compreensão da Mesorregião.

#### **4.1.2 Microrregiões do Oeste Catarinense**

No Oeste Catarinense, os estoques de empregados no período entre 2000 e 2018 cresceram 9% a mais que no Estado. O crescimento do estoque de empregados foi influenciado pelas Microrregiões de Chapecó e São Miguel do Oeste. Xanxerê

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

também cresceu mais que o crescimento médio da Mesorregião. Por sua vez, Joaçaba e Concórdia registraram crescimento inferior à média da região e à do Estado.

Na Tabela 25 apresenta-se a série dos estoques de empregos por Microrregião.

Tabela 25 – Empregados em 31/12 nas microrregiões do Oeste Catarinense – total: 2000 a 2018

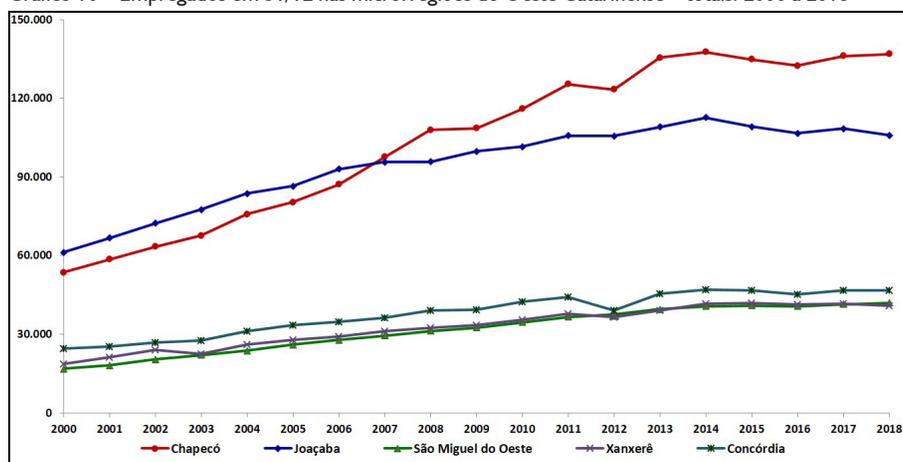
Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
2000	53.514	61.124	16.728	18.556	24.476	174.398
2001	58.487	66.680	18.044	21.298	25.381	189.890
2002	63.313	72.272	20.394	23.881	26.742	206.602
2003	67.606	77.503	21.960	22.491	27.617	217.177
2004	75.716	83.674	23.674	26.096	31.157	240.317
2005	80.294	86.407	25.989	27.876	33.370	253.936
2006	87.041	92.976	27.751	29.221	34.607	271.596
2007	97.504	95.660	29.395	31.121	36.300	289.980
2008	107.874	95.792	31.196	32.307	38.930	306.099
2009	108.461	99.665	32.457	33.443	39.275	313.301
2010	115.862	101.546	34.564	35.412	42.357	329.741
2011	125.403	105.730	36.512	37.887	44.119	349.651
2012	123.255	105.588	37.404	36.547	39.020	341.814
2013	135.390	109.078	39.553	39.141	45.451	368.613
2014	137.605	112.642	40.619	41.601	47.079	379.546
2015	134.824	109.145	40.933	41.953	46.755	373.610
2016	132.339	106.587	40.638	41.327	45.224	366.115
2017	136.123	108.389	41.422	41.631	46.583	374.148
2018	136.834	105.895	41.888	40.814	46.623	372.054
Variações						
Acumulada	155,70%	73,25%	150,41%	119,95%	90,48%	113,34%
Média 2000-2018	5,35%	3,10%	5,23%	4,48%	3,64%	4,30%
Média 2000-2010	8,03%	5,21%	7,53%	6,68%	5,64%	6,58%
Média 2010-2018	2,10%	0,53%	2,43%	1,79%	1,21%	1,52%

Fonte: MTE (2019).

Depois de crescer 18,8% de 2010 a 2014, a Microrregião de Chapecó registrou queda de 3,8% entre 2015 e 2016 em relação a 2014, mas em 2017 e 2018 voltou a crescer, recuperando parte das perdas. Joaçaba cresceu até 2014, e de 2015 a 2018 acumula perda de 6%. São Miguel do Oeste registrou pequena queda em 2016, mas se recuperou nos anos seguintes, com saldo acima de 2014. Xanxerê teve crescimento até 2015, mas entre 2016 e 2018 acumulou perdas de 1,9%. Por sua vez, Concórdia vem oscilando desde 2011, e até 2018 não recuperou a perda de 3,9% entre 2015 e 2016.

O Gráfico 10 apresenta a evolução dos estoques de empregados nas Mesorregiões de Santa Catarina no período de 2000 a 2018.

Gráfico 10 – Empregados em 31/12 nas microrregiões do Oeste Catarinense – totais: 2000 a 2018



Fonte: elaborado com base em dados do MTE (2019).

São Miguel do Oeste apresentou crescimento contínuo ao longo da série avaliada e deverá manter tal tendência, sobretudo com a expansão de atividades industriais na Microrregião, além da retomada da economia a partir de 2019. Os desempenhos de Chapecó e Xanxerê seguem a mesma tendência de crescimento. Após a queda de 11,6% em 2012 e a recuperação no ano seguinte, Concórdia caracteriza neste momento uma posição entre a estabilidade e leve crescimento.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Joaçaba apresentou acentuada queda desde 2015 e, apesar da recuperação de 1,7% em 2017, voltou a perder 2,3% em 2018.

Todavia, a Microrregião de Joaçaba possui características socioeconômicas que possibilitam a retomada dos empregos com a retomada da economia sinalizada a partir de 2019. E, de forma geral, os indicadores dos VABs entre 2015 e 2017 fundamentam a retomada dos empregos, mesmo que menos acentuada comparativamente à década de 2000 a 2010.

Os 10 municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados em 31 de dezembro de 2018, relacionados na Tabela 26, respondem por 59,3% desse indicador na Mesorregião, o que indica concentração dos empregos em poucos municípios. Entre 2000 e 2010, os estoques de empregados desses municípios cresceram 2,9% a mais que os estoques totais no Oeste, e, entre 2010 e 2018, cresceram 4,6% a menos.

Tabela 26 – Ranking dos municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados em 31/12/2018

Município	Empregados em 31/12/2018	Crescimento médio anual dos estoques (%)		
		2000-10	2010-18	2000-18
Chapecó	78.101	7,53	1,89	4,99
Concórdia	28.087	6,38	1,05	3,98
Caçador	23.538	4,45	0,73	2,78
Videira	19.913	5,89	0,41	3,42
Joaçaba	15.352	6,76	-0,14	3,64
Xanxerê	13.930	7,31	1,07	4,49
São Miguel do Oeste	13.458	7,14	3,11	5,33
Xaxim	10.326	6,58	2,65	4,82
São Lourenço do Oeste	9.138	8,73	2,38	5,86
Maravilha	8.909	8,92	2,31	5,93
Total	220.752	6,77	1,45	4,37

Fonte: MTE (2019).

Para caracterizar as evoluções dos estoques de empregados nas microrregiões, apuraram-se suas participações e distribuições entre os grandes setores definidos

pelos IBGE. Nesse sentido inicia-se pela descrição das participações das microrregiões nos estoques de empregados por setor no Oeste Catarinense, cujos dados são apresentados na Tabela 27.

Tabela 27 – Participação das microrregiões no total de empregados do Oeste Catarinense por setor (%)

Setor	Ano	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia
Indústria	2000	32,2	37,3	7,6	9,5	13,4
	2005	33,6	35,8	10,0	6,7	13,8
	2010	36,3	30,1	11,0	9,5	13,1
	2018	36,1	30,7	11,2	9,2	12,8
Construção Civil	2000	23,1	19,4	4,6	7,7	45,2
	2005	34,7	18,2	5,6	11,9	29,6
	2010	48,2	16,2	6,9	11,7	17,0
	2018	48,6	15,9	9,7	11,2	14,6
Comércio	2000	36,3	28,1	11,9	11,6	12,1
	2005	39,0	27,6	12,0	10,8	10,6
	2010	39,9	27,1	11,6	10,8	10,6
	2018	39,9	25,3	12,0	10,9	12,0
Serviços	2000	31,4	32,2	12,5	10,0	13,9
	2005	29,4	32,5	11,0	12,6	14,4
	2010	32,3	32,4	10,5	10,5	14,4
	2018	37,3	27,0	11,4	11,6	12,8
Agropecuária	2000	9,8	62,8	4,3	19,3	3,8
	2005	9,7	56,0	5,4	26,1	2,7
	2010	13,8	54,4	6,7	19,1	6,0
	2018	14,0	47,3	8,7	21,0	9,1
Totais	2000	30,7	35,0	9,6	10,6	14,0
	2005	31,6	34,0	10,2	11,0	13,1
	2010	35,1	30,8	10,5	10,7	12,8
	2018	36,8	28,5	11,3	11,0	12,5

Fonte: elaborada com base em dados do MTE (2019).

Diversamente do desempenho do VAB industrial no período de 2000 a 2017, o estoque de empregados cresceu mais no Oeste Catarinense que no Estado. Ao longo do período de 2000 a 2018, o crescimento dos estoques de empregados foi influenciado pelo desempenho de São Miguel do Oeste e de Chapecó, no período de 2000 a 2010, que registraram taxas de crescimento médio superior à média da Mesorregião Oeste. A Microrregião de Joaçaba, que registrou o menor crescimento da Mesorregião, sofreu a perda de 4,8% entre 2015 e 2016 em relação a 2014, contra perda de 2,8% de perda no Oeste. Nesse setor, durante o período da série, Concórdia e Xanxerê também tiveram desempenho inferior à média do Oeste. No entanto, a partir de 2013, Concórdia registrou a maior taxa de crescimento da Mesorregião, enquanto Xanxerê registrou a maior perda durante o mesmo período.

Com esse desempenho, Joaçaba perdeu a liderança nos estoques de empregados para Chapecó, a partir de 2007. As duas Microrregiões respondiam por mais de 69% dos empregados do setor no Oeste e passaram a responder por menos de 67%. Quanto à evolução da participação nos estoques de empregados, Chapecó e São Miguel do Oeste ampliaram suas participações, respectivamente, em 3,9 e 3,6 pontos percentuais, enquanto, Joaçaba, Concórdia e Xanxerê tiveram quedas de participações de 6,6, 0,6 e 0,4 pontos percentuais, respectivamente.

Os 10 municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados na Indústria em 31 de dezembro de 2018 respondiam, nesse ano, por 57,8% dos estoques do setor da Mesorregião, cuja participação era de 62,3% em 2000. A perda de participação ao longo do período de 2000 a 2018 decorre de o crescimento dos estoques nesses municípios ficar 11,9% menor que o crescimento do setor na Mesorregião, sendo que a maior diferença ocorreu entre 2010 e 2018, com 23,5% menor.

Na Tabela 28 estão relacionados os municípios com maior estoque de empregados em dezembro de 2018 na Indústria.

Tabela 28 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados na Indústria em 31/12/2018

Município	Empregados em 31/12/2018	Crescimento médio anual dos estoques (%)		
		2000-10	2010-18	2000-18
Chapecó	21.510	5,45	0,60	3,27
Caçador	11.565	2,66	1,58	2,18
Concórdia	9.536	3,68	1,50	2,70
Videira	7.787	-0,12	7,68	3,27
São Lourenço do Oeste	5.634	8,49	2,05	5,58
Capinzal	4.938	4,33	-1,88	1,53
Maravilha	4.154	7,90	2,92	5,66
Xaxim	4.037	5,93	-0,37	3,08
Seara	3.952	5,63	1,89	3,95
Itapiranga	3.849	32,83	-0,90	16,61
Total	76.962	5,06	1,37	3,40

Fonte: MTE (2019).

Entre 2000 e 2018, a Construção Civil acumulou crescimento médio abaixo do crescimento do setor no Estado, embora tenha crescido acima da média estadual até 2010. De 2010 a 2018, o setor perdeu 25,4% dos estoques de empregados. Entre as microrregiões do Oeste Catarinense, ao longo de 2000 a 2018, Chapecó e São Miguel registraram desempenho vigoroso, acumulando crescimento superior a 7,8% anuais. Xanxerê registrou o segundo melhor desempenho ao longo do período, mas a partir de 2010 perdeu 28,5% dos estoques. Joaçaba também cresceu menos que a média da região, e a partir de 2013 perdeu 29,3% do estoque de empregados. Concórdia teve o pior desempenho do setor, acumulando, em 18 anos, perda de 40,4% dos estoques.

Chapecó e Concórdia respondem por mais de 63% dos estoques de empregados na Construção Civil do Oeste. Ambas inverteram suas posições a partir de 2005, quando Chapecó passou da segunda à primeira posição. A participação de Chapecó cresceu 25,6 pp (pontos percentuais), enquanto Concórdia perdeu 30,6 pp. São Miguel do Oeste e Xanxerê também aumentaram suas participações em 5,1 e 3,4 pp, e Joaçaba perdeu 3,5 pp.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

A Construção Civil aumentou a concentração nos municípios do Oeste que mais empregam. Isto é, os 10 municípios da Mesorregião com maior estoque de empregados desse setor, em 31 de dezembro de 2018, respondiam por 44,8% dos estoques do mesmo no ano de 2000, e passaram a responder por 77,3%. Apesar da queda de 22,8% entre 2010 e 2018, o estoque de empregados desses municípios cresceu 91,9% a mais que o crescimento do estoque do mesmo setor na Mesorregião.

Na Tabela 29 estão relacionados os municípios do ranking estoque de empregados, em dezembro de 2018, no setor da Construção Civil.

Tabela 29 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados na Construção Civil em 31/12/2018

Município	Empregados em 31/12/2018	Crescimento médio anual dos estoques (%)		
		2000-10	2010-18	2000-18
Chapecó	4.840	16,67	-2,33	7,81
Concórdia	1.610	16,99	-5,18	6,56
São Miguel do Oeste	855	14,63	0,25	8,00
Videira	855	7,00	-2,65	2,60
Xanxerê	759	16,09	-4,70	6,34
Xaxim	494	15,84	4,00	10,42
Maravilha	472	19,51	-8,60	6,08
Caçador	268	15,50	-11,53	2,59
Herval d'Oeste	259	10,14	-3,02	4,08
Pinhalzinho	240	10,72	10,50	10,62
Total	10.652	15,22	-3,19	6,64

Fonte: MTE (2019).

Os estoques de empregados do comércio no Oeste Catarinense cresceram 2% menos que a média estadual, durante o período avaliado, impactados pelo crescimento de 33,2% menor que o crescimento dos estoques no Estado no período de 2010 a 2018, quando, a partir de 2014 até 2018, a Mesorregião acumulou perda de 1,8%. Essa queda resultou das perdas de 4,8%, 2,6% e 0,2%, respectivamente, nas Microrregiões de Chapecó, Joaçaba e Xanxerê.

O crescimento do indicador no Oeste foi puxado pela Microrregião de Chapecó, cujo desempenho foi, inclusive, superior ao desempenho médio no Estado. Joaçaba registrou o mais baixo crescimento entre as microrregiões oestinas, cuja taxa

ficou aproximadamente 12% menor. São Miguel do Oeste registrou crescimento pouco superior à média da Mesorregião, enquanto as demais microrregiões tiveram crescimento abaixo da média. Chapecó e Joaçaba respondem por aproximadamente 66% dos estoques de empregados do comércio do Oeste Catarinense. São Miguel do Oeste se manteve na terceira posição do setor, com 12% de participação dos estoques, enquanto Concórdia e Xanxerê ocupam as últimas posições.

No setor do Comércio, os municípios com maior estoque de empregados reduziram sua participação no estoque total do setor no Oeste, de 67,2%, no ano de 2000, para 66,1%, em 2018. Os empregos desses municípios no setor cresceram 1,9% abaixo do crescimento do mesmo setor no Oeste.

Na Tabela 30 estão relacionados os municípios com o maior estoque de empregados do Comércio em dezembro de 2018.

Tabela 30 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados no Comércio em 31/12/2018

Município	Empregados em 31/12/2018	Crescimento médio anual dos estoques (%)		
		2000-10	2010-18	2000-18
Chapecó	18.720	9,73	1,01	5,76
Concórdia	6.172	5,76	3,50	4,75
Joaçaba	3.893	6,40	1,34	4,12
Videira	3.783	5,99	0,37	3,46
Xanxerê	3.749	7,29	1,24	4,56
Caçador	3.565	8,17	-0,47	4,24
São Miguel do Oeste	3.118	7,45	0,87	4,47
Fraiburgo	1.910	13,61	-3,19	5,81
Maravilha	1.822	7,36	2,84	5,33
Xaxim	1.411	6,35	1,04	3,95
Total	48.143	8,12	1,02	4,90

Fonte: MTE (2019).

No período da série avaliada, os estoques de empregados do setor de Serviços no Oeste Catarinense cresceram 10,5% acima do crescimento destes no Estado, principalmente no período de 2000 a 2010, quando a diferença foi de 14,1%, caindo

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

para 1% entre 2010 e 2018. Ao longo do período, Chapecó e Xanxerê registraram crescimentos acima da média da Mesorregião. Ao considerar o período mais crítico da crise econômica, e apesar dela, as duas Microrregiões, além de São Miguel do Oeste, aumentaram seus estoques. Nesse mesmo período, Joaçaba e Concórdia acumularam perdas de 11,1% e 6,2%, respectivamente.

Chapecó e Joaçaba respondem por mais de 64% dos estoques de empregados dos Serviços do Oeste Catarinense. Em 2010 Chapecó ultrapassou Joaçaba, passando a ocupar a primeira posição na participação dos estoques do setor na Mesorregião. Concórdia manteve-se na terceira posição, seguida de Xanxerê e São Miguel do Oeste.

Os municípios com os maiores estoques de empregados do setor de Serviços cresceram 2,2% a mais que os estoques do setor no Oeste. Isso resultou no aumento da participação desses municípios no estoque de empregados do setor no Oeste de 61%, em 2000, para 62,1%, em 2018. Os municípios do ranking em estoque de empregados no setor de serviços em dezembro de 2018 estão relacionados na Tabela 31.

Tabela 31 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados nos Serviços em 31/12/2018

Município	Empregados em 31/12/2018	Crescimento médio anual dos estoques (%)		
		2000-10	2010-18	2000-18
Chapecó	32.211	6,72	4,60	5,78
Concórdia	10.511	8,00	0,66	4,67
Joaçaba	7.844	8,03	-1,92	3,49
Caçador	7.038	4,59	2,29	3,56
Videira	6.589	10,92	-3,88	4,08
Xanxerê	5.846	7,85	3,71	5,99
São Miguel do Oeste	5.407	7,65	5,16	6,54
Xaxim	3.853	8,10	7,00	7,61
Fraiburgo	2.800	-3,38	11,44	2,95
Maravilha	2.345	7,99	5,36	6,81
Total	84.444	7,18	2,47	5,06

Fonte: MTE (2019).

O desempenho dos estoques de empregados na Agropecuária foi 6,9% superior ao desempenho do indicador no Estado em decorrência do crescimento no período de 2000 a 2010, que foi 8,8% superior ao crescimento estadual. Porém, no período de 2010 a 2018, o Oeste perdeu 12,5% dos estoques do setor contra a perda de 11,2% dos estoques estaduais. Ao longo do período, Concórdia e São Miguel do Oeste tiveram o melhor desempenho, com crescimento médio anual de 6,5% e 5,5%, respectivamente. Joaçaba teve perda média anual de 0,1%, decorrente da queda de 33,7% desde 2008. Xanxerê, cujo desempenho também ficou abaixo da média do Oeste, perdeu 31,4% dos estoques desde 2005.

A Microrregião de Joaçaba, que ocupa a primeira posição na participação dos estoques de empregados na Agropecuária, perdeu 15,5 pp ao longo do período da série, em razão da acentuada redução dos empregados do setor no município de Fraiburgo, que perdeu 54,5% do estoque entre 2000 e 2018. Joaçaba e Xanxerê respondem por mais de 68% dos estoques de empregados do setor. Chapecó está na terceira posição, e Concórdia e São Miguel ocupam as últimas posições, respondendo por 17,7% dos estoques.

Os municípios com os maiores estoques de empregados na Agropecuária reduziram seus estoques em aproximadamente 19,6% entre 2010 e 2018. Esses municípios respondiam por 72,5% dos estoques do setor no Oeste, em 2000, e passaram a representar 53,3% em 2018. Na Tabela 32 estão relacionados os municípios com os maiores estoques de empregados na Agropecuária em dezembro de 2018.

Tabela 32 – Municípios do Oeste Catarinense com maior estoque de empregados na Agropecuária em 31/12/2018

Município	Empregados em 31/12/2018	Crescimento médio anual dos estoques (%)		
		2000-10	2010-18	2000-18
Fraiburgo	1.926	-4,54	-3,97	-4,29
Faxinal dos Guedes	1.119	1,84	1,15	1,53
Caçador	1.102	6,41	-5,45	0,97
Videira	899	5,20	-3,41	1,28
Lebon Régis	830	13,39	0,34	7,39
Chapecó	820	5,73	-4,14	1,22
Xaxim	531	1,36	6,66	3,68

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Município	Empregados em 31/12/2018	Crescimento médio anual dos estoques (%)		
		2000-10	2010-18	2000-18
Seara	424	15,83	2,84	9,86
Água Doce	379	12,35	-3,48	5,02
Xanxerê	379	1,79	-8,07	-2,71
Total	8.409	1,79	-2,69	-0,23

Fonte: MTE (2019).

No período de 2000 a 2018, a distribuição relativa dos empregados entre os setores apresenta-se mais equilibrada comparativamente à distribuição setorial dos empregados no estado. Da mesma forma, as maiores taxas de participação relativa nos estoques de empregados em todas as microrregiões estão nos setores dos serviços, da indústria e do comércio. Na tabela 33 apresenta-se a distribuição dos empregados por setores, nas microrregiões do Oeste Catarinense, nos anos de 2000, 2005, 2010 e 2018.

Tabela 33 – Distribuição dos empregados por setor nas microrregiões do Oeste Catarinense (%)

Setor	Ano	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Ca- tarinense
Indústria	2000	40,6	41,3	30,7	34,7	37,0	38,8
	2005	40,3	39,9	37,1	23,2	39,8	37,9
	2010	36,3	34,4	36,8	31,1	35,9	35,2
	2018	34,9	38,2	35,7	30,1	36,2	35,6
Construção Civil	2000	3,2	2,4	2,1	3,1	13,8	4,3
	2005	3,9	1,9	2,0	3,9	8,0	3,6
	2010	7,7	2,9	3,7	6,1	7,4	5,6
	2018	4,8	2,1	3,2	3,0	5,0	3,7
Comércio	2000	20,5	13,9	21,5	19,0	15,0	17,4
	2005	23,8	15,7	22,6	18,9	15,6	19,3
	2010	23,2	18,0	22,7	20,6	16,8	20,4
	2018	21,9	17,2	21,1	19,5	18,1	19,7

Setor	Ano	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
Serviços	2000	33,4	30,0	42,5	30,7	32,4	32,7
	2005	29,8	30,6	34,5	36,7	35,1	32,0
	2010	30,7	35,1	33,3	32,5	37,3	33,3
	2018	36,7	34,9	36,7	39,2	37,6	36,6
Agropecuária	2000	2,2	12,4	3,1	12,6	1,9	6,9
	2005	2,2	12,0	3,9	17,3	1,5	7,3
	2010	2,1	9,7	3,5	9,7	2,6	5,5
	2018	1,8	7,7	3,3	8,2	3,1	4,5

Fonte: elaborada com base em dados do MTE (2019).

A Construção Civil mantém maior participação nos estoques dos empregados em Concórdia, mas essa participação caiu 69% entre 2000 e 2018, em decorrência da redução dos estoques de empregados no município de Piratuba, que no ano de 2000 respondia por mais de 36% dos empregados do setor no Oeste. A redução dos empregos da construção civil no município está relacionada com o término das obras da construção da Usina Hidrelétrica de Machadinho, situada no Rio Pelotas, na divisa entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A participação relativa dos serviços nos estoques caiu em São Miguel do Oeste e cresceu nas demais microrregiões. Joaçaba, Chapecó e Concórdia têm intercalado a maior participação relativa de seus estoques de empregados na Indústria, a qual cresceu em São Miguel do Oeste e oscilou com quedas nas demais microrregiões. Chapecó manteve as maiores taxas de participação do Comércio em seus estoques.

O setor Agropecuário perdeu participação nos estoques de empregados em todas as microrregiões, como ocorreu no Estado. As maiores perdas de participação no total ocorreram nas Microrregiões do Joaçaba e Xanxerê.

Os estoques de empregados no Oeste Catarinense registraram crescimento superior às taxas do Estado na Indústria, nos Serviços e na Agropecuária e taxas inferiores às taxas estaduais na Construção Civil e no Comércio. Comparativamente às taxas de crescimento no País, os estoques de empregados no Oeste Catarinense cresceram menos na Indústria, na Construção Civil e na Agropecuária e cresceram mais no Comércio e nos Serviços.

## 4.2 REMUNERAÇÕES MÉDIAS

As remunerações médias em Santa Catarina cresceram no período de 2000 a 2010 45,8% acima do crescimento das remunerações médias nacionais. No período de 2010 a 2018, a diferença passou a 68,0%. Todavia, a remuneração média catarinense permanece menor que a remuneração média nacional: a diferença em 2000 era de 16,4% e caiu para 4,6% em 2018. Os valores das remunerações neste estudo foram deflacionados pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), com base no ano de 2000.

Na seção seguinte descrevem-se os níveis de estoques de empregos nas mesorregiões catarinenses.

### 4.2.1 Mesorregiões de Santa Catarina

Durante o período da série em avaliação, todas as mesorregiões do Estado tiveram crescimento da remuneração média acima do crescimento da remuneração média nacional. A diferença das taxas de crescimento da remuneração aumenta a partir de 2010, e a partir desse ano começou a redução da diferença entre a média da remuneração catarinense e nacional. Na Tabela 34 apresenta-se a série entre 2000 e 2018 das remunerações médias nas mesorregiões catarinenses.

Tabela 34 – Remuneração média nas mesorregiões deflacionada pelo IPCA, base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2018

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado
2000	891,41	647,14	486,61	460,67	511,95	551,60	624,31
2001	851,31	646,20	486,39	468,43	513,80	555,75	614,43
2002	869,38	625,16	458,89	445,42	496,61	526,38	598,99
2003	840,23	640,73	476,21	458,65	511,03	540,24	604,04
2004	857,61	656,16	484,55	467,00	526,97	557,59	618,92
2005	873,24	661,35	497,62	488,74	536,27	566,50	630,51
2006	920,22	696,96	524,65	522,01	580,14	597,54	667,76

Anos	Grande Florianópolis	Norte Catarinense	Oeste Catarinense	Serrana	Sul Catarinense	Vale do Itajaí	Estado
2007	922,59	705,61	528,45	529,39	566,58	607,20	672,31
2008	948,29	715,67	543,95	531,04	582,75	625,40	689,07
2009	987,78	728,89	559,64	546,51	593,43	649,08	710,65
2010	1022,23	754,17	583,06	567,09	613,10	676,62	736,83
2011	1035,21	777,20	611,65	595,89	639,45	700,41	759,19
2012	1089,71	805,25	642,08	619,46	667,95	732,24	796,62
2013	1106,55	833,36	669,18	644,43	697,00	766,42	823,00
2014	1140,74	853,17	698,11	665,74	721,32	790,78	849,40
2015	1142,14	836,77	694,51	657,94	711,70	779,69	840,80
2016	1191,43	838,83	713,74	664,14	716,90	789,03	859,78
2017	1.221,68	863,96	744,13	689,47	738,91	814,91	885,22
2018	1.227,72	879,48	765,56	713,31	757,53	831,26	900,37
<b>Variações</b>							
Acumulada	37,73%	35,90%	57,33%	54,84%	47,97%	50,70%	44,22%
Média 2000-2018	1,79%	1,72%	2,55%	2,46%	2,20%	2,30%	2,06%
Média 2000-2010	1,38%	1,54%	1,82%	2,10%	1,82%	2,06%	1,67%
Média 2010-2018	2,32%	1,94%	3,46%	2,91%	2,68%	2,61%	2,54%

Fonte: MTE (2019).

O Norte Catarinense teve o menor crescimento das remunerações ao longo do período avaliado. Com esse desempenho, apesar de preservar a segunda maior remuneração média entre as mesorregiões, a partir de 2015, sua remuneração média passou a ser menor que a média estadual. A Grande Florianópolis tem as maiores remunerações médias entre as mesorregiões do Estado, sendo que a diferença foi cerca de 38% superior à remuneração média do Estado. Mas também teve taxas de crescimento inferiores às taxas de crescimento da média estadual, crescendo apenas 1,2 pontos percentuais mais que o Norte.

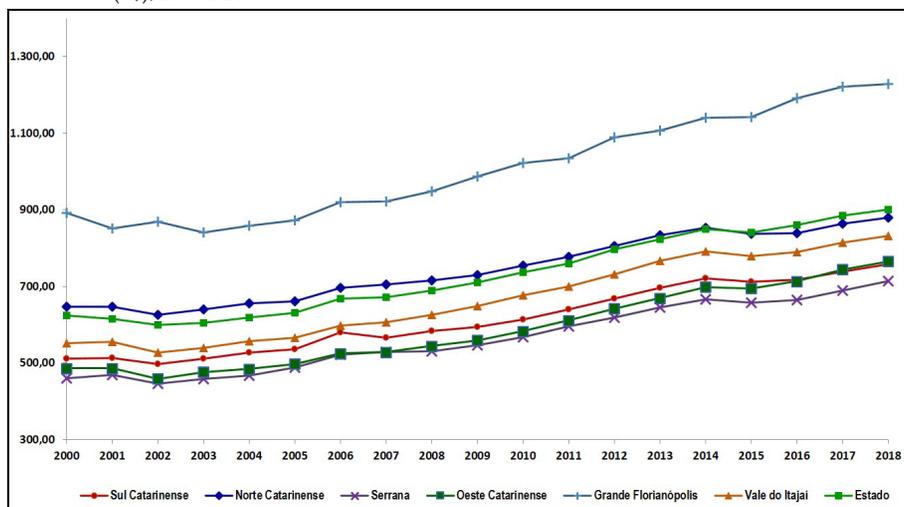
## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Nas demais mesorregiões, as remunerações médias cresceram mais que a média estadual, mas, mesmo assim, permanecem menores que a média do Estado. O Planalto Serrano tem a menor remuneração, seguido do Oeste, do Sul e do Vale do Itajaí, cujos valores médios históricos são, respectivamente, 22,5%, 19,7%, 15,8% e 8,8% menores que a remuneração média estadual. O Oeste Catarinense registrou o maior crescimento, principalmente a partir de 2010. De 2000 a 2018 a remuneração da região cresceu 24% acima do crescimento da remuneração no Estado, sendo que a partir de 2010 essa diferença passou a 36,5%.

No Gráfico II apresenta-se a evolução das remunerações médias deflacionadas nas Mesorregiões de Santa Catarina no período de 2000 a 2018.

Gráfico II – Remunerações médias nas mesorregiões de Santa Catarina deflacionadas pelo IPCA base 2000 (R\$), 2000 a 2017



Fonte: elaborado com base em dados do MTE (2019).

Apesar da crise econômica de 2014 a 2016, com quedas dos estoques de empregados, cujos níveis não foram recuperados em 2018, as remunerações médias em todas as mesorregiões catarinenses mantiveram-se praticamente estáveis. Com exceção da Grande Florianópolis na qual a remuneração não sofreu reduções, as demais mesorregiões registraram queda desta em 2015, sendo que as maiores reduções ocorreram no Norte e no Vale do Itajaí, respectivamente, de 1,9% e 1,4%. No Sul, no Planalto Serrano e no Oeste, as quedas no mesmo ano foram de 1,3%,

1,2% e 0,5%, respectivamente. Todavia, até 2017 as perdas foram recuperadas em todas as mesorregiões.

No tocante às remunerações médias por setor no Estado de Santa Catarina em comparação ao País, no período de 2000 a 2018, somente as remunerações da Agropecuária cresceram menos. As remunerações dos demais setores do Estado tiveram crescimentos superiores aos crescimentos das remunerações médias nacionais dos respectivos setores. Porém, a remuneração média da Agropecuária não teve reduções durante o período de crise econômica entre 2014 e 2016, enquanto a remuneração média dos demais setores teve reduções em 2015, que foram recuperadas entre 2016 e 2017.

Na Indústria, apesar de crescerem 66% acima do crescimento das remunerações médias nacionais do setor no período da série, as remunerações médias do Estado continuaram menores. Em 2000 a diferença das remunerações estaduais em relação à média nacional foi de 25,7% e, em 2018, passou a 14%. Entre as mesorregiões, o pior desempenho durante o período da série 2000-2018 foi verificado no Norte Catarinense e na Grande Florianópolis, cujos crescimentos foram respectivamente, 29,5% e 18,7% menores em relação ao crescimento da média no Estado. As demais mesorregiões cresceram acima da média estadual, destacando-se o Oeste Catarinense e o Vale do Itajaí, cujo crescimento no período foi superior à média estadual em 32% e 19,6%, respectivamente.

A remuneração média estadual do setor da Construção Civil cresceu, durante o período da série, 75,4% acima do crescimento respectiva média nacional. A remuneração média catarinense ainda manteve a diferença menor em comparação à remuneração nacional do setor, sendo que a diferença reduziu de 18,1%, em 2000, para 0,9%, em 2018. Entre as mesorregiões, o Oeste registrou o menor crescimento, que foi 36% menor que o crescimento no Estado. A Grande Florianópolis também teve crescimento inferior à média estadual. As demais mesorregiões tiveram crescimentos acima da média estadual, e entre elas destacam-se o Planalto Serrano e o Sul Catarinense, cujos crescimentos foram 31% e 25,4% superiores ao crescimento médio no Estado.

Para o Comércio, a remuneração média estadual cresceu no período da série 44,7% mais que a remuneração média nacional do setor. Nesse setor, a remuneração média catarinense, que era 8% inferior à média nacional no ano de 2000, foi 5,4%

superior em 2018. No Estado, a remuneração média teve o maior crescimento no Oeste, com taxa de crescimento 30,1% superior ao crescimento médio no Estado. No Vale do Itajaí, a remuneração cresceu 2,9% mais que a média estadual, enquanto nas demais mesorregiões, a remuneração cresceu abaixo da média, cujas diferenças foram de 19,7% no Norte Catarinense, 4,2% na Grande Florianópolis, 4,0% no Sul e 1,9% no Planalto Serrano.

No setor de Serviços, entre 2000 e 2018 a remuneração média no Estado cresceu 50,4% mais que a remuneração média nacional e, assim, praticamente eliminou a diferença entre as duas médias. A remuneração estadual no setor de Serviços era 1,5% menor que a média nacional no ano de 2000 e ficou 0,3% maior. Entre as mesorregiões, a remuneração no Norte Catarinense cresceu 0,9% menos que a média do Estado, enquanto nas demais mesorregiões o crescimento ficou acima da média, com destaque para o Oeste Catarinense, cujo crescimento foi 26,3% superior ao crescimento da remuneração no Estado.

No período da série avaliada, a remuneração média da Agropecuária cresceu no Estado 70,2% menos que o crescimento da remuneração do setor no País. A remuneração média do setor no Estado, que foi 52,6% superior à média nacional em 2000, caiu a 2% em 2018, sendo que essa diferença foi assegurada pelo crescimento da média estadual ter sido maior que o crescimento da média nacional a partir de 2013.

Entre as mesorregiões catarinenses, a remuneração média da Grande Florianópolis reduziu 73,6% entre 2001 e 2007. Essa redução está relacionada principalmente a ajustes de quadros funcionais de empregados de áreas específicas, em empresas ligadas a atividades de pesquisa e extensão do setor, como dirigentes, profissionais de nível superior e médio, trabalhadores de serviços especializados, cujas remunerações médias são geralmente mais elevadas. O estoque de empregados nesse setor reduziu 48% em 18 anos nessa Mesorregião. Além da Grande Florianópolis, a remuneração média do Sul cresceu 84,9% menos que a média estadual. Nas demais mesorregiões as remunerações médias cresceram acima do crescimento da remuneração média estadual, destacadamente nas Mesorregiões Serrana e Oeste, embora o valor da remuneração destas, assim como no Sul, ainda seja inferior ao valor das demais mesorregiões.

Com exceção da Agropecuária, no período de 2000 a 2010, nos demais setores as remunerações registraram crescimentos reais superiores a 1,5% ao ano. O

Comércio e a Construção Civil registraram os maiores crescimentos na remuneração. O Comércio também teve o maior crescimento dos estoques de empregados. O setor de Serviços tem o maior número de empregados, cuja participação cresceu aproximadamente 8% em 18 anos, e a maior remuneração média. Em segundo lugar na remuneração média e nos empregos, está a Indústria, mas esta perdeu 16% na participação nos empregos entre 2000 e 2018. A redução de oferta de empregos na Indústria está relacionada ao fenômeno da desindustrialização. A Agropecuária tem a menor participação nos empregos e a menor remuneração média.

#### 4.2.2 Microrregiões do Oeste Catarinense

Entre 2000 e 2018, as remunerações médias no Oeste Catarinense cresceram 29,6% mais que as remunerações médias no Estado, sendo este o melhor desempenho entre as mesorregiões. Esse desempenho se acentuou com o crescimento da remuneração a partir de 2010, quando, apesar da queda da remuneração média em 2015, acumulou até 2018 crescimento 36,5% superior ao crescimento da remuneração no Estado no mesmo período.

Na Tabela 34 apresenta-se a série entre 2000 e 2018 das remunerações médias nas mesorregiões catarinenses.

Tabela 35 – Remuneração média nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionada pelo IPCA base 2000 (R\$ mil), 2000 a 2018

Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
2000	494,83	500,82	417,44	428,73	524,30	486,61
2001	497,62	484,92	442,99	435,31	538,07	486,39
2002	465,30	466,60	411,14	412,17	501,06	458,89
2003	473,86	488,72	429,77	437,66	515,21	476,21
2004	480,27	504,85	427,29	442,27	519,36	484,55
2005	495,40	518,51	446,53	464,37	516,41	497,62
2006	526,63	539,79	484,31	494,30	536,95	524,65
2007	532,69	536,09	481,39	524,73	538,22	528,45
2008	546,45	554,43	493,40	513,35	577,14	543,95

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

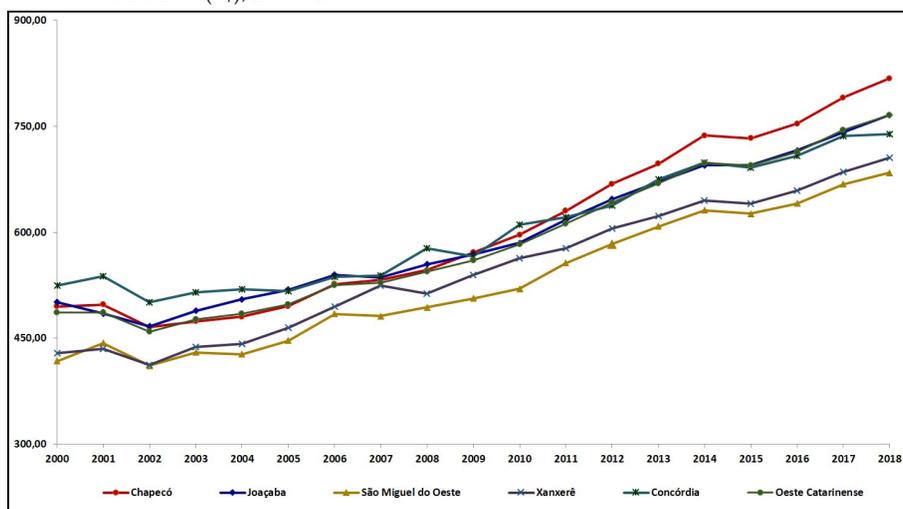
Anos	Chapecó	Joaçaba	São Miguel do Oeste	Xanxerê	Concórdia	Oeste Catarinense
2009	571,33	568,42	506,30	539,68	566,15	559,64
2010	596,21	584,97	519,91	562,96	610,81	583,06
2011	630,19	617,47	556,16	576,90	620,80	611,65
2012	668,47	646,61	583,33	605,02	637,49	642,08
2013	696,82	671,60	608,08	622,60	674,34	669,18
2014	736,94	694,47	630,95	644,73	698,46	698,11
2015	733,05	694,55	626,19	640,87	691,18	694,51
2016	753,65	715,76	640,57	658,50	708,44	713,74
2017	790,31	741,63	667,90	684,84	735,82	744,13
2018	817,47	765,62	684,32	705,12	738,97	765,56
<b>Variações</b>						
Acumulada	65,2%	52,9%	63,9%	64,5%	40,9%	57,3%
Média 2000-2018	2,8%	2,4%	2,8%	2,8%	1,9%	2,5%
Média 2000-2010	1,9%	1,6%	2,2%	2,8%	1,5%	1,8%
Média 2010-2018	4,0%	3,4%	3,5%	2,9%	2,4%	3,5%

Fonte: MTE (2019).

Durante o período da série em avaliação, as remunerações médias das Microrregiões de Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste tiveram crescimento superior ao crescimento das remunerações no Oeste. Destaca-se que na Microrregião de Chapecó, o crescimento das remunerações se acentuou no período de 2010 a 2018, mesmo com a queda de 0,5% em 2015. Apesar de não sofrerem perdas em razão da crise econômica como ocorreu nas demais microrregiões, no Estado e no País em geral, as remunerações médias de Concórdia e Joaçaba registraram crescimentos inferiores ao crescimento das remunerações médias no Oeste. A remuneração média de Concórdia cresceu menos que a média regional em todos os cortes temporais entre 2000 e 2018.

O Gráfico 12 apresenta a evolução das remunerações médias deflacionadas nas microrregiões do Oeste no período de 2000 a 2018.

Gráfico 12 – Remunerações médias nas microrregiões do Oeste Catarinense, deflacionadas pelo IPCA, base 2000 (R\$), 2000 a 2017



Fonte: elaborado com base em dados do MTE (2019).

Entre 2000 e 2018, comparativamente ao crescimento da remuneração média no Estado, a remuneração média no Oeste registrou crescimento menor somente no setor da Construção Civil, que foi 36,1% menor em comparação ao crescimento da remuneração do setor no Estado. Nos demais setores, o crescimento da remuneração foi superior, destacando-se a Agropecuária.

A partir de 2007 até 2018, a remuneração média na indústria do Oeste cresceu continuamente, mesmo durante o período da crise econômica. Com esse desempenho, a diferença para menos da remuneração média da região caiu de mais de 20% para 10,6%. Entre as microrregiões, a remuneração teve reduções em 2015 somente em Concórdia e Xanxerê, cujas respectivas quedas de 0,8% e 0,5% foram recuperadas no ano seguinte. Concórdia voltou a registrar redução de 1,7% em 2018. Ao longo do período da série, a remuneração média de Xanxerê foi a que registrou o maior avanço, com crescimento 29,2% superior ao crescimento da Mesorregião. Na ordem, as remunerações médias de Chapecó e São Miguel do Oeste tiveram crescimentos acima do crescimento da média regional do setor de 14,7% e 10,1%, respectivamente. Na Microrregião de Joaçaba, o crescimento ficou 0,8% acima. Por sua vez, na Microrregião de Concórdia, a remuneração média teve crescimento de 34,6% inferior à média, registrando o pior desempenho na remuneração do setor no Oeste.

A remuneração do setor da Construção Civil teve o menor crescimento entre as remunerações médias setoriais no Oeste, e, com esse desempenho, seu valor médio ficou 5,4% menor que a remuneração média no Estado. A Microrregião de Concórdia teve o pior desempenho do Oeste para a remuneração média nesse setor, crescendo apenas 0,4% ao longo do período da série. A queda da remuneração nessa Microrregião foi influenciada pela redução da remuneração do Município de Piratuba, cuja remuneração total em 2000 representava mais de 56% do montante das remunerações totais do setor no Oeste. Esse resultado influenciou o crescimento do Oeste, que resultou na menor taxa de crescimento no Estado, assim como a menor remuneração média entre as mesorregiões do Estado. Deve-se acrescentar que os estoques de empregados do setor nessa Microrregião tiveram queda de mais de 40% no período de 2000 a 2018. Nas demais microrregiões, a remuneração cresceu bem mais que a média do Oeste e, inclusive, acima da média do Estado.

Embora os estoques de empregados no setor de Comércio do Oeste tenham crescido menos que nas demais mesorregiões do Estado no período da série avaliada, a remuneração média desse setor teve o melhor desempenho entre as mesorregiões e cresceu 30,1% mais que a remuneração média do Estado. Por outro lado, apesar da redução da diferença entre a média estadual, a remuneração média do Oeste ainda está aproximadamente 5% menor. Nas Microrregiões de Concórdia, Joaçaba e Xanxerê, a remuneração cresceu menos que a remuneração média no Oeste, mas ainda cresceu mais que a média estadual. Com a crise econômica entre 2015 e 2016, em todas as microrregiões da região houve redução média de 1,5% da remuneração, mas essa perda foi recuperada e superada já em 2016. Dessa forma, entre 2010 e 2018, a remuneração média cresceu acima de 3% ao ano em todas as microrregiões.

A remuneração média do setor de Serviços no Oeste teve a mesma trajetória do setor de Comércio no período de 2000 a 2018. Seu crescimento foi 26,3% maior que o crescimento da remuneração média estadual, reduzindo a diferença, que era mais de 23% menor até 2012, para 17,9% menor em 2018. Essa condição está relacionada ao crescimento dos estoques de empregados do setor, cujo desempenho foi o segundo melhor entre as mesorregiões. Entre as microrregiões, a remuneração média de Joaçaba foi a que cresceu 25,3% menos que a remuneração média do Oeste. Em Xanxerê a remuneração também cresceu 8,4% menos, mas seu crescimento ainda foi superior ao crescimento da remuneração do setor no Estado.

A remuneração média da Agropecuária no Oeste no período da série cresceu 2,5 vezes mais que o crescimento da remuneração média do setor no Estado. Nesse setor, o valor da remuneração é cerca de 2% mais baixo que o valor da remuneração média no Estado. Na Microrregião de Concórdia a remuneração média caiu 41% de 2000 a 2005 e, mesmo com a recuperação a partir de 2006, acumula a redução de 4,2% em relação ao início da série. Da mesma forma, a remuneração média de São Miguel do Oeste reduziu 22,9% de 2000 a 2005, mas voltou a crescer a partir de 2006, acumulando aumento de 58,8% até 2018. Nas demais microrregiões, a remuneração média desse setor cresceu no período de 2000 a 2018 mais que o dobro do crescimento da média do Oeste.

## **CAPÍTULO 5**

# **SÍNTESE DOS INDICADORES DEMOGRÁFICOS E ECONÔMICOS DO OESTE CATARINENSE**

Neste Capítulo sintetizam-se as avaliações quanto à evolução dos indicadores da Mesorregião Oeste Catarinense apresentados nos Capítulos anteriores. Conste, portanto, na apreciação dos indicadores demográficos (Capítulo 2), agregados econômicos (Capítulo 3) e empregos e remunerações (Capítulo 4). Também são levantados alguns fatores que influenciaram tais indicadores, possibilitando inferir as possíveis tendências destes.

No tocante aos indicadores demográficos, o Oeste Catarinense apresenta crescimento da população muito inferior às taxas de crescimento no Estado. De 2000 a 2019, ou seja, em 19 anos, 61 dos 118 municípios da Mesorregião tiveram redução da população residente, e, entre eles, 59 municípios têm menos de 10 mil habitantes. Em 2010, o Oeste foi ultrapassado pelo Norte Catarinense, passando a ocupar a terceira posição em população, e as tendências apontam que em sete anos também poderá ser ultrapassado pela Grande Florianópolis.

O baixo crescimento demográfico do Oeste se deve, em parte, à queda da taxa de natalidade, cujo fenômeno também ocorre em todo o Estado e no País. Mas também está relacionado à emigração da região para outras regiões, principalmente para o litoral do Estado, cujo fenômeno é conhecido como “litoralização”. Essa população emigrante, geralmente nas faixas etárias até 39 anos, busca alternativas de emprego, serviços e lazer, pois sua oferta é menor na região.

Aos fenômenos de baixas taxas de natalidade e da litoralização, deve-se acrescentar o envelhecimento da população residente, apesar de esta ser menos acentuada na região, comparativamente à média estadual. As tendências apontam que a população residente do Oeste continuará a crescer menos que nas outras mesorregiões do Estado, sobretudo se a infraestrutura geral e a conjuntura econômica vigentes na região não se submeterem a mudanças significativas, que proporcionem atrativos de permanência da população. Paralelamente, com a mesma relevância da preocupação

para as áreas econômicas, deverão ser desenvolvidas e implementadas as áreas voltadas para o conjunto das atividades sociais, como saúde, esportes e lazer em geral.

Na área econômica, o PIB da Mesorregião Oeste registra desempenho inferior ao desempenho deste no Estado. Entre 2000 e 2017, o indicador cresceu no Oeste aproximadamente 29% menos que no Estado. Esse baixo desempenho está relacionado à queda de mais de 10% do PIB da região entre 2014 e 2015, em decorrência da crise econômica interna e externa naquele período. Todavia, de 2000 a 2013 o PIB do Oeste já crescia 12,6% menos que no Estado, mesmo que seu desempenho tenha ficado à frente do desempenho do PIB das Mesorregiões Sul e Serrana. Em 2000, o Oeste respondia por 20,1% do PIB estadual, caindo para 16,9% em 2017. Comparativamente com o desempenho das demais mesorregiões, caso se mantenham as taxas médias de 2000 a 2017, o Oeste poderá ser ultrapassado pela Grande Florianópolis em pouco mais de sete anos. Essa possibilidade se acentua ao se comparar a caracterização das atividades econômicas das duas Mesorregiões: na Grande Florianópolis vêm se concentrando atividades de serviços de média e alta complexidade, com maior adição de valor; no Oeste mantém-se a predominância de atividades de média e baixa complexidade, com possibilidades menores de adição de valor.

No período da série – 2000 a 2017 – o PIB per capita no Oeste Catarinense cresceu menos que a média estadual, apesar de superar o crescimento do indicador no Sul e Norte Catarinense. O desempenho do indicador no Oeste refletiu a desaceleração da economia a partir de 2013, mas apresenta pequena recuperação a partir de 2016.

No período entre 2000 e 2017, o Oeste Catarinense registrou o pior desempenho do VAB total entre as mesorregiões catarinenses, em decorrência de sua queda entre 2014 e 2016. Essa queda está relacionada ao baixo desempenho dos setores da Agropecuária e da Indústria, que foram diretamente atingidos pela crise econômica a partir de 2013. No Oeste, assim como no Planalto Serrano, a participação dos VAB setoriais está menos concentrada que nas demais mesorregiões do Estado.

A Agropecuária e a Indústria vêm perdendo participação em todas as mesorregiões, pois o VAB desses setores cresce menos que os demais setores, principalmente os serviços públicos e privados. No Oeste, a queda de participação da Agropecuária no VAB total é relevante, pois a Mesorregião reponde por mais de

40% do setor no Estado. O montante do setor vem oscilando ao longo do período da série histórica avaliada, cujo comportamento é principalmente influenciado por fatores climáticos e mercadológicos. Todavia, limitações ambientais também poderão influenciar em quedas do agregado ou, até mesmo, limitar a expansão das atividades do setor.

Entre 2000 e 2010, o VAB industrial do Oeste registrou o segundo pior desempenho entre as mesorregiões, ficando à frente apenas do desempenho registrado no Sul Catarinense, e entre 2010 e 2017, mesmo com a crise econômica, a Mesorregião alcançou o melhor desempenho no Estado. Contudo, a recuperação dos últimos sete anos não foi suficiente para mudar a posição, e a Mesorregião continuou em penúltimo lugar no desempenho do setor. A queda de participação do Oeste no VAB industrial de Santa Catarina se deve a fatores que impactaram o desempenho da cadeia agroalimentar, principalmente a partir de 2013, e à desindustrialização da economia, que no País é caracterizada como precoce (PARENTE, 2017; SOUZA, 2017).

Mas, além de fatores relacionados à cadeia agroalimentar, da crise econômica e da desindustrialização, o setor agroindustrial da região vem perdendo competitividade em razão da precariedade e insuficiência do sistema viário e logístico, o que está resultando em descontinuidade de atividades desse segmento e deslocamento de partes da produção deste para outros estados. Além de atenção às condições viárias da região, deve-se promover a diversificação da matriz industrial, buscando a inserção de novos segmentos industriais, preferivelmente com capacidade de maior adição de valor econômico aos produtos.

O VAB do setor de Serviços, tanto privados quanto públicos, cresceu 11,1% menos que o crescimento deste no Estado. Embora o VAB do setor de serviços privados tenha crescido no Oeste Catarinense no período de 2000 a 2010 com taxa superior à taxa média do Estado, o setor desacelerou no período de 2010 a 2017, principalmente em municípios com até 10 mil habitantes, em decorrência da crise econômica entre 2013 e 2014, com a queda de desempenho do comércio em geral. Apesar da desaceleração durante os últimos sete anos, a participação do setor no VAB total da região cresceu aproximadamente 23% entre 2000 e 2017, mas a participação do setor no respectivo montante estadual caiu 8%, sendo de 15% em 2017. Por sua vez, o VAB dos serviços públicos, cuja participação no VAB total passou de 10,9%, em 2000, para 14,8%, em 2017, registrou o maior crescimento relativo entre os

setores no Oeste. Mesmo assim seu crescimento foi o menor de Santa Catarina, apontando que o setor público do Oeste não avançou na geração de valor econômico na mesma proporção das demais mesorregiões do Estado.

A geração de impostos líquidos de subsídios sobre o valor dos produtos, cresceu 23% menos que no Estado, refletindo o desempenho da economia na região. Apesar de sua participação em relação ao montante de impostos gerado no Estado ter reduzido em 16,4%, aumentou sua proporção em relação ao VAB total no Oeste em 37,6%.

Paradoxalmente ao desempenho da economia, os estoques de empregados no período entre 2000 e 2018 cresceram no Oeste Catarinense mais que no Estado. Entre os setores, a Indústria, os Serviços e a Agropecuária da região cresceram relativamente mais que no Estado, enquanto o Comércio e a Construção Civil cresceram relativamente menos. Mas esse desempenho ficou concentrado nas Microrregiões de Chapecó e São Miguel do Oeste. A Microrregião de Chapecó tem a maior participação nos estoques de empregados na maioria dos setores e fica na terceira posição apenas na Agropecuária.

Assim como ocorreu com os estoques de empregados, as remunerações médias cresceram no Oeste mais que as no estado. E a diferença no desempenho se acentuou entre 2010 e 2018, apesar da queda em 2015, em razão da crise econômica entre 2014 e 2016. Todavia, os valores das remunerações médias no Oeste permanecem menores em comparação aos valores das remunerações médias no Estado: em 2002 essa diferença estava em mais de 23% e em 2018, ficou em 15%.

Em síntese, a economia do Oeste Catarinense cresce menos que a economia do Estado de Santa Catarina e a economia nacional. No período de 17 anos (de 2000 a 2017), o PIB do Oeste cresceu 29% menos que o PIB estadual e 5,2% menos que o PIB nacional. O VAB total do Oeste cresceu 19,9% menos que no Estado e 9,1% menos que no País. A mesma relação ocorreu nos quatro VAB setoriais, em que o Oeste registrou crescimentos menores que Santa Catarina e o País. Nesses agregados, na comparação do desempenho nacional e estadual, somente o VAB agropecuário registrou crescimento maior no País em comparação a Santa Catarina, enquanto os VAB dos demais setores registraram crescimentos menores.

Apesar da recuperação da economia entre 2016 e 2017, a recuperação no Oeste ainda ficou aquém da melhora no Estado. Situando esse quadro da economia

## **A mesorregião Oeste catarinense:**

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

---

no Oeste, seu desempenho ascendeu as preocupações de lideranças de diferentes setores e da sociedade em geral, sobretudo pelo fato de estar relacionado à perda de competitividade no complexo agroalimentar, em decorrência de problemas de infraestrutura e logística. Esses problemas têm provocado o deslocamento de atividades de processamento agroalimentar, inclusive com possibilidades de deslocamento de plantas desse segmento para outras regiões do País. Apesar da recuperação econômica nos anos de 2016 e 2017, deve-se manter a atenção para a incerteza quanto à estabilidade sociopolítica e econômica, interna e, sobretudo, externa, cujos efeitos podem comprometer o desempenho da economia.



## **CAPÍTULO 6**

### **INDICADORES EDUCACIONAIS**

Analizamos, a seguir, dados relativos à educação infantil e aos ensinos fundamental, médio e superior, com base nas seguintes fontes: Microdados do Censo Escolar da Educação Básica e do Censo da Educação Superior, ambos de responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2019); Observatório do Plano Nacional de Educação, vinculado ao Ministério da Educação (MEC); e Sistema de Informações Georreferenciais (GeoCapes), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2019).

Neste Capítulo apresentam-se os dados relativos ao período entre 2010 e 2018, contemplando o País, as regiões, o Estado de Santa Catarina (SC) e suas mesorregiões. Mas as análises se detêm aos dados da Mesorregião Oeste Catarinense e suas respectivas microrregiões.

#### **6.1 EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Segundo o Censo Escolar, no ano de 2018, foram registradas 48.455.867 matrículas nas 181,9 mil escolas de educação básica brasileiras, 1,3 milhão a menos em comparação ao ano de 2014, o que corresponde a uma redução de 2,6% em relação ao total de matrículas (INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2019b).

##### **6.1.1 Matrículas na educação infantil**

Em 2018, o País registrou mais de 8,7 milhões de matrículas nesse nível de ensino, 236,4 mil a mais em relação a 2017, correspondendo a um crescimento de 2,8%. No período entre 2014 e 2018, o número de matrículas na educação infantil cresceu 11,1%. O crescimento foi puxado pelo aumento de matrículas em creches,

que passaram de 3,4 para 3,6 milhões de um ano para outro, uma evolução de 5,38% (INEP, 2019b).

Quanto a essa fase da educação, iniciamos com a apresentação da evolução das matrículas na creche. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 29, lê-se: “A educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” E o artigo 30 da lei regula a sua oferta: “A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até 3 (três) anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.” (BRASIL, 1996).

Segundo o Plano Nacional de Educação 2014-2024 (BRASIL, 2014), até 2024, o Brasil precisa garantir que 50% da população de 0 a 3 anos esteja matriculada em creches. É o que estabelece a meta I do Plano:

Universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até o final da vigência deste PNE. (BRASIL, 2014).

Em 2018, o registro de matrículas em creches no Brasil foi de 3.587.292, representando crescimento de 55,5% entre os anos de 2011 e 2018 (INEP, 2019b). Dados do Observatório do Plano Nacional de Educação (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019), plataforma criada para acompanhar o cumprimento das metas, revelam que, em 2018, o atendimento escolar nessa etapa de ensino cobria apenas 35,6% da população de 0 a 3 anos de idade. Se a taxa de matrícula seguir crescendo na velocidade dos últimos anos, essa parcela chegará a 45,6% em 2024, portanto, ainda abaixo dos 50% almejados pelo PNE.

Há, portanto, um gargalo enorme a ser vencido nessa etapa da educação infantil. Para isso, é preciso que os municípios façam grande esforço, do ponto de vista de investimentos, para atender à demanda, sobretudo aquela oriunda de populações de baixa renda. Hoje, a participação do segmento público nas matrículas da educação infantil (creches e pré-escola) é de 74,3%. Mesmo assim, um terço das crianças de 0

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

a 3 anos oriundas de famílias de baixa renda está fora das creches por falta de vagas (IBGE, 2019).

Em Santa Catarina, entre 2011 e 2018, a taxa de crescimento de matrículas em creches foi de 47,6% (variação média de 5,7% ao ano). Já na Mesorregião Oeste Catarinense, foi de 54,4% (variação média de 6,4% ao ano) (INEP, 2019b), como mostra a Tabela 36.

Tabela 36 – Evolução das matrículas na creche (2011-2018)

	Região	Variação	
		2011-2018	Média anual
Regiões do Brasil	Brasil	55,48%	6,51%
	Centro-Oeste	59,51%	6,90%
	Nordeste	72,59%	8,11%
	Norte	84,36%	9,13%
	Sudeste	47,16%	5,67%
	Sul	51,42%	6,11%
	Santa Catarina	47,61%	5,72%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis	56,86%	6,64%
	Norte Catarinense	35,80%	4,47%
	<b>Oeste Catarinense</b>	<b>54,36%</b>	<b>6,40%</b>
	Serrana	39,08%	4,83%
	Sul Catarinense	46,06%	5,56%
	Vale do Itajaí	50,03%	5,97%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	54,65%	6,43%
	Concórdia	48,14%	5,77%
	Joaçaba	46,28%	5,58%
	São Miguel do Oeste	76,79%	8,48%
	Xanxerê	59,05%	6,85%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

O PNE 2014-2024 colocou em suas metas a universalização da educação para crianças de 4 e 5 anos de idade até 2024 (BRASIL, 2014). Em 2018, segundo dados do

Observatório do Plano Nacional de Educação (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019), 93,8% das crianças pertencentes a essa faixa etária, no País, frequentavam a pré-escola, portanto, muito próximo da meta.

Enquanto a evolução da taxa de matrículas na pré-escola, entre 2011 e 2018, foi de 10% no País (variação média de 1,3% ao ano), em Santa Catarina foi de 22,3% (2,9% ao ano). Na Mesorregião Oeste Catarinense, a variação foi de 11,4% (1,6% ao ano). Foi a menor taxa, se comparada às das demais mesorregiões, como mostra a Tabela 37 (INEP, 2019b).

Tabela 37 – Evolução das matrículas na pré-escola por região (2011-2018)

	Região	Variação	
		2011-2018	Média anual
	Brasil	9,82%	1,35%
	Santa Catarina	22,32%	2,92%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis	29,35%	3,75%
	Norte Catarinense	24,35%	3,16%
	<b>Oeste Catarinense</b>	<b>11,41%</b>	<b>1,56%</b>
	Serrana	13,94%	1,88%
	Sul Catarinense	22,42%	2,93%
	Vale do Itajaí	27,67%	3,55%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	21,22%
Concórdia		5,24%	0,73%
Joaçaba		10,59%	1,45%
São Miguel do Oeste		5,03%	0,70%
Xanxerê		1,23%	0,17%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

## 6.1.2 Matrículas no ensino fundamental

A taxa de escolarização de crianças e adolescentes em idade de frequentar o ensino fundamental (6 a 14 anos), no Brasil, atingiu, em 2018, 99,3%, muito próximo da universalização desse nível de ensino (IBGE, 2019). Em 2018, foram registradas

27,2 milhões de matrículas, 4,9% a menos do que o registrado em 2014. A redução foi maior no número de matrículas dos anos finais (5,9%) (INEP, 2019b). Uma das explicações para esse fenômeno se encontra na redução da população correspondente à faixa etária que frequenta esse nível de ensino, como vimos na análise dos dados demográficos.

O PNE 2014-2024 (BRASIL, 2014) prevê que, até 2022, 95% ou mais dos jovens de 16 anos deverão ter completado o ensino fundamental. Contudo, segundo dados do Observatório do Plano Nacional de Educação, até 2018, somente 75,8% desses jovens haviam alcançado a meta. Dos que não finalizaram a etapa, 23% estão fora das salas de aula, mesmo já tendo, em grande maioria, frequentado a escola em algum momento da vida (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2019) revelam haver, no Brasil, uma estagnação na evolução dos concluintes do ensino fundamental. De 2012 para 2018, as taxas de conclusão cresceram apenas 7%. Além disso, a etapa também teve uma queda no número absoluto de concluintes, em razão da redução da população na faixa etária dos 16 anos. Em 2018, foram 212.281 concluintes a menos do que em 2017, que, por sua vez, teve menos concluintes que no ano anterior, com uma redução de 64.058 (INEP, 2019b).

Nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), período no qual se dá o processo de alfabetização, o Censo Escolar de 2018 registrou 15.176.420 alunos matriculados (INEP, 2019b). Analisando-se, contudo, o comportamento histórico dessas matrículas, observa-se que, entre 2011 e 2018, há uma redução de 7,9%, representando uma variação negativa de 1,2% ao ano (INEP, 2019b).

Em SC, a redução foi de 2,3% (variação média de -0,3% ao ano); na Mesorregião Oeste Catarinense, foi maior ainda (-12,3%), indicando uma variação média anual de -1,9%. A Mesorregião tem a segunda menor taxa de matrícula nesse nível de ensino em SC, acima apenas da Mesorregião Serrana (-18,0%). Duas mesorregiões obtiveram evolução positiva das matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental no período considerado: a Grande Florianópolis (7,5%) e o Vale do Itajaí (6,2%) (INEP, 2019b), como mostra a Tabela 38.

Tabela 38 – Evolução das matrículas no ensino fundamental: anos iniciais (2011-2018)

	Região	Variação	
		2011-2018	Média anual
Regiões do Brasil	Brasil	-7,95%	-1,18%
	Centro-Oeste	-3,26%	-0,47%
	Nordeste	-13,38%	-2,03%
	Norte	-8,25%	-1,22%
	Sudeste	-4,79%	-0,70%
	Sul	-6,21%	-0,91%
Mesorregiões de Santa Catarina	Santa Catarina	-2,27%	-0,33%
	Grande Florianópolis	7,50%	1,04%
	Norte Catarinense	-3,18%	-0,46%
	Oeste Catarinense	-12,30%	-1,86%
	Serrana	-17,96%	-2,79%
	Sul Catarinense	-2,84%	-0,41%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Vale do Itajaí	6,21%	0,86%
	Chapecó	-7,78%	-1,15%
	Concórdia	-0,61%	-0,09%
	Joaçaba	-16,06%	-2,47%
	São Miguel do Oeste	-16,33%	-2,52%
	Xanxerê	-19,14%	-2,99%

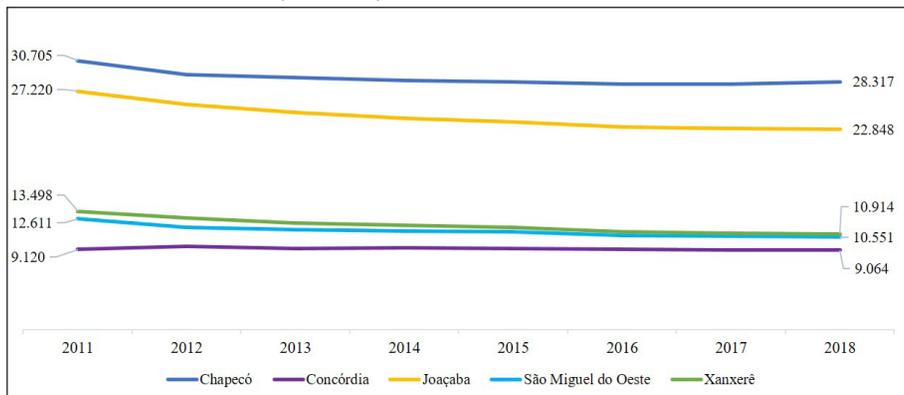
Fonte: elaborada com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

O Gráfico 13 apresenta a evolução das matrículas nos anos iniciais do ensino fundamental nas microrregiões da Mesorregião Oeste. Em todas elas, houve redução das taxas, com destaque para as Microrregiões de Xanxerê (-19,1%), São Miguel do Oeste (-16,3%) e Joaçaba (-16,0%) (INEP, 2019b).

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Gráfico 13 – Evolução do número de matrículas no ensino fundamental, anos iniciais, nas microrregiões do Oeste Catarinense (2011-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

Em 2018, o número de matrículas nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), no Brasil, foi de 12.007.550 alunos (INEP, 2019b). A queda na taxa dessas matrículas vem se acentuando nos últimos anos. Entre 2011 e 2018, a redução foi de 14,25% (variação média anual de -2,2%). Em SC, foi de -0,7% (variação média anual de -0,1%); na Mesorregião Oeste Catarinense, -8,8% (variação média anual de -1,3%) (INEP, 2019b). Apenas duas mesorregiões tiveram taxas de crescimento positivas nos anos finais do ensino fundamental no período analisado: Vale do Itajaí (5,2%) e Grande Florianópolis (4,8%), como mostra a Tabela 39.

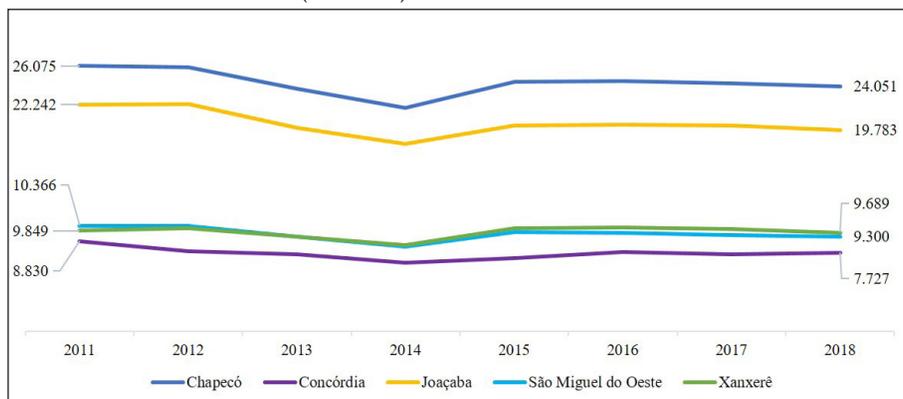
Tabela 39 – Matrículas no ensino fundamental: anos finais, no Brasil e por região (2011-2018)

	Região	Variação	
		2011-2018	Média anual
Regiões do Brasil	Brasil	-14,25%	-2,17%
	Centro-Oeste	-7,13%	-1,05%
	Nordeste	-14,46%	-2,21%
	Norte	-3,95%	-0,57%
	Sudeste	-18,03%	-2,80%
	Sul	-13,85%	-2,11%
Mesorregiões de Santa Catarina	Santa Catarina	-0,77%	-0,11%
	Grande Florianópolis	4,78%	0,67%
	Norte Catarinense	-3,05%	-0,44%
	Oeste Catarinense	-8,81%	-1,31%
	Serrana	-5,37%	-0,78%
	Sul Catarinense	0,03%	0,00%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Vale do Itajaí	5,21%	0,73%
	Chapecó	-7,76%	-1,15%
	Concórdia	-12,49%	-1,89%
	Joaçaba	-11,06%	-1,66%
	São Miguel do Oeste	-10,28%	-1,54%
Xanxerê	-1,62%	-0,23%	

Fonte: elaborada com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

O Gráfico 14 apresenta a evolução das matrículas nos anos finais do ensino fundamental nas microrregiões. Entre 2001 e 2018, houve redução de 6.812 matrículas. As maiores reduções foram constatadas nas Microrregiões de Concórdia (-12,5%), São Miguel do Oeste (-10,3%) e Joaçaba (-11%) (INEP, 2019b).

Gráfico 14 – Evolução do número de matrículas nos anos finais do ensino fundamental nas microrregiões do Oeste catarinense (2011-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

Sabe-se que a redução nas taxas de matrículas do ensino fundamental está atrelada à redução populacional constatada na faixa etária de frequentar esse nível de ensino (6 a 14 anos). Somam-se a esse fenômeno outros problemas a serem superados, como a repetência e a evasão.

### 6.1.3 Matrículas na educação de jovens e adultos – ensino fundamental

A evolução da taxa de matrícula na Educação de Jovens e Adultos (EJA) do ensino fundamental entre 2014 e 2018, no Brasil, foi negativa (-10,1%) (INEP, 2019b). Em SC, ficou praticamente estável (-0,2%); já na Mesorregião Oeste Catarinense foi positiva (16%), com variação média anual de 3,8%, a maior taxa de matrícula nessa modalidade de ensino entre as mesorregiões, puxada pelas Microrregiões de Xanxerê (48,5%), Concórdia (29,2%) e Joaçaba (14,5%) (INEP, 2019b), como mostra a Tabela 40.

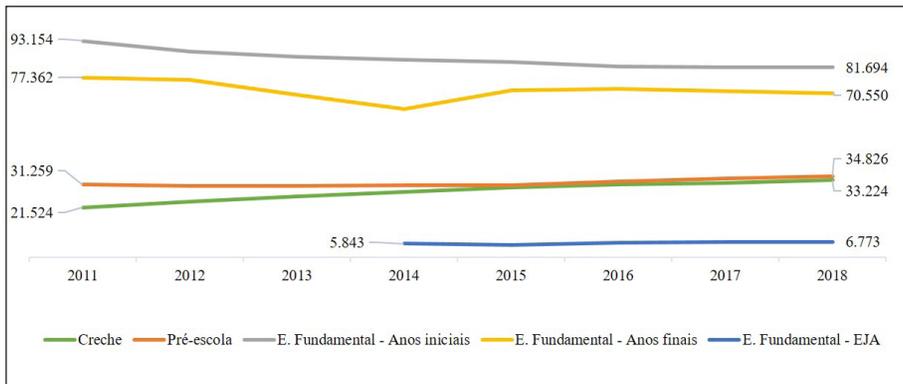
Tabela 40 – Matrículas na EJA, ensino fundamental, por região (2014-2018)

Região	2014	2015	2016	2017	2018	Variação		
						2014-2018	Média anual	
Brasil	2.344.484	2.182.611	2.105.535	2.172.904	2.108.155	-10,08%	-2,62%	
Regiões do Brasil	Centro-O-este	133.643	123.448	119.783	126.507	121.018	-9,45%	-2,45%
	Nordeste	1.090.024	1.001.737	955.469	1.026.898	1.014.763	-6,90%	-1,77%
	Norte	334.038	310.484	277.345	280.502	260.899	-21,90%	-5,99%
	Sudeste	567.377	537.260	538.225	509.746	485.953	-14,35%	-3,80%
	Sul	219.402	209.682	214.713	229.251	225.522	2,79%	0,69%
	Santa Catarina	32.901	30.683	31.884	33.631	32.829	-0,22%	-0,05%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis	4.830	4.550	4.933	5.285	5.438	12,59%	3,01%
	Norte Catarinense	7.133	6.620	6.161	5.455	5.340	-25,14%	-6,98%
	<b>Oeste Catarinense</b>	5.843	5.360	6.208	6.698	6.773	<b>15,92%</b>	<b>3,76%</b>
	Serrana	2.145	2.207	2.522	2.645	2.419	12,77%	3,05%
	Sul Catarinense	4.957	4.508	4.695	5.192	5.014	1,15%	0,29%
	Vale do Itajaí	7.993	7.438	7.365	8.356	7.845	-1,85%	-0,47%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	1.866	1.683	1.710	1.726	1.984	6,32%
Concórdia		701	544	816	867	906	29,24%	6,62%
Joaçaba		2.029	1.958	2.353	2.738	2.324	14,54%	3,45%
São Miguel do Oeste		571	503	613	647	555	-2,80%	-0,71%
Xanxerê		676	672	716	720	1.004	48,52%	10,39%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

O Gráfico 15 apresenta uma visão geral da evolução das matrículas no ensino fundamental, em todas as suas etapas, na Mesorregião Oeste Catarinense. Como se observa, houve crescimento apenas nos níveis de creche e pré-escola e no âmbito da EJA. Nos demais, há decréscimo acentuado de matrículas.

Gráfico 15 – Evolução do número de matrículas em creches, pré-escola e ensino fundamental – Mesorregião Oeste Catarinense (2011-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

### 6.1.4 Índice de desenvolvimento da educação básica – ensino fundamental

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado pelo Inep, em 2007 (BRASIL, 2007), com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino fundamental e médio (INEP, 2007). É calculado com base em dois componentes: taxa de rendimento escolar (aprovação) e médias de desempenho nos exames aplicados. Os índices de aprovação são obtidos do Censo Escolar, realizado anualmente. Já as médias de desempenho utilizadas advêm da Prova Brasil, aplicada nas escolas públicas dos municípios brasileiros, e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), em nível de estados e País, realizados a cada dois anos. A meta estabelecida pelo Inep a ser alcançada pelo País para o ano de 2022 é de 6 pontos, numa escala de 0 a 10, média que corresponde a um sistema educacional comparável ao de países desenvolvidos.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, a meta estabelecida para 2017 (último resultado verificado) era de 5,5 pontos, e o verificado foi de 5,8 pontos, portanto, pouco acima da meta. Em SC, a meta foi estabelecida em 6,0 pontos, e o verificado foi 6,5 pontos. A Mesorregião Oeste Catarinense obteve nota 6,49, acima, portanto, da nota do Estado de Santa Catarina (INEP, 2017), como mostra a Tabela 41.

Tabela 41 – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, anos iniciais (2011-2017)

	Região	2011	2013	2015	2017	Variação 2011-2017
	Brasil	4,83	5,05	5,37	5,61	16,06%
	Santa Catarina	5,65	5,83	6,13	6,26	10,83%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	5,70	5,88	6,19	6,30	10,62%
	Norte Catarinense (SC)	5,62	5,80	6,09	6,35	13,03%
	Oeste Catarinense (SC)	5,79	5,96	6,35	6,49	12,18%
	Serrana (SC)	4,98	5,31	5,54	5,61	12,52%
	Sul Catarinense (SC)	5,64	5,71	5,99	6,11	8,44%
	Vale do Itajaí (SC)	5,75	5,95	6,16	6,25	8,66%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	5,77	5,92	6,32	6,50	12,76%
	Concórdia	6,23	6,26	6,75	6,79	8,90%
	Joaçaba	5,60	5,76	6,28	6,38	13,90%
	São Miguel do Oeste	6,12	6,28	6,52	6,65	8,72%
	Xanxerê	5,49	5,74	6,01	6,25	13,78%

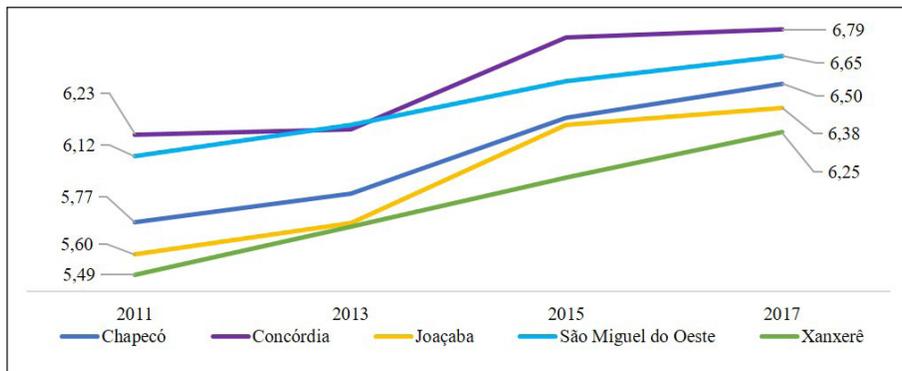
Fonte: elaborada com base em dados do IDEB (INEP, 2017).

O Gráfico 16 apresenta a evolução da nota do IDEB do ensino fundamental, anos iniciais, nas microrregiões do Oeste Catarinense entre 2011 e 2017. De modo geral, as microrregiões apresentaram desempenho acima do verificado no Estado, com destaque para as Microrregiões de Concórdia (6,79), São Miguel do Oeste (6,65) e Chapecó (6,50) (INEP, 2017).

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Gráfico 16 – Evolução da nota do IDEB, ensino fundamental, anos iniciais, nas microrregiões do Oeste Catarinense



Fonte: elaborado com base em dados do IDEB (INEP, 2017).

Os municípios com as melhores médias no IDEB, anos iniciais, são Luzerna (7,7), Santiago do Sul (7,6), São João do Oeste (7,5), Peritiba (7,4) e Marema (7,0). Já os municípios com desempenho menor foram: Calmon (4,8), Caxambu do Sul (5,5), Entre Rios (5,65), Belmonte (5,7) e Irani (5,97) (INEP, 2017).

Já nos anos finais do ensino fundamental, a meta estabelecida pelo PNE para 2017, em nível de País, era de 5 pontos, e o verificado foi de 4,7, portanto, abaixo da meta. SC alcançou, no mesmo ano, 4,94 pontos, pouco acima do resultado alcançado em nível nacional. Já a Mesorregião Oeste Catarinense obteve 5,09 pontos, igualmente acima do resultado nacional (INEP, 2017), como mostra a Tabela 42.

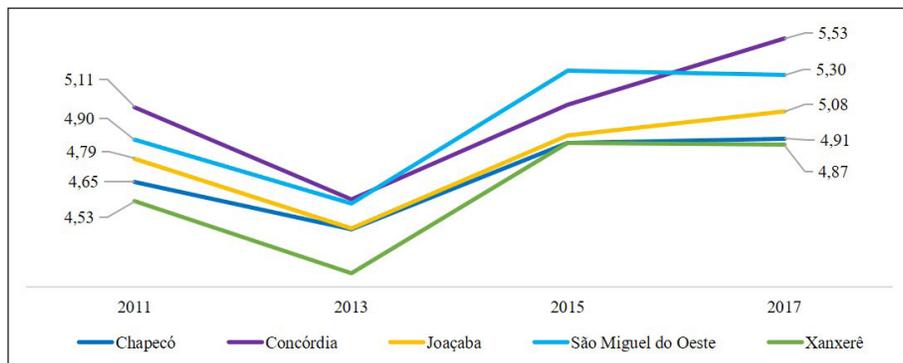
Tabela 42 – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, anos finais (2011-2017)

Região	2011	2013	2015	2017	Variação 2011-2017	
Brasil	3,90	4,02	4,20	4,37	12,10%	
Santa Catarina	4,66	4,23	4,86	4,94	6,05%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	4,65	4,05	4,73	4,93	6,08%
	Norte Catarinense (SC)	4,70	4,36	4,89	5,00	6,55%
	Oeste Catarinense (SC)	4,77	4,36	5,00	5,09	6,73%
	Serrana (SC)	4,28	3,72	4,34	4,43	3,60%
	Sul Catarinense (SC)	4,56	4,10	4,83	4,83	5,96%
	Vale do Itajaí (SC)	4,71	4,33	4,92	4,99	6,09%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	4,65	4,35	4,88	4,91
Concórdia		5,11	4,54	5,12	5,53	8,27%
Joaçaba		4,79	4,36	4,93	5,08	6,01%
São Miguel do Oeste		4,90	4,51	5,33	5,30	8,15%
Xanxerê		4,53	4,08	4,89	4,87	7,68%

Fonte: elaborada com base em dados do IDEB (INEP, 2017).

O Gráfico 17 apresenta a evolução da nota do IDEB do ensino fundamental, anos finais, das microrregiões do Oeste Catarinense.

Gráfico 17 – Evolução da nota do IDEB do ensino fundamental, anos finais, nas microrregiões do Oeste Catarinense



Fonte: elaborado com base em dados do IDEB (INEP, 2017).

As cidades de Alto Bela Vista (6,4), Salto Veloso (6,2) e Santa Helena (6,1) destacaram-se na edição do IDEB de 2017. Já as cidades de Guatambu (3,8), Calmon (3,6) e Ponte Serrada (4,2) tiveram os piores desempenhos.

### **6.1.5 Matrículas no ensino médio**

Nos últimos anos, as matrículas no ensino médio seguem tendência de baixa. Em 2011, foram registradas no País 8.401.826 matrículas; em 2018, o registro foi de 7.709.929, portanto, uma redução de 691.897 matrículas (8,2%) (INEP, 2019b). A meta estabelecida pelo PNE 2014-2024 foi a de alcançar 100% do atendimento escolar para adolescentes entre 15 e 17 anos e elevar, até 2024, a taxa líquida de matrículas dessa faixa etária no ensino médio para 85% (BRASIL, 2014). Em 2019, segundo dados do Observatório do PNE, a taxa líquida estava em 68,7% (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2019).

Em 2018, no Brasil, 47,4% das pessoas de 25 anos ou mais haviam completado, pelo menos, a educação básica obrigatória. Ou seja, 52,6% não chegaram a concluir o ensino médio, o equivalente a 70,3 milhões de pessoas (IBGE, 2019). “Completar a educação básica significa concluir o ensino médio ou frequentar ou ter frequentado o ensino superior ou a pós-graduação.” (IBGE, 2019).

Em Santa Catarina a redução das matrículas no ensino médio, entre 2011 e 2018, foi de 3,3% (variação média de -0,5% ao ano); na Mesorregião Oeste a redução foi maior (-12,9%). As únicas mesorregiões com taxas de matrículas positivas no ensino médio foram a Grande Florianópolis (2,7%) e o Vale do Itajaí (2,7%) (INEP, 2019b), como mostra a Tabela 43.

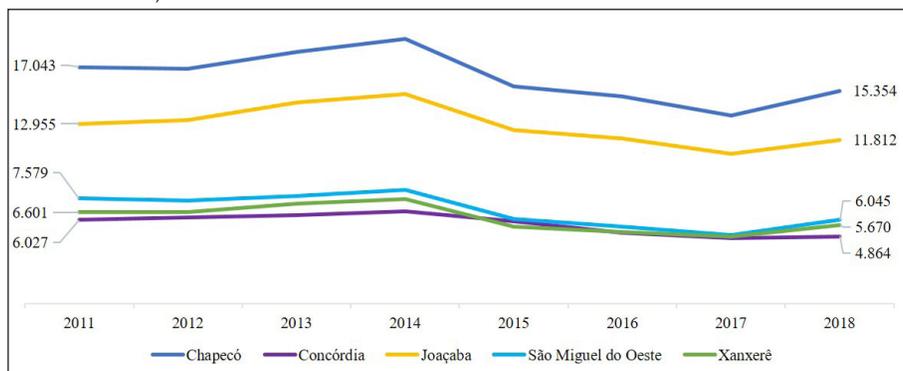
Tabela 43 – Evolução das matrículas no ensino médio por região (2011-2018)

	Região	Variação	
		2011-2018	Média anual
Regiões do Brasil	Brasil	-8,24%	-1,22%
	Centro-Oeste	-6,77%	-1,00%
	Nordeste	-9,07%	-1,35%
	Norte	3,86%	0,54%
	Sudeste	-9,44%	-1,41%
	Sul	-11,62%	-1,75%
Mesorregiões de Santa Catarina	Santa Catarina	-3,29%	-0,48%
	Grande Florianópolis	2,69%	0,38%
	Norte Catarinense	-0,18%	-0,03%
	Oeste Catarinense	-12,87%	-1,95%
	Serrana	-4,79%	-0,70%
	Sul Catarinense	-9,54%	-1,42%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Vale do Itajaí	2,73%	0,38%
	Chapecó	-9,91%	-1,48%
	Concórdia	-19,30%	-3,02%
	Joaçaba	-8,82%	-1,31%
	São Miguel do Oeste	-20,24%	-3,18%
	Xanxerê	-14,10%	-2,15%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

Na Mesorregião Oeste Catarinense, a redução na taxa das matrículas do ensino médio vem se acentuando ano a ano, notando-se pequena reação a partir de 2017, como mostra o Gráfico. Em 2011, os municípios da região registraram 50.205 matrículas; em 2018, caiu para 43.745, uma redução de 6.460 matrículas. No período 2011-2018, a redução maior recai sobre as microrregiões de São Miguel do Oeste (-20,2%), Concórdia (-19,3%) e Xanxerê (-14,1%) (INEP, 2019b).

Gráfico 18 – Evolução das matrículas no ensino médio nas microrregiões do Oeste Catarinense (2011-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

### 6.1.6 Matrículas na educação profissional média

Segundo o Censo Escolar de 2018, o Brasil contava com 1.903.230 alunos matriculados na educação profissional média. Entre 2011 e 2018, o crescimento da matrícula nessa modalidade de ensino foi de 27,8% (variação média anual de 3,6%), influenciado, sobretudo, pelas matrículas do ensino técnico subsequente, da educação profissional integrada e da educação profissional concomitante ao ensino médio, que apresentaram crescimento de 2,3%, 5,5% e 8,0%, respectivamente (INEP, 2019b).

A meta estabelecida pelo PNE 2014-2024 (BRASIL, 2014) para a educação profissional é a de triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, cabendo ao setor público participar com 50% do total dessa expansão. Contraditoriamente, as matrículas estão concentradas nas instituições privadas de ensino (40,3%), seguidas pelas instituições estaduais (38,8), federais (19,4%) e municipais (1,5%). Para ser alcançada a meta até 2024, seria necessária a criação de 430 mil novas matrículas em média, a cada ano. Portanto, há ainda muito espaço para crescer.

Em Santa Catarina, o crescimento da matrícula na educação profissional média, no período entre 2011 e 2018, foi de 17,8% (variação média de 2,4% ao ano). Contudo, esse crescimento está longe de ser homogêneo: enquanto a Mesorregião Oeste Catarinense sofreu variação negativa de 4,4%, a Mesorregião da Grande Florianópolis, no sentido contrário, cresceu 212,8% (INEP, 2019b), como mostra a Tabela 44.

Tabela 44 – Matrículas no ensino médio técnico por região (2011-2018)

	Região	Variação	
		2011-2018	Média anual
	Brasil	27,85%	3,57%
Regiões do Brasil	Centro-Oeste	47,09%	5,67%
	Nordeste	123,75%	12,19%
	Norte	93,76%	9,91%
	Sudeste	4,69%	0,66%
	Sul	17,99%	2,39%
	Santa Catarina	17,78%	2,36%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis	212,85%	17,70%
	Norte Catarinense	-2,65%	-0,38%
	Oeste Catarinense	-4,36%	-0,64%
	Serrana	42,92%	5,23%
	Sul Catarinense	-30,11%	-4,99%
	Vale do Itajaí	9,24%	1,27%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	15,14%	2,03%
	Concórdia	-52,56%	-10,11%
	Joaçaba	-6,23%	-0,91%
	São Miguel do Oeste	-9,12%	-1,36%
	Xanxerê	30,32%	3,86%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b)

### 6.1.7 Matrículas na EJA de nível médio

Conforme dados do Censo Escolar de 2018, o número de matrículas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) de nível médio, no Brasil, apresentou crescimento de 9,8% no período entre 2014 e 2018. Em 2018, o total de matrículas nessa modalidade de ensino foi de 3,5 milhões (INEP, 2019b).

O crescimento, contudo, não se verifica no Estado de SC, onde houve, no mesmo período, decréscimo de 5,9%, assim como na Mesorregião Oeste (-2,9%). A

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

redução aconteceu em todas as mesorregiões, com exceção da Grande Florianópolis, cujo crescimento foi de 20,4%.

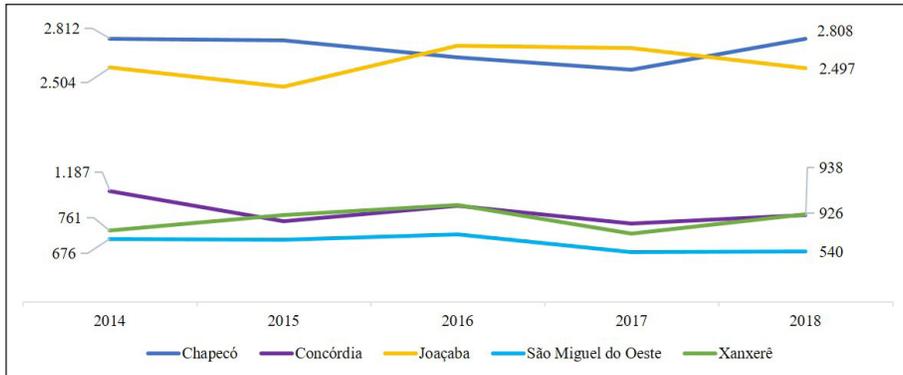
Tabela 45 – Matrículas na EJA, ensino médio, Brasil, Santa Catarina e Mesorregiões (2014-2015)

Região	2014	2015	2016	2017	2018	Variação		
						2014-2018	Média anual	
Brasil	1.309.046	1.309.258	1.376.639	1.425.812	1.437.833	9,84%	2,37%	
Santa Catarina	43.192	41.870	41.520	42.515	40.633	-5,92%	-1,52%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis	5.218	5.490	5.449	6.785	6.285	20,45%	4,76%
	Norte Catarinense	9.604	8.586	8.671	9.039	8.684	-9,58%	-2,49%
	Oeste Catarinense	7.940	7.546	8.142	7.288	7.709	-2,91%	-0,74%
	Serrana	2.646	2.874	2.317	2.427	2.213	-16,36%	-4,37%
	Sul Catarinense	6.450	6.326	5.886	5.525	5.021	-22,16%	-6,07%
	Vale do Itajaí	11.334	11.048	11.055	11.451	10.721	-5,41%	-1,38%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	2.812	2.795	2.616	2.481	2.808	-0,14%	-0,04%
	Concórdia	1.187	860	1.029	837	926	-21,99%	-6,02%
	Joaçaba	2.504	2.297	2.740	2.710	2.497	-0,28%	-0,07%
	São Miguel do Oeste	676	665	719	533	540	-20,12%	-5,46%
	Xanxerê	761	929	1.038	727	938	23,26%	5,37%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

O Gráfico 19 apresenta a evolução das matrículas na EJA de ensino médio nas microrregiões do Oeste Catarinense. Com exceção da Microrregião de Xanxerê, onde houve crescimento de 23,3%, nas demais, as matrículas decresceram, sobretudo nas Microrregiões de Concórdia (-22%) e de São Miguel do Oeste (-20,1%) (INEP, 2019b).

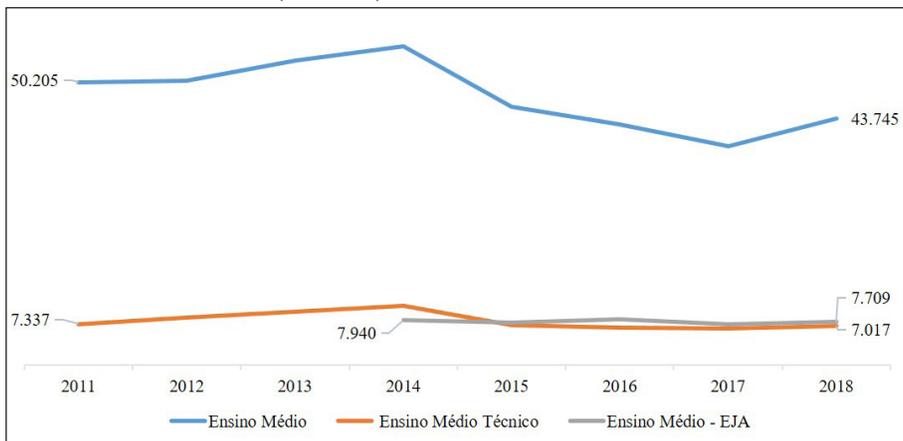
Gráfico 19 – Evolução do número de matrículas no ensino médio, EJA, nas microrregiões do Oeste Catarinense (2014-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

Na Mesorregião Oeste Catarinense houve redução da taxa de matrículas em todas as modalidades de ensino médio (ensino médio convencional, ensino médio técnico e ensino médio EJA), como mostra o Gráfico. Contudo, a redução foi maior nas matrículas do ensino médio convencional, portanto, com impacto maior sobre a educação superior, como veremos mais adiante.

Gráfico 20 – Evolução do número de matrículas no ensino médio e suas modalidades na Mesorregião Oeste Catarinense (2011-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo Escolar (INEP, 2019b).

De um modo geral, observa-se que as matrículas no ensino médio, após anos de estagnação e ou declínio, retomam o crescimento a partir de 2017. Infere-se que esse crescimento já seja reflexo da Emenda Constitucional n. 59 (BRASIL, 2009), cujo texto ampliou a obrigatoriedade dos anos de escolaridade de 14 para 17 anos. Ou seja, a partir de 2016, a educação básica (fundamental e média) passou a ser obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade.

De outro lado, tem-se a meta estabelecida pelo PNE (BRASIL, 2014) que é a de alcançar 100% do atendimento escolar para adolescentes entre 15 e 17 anos e elevar, até 2024, a taxa líquida de matrículas dessa faixa etária no ensino médio para 85%. Com base em dados da Pnad Contínua (IBGE, 2019), a cobertura escolar nesse nível de ensino, em 2017, era de 91,3%, o que significa que 900 mil adolescentes estão fora da escola. A taxa líquida de matrículas nessa faixa etária era de 70%, em 2017. Ou seja, os próximos anos serão desafiadores para a educação básica, em particular o ensino médio, no qual há ainda muito espaço para crescer.

## 6.2 EDUCAÇÃO SUPERIOR

Os dados apresentados e analisados a seguir foram extraídos do Censo da Educação Superior, publicado todos os anos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Os indicadores selecionados para a análise foram a evolução do número de Instituições de Ensino Superior (IES), de cursos e vagas, a evolução da taxa de ingressantes, de matrículas e de concluintes e a evolução da taxa de evasão. Os dados contemplaram o universo das IES brasileiras, por categoria administrativa, por organização acadêmica, por grau acadêmico do curso e por modalidade de ensino. O horizonte temporal da análise considerou o período de 2010 a 2018.

### 6.2.1 A rede de educação superior brasileira: evolução do número de IES

O Censo da Educação Superior de 2018 registrou 2.537 IES atuando no País, entre as quais 299 públicas e 2.238 privadas. Por categoria administrativa, são 199

universidades, 230 centros universitários, 40 institutos federais e 2.068 faculdades. O segmento privado de educação superior detém 88,2% de participação, restando 11,8% para as IES públicas. Entre as 299 IES públicas, 128 são estaduais (42,8%), 110 são federais (36,8%) e 61 são municipais (20,4%) (INEP, 2019a).

Santa Catarina contava, em 2018, com 144 IES, das quais 59 localizadas na Mesorregião Oeste Catarinense. Entre 2010 e 2018, foram criadas 24 novas IES na Mesorregião, representando um aumento de 68,6% (INEP, 2019a), acima do observado nas demais mesorregiões do Estado, como revela a Tabela 46. O crescimento se explica pela instalação de inúmeras IES privadas na Mesorregião com a finalidade de atuar na graduação a distância, como se verá mais à frente.

Tabela 46 – Evolução do número de IES atuando no Brasil, Santa Catarina e Mesorregiões

Região	2010	2018	Variação		
			2010-2018	Média anual	
Brasil	2.377	2.537	6,73%	0,82%	
Santa Catarina	113	144	27,43%	3,08%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	45	59	31,11%	3,44%
	Norte Catarinense (SC)	38	58	52,63%	5,43%
	Oeste Catarinense (SC)	35	59	68,57%	6,75%
	Serrana (SC)	17	26	52,94%	5,45%
	Sul Catarinense (SC)	21	34	61,90%	6,21%
	Vale do Itajaí (SC)	39	55	41,03%	4,39%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	19	38	100,00%
Concórdia		9	17	88,89%	8,27%
Joaçaba		15	24	60,00%	6,05%
São Miguel do Oeste		9	19	111,11%	9,79%
Xanxerê		9	15	66,67%	6,59%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Na Mesorregião Oeste, o ensino superior se faz presente predominantemente pelo setor privado de educação superior, com 91,5% de participação em relação ao setor público (8,5%). As IES públicas são representadas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), com cursos em oito cidades, pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), instalada em Chapecó, pela Universidade Federal de Santa

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Catarina (UFSC), atuando em algumas cidades da região por meio da modalidade de ensino a distância, e pelos Institutos Federais, presentes em várias cidades.

O setor privado de IES sem fins lucrativos, representado pelo segmento comunitário de educação superior, foi pioneiro no ensino superior, instalando-se na Mesorregião Oeste Catarinense no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Constituíram-se juridicamente na forma de fundações criadas pelo poder público municipal, com o apoio de entidades da sociedade civil e de lideranças locais e com investimento inicial aportado pelo poder público do Estado, por meio do Programa Fundo de Amparo Social (FAS), para esse fim constituído no Governo de Antônio Carlos Konder Reis.-

Três entre as fundações educacionais de ensino superior presentes na Mesorregião (Fundação Universitária do Oeste Catarinense – FUOC – Funda o de Ensino do Desenvolvimento do Oeste – Fundeste – e Funda o Educacional e Empresarial Alto Vale do Rio do Peixe – Femarp) deram origem   primeira universidade, a Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), instalada em 1991 e reconhecida pelo MEC em 1996. As demais IES são pertencentes ao segmento privado de ensino superior. Instalaram-se na Mesorregião, principalmente, a partir dos anos 2000, a maioria delas para atuar na modalidade de ensino a distância.

A Tabela 47 apresenta o número de IES presentes na Mesorregião Oeste Catarinense, em 2018, por organiza o acadêmica e categoria administrativa.

Tabela 47 – Número de IES na Mesorregião Oeste Catarinense por organiza o acadêmica e por categoria administrativa (2018)

<b>Número de IES na Mesorregião Oeste Catarinense em 2018</b>	<b>Privada com fins lucrativos</b>	<b>Privada sem fins lucrativos</b>	<b>Pública Estadual</b>	<b>Pública Federal</b>	<b>TOTAL</b>
Centro Universitário	8	6	0	0	14
Faculdade	11	8	0	0	19
Instituto Federal de Educa�o, Ciência e Tecnologia	0	0	0	2	2
Universidade	10	11	1	2	24
<b>TOTAL</b>	<b>29</b>	<b>25</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>59</b>

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educa o Superior (INEP, 2019a).

## 6.2.2 Oferta de cursos de graduação

A oferta de cursos de graduação tem crescido exponencialmente nos últimos anos, sobretudo de cursos ofertados na modalidade a distância. No Brasil, entre 2010 e 2018, o crescimento foi de 262,1%, representando variação média de 17,45% ao ano (INEP, 2019a). Em SC, a evolução foi maior ainda, 297,5%. Na Mesorregião Oeste Catarinense, foi de 288,9%, abaixo apenas da Mesorregião Vale do Itajaí (421,6%) (INEP, 2019a), conforme Tabela 48.

Tabela 48 – Evolução da oferta de cursos por região (2010-2018)

	Região	Variação	
		2010-2018	Média anual
	Brasil	262,11%	17,45%
	Santa Catarina	297,46%	18,83%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	271,15%	17,81%
	Norte Catarinense (SC)	286,21%	18,40%
	Oeste Catarinense (SC)	288,92%	18,50%
	Serrana (SC)	262,23%	17,46%
	Sul Catarinense (SC)	208,03%	15,10%
	Vale do Itajaí (SC)	421,64%	22,93%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	286,55%
Concórdia		260,29%	17,38%
Joaçaba		292,78%	18,65%
São Miguel do Oeste		269,15%	17,73%
Xanxerê		331,76%	20,06%

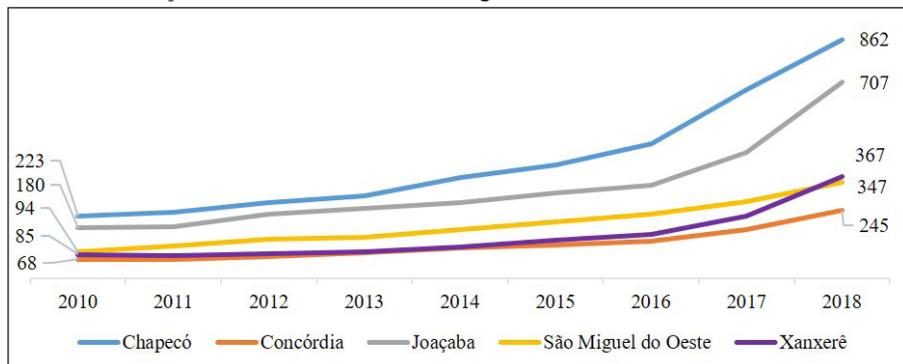
Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Em 2010, a Mesorregião contava com 650 cursos de graduação, passando, em 2018, para 2.528, representando crescimento de 289%, ou seja, 18,5% ao ano. Está associado ao fenômeno da instalação, em grande número, de IES na região, sobretudo a partir do ano de 2014, puxado por IES do segmento privado “sem fins lucrativos” (INEP, 2019a).

O crescimento maior ocorreu nas Microrregiões de Xanxerê, Joaçaba e Chapecó. Xanxerê pulou de 85 cursos, em 2010, para 367, em 2018 (331%); Joaçaba,

de 180 para 707 (292,7%) e Chapecó, de 223 para 862 (286,6%), como mostra o Gráfico 21.

Gráfico 21 – Evolução da oferta de cursos nas microrregiões do Oeste Catarinense



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

### 6.2.3 Oferta de cursos de graduação, por modalidade de oferta

A oferta de cursos de graduação na modalidade a distância (EaD) está prevista na LDB, em seu artigo 80 (BRASIL, 1996). Foi regulamentada pelo Decreto n. 9.057/2017 (BRASIL, 2017). De acordo com o Censo da Educação Superior de 2018, há no País 165.027 cursos superiores ofertados na modalidade a distância (82,5% da oferta total), contra 35.034 ofertados pela modalidade presencial (INEP, 2019a).

Entre 2010 e 2018, a evolução da oferta de cursos foi de 521% (variação média de 25,6% ao ano), representando 40% de todos os ingressos no ensino superior; em 2010, sua participação era de apenas 17%. Por sua vez, os cursos de graduação presenciais registraram, no mesmo período, crescimento de 22,2% (variação média de 2,5% ao ano) (INEP, 2019a).

A representação da EaD é alta em razão da ampliação de polos EaD pelo País afora. Tenderá a crescer ainda mais com a nova regulamentação para o setor, já em vigor. A previsão é de que, em 2023, teremos cerca da metade da população universitária brasileira na educação a distância.

Em Santa Catarina, os cursos superiores disponibilizados pela modalidade a distância representam 86,6% do total da oferta. Entre 2010 e 2018, a variação

foi de 563,8% (26,7% ao ano), totalizando 9.758 cursos. Na Mesorregião Oeste Catarinense, foi de 544,4%, no mesmo período (variação média de 26,2% ao ano) (INEP, 2019a). Em 2018, eram 2.223 cursos disponibilizados nos polos da região. A Mesorregião tem a terceira maior evolução entre as mesorregiões do Estado, perdendo apenas para as Mesorregiões da Grande Florianópolis e Vale do Itajaí, como mostra a Tabela. Já nos cursos presenciais, observa-se nítida estagnação da oferta. Entre 2010 e 2018, a variação foi zero (305 cursos).

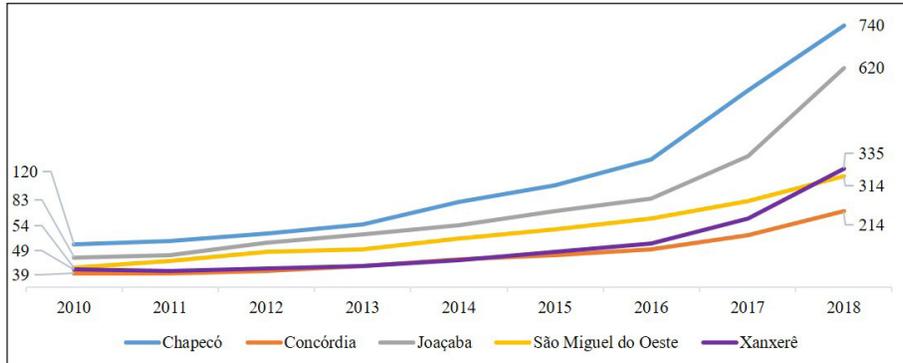
Tabela 49 – Oferta de cursos por modalidade, no Brasil, em SC e nas mesorregiões (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual	
	Presencial	A distância	Presencial	A distância
Brasil	22,18%	521,01%	2,54%	25,64%
Santa Catarina	10,41%	563,81%	1,25%	26,69%
Grande Florianópolis (SC)	8,81%	626,15%	1,06%	28,12%
Mesorregiões de Santa Catarina				
Norte Catarinense (SC)	21,58%	513,17%	2,47%	25,44%
Oeste Catarinense (SC)	0,00%	544,35%	0,00%	26,22%
Serrana (SC)	-3,41%	496,00%	-0,43%	25,00%
Sul Catarinense (SC)	7,27%	342,68%	0,88%	20,44%
Vale do Itajaí (SC)	20,37%	808,57%	2,34%	31,76%
Microrregiões do Oeste Catarinense				
Chapecó	18,45%	516,67%	2,14%	25,53%
Concórdia	6,90%	448,72%	0,84%	23,71%
Joaçaba	-10,31%	646,99%	-1,35%	28,58%
São Miguel do Oeste	-17,50%	481,48%	-2,38%	24,61%
Xanxerê	-11,11%	583,67%	-1,46%	27,16%

Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

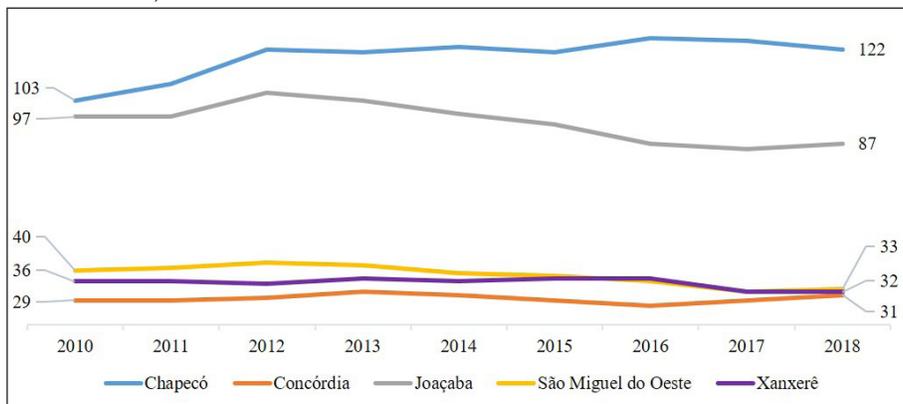
Os dois próximos Gráficos (22 e 23) apresentam a evolução da oferta de cursos de graduação ofertados nas modalidades a distância e presencial nas microrregiões do Oeste Catarinense, entre 2010 e 2018. A curva maior de crescimento de cursos ofertados na EaD tem início a partir de 2014. Foi nesse ano que se constata o início da redução da oferta de cursos pela modalidade presencial, como se observa no Gráfico 23, mostrando que a graduação a distância vem expandindo sua oferta na região em detrimento dos cursos ofertados na modalidade presencial.

Gráfico 22 – Evolução da oferta de cursos a distância nas microrregiões do Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Gráfico 23 – Evolução da oferta de cursos presenciais nas microrregiões do Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

### 6.2.4 Oferta de cursos de graduação por categoria administrativa

A expansão da oferta de cursos de graduação, seja na modalidade presencial, seja na modalidade a distância, no Brasil, entre 2010 e 2018, concentra-se nas IES privadas. Enquanto o crescimento nessa categoria administrativa foi de 327,5% (evolução média de 20% ao ano), nas IES públicas foi de 24,6% (evolução média de 2,8% ao ano). Hoje, o setor privado é responsável por 76% das 8.449.521 matrículas

em cursos de graduação, colocando o Brasil entre os países com a maior proporção de matrículas em IES privadas do mundo (INEP, 2019a).

Em SC, o fenômeno é o mesmo: enquanto a evolução da oferta de cursos puxado pelo setor privado foi de 337%, no mesmo período analisado (média de 20,3% ao ano), nas IES públicas foi de 26,5% (3% ao ano). Na Mesorregião Oeste, o comportamento também se repete: o setor privado cresceu 302% (19% ao ano) e o setor público 60%, (6% ao ano) (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 50.

Tabela 50 – Evolução da oferta de cursos por categoria administrativa (2010-2018)

Região	Variação				
	2010- 2017		Média anual		
	Pública	Privada	Pública	Privada	
Brasil	24,58%	327,47%	2,79%	19,91%	
Santa Catarina	26,52%	337,14%	2,98%	20,25%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	2,56%	388,52%	0,32%	21,93%
	Norte Catarinense (SC)	66,67%	303,93%	6,59%	19,07%
	Oeste Catarinense (SC)	60,00%	301,95%	6,05%	18,99%
	Serrana (SC)	11,76%	287,13%	1,40%	18,44%
	Sul Catarinense (SC)	11,36%	231,61%	1,35%	16,17%
	Vale do Itajaí (SC)	53,52%	476,20%	5,50%	24,47%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	12,50%	319,60%	1,48%
Concórdia		75,00%	271,88%	7,25%	17,84%
Joaçaba		142,86%	298,84%	11,73%	18,88%
São Miguel do Oeste		-	267,02%	-	17,65%
Xanxerê		-	328,24%	-	19,94%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Em Santa Catarina, as Mesorregiões Norte Catarinense (66,7%), Oeste Catarinense (60%) e Vale do Itajaí (53,5%) puxaram a oferta de cursos pelo setor público. Nas microrregiões, o crescimento de cursos pelo setor público foi liderado por Joaçaba (142,9%) e Concórdia (75%). No setor privado, todas as microrregiões apresentaram crescimento semelhante, com destaque para Xanxerê (328%) e Chapecó (320%) (INEP, 2019a).

O crescimento exponencial de cursos ofertados pelo setor privado no período considerado se explica pela forte expansão desse segmento na região, liderado, como vimos anteriormente, pelas IES que nela se instalaram com a finalidade de ofertar ensino superior pela modalidade a distância.

A evolução dos cursos superiores nas IES da Mesorregião Oeste Catarinense torna-se mais precisa quando a analisamos por modalidade de oferta e por categoria administrativa. Verifica-se, então, que o crescimento dos cursos de graduação presenciais ofertados por IES privadas, no período considerado, foi significativamente menor que os cursos ofertados pela modalidade EaD. Enquanto os cursos presenciais sofreram redução de 6,6%, os ofertados a distância cresceram 573,7% (variação média de 26,9% ao ano) (INEP, 2019a). Observa-se, igualmente, que o crescimento da modalidade a distância pelo segmento privado de ensino superior foi homogêneo em todas as mesorregiões do Estado.

Em SC o comportamento é semelhante: enquanto a evolução dos cursos de graduação presencial foi de 4,4%, nos cursos a distância, foi de 613,3% (variação média de 27,8% ao ano). Já no País, essa proporção muda: observa-se um crescimento ainda robusto de cursos ofertados por IES privadas na modalidade presencial (24,9%); na modalidade a distância, o crescimento no mesmo segmento foi menor que em SC (586,3%) (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 51.

Tabela 51 – Evolução da oferta de cursos por modalidade, nas IES privadas (2010-2018)

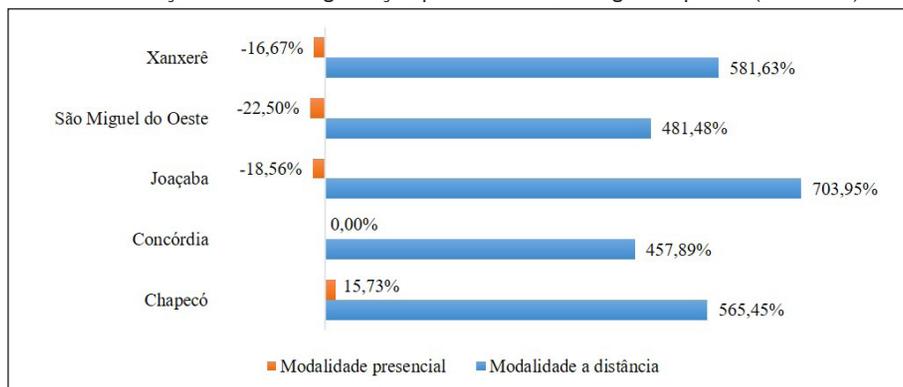
Região	Variação				
	Modalidade presencial		Modalidade a distância		
	2010-2017	Média anual	2010-2017	Média anual	
Brasil	24,85%	2,81%	586,30%	27,22%	
Santa Catarina	4,37%	0,54%	613,25%	27,84%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	7,41%	0,90%	705,13%	29,79%
	Norte Catarinense (SC)	15,91%	1,86%	544,87%	26,24%
	Oeste Catarinense (SC)	-6,60%	-0,85%	573,70%	26,93%
	Serrana (SC)	-13,25%	-1,76%	570,45%	26,85%
	Sul Catarinense (SC)	0,00%	0,00%	404,76%	22,43%
	Vale do Itajaí (SC)	15,17%	1,78%	839,18%	32,31%

Região		Variação			
		Modalidade presencial		Modalidade a distância	
		2010-2017	Média anual	2010-2017	Média anual
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	15,73%	1,84%	565,45%	26,73%
	Concórdia	0,00%	0,00%	457,89%	23,97%
	Joaçaba	-18,56%	-2,53%	703,95%	29,76%
	São Miguel do Oeste	-22,50%	-3,14%	481,48%	24,61%
	Xanxerê	-16,67%	-2,25%	581,63%	27,11%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Quando se adentram às microrregiões do Oeste Catarinense, a desproporção entre a evolução da oferta de cursos na modalidade a distância e a constatada em cursos presenciais no segmento privado de ensino superior é ainda maior, como revela o Gráfico 24. Todas as microrregiões, com exceção de Chapecó e Concórdia, tiveram redução na oferta de cursos presenciais, com variação negativa maior nas Microrregiões de São Miguel do Oeste (-22,5%), Joaçaba (-18,6%) e Xanxerê (-16,7%). Já o crescimento dos cursos ofertados a distância foi exponencialmente maior, com destaque para as Microrregiões de Joaçaba (704%), Xanxerê (582%) e Chapecó (565%) (INEP, 2019a).

Gráfico 24 – Evolução dos cursos de graduação, por modalidade, no segmento privado (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

## 6.2.5 Oferta de vagas

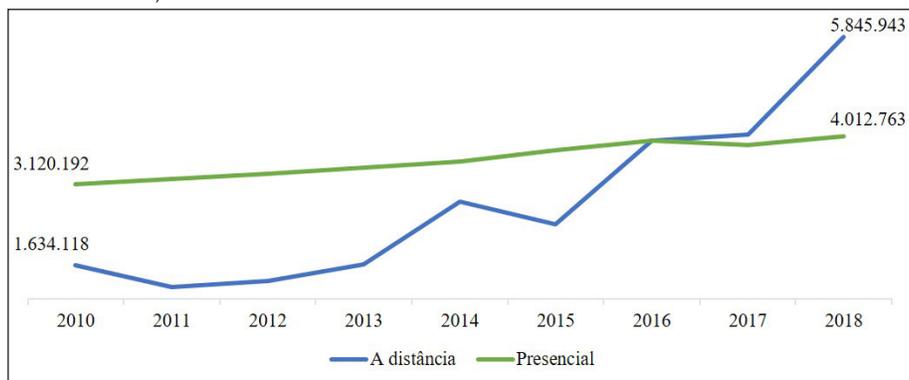
Segundo o Censo da Educação Superior, em 2018, foram oferecidas 13.529.101 vagas em cursos de graduação no País, sendo 9.858.706 vagas novas (72,9%), 3.643.789 vagas remanescentes (26,9%) e 26.606 vagas de programas especiais (0,2%) (INEP, 2019a). Vagas remanescentes são vagas não ocupadas que acabaram liberadas por diversos motivos, como óbito, desistência, não cumprimento de desempenho mínimo, transferência interna ou externa. Programas especiais são aqueles oferecidos emergencialmente, para atender necessidades específicas, como, por exemplo, o Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera). A rede privada teve participação de 93,8% do total de vagas em cursos de graduação; já a participação da rede pública foi de 6,2% (INEP, 2019a).

Do total de novas vagas ofertadas em 2018, apenas 30,6% foram efetivamente ocupadas. Na rede federal, a ocupação chegou a 90%, maior índice de ocupação de vagas entre as diferentes categorias administrativas. Há maior preenchimento das vagas nos cursos presenciais (45%) comparativamente aos cursos a distância (21,1%). As taxas de ocupação de vagas remanescentes são ainda mais baixas: 12,1% e 10,0% nas modalidades presencial e a distância, respectivamente. O ensino superior brasileiro fechou 2018, portanto, com 69,4% de vagas novas não preenchidas em seus cursos de graduação. Na prática, as IES brasileiras têm duas vezes mais vagas a oferecer do que estudantes dispostos a preenchê-las (INEP, 2019a).

O crescimento da ociosidade (vagas remanescentes que foram ofertadas em anos anteriores, mas não preenchidas e que não passam mais pelo processo habitual de chamamento) mostra que a política governamental baseada no financiamento estudantil (Fies), com o objetivo de estimular o ingresso das pessoas no ensino superior privado, está se esgotando, uma vez que a oferta de cursos e vagas nessa rede de ensino já atendeu boa parte da demanda existente. Isso implicará na promoção de adequações internas pelas IES privadas, para trazer a taxa de ociosidade a níveis mais suportáveis.

O Gráfico 25 apresenta a evolução da oferta de vagas novas no Brasil, nas modalidades de ensino presencial e a distância. Entre 2010 e 2018, elas saltaram de 4.754.310 para 9.858.706, representando evolução de 107% (9,5% ao ano) (INEP, 2019a).

Gráfico 25 – Evolução da oferta de vagas novas no Brasil, nas modalidades presencial e a distância (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A análise dos dados referente às vagas novas ofertadas no Estado de SC e na Mesorregião Oeste Catarinense ficou restrita aos cursos ofertados na modalidade presencial, pois nos cursos ofertados a distância, as vagas são alocadas na unidade sede da IES e não no local de oferta do curso, evitando-se, com isso, possíveis distorções.

Em SC, o crescimento de vagas novas em cursos de graduação presenciais, entre 2010 e 2018, foi de 16,3%; na Mesorregião Oeste Catarinense, foi maior (20,9%). O crescimento foi assimétrico: enquanto na Microrregião de Chapecó foi de 47,4%, na Microrregião de Xanxerê foi negativo (-43%) (INEP, 2019a).

Tabela 52 – Evolução da oferta de vagas novas de cursos na modalidade presencial por região

Região	Variação		
	2010-2018	Média anual	
Brasil	28,61%	3,19%	
Santa Catarina	16,28%	1,90%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	19,32%	2,23%
	Norte Catarinense (SC)	-8,76%	-1,14%
	Oeste Catarinense (SC)	20,89%	2,40%
	Serrana (SC)	51,72%	5,35%
	Sul Catarinense (SC)	56,74%	5,78%
	Vale do Itajaí (SC)	10,04%	1,20%

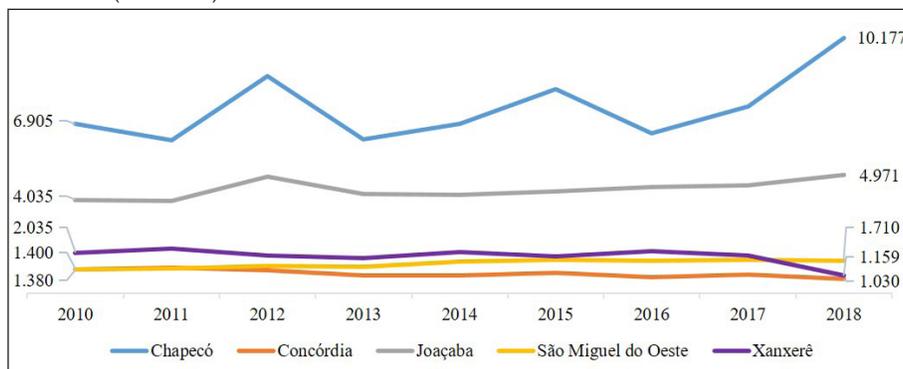
## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

	Região	Variação	
		2010-2018	Média anual
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	47,39%	4,97%
	Concórdia	-26,43%	-3,76%
	Joaçaba	23,20%	2,64%
	São Miguel do Oeste	23,91%	2,72%
	Xanxerê	-43,05%	-6,79%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Gráfico 26 – Evolução de vagas novas de cursos presenciais nas microrregiões do Oeste Catarinense (2010-2017)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

### 6.2.6 Estudantes ingressantes

Em 2018, ingressaram em cursos de graduação 3.444.775 estudantes, considerando as vagas novas, as remanescentes e os programas especiais. Desse total, 83,4% ingressaram em IES privadas e 16,6% em IES públicas. O número de ingressantes cresceu 6,8% em relação a 2017, impulsionado, principalmente, pela modalidade de ensino a distância. A rede privada continua crescendo. Em 2018, o número de ingressantes aumentou 8,6% em relação a 2017. Já no período compreendido entre 2008 e 2018, cresceu 59,3% (INEP, 2019a).

O crescimento no número de ingressantes em 2018 deu-se, basicamente, em razão do significativo aumento na procura por cursos ofertados a distância,

compensando a queda registrada nos cursos presenciais, em que se verificou variação negativa de 3,7%. Entre 2008 e 2018, o número de ingressantes variou positivamente 10,6% nos cursos de graduação presencial e triplicou (196,6%) nos cursos a distância. Em 2008, a participação dos ingressantes de graduação a distância era de 19,8%; em 2018, pulou para 40%, confirmando a expansão do setor no País. O número de ingressantes na modalidade EaD concentrou-se, em 2018, na rede privada em 96% contra 0,4% na rede pública (INEP, 2019a).

Os cursos de bacharelado continuam concentrando o maior número de ingressantes, representando, em 2018, 58% do total de ingressantes na educação superior, seguido pelos cursos de licenciatura (20,5%) e dos tecnólogos (20,9%). Em 10 anos, dobrou o número de ingressos nos cursos tecnológicos. Entre 2008 e 2018, o aumento no número de ingressantes no grau acadêmico bacharelado foi de 3,1%, enquanto nos cursos tecnológicos, foi de 16,6% e nas licenciaturas, 8,9% (INEP, 2019a).

Em SC, no período entre 2010 e 2018, o incremento de ingressantes foi de 103%, representando variação média de 9,3% ao ano. Já na Mesorregião Oeste Catarinense, foi de 84,4% (8% ao ano) (INEP, 2019a) (Tabela 53).

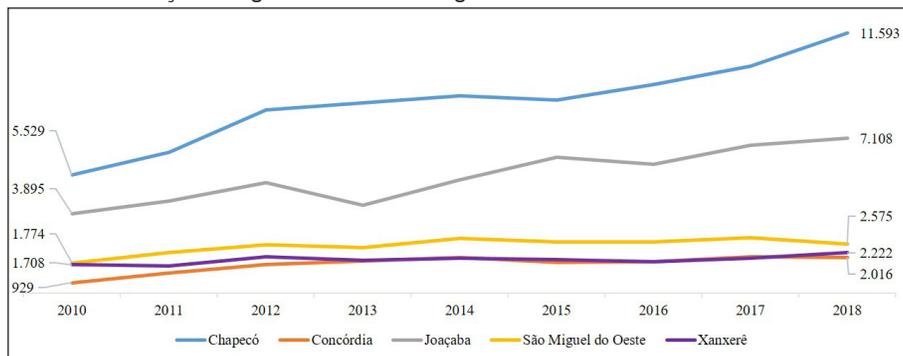
Tabela 53 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação por região (2010-2018)

Região		Variação	
		2010-2018	Média anual
Brasil		57,86%	5,87%
Santa Catarina		103,35%	9,28%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	66,93%	6,61%
	Norte Catarinense (SC)	153,34%	12,32%
	Oeste Catarinense (SC)	84,42%	7,95%
	Serrana (SC)	240,49%	16,55%
	Sul Catarinense (SC)	59,66%	6,02%
	Vale do Itajaí (SC)	135,42%	11,30%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	109,68%
Concórdia		117,01%	10,17%
Joaçaba		82,49%	7,81%
São Miguel do Oeste		45,15%	4,77%
Xanxerê		30,09%	3,34%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evolução dos ingressantes em cursos de graduação nas microrregiões do Oeste catarinense, no período considerado, pode ser visualizada no Gráfico 27. Xanxerê (30%) e São Miguel do Oeste (45%) apresentaram crescimento menor de ingressantes em relação às demais microrregiões (INEP, 2019a).

Gráfico 27 – Evolução dos ingressantes nas microrregiões do Oeste catarinense



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

No tocante à evolução dos ingressantes por categoria administrativa, o crescimento do número de ingressantes entre 2010 e 2018 foi maior nas IES privadas, tanto no País (67,4%) quanto em SC (120%) (INEP, 2019a). O mesmo acontece na Mesorregião Oeste Catarinense, onde o crescimento nas IES privadas ficou acima do crescimento verificado nas IES públicas (86,1% para 65,6%, respectivamente). Entre as microrregiões do Oeste Catarinense, Chapecó apresentou o maior crescimento de ingressantes em IES privadas (134%) comparativamente às IES públicas (9,8%), como mostra a Tabela 54. As IES privadas seguem, portanto, em expansão.

Tabela 54 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação por categoria administrativa (2010-2018)

	Região	Variação			
		2010-2018		Média anual	
		Pública	Privada	Pública	Privada
	Brasil	22,80%	67,40%	2,60%	6,65%
	Santa Catarina	29,36%	119,96%	3,27%	10,36%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	16,07%	96,82%	1,88%	8,83%
	Norte Catarinense (SC)	39,65%	171,58%	4,26%	13,30%
	Oeste Catarinense (SC)	65,61%	86,16%	6,51%	8,08%
	Serrana (SC)	38,76%	281,77%	4,18%	18,23%
	Sul Catarinense (SC)	73,56%	58,83%	7,13%	5,95%
	Vale do Itajaí (SC)	33,36%	153,49%	3,66%	12,33%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	9,81%	133,95%	1,18%	11,21%
	Concórdia	98,90%	118,97%	8,98%	10,29%
	Joaçaba	-	72,55%	-	7,06%
	São Miguel do Oeste	-	39,85%	-	4,28%
	Xanxerê	-	24,71%	-	2,80%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O crescimento de ingressantes em IES do segmento privado *com fins lucrativos*, se comparado ao das IES privadas *sem fins lucrativos*, é significativamente maior, considerando-se o período em análise. Em SC, a proporção é de 348,7% para -5,7%; na Mesorregião Oeste Catarinense, de 355,2% para -3,4% (INEP, 2019a).

Com exceção da Microrregião de Chapecó, as demais tiveram decréscimo na quantidade de ingressantes em IES sem fins lucrativos no período analisado. Já nas IES com fins lucrativos, a evolução foi positiva em todas as microrregiões, com destaque para as Microrregiões de Joaçaba (1,314%) e Chapecó (350%) (INEP, 2019a).

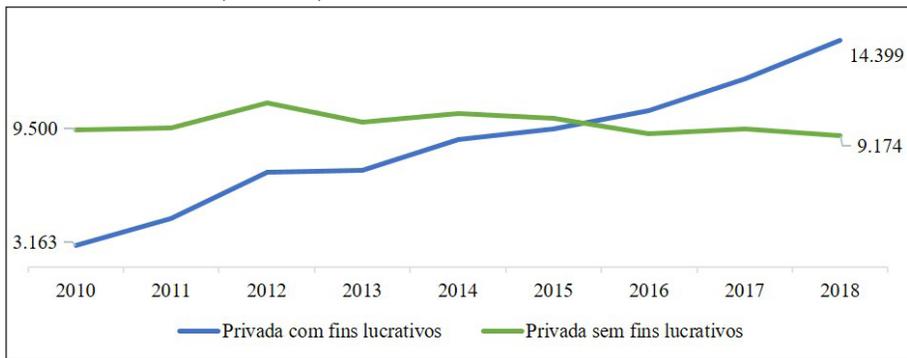
Os dados revelam, portanto, haver uma tendência de crescimento acelerado do setor privado de educação superior na Mesorregião Oeste, especialmente naquelas IES com viés mercadológico, configurando-se num problema de competitividade para as IES sem fins lucrativos, entre elas, as IES comunitárias, de histórica e marcante presença na Mesorregião.

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

O Gráfico 28 apresenta a evolução dos ingressantes em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense, na categoria administrativa das IES privadas com e sem fins lucrativos. Em 2010, ingressaram nas IES privadas *com fins lucrativos* 3.163 estudantes, chegando, em 2018, a 14.399. Já o segmento privado *sem fins lucrativos* contava, no mesmo ano, com 9.500 ingressantes; e assim permaneceu estagnado até 2018, com 9.174 ingressantes (INEP, 2019a).

Gráfico 28 – Evolução dos ingressantes em IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Ao considerar a evolução dos ingressantes por modalidade de ensino, o aumento no número de ingressantes em cursos de graduação, no Brasil, em 2018, foi sustentado pela modalidade de ensino a distância, compensando a queda registrada nos cursos presenciais. A modalidade aumentou a sua participação de 19,8%, em 2008, para 40%, em 2018, totalizando 1.372.161 ingressantes, num universo de 3.444.775. Entre 2017 e 2018, a variação foi de 27,9%, enquanto nos cursos presenciais foi negativa (-3,7%). Entre 2008 e 2018, o número de ingressantes variou positivamente em 10,6% nos cursos de graduação presenciais e triplicou (196,6%) nos cursos a distância (INEP, 2019a).

Em Santa Catarina, o crescimento proporcional foi de 467% para 13,7%; na Mesorregião Oeste Catarinense, de 346,5% para 8,9%. Em algumas microrregiões, como Joaçaba, São Miguel do Oeste e Xanxerê, o crescimento de ingressantes na modalidade EaD foi significativamente desproporcional em relação à modalidade presencial: 542% contra -2,7% na Microrregião de Joaçaba; 426% contra -25,7%

na Microrregião de São Miguel do Oeste; e 238% contra -44,8% na Microrregião de Xanxerê (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 55.

Tabela 55 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação, por modalidade de ensino (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	15,02%	260,78%	1,77%	17,40%	
Santa Catarina	13,68%	467,07%	1,62%	24,22%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	10,39%	353,49%	1,24%	20,80%
	Norte Catarinense (SC)	40,86%	532,57%	4,38%	25,93%
	Oeste Catarinense (SC)	8,90%	346,46%	1,07%	20,57%
	Serrana (SC)	68,01%	779,62%	6,70%	31,23%
	Sul Catarinense (SC)	-16,07%	407,92%	-2,17%	22,53%
	Vale do Itajaí (SC)	14,89%	617,55%	1,75%	27,93%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	44,09%	327,17%	4,67%
Concórdia		25,55%	204,42%	2,89%	14,93%
Joaçaba		-2,65%	541,87%	-0,33%	26,16%
São Miguel do Oeste		-25,67%	426,26%	-3,64%	23,07%
Xanxerê		-44,75%	238,05%	-7,15%	16,45%

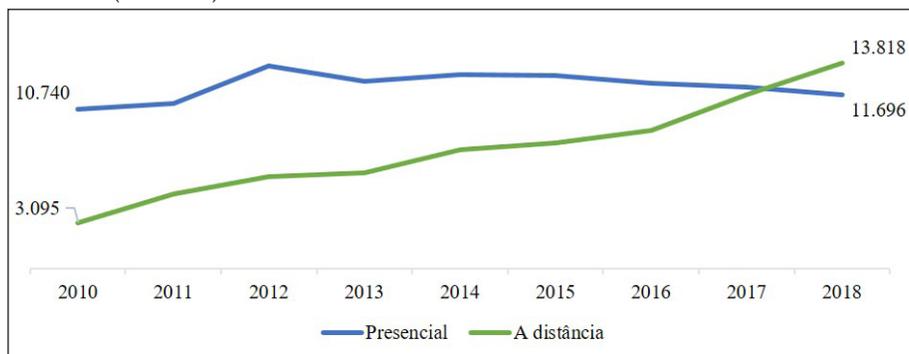
Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Em 2010, ingressaram em cursos de graduação presenciais instalados nos municípios da Mesorregião Oeste Catarinense 10.740 alunos. Oito anos depois, esse número pouco cresceu, ficando em 11.696 alunos. Já na EaD, o número de ingressantes, no mesmo período, saltou de 3.095 para 13.818, superando, em 2018, o ingresso na educação presencial, como mostra o Gráfico 29 (INEP, 2019a).

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Gráfico 29 – Evolução dos ingressantes na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Parcela significativa do crescimento de ingressantes na modalidade EaD no País, em SC e na Mesorregião Oeste Catarinense deve-se ao segmento privado de educação superior. No Brasil, entre 2010 e 2018, a evolução no número de ingressantes puxada pelas IES privadas, na modalidade a distância, foi de 285%, enquanto no ensino presencial foi de apenas 13,6% (INEP, 2019a). Em SC, a proporção foi de 468,5% para 9%; na Mesorregião Oeste Catarinense, de 346,7% para 2% (INEP, 2019a). A evolução por microrregião pode ser observada na Tabela 56.

Tabela 56 – Evolução dos ingressantes por modalidade de ensino nas IES privadas (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	13,58%	284,98%	1,60%	18,35%	
Santa Catarina	9,00%	468,50%	1,08%	24,26%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	5,81%	354,58%	0,71%	20,84%
	Norte Catarinense (SC)	41,23%	533,06%	4,41%	25,95%
	Oeste Catarinense (SC)	1,96%	346,65%	0,24%	20,57%
	Serrana (SC)	75,83%	787,32%	7,31%	31,37%
	Sul Catarinense (SC)	-22,87%	412,51%	-3,19%	22,66%
	Vale do Itajaí (SC)	10,64%	618,24%	1,27%	27,95%

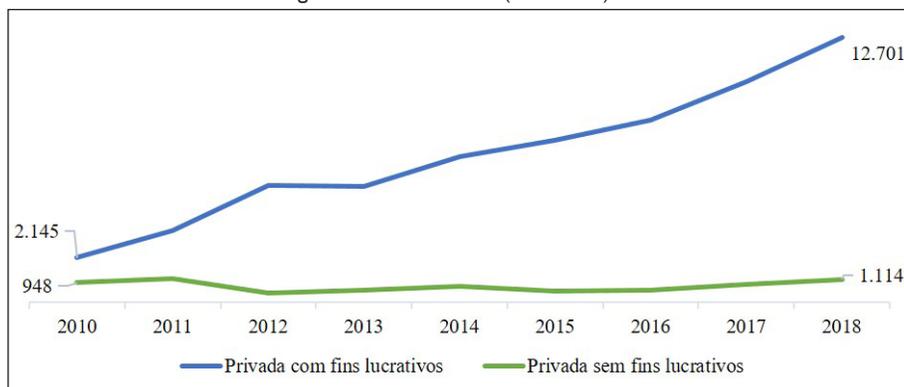
Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapécó	55,70%	327,83%	5,69%	19,92%
	Concórdia	7,16%	204,42%	0,87%	14,93%
	Joaçaba	-14,33%	541,38%	-1,92%	26,15%
	São Miguel do Oeste	-31,95%	426,26%	-4,70%	23,07%
	Xanxerê	-52,07%	238,05%	-8,78%	16,45%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O crescimento dos ingressantes, tanto pela modalidade de ensino presencial quanto pela modalidade EaD, na Mesorregião Oeste Catarinense, deu-se, em grande parte, por conta da atuação do segmento privado de educação superior *com fins lucrativos*. Na modalidade presencial, as IES *com fins lucrativos* cresceram 66,8% no período analisado; nas IES *sem fins lucrativos*, a evolução foi negativa (-5,8%) (INEP, 2019a).

Já na modalidade EaD, as IES *com fins lucrativos* evoluíram 492%, contra os 17,5% verificados nas IES *sem fins lucrativos*. Detinham, em 2010, 2.145 ingressantes, saltando, em 2018, para 12.701, com destaque para as Microrregiões de Joaçaba e São Miguel do Oeste. Já o segmento privado *sem fins lucrativos* ficou praticamente estagnado, como mostra o Gráfico 30.

Gráfico 30 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação a distância em IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Referente aos ingressantes em cursos de graduação por grau acadêmico, no Brasil, os cursos de bacharelado continuam concentrando a maior parte dos ingressantes da educação superior (58,0%), seguido pelos cursos tecnológicos (20,9%) e pelos de licenciatura (20,5%). Entre 2017 e 2018, houve uma variação positiva de 16,6% no número de ingressos em cursos tecnológicos. Nas licenciaturas a variação foi de 8,9% e no bacharelado, de 3,1%. Considerando-se os anos de 2008 a 2018, o número de ingressantes nos cursos tecnológicos registrou crescimento (102,9%), o maior crescimento por grau acadêmico (INEP, 2019a).

Em Santa Catarina, chama atenção a procura pelos cursos de tecnologia, cujo crescimento no número de ingressantes, no período 2010-2018, foi de 180%, seguido pelos cursos de licenciatura (160%) e de bacharelado (65%). Da mesma forma, na Mesorregião Oeste Catarinense, o destaque vai para os cursos de tecnologia, com crescimento no número de ingressantes de 167%, seguido pelos cursos de licenciatura (89%) e bacharelado (61%). Na Microrregião de Xanxerê, a evolução no número de ingressantes nos cursos de bacharelado (1,5%) e de licenciatura (48%) ficou abaixo das demais microrregiões (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 57.

Tabela 57 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação por grau de curso (2010-2018)

Região Bacharelado	Variação 2010-2018			Variação média anual			
	Licenciatura	Tecnólogo	Bacharelado	Licenciatura	Tecnólogo		
Brasil	49,37%	55,61%	88,14%	5,14%	5,68%	8,22%	
Santa Catarina	65,09%	160,09%	179,73%	6,47%	12,69%	13,72%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	38,99%	79,86%	146,74%	4,20%	7,61%	11,95%
	Norte Catarinense (SC)	150,37%	267,62%	115,14%	12,16%	17,67%	10,05%
	Oeste Catarinense (SC)	61,11%	88,83%	167,23%	6,14%	8,27%	13,07%
	Serrana (SC)	153,86%	403,61%	411,56%	12,35%	22,39%	22,63%
	Sul Catarinense (SC)	10,81%	147,10%	189,92%	1,29%	11,97%	14,23%
	Vale do Itajaí (SC)	75,86%	250,25%	270,12%	7,31%	16,96%	17,77%

	Região Bacharelado	Variação 2010-2018			Variação média anual		
		Licenciatura	Tecnólogo	Bacharelado	Licenciatura	Tecnólogo	
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	88,21%	118,22%	177,43%	8,23%	10,25%	13,60%
	Concórdia	110,30%	107,88%	133,56%	9,74%	9,58%	11,19%
	Joaçaba	65,84%	65,20%	193,57%	6,53%	6,48%	14,41%
	São Miguel do Oeste	9,09%	97,39%	122,30%	1,09%	8,87%	10,50%
	Xanxerê	1,54%	48,14%	167,63%	0,19%	5,03%	13,09%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evolução dos ingressantes em cursos de graduação com grau de bacharelado, no período analisado, foi significativamente maior na modalidade de ensino a distância. No País, a proporção foi de 319% para 25% em relação à modalidade presencial (INEP, 2019a).

Em SC, a proporção foi de 756,5% para 20,1%; na Mesorregião Oeste Catarinense, de 594% para 17% (INEP, 2019a). Nas Microrregiões de Joaçaba, São Miguel do Oeste e Xanxerê, a proporção EaD versus ensino presencial nos cursos de bacharelado é maior ainda, como mostra a Tabela 58.

Tabela 58 – Evolução dos ingressantes em cursos de bacharelado por modalidade de ensino (2010-2018)

	Região	Variação 2010-2018		Variação média anual	
		Presencial	A distância	Presencial	A distância
	Brasil	24,66%	319,17%	2,79%	19,62%
	Santa Catarina	20,15%	756,51%	2,32%	30,80%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	11,77%	370,80%	1,40%	21,37%
	Norte Catarinense (SC)	74,92%	1123,52%	7,24%	36,76%
	Oeste Catarinense (SC)	16,86%	594,11%	1,97%	27,40%
	Serrana (SC)	85,10%	1001,42%	8,00%	34,97%
	Sul Catarinense (SC)	-15,30%	570,31%	-2,05%	26,85%
	Vale do Itajaí (SC)	16,76%	1833,14%	1,96%	44,80%

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	53,29%	309,27%	5,48%	19,26%
	Concórdia	28,48%	323,97%	3,18%	19,79%
	Joaçaba	14,79%	3633,33%	1,74%	57,22%
	São Miguel do Oeste	-20,59%	5583,33%	-2,84%	65,70%
	Xanxerê	-41,88%	2242,86%	-6,56%	48,33%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O mesmo fenômeno ocorre nos cursos de licenciatura. Os ingressos pela modalidade EaD são proporcionalmente maiores que os da modalidade presencial. A maioria das regiões, incluindo o País como um todo, apresentaram evolução negativa nos ingressos em cursos de licenciatura pela modalidade presencial. No País, a proporção foi de 195,3% na modalidade a distância para -16,1% na modalidade presencial; em SC, de 460,6% para -29,4%; na Mesorregião Oeste Catarinense, de 328,5% para -32,8% (INEP, 2019a).

Nas Microrregiões de Chapecó, Joaçaba e São Miguel do Oeste, o ingresso nos cursos de licenciatura ofertados na modalidade a distância cresceu exponencialmente, reduzindo-se drasticamente, de outro lado, o ingresso pela modalidade presencial, como se observa na Tabela 59. Em 2010, na modalidade a distância, ingressaram nas IES da Microrregião de Chapecó 226 estudantes; em 2018, o número saltou para 1.722. Em Joaçaba, saltou de 288 para 1.406 (INEP, 2019a).

Tabela 59 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura por modalidade de ensino (2010-2018)

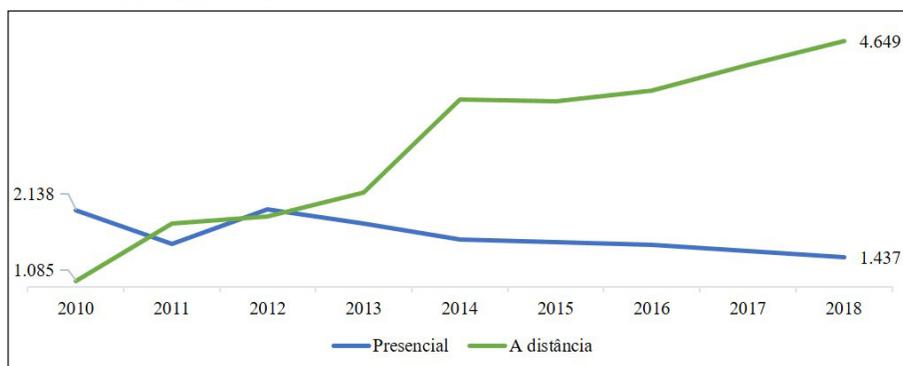
Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	-16,14%	195,33%	-2,18%	14,50%	
Santa Catarina	-29,43%	460,60%	-4,26%	24,05%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	-36,38%	397,00%	-5,50%	22,19%
	Norte Catarinense (SC)	-4,93%	546,66%	-0,63%	26,28%
	Oeste Catarinense (SC)	-32,79%	328,48%	-4,85%	19,95%
	Serrana (SC)	-37,14%	1061,61%	-5,64%	35,87%
	Sul Catarinense (SC)	-29,44%	383,90%	-4,27%	21,79%
	Vale do Itajaí (SC)	-22,63%	510,59%	-3,16%	25,38%

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	-7,68%	661,95%	-0,99%	28,90%
	Concórdia	24,39%	129,01%	2,77%	10,91%
	Joaçaba	-58,01%	388,19%	-10,28%	21,92%
	São Miguel do Oeste	-48,13%	335,11%	-7,88%	20,18%
	Xanxerê	-62,50%	108,63%	-11,54%	9,63%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Pelo Gráfico 31, observa-se que o número de ingressantes nos cursos de licenciatura ofertados a distância nas IES da Mesorregião Oeste Catarinense ultrapassa o número de ingressantes em cursos presenciais a partir de 2011. Em 2010, ingressaram nas IES da Mesorregião, na modalidade presencial, 2.138 novos estudantes; em 2018, o número reduziu-se a 1.437 (INEP, 2019a).

Gráfico 31 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura por modalidade de ensino na Mesorregião Oeste Catarinense



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Soma-se à constatação a forte presença das IES privadas com fins lucrativos na formação de professores para a educação básica. A evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura nessas instituições é elevada, se comparada com a evolução nas IES sem fins lucrativos. No País, a proporção é de 175% para -17% (INEP, 2019a); em SC, de 522% para -23,5%; na Mesorregião Oeste Catarinense, de 362% para -33,7%. Nas Microrregiões de Joaçaba, Chapecó e São Miguel do Oeste, a proporção

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

é maior ainda, como mostra a Tabela 60. Em SC, as IES *sem fins lucrativos* pertencem, em sua maioria, ao segmento comunitário de educação superior.

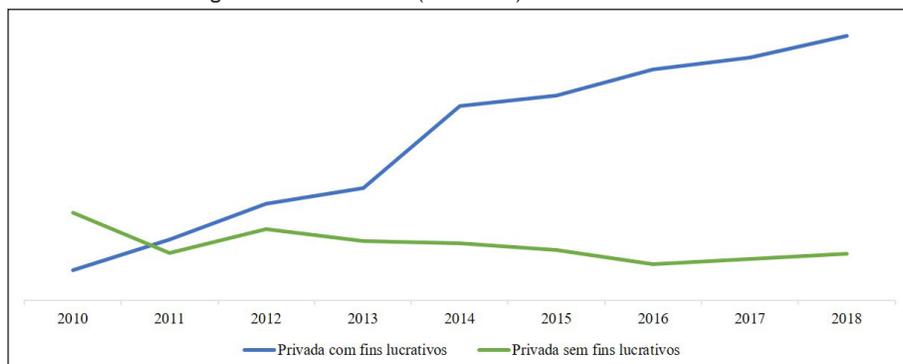
Tabela 60 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	
Brasil	175,05%	-17,20%	13,48%	-2,33%	
Santa Catarina	522,22%	-23,52%	25,67%	-3,30%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	644,53%	-45,98%	28,52%	-7,41%
	Norte Catarinense (SC)	439,46%	52,03%	23,45%	5,38%
	Oeste Catarinense (SC)	362,06%	-33,67%	21,08%	-5,00%
	Serrana (SC)	1131,98%	-31,48%	36,88%	-4,62%
	Sul Catarinense (SC)	398,48%	-45,09%	22,24%	-7,22%
	Vale do Itajaí (SC)	648,57%	-3,33%	28,61%	-0,42%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	448,00%	31,89%	23,69%
Concórdia		136,42%	-44,00%	11,36%	-6,99%
Joaçaba		907,44%	-50,33%	33,48%	-8,37%
São Miguel do Oeste		394,87%	-55,26%	22,13%	-9,57%
Xanxerê		117,86%	-71,91%	10,22%	-14,68%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Em 2010, as IES *sem fins lucrativos* localizadas na Mesorregião Oeste receberam 1.770 ingressantes em cursos de licenciatura; em 2018, esse número caiu para 1.174. Já nas IES *com fins lucrativos*, os números se invertem: em 2010, ingressaram 941 novos estudantes; em 2018, esse número saltou para 4.348 (INEP, 2019a), como mostra o Gráfico 32.

Gráfico 32 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O crescimento dos ingressos em cursos de licenciatura nas IES *com fins lucrativos* deveu-se, basicamente, à estratégia mercadológica por elas adotada de atuar na modalidade EaD. No Brasil, entre 2010 e 2018, a evolução foi de 334,4%, enquanto nas IES *sem fins lucrativos* foi de 36,9% (INEP, 2019a). Em SC, a proporção é ainda maior: 612,1% para 49,5%. Na Mesorregião Oeste Catarinense, a proporção foi de 437,4% para 51,5%, como mostra a Tabela 61.

Tabela 61 – Evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual	
	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos
Brasil	334,39%	36,88%	20,15%	4,00%
Santa Catarina	612,11%	49,47%	27,81%	5,15%
Mesorregiões de Santa Catarina				
Grande Florianópolis (SC)	677,34%	-28,08%	29,22%	-4,04%
Norte Catarinense (SC)	550,56%	495,65%	26,37%	24,99%
Oeste Catarinense (SC)	437,40%	51,47%	23,39%	5,33%
Serrana (SC)	1097,97%	911,11%	36,40%	33,54%
Sul Catarinense (SC)	448,53%	-20,69%	23,71%	-2,86%
Vale do Itajaí (SC)	803,23%	53,29%	31,67%	5,48%

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

	Região	Variação 2010-2018		Variação média anual	
		Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	593,55%	2311,11%	27,39%	48,86%
	Concórdia	136,42%	27,27%	11,36%	3,06%
	Joaçaba	907,44%	10,18%	33,48%	1,22%
	São Miguel do Oeste	905,36%	-90,67%	33,44%	-25,65%
	Xanxerê	130,47%	-4,44%	11,00%	-0,57%

Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evolução dos ingressantes em cursos de licenciatura nas IES privadas é maior que a constatada nas IES públicas. No Brasil, a proporção é de 80,3% para 9,4%. Em SC, 226,6% para -11,6%; na Mesorregião Oeste Catarinense, 103,7% para 10,2% (INEP, 2019a), conforme Tabela 62.

Tabela 62 – Evolução dos ingressantes em cursos de graduação com grau de licenciatura por categoria administrativa da IES (2010-2018)

	Região	Variação 2010-2018		Variação média anual	
		Pública	Privada	Pública	Privada
	Brasil	9,38%	80,33%	1,13%	7,65%
	Santa Catarina	-11,63%	226,59%	-1,53%	15,94%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	-32,48%	324,31%	-4,79%	19,80%
	Norte Catarinense (SC)	25,45%	314,27%	2,88%	19,44%
	Oeste Catarinense (SC)	10,16%	103,69%	1,22%	9,30%
	Serrana (SC)	-100,00%	408,45%	-100,00%	22,54%
	Sul Catarinense (SC)	56,57%	153,19%	5,76%	12,31%
	Vale do Itajaí (SC)	23,35%	308,18%	2,66%	19,22%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	-11,55%	206,00%	-1,52%	15,00%
	Concórdia	88,89%	110,80%	8,27%	9,77%
	Joaçaba	-	60,79%	-	6,12%
	São Miguel do Oeste	-	97,39%	-	8,87%
	Xanxerê	-	39,30%	-	4,23%

Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Tais dados contrariam as políticas de formação de professores, de responsabilidade da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O Decreto n. 8.752/2016, cujo teor instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, recomenda, no art. 7º, que a formação inicial de profissionais para o magistério se dê pela “ampliação das matrículas oferecidas em cursos de licenciatura e pedagogia pelas instituições públicas de educação superior.” E conclui: “a formação inicial de profissionais do magistério dará preferência à modalidade presencial.” (BRASIL, 2016). Os dados levantados, contudo, não expressam a política. A formação de profissionais do magistério da educação básica vem ocorrendo à mercê da iniciativa de IES privadas, na modalidade a distância.

Assim como ocorreu nos graus de bacharelado e de licenciatura, o crescimento de ingressantes em cursos de graduação com grau de tecnologia pela modalidade EaD, no período analisado, foi proporcionalmente maior que o verificado nos cursos ofertados pela modalidade presencial, como mostra a Tabela 28 (INEP, 2019a). Em SC, entre 2010 e 2018, o ingresso em cursos de tecnologia na modalidade a distância cresceu 350,8%; na modalidade presencial, o crescimento foi de 5%. Na Mesorregião Oeste a proporção foi de 243,7% para 41,7% (INEP, 2019a). Os dados confirmam o crescimento da oferta de cursos de graduação pela modalidade a distância em todos os graus do ensino superior.

Tabela 63 – Evolução dos ingressantes em cursos de tecnólogo por modalidade de ensino (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	1,76%	291,79%	0,22%	18,61%	
Santa Catarina	4,95%	350,76%	0,61%	20,71%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	8,49%	316,96%	1,02%	19,54%
	Norte Catarinense (SC)	-27,73%	345,95%	-3,98%	20,55%
	Oeste Catarinense (SC)	41,71%	243,74%	4,45%	16,69%
	Serrana (SC)	99,09%	512,65%	8,99%	25,43%
	Sul Catarinense (SC)	-7,37%	366,44%	-0,95%	21,23%
	Vale do Itajaí (SC)	36,42%	433,64%	3,96%	23,28%

## A mesorregião Oeste catarinense:

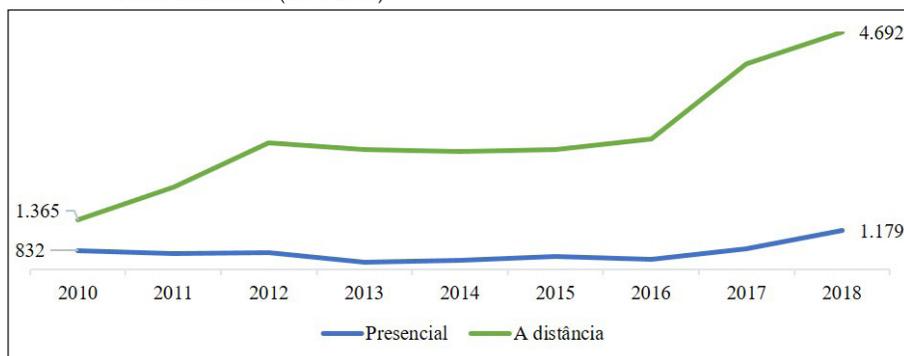
*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	114,33%	213,20%	10,00%	15,34%
	Concórdia	16,49%	192,71%	1,93%	14,37%
	Joaçaba	4,44%	341,32%	0,55%	20,39%
	São Miguel do Oeste	-31,61%	291,49%	-4,64%	18,60%
	Xanxerê	-65,00%	198,04%	-12,30%	14,63%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

No Gráfico 33, a evolução dos ingressantes em cursos com grau de tecnólogo fica mais evidente. Na Mesorregião Oeste, em 2010, ingressaram 1.365 novos estudantes em cursos de tecnólogo ofertados a distância; em 2018, o número saltou para 4.692. Já pela modalidade presencial, o número de ingressantes ficou praticamente estável (INEP, 2019a).

Gráfico 33 – Evolução dos ingressantes em cursos de tecnólogo, por modalidade de ensino, na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

### 6.2.7 Matrículas em cursos de graduação

Em 2018, o Censo da Educação Superior registrou 8.449.521 matrículas na educação superior. Entre 2008 e 2018, a evolução foi de 44,6%, representando um crescimento médio de 3,8% ao ano. Em relação a 2017, a variação foi de 1,9% (INEP, 2019a).

As IES do segmento privado detêm a maior participação de mercado no segmento das matrículas na educação superior brasileira. Em 2018 contavam com 6.397.090 alunos matriculados, uma participação de 75,7% em relação a todo o sistema (INEP, 2019a). Ou seja, de cada quatro estudantes de graduação, três frequentam uma IES privada. A rede pública participa com 24,3% (2.052.431). Entre 2008 e 2018, as matrículas do segmento privado de educação superior cresceram 49,8%; na rede pública, o crescimento foi de 33,8%. Em relação a 2017, o número de matrículas na rede pública é 1,6% maior, enquanto a rede privada, no mesmo período, registrou um crescimento de 2,1%. Entre 2008 e 2018, as matrículas da rede privada cresceram 49,8%; na rede pública, o crescimento foi de 33,8% (INEP, 2019a).

As universidades respondem por 52,9% do total das matrículas no País, ou seja, 4.467.443. Já os centros universitários detêm 1.905.350 matrículas; as faculdades, 1.879.222. Por sua vez, os institutos federais de educação, ciência e tecnologia (IF) e os centros federais de educação tecnológica (Cefet) contam com 197.506 matrículas. Como se observa, os centros universitários apresentaram o maior crescimento percentual de matrículas entre 2017 e 2018 (19,6%). De outro lado, considerando o período entre 2008 e 2018, os IFs e os Cefets registraram a maior variação positiva no número de matrículas (348,6%). Entre as IES públicas, as universidades detêm 84,8% das matrículas (INEP, 2019a).

Os cursos de bacharelado possuem 67,6% do total das matrículas efetuadas em 2018 (5.690.724), seguidos pelos cursos de licenciatura, com participação de 19,4% (1.628.752), e pelos cursos tecnológicos, com 13%. Entre 2008 e 2018, as matrículas em cursos de bacharelado aumentaram mais de 50%; nos cursos de licenciatura, a variação foi de 40,4% e nos cursos tecnológicos, 103% (INEP, 2019a). O crescimento deu-se, principalmente, pelo fato de os cursos tecnológicos estarem sendo ofertados, preponderantemente, pela modalidade a distância. Mais de 50% das matrículas de cursos tecnológicos já são ofertados a distância. Ou seja, 8 em cada 10 alunos de cursos tecnológicos frequentam a rede privada e mais da metade dos ingressantes estuda a distância. Em contrapartida, as matrículas em cursos de graduação presenciais de grau tecnológico mantêm tendência de queda desde 2013.

No período entre 2010 e 2018, as matrículas em cursos de graduação no País (presenciais e a distância) cresceram 32,5% (3,6% ao ano); em SC, a evolução foi de 40,8% (4,4% ao ano). Na Mesorregião Oeste Catarinense, as matrículas

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

ficaram pouco abaixo da evolução verificada no Estado (36,4%). Nas Microrregiões de Chapecó (59,9%) e de Concórdia (53,2%) a evolução foi superior às demais microrregiões. Na Microrregião de Xanxerê, as matrículas tiveram variação negativa (-19,3%) (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 64.

Tabela 64 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por região (2010-2018)

Regiões	Variação		
	2010-2018	Média anual	
Brasil	32,46%	3,58%	
Santa Catarina	40,79%	4,37%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	35,28%	3,85%
	Norte Catarinense (SC)	39,09%	4,21%
	Oeste Catarinense (SC)	36,40%	3,96%
	Serrana (SC)	77,19%	7,41%
	Sul Catarinense (SC)	41,77%	4,46%
	Vale do Itajaí (SC)	42,64%	4,54%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	59,89%
Concórdia		53,17%	5,47%
Joaçaba		31,73%	3,50%
São Miguel do Oeste		34,00%	3,73%
Xanxerê		-19,34%	-2,65%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

No Estado de SC, a evolução das matrículas nas IES privadas, entre 2010 e 2018, leva vantagem em relação às IES públicas. Enquanto nas IES privadas a evolução foi de 43,5%, nas públicas, foi de 29,4% (INEP, 2019a). Na Mesorregião Oeste Catarinense, contudo, houve uma inversão: as matrículas nas IES públicas cresceram 171,8% no período, enquanto nas IES privadas, 29,4%. O crescimento é explicado pela instalação da Universidade Federal Fronteira Sul (UFFS) na Microrregião de Chapecó e pela expansão da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia nas Microrregiões de Joaçaba e de Concórdia, como mostra a Tabela 65.

Tabela 65 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por categoria administrativa (2010-2018)

Região	Variação				
	2010-2018		Média anual		
	Pública	Privada	Pública	Privada	
Brasil	27,75%	34,04%	3,11%	3,73%	
Santa Catarina	29,40%	43,51%	3,27%	4,62%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	15,47%	51,37%	1,81%	5,32%
	Norte Catarinense (SC)	56,01%	37,12%	5,72%	4,03%
	Oeste Catarinense (SC)	171,84%	29,36%	13,32%	3,27%
	Serrana (SC)	36,00%	85,09%	3,92%	8,00%
	Sul Catarinense (SC)	134,09%	37,42%	11,22%	4,05%
	Vale do Itajaí (SC)	10,61%	50,07%	1,27%	5,20%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	108,87%	53,55%	9,64%	5,51%
	Concórdia	237,70%	42,62%	16,43%	4,54%
	Joaçaba	719,08%	24,31%	30,07%	2,76%
	São Miguel do Oeste	-	30,72%	-	3,41%
	Xanxerê	-	-21,69%	-	-3,01%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

No segmento privado de educação superior, a evolução das matrículas em cursos de graduação de IES privadas com fins lucrativos, no período 2010-2018, leva grande vantagem comparativamente às IES privadas sem fins lucrativos. No País, a proporção é de 72,8% para -6,3%; em Santa Catarina, 128% para -8,6%; na Mesorregião Oeste Catarinense, 123,8% para -8% (INEP, 2019a), como revela a Tabela 66.

Entre as IES privadas sem fins lucrativos encontram-se as instituições comunitárias de educação superior presentes na Mesorregião Oeste desde o final dos anos 1960. Por muitos anos, elas foram protagonistas na oferta de educação superior na região. Com a desenfreada expansão do ensino superior, sobretudo, a partir dos anos 2000, as IES privadas com fins lucrativos vêm tomando espaço, sobretudo na modalidade de oferta a distância.

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

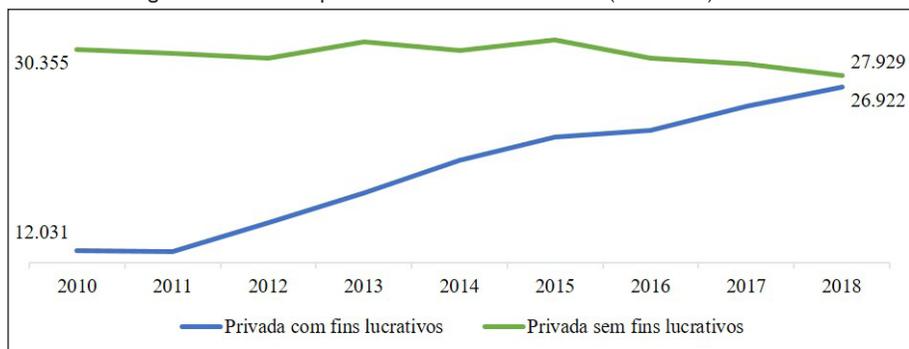
Tabela 66 – Evolução das matrículas em cursos de graduação nas IES privadas (2010-2018)

Região	Variação				
	2010-2018		Média anual		
	Com fim lucrativo	Sem fim lucrativo	Com fim lucrativo	Sem fim lucrativo	
Brasil	72,75%	-6,30%	7,07%	-0,81%	
Santa Catarina	127,97%	-8,62%	10,85%	-1,12%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	115,06%	-20,54%	10,04%	-2,83%
	Norte Catarinense (SC)	145,80%	-8,41%	11,90%	-1,09%
	Oeste Catarinense (SC)	123,77%	-7,99%	10,59%	-1,04%
	Serrana (SC)	161,29%	1,24%	12,76%	0,15%
	Sul Catarinense (SC)	176,06%	-9,93%	13,53%	-1,30%
	Vale do Itajaí (SC)	106,90%	-2,81%	9,51%	-0,36%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	182,14%	6,10%	13,84%
Concórdia		120,65%	-14,29%	10,40%	-1,91%
Joaçaba		339,59%	-9,68%	20,33%	-1,26%
São Miguel do Oeste		139,53%	-22,25%	11,54%	-3,10%
Xanxerê		-15,27%	-29,36%	-2,05%	-4,25%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O Gráfico 34 apresenta a evolução das matrículas nas IES privadas com e sem fins lucrativos da Mesorregião Oeste Catarinense. Em 2010, as IES privadas com fins lucrativos registravam 12.031 matrículas; em 2018, saltaram para 26.922, representando um crescimento de 123,8%. Já no setor privado sem fins lucrativos constata-se pequena evolução negativa (-8%) (INEP, 2019a).

Gráfico 34 – Evolução das matrículas em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense, na categoria administrativa privada com e sem fins lucrativos (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Analisando-se a evolução das matrículas em cursos de graduação por modalidade de ensino, tanto em nível de país quanto em SC e na Mesorregião Oeste Catarinense, confirma-se, mais uma vez, o aumento da participação da EaD na educação superior nos últimos 10 anos. Em 2018, a EaD já atendia 2.055.277 alunos em todo o território brasileiro, representando uma participação de 24,3% do total de matrículas de graduação (INEP, 2019a). Ou seja, um em cada quatro estudantes cursa graduação na modalidade a distância.

No Brasil, a evolução das matrículas ofertadas na modalidade a distância, no período 2010-2018, foi de 121%, enquanto na modalidade presencial foi de 17,3% (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 27. Em SC, a proporção do crescimento das matrículas na EaD é maior ainda: 155,4% para 9,2%. Na Mesorregião Oeste, a proporção foi de 119,3% para 10,8% (INEP, 2019a). Nas Microrregiões de Joaçaba, São Miguel do Oeste e Concórdia, a EaD vem impactando em escala maior que em outras regiões do Estado, como mostra a Tabela 67.

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

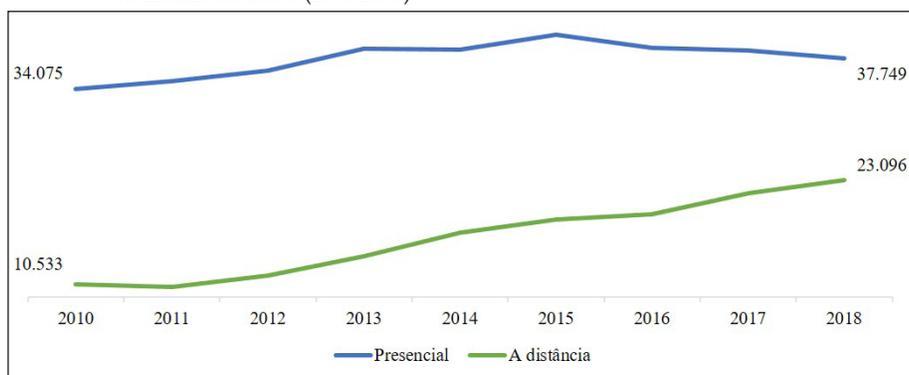
Tabela 67 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por modalidade de ensino (2010-2018)

Região	Variação				
	2010-2018		Média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	17,34%	121,02%	2,02%	10,42%	
Santa Catarina	9,18%	155,42%	1,10%	12,44%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	11,76%	156,47%	1,40%	12,49%
	Norte Catarinense (SC)	5,14%	164,37%	0,63%	12,92%
	Oeste Catarinense (SC)	10,78%	119,27%	1,29%	10,31%
	Serrana (SC)	32,25%	232,86%	3,56%	16,22%
	Sul Catarinense (SC)	12,59%	136,54%	1,49%	11,36%
	Vale do Itajaí (SC)	1,21%	169,50%	0,15%	13,19%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	37,33%	135,97%	4,04%
Concórdia		9,35%	148,34%	1,12%	12,04%
Joaçaba		-2,92%	230,90%	-0,37%	16,13%
São Miguel do Oeste		0,22%	193,01%	0,03%	14,38%
Xanxerê		-25,67%	-10,76%	-3,64%	-1,41%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Como mostra o Gráfico 35, a evolução das matrículas da graduação presencial na Mesorregião Oeste Catarinense ficou estagnada, passando de 34.075, em 2010, para 37.749, em 2018. Já as matrículas na EaD saltaram de 10.533 para 23.096, representando 38% do total (INEP, 2019a).

Gráfico 35 – Evolução das matrículas em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

As projeções apontam que, em 2023, a modalidade de ensino superior a distância superará o ensino presencial em número de matrículas. Entre maio de 2017 e maio de 2018, a oferta de polos de educação a distância no Brasil saltou de 6.583 para 15.394, um aumento de 133%, consequência direta do Decreto n. 9.057, de 25 de maio de 2017, que flexibilizou o marco regulatório da educação a distância (BRASIL, 2017).

As matrículas ofertadas na modalidade EaD encontram maior receptividade nas IES privadas de educação superior. Entre 2010 e 2018, a evolução das matrículas nessa modalidade de ensino no País foi de 151,5%, enquanto na modalidade presencial foi de apenas 12,2% (INEP, 2019a). Em SC, a proporção foi ainda maior: 167% para 2%. Na Mesorregião Oeste Catarinense, foi de 123,1% para -0,2% (INEP, 2019a). Significa dizer que a evolução das matrículas ofertadas na modalidade presencial nas IES privadas da Mesorregião se encontra praticamente estagnada, com decréscimo médio de 0,03% ao ano. Por sua vez, na modalidade EaD a evolução foi de 10,5% ao ano, como mostra a Tabela 68.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

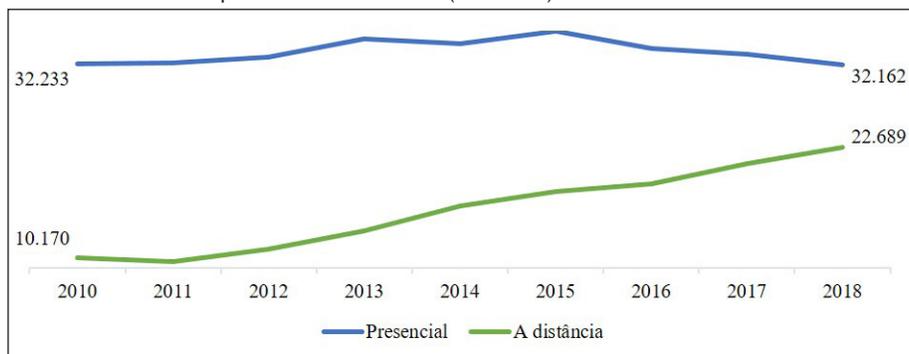
Tabela 68 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por modalidade de ensino nas IES privadas (2010-2018)

Região	Variação				
	2010-2018		Média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	12,20%	151,46%	1,45%	12,22%	
Santa Catarina	1,95%	167,05%	0,24%	13,06%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	4,86%	179,74%	0,60%	13,72%
	Norte Catarinense (SC)	-3,76%	182,10%	-0,48%	13,84%
	Oeste Catarinense (SC)	-0,22%	123,10%	-0,03%	10,55%
	Serrana (SC)	27,64%	268,97%	3,10%	17,73%
	Sul Catarinense (SC)	3,96%	154,50%	0,49%	12,39%
	Vale do Itajaí (SC)	-0,64%	168,89%	-0,08%	13,16%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	23,55%	146,55%	2,68%	11,94%
	Concórdia	-10,18%	151,70%	-1,33%	12,23%
	Joaçaba	-10,89%	242,42%	-1,43%	16,63%
	São Miguel do Oeste	-3,77%	193,01%	-0,48%	14,38%
	Xanxerê	-28,97%	-11,81%	-4,19%	-1,56%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Na Mesorregião Oeste Catarinense, as matrículas ofertadas na modalidade EaD em IES privadas saltaram de 10.170, em 2010, para 22.689, em 2018 (INEP, 2019a), como se observa no Gráfico 36.

Gráfico 36 – Evolução das matrículas em cursos de graduação em IES privadas na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

As IES privadas com fins lucrativos lideram o crescimento das matrículas nas duas modalidades de oferta de educação superior, presencial e a distância. Na modalidade presencial, no período analisado, a proporção foi de 30,6% para -5,1% em relação às IES privadas sem fins lucrativos. Em SC, a proporção foi de 30,5% para -7,8%; na Mesorregião Oeste, 60,3% para -7,9% (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 69.

Tabela 69 – Evolução das matrículas em cursos de graduação presencial nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018)

Região	Variação				
	2010-2018		Média anual		
	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	
Brasil	30,59%	-5,11%	3,39%	-0,65%	
Santa Catarina	30,54%	-7,77%	3,39%	-1,01%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	24,75%	-15,65%	2,80%	-2,11%
	Norte Catarinense (SC)	11,52%	-7,11%	1,37%	-0,92%
	Oeste Catarinense (SC)	60,32%	-7,85%	6,08%	-1,02%
	Serrana (SC)	62,21%	2,31%	6,23%	0,29%
	Sul Catarinense (SC)	84,70%	-5,68%	7,97%	-0,73%
	Vale do Itajaí (SC)	14,68%	-8,26%	1,73%	-1,07%

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Região		Variação			
		2010-2018		Média anual	
		Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	187,85%	6,32%	14,13%	0,77%
	Concórdia	-2,43%	-11,50%	-0,31%	-1,52%
	Joaçaba	-	-11,03%	-	-1,45%
	São Miguel do Oeste	44,58%	-19,40%	4,72%	-2,66%
	Xanxerê	-29,23%	-28,89%	-4,23%	-4,17%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Na modalidade EaD, as IES privadas com fins lucrativos levam vantagem ainda maior em relação às IES sem fins lucrativos. No Brasil, entre 2010 e 2018, a modalidade cresceu 255,7%, enquanto nas IES sem fins lucrativos registrou-se queda de -14,4%, como mostra a Tabela 70. Em Santa Catarina, a proporção foi de 224,9% para -16,4%; na Mesorregião Oeste Catarinense, de 151,2% para -10,2% (INEP, 2019a).

Tabela 70 – Evolução das matrículas em cursos de graduação a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018)

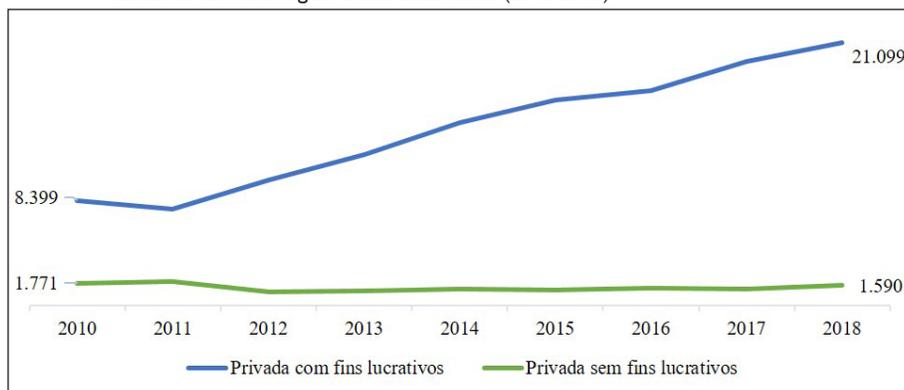
Região		Variação			
		2010-2018		Média anual	
		Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos
Brasil		255,66%	-14,44%	17,19%	-1,93%
Santa Catarina		224,85%	-16,41%	15,87%	-2,22%
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	329,62%	-36,72%	19,99%	-5,56%
	Norte Catarinense (SC)	267,42%	-21,20%	17,66%	-2,93%
	Oeste Catarinense (SC)	151,21%	-10,22%	12,20%	-1,34%
	Serrana (SC)	319,45%	-11,70%	19,63%	-1,54%
	Sul Catarinense (SC)	220,26%	-68,18%	15,66%	-13,33%
	Vale do Itajaí (SC)	193,18%	48,13%	14,39%	5,03%

Região		Variação			
		2010-2018		Média anual	
		Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	180,08%	2,83%	13,74%	0,35%
	Concórdia	186,38%	-43,90%	14,06%	-6,97%
	Joaçaba	338,41%	18,18%	20,29%	2,11%
	São Miguel do Oeste	291,54%	-58,27%	18,60%	-10,35%
	Xanxerê	-10,33%	-38,41%	-1,35%	-5,88%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a)

O Gráfico 37 apresenta a evolução das matrículas ofertadas a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense. Entre 2010 e 2018, as IES com fins lucrativos pularam de 8.399 para 21.099 matrículas, com evolução de 151,2%. Já nas IES sem fins lucrativos, no mesmo período, a modalidade diminuiu o número de matriculados em -10,2% (INEP, 2019a).

Gráfico 37 – Evolução das matrículas em cursos de graduação a distância em IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O grau de bacharelado, em 2018, contava com 5.690.724 matrículas, representando 67,6% dos alunos de graduação do País. No grau de licenciatura, as matrículas chegaram a 1.628.752, com participação de 19,4% em relação ao total.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Já o número de matrículas no grau de tecnólogo foi de 1.097.645, representando 13% dos alunos de graduação. Entre 2008 e 2018, o grau de curso com maior crescimento foi o de tecnólogo (40,3%), seguido pelo grau de bacharelado (34,6%) e de licenciatura (20%) (INEP, 2019a).

O grau de tecnólogo também liderou o crescimento das matrículas nas IES catarinenses (75,8%), seguido pelo grau de licenciatura (51,1%) e pelo grau de bacharelado (29,2%). Na Mesorregião Oeste Catarinense, o dado se repete: as matrículas em cursos de tecnólogo puxaram o crescimento (49,2%), seguido pelo grau de licenciatura (44,6%) e pelo grau de bacharelado (31,2%). Os três graus de ensino somavam, em 2018, 60.845 matrículas. Nas Microrregiões de Chapecó e Concórdia, a evolução das matrículas em cursos de grau de licenciatura foi maior, se comparada à evolução das matrículas nos graus de bacharelado e de tecnólogo (INEP, 2019a).

Tabela 71 – Evolução das matrículas em cursos de graduação por grau de curso (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018			Variação média anual			
	Bacharelado	Licenciatura	Tecnólogo	Bacharelado	Licenciatura	Tecnólogo	
Brasil	34,58%	19,99%	40,32%	3,78%	2,30%	4,32%	
Santa Catarina	29,23%	51,05%	75,76%	3,26%	5,29%	7,30%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	23,45%	26,63%	88,50%	2,67%	2,99%	8,25%
	Norte Catarinense (SC)	37,35%	54,36%	32,51%	4,05%	5,58%	3,58%
	Oeste Catarinense (SC)	31,20%	44,57%	49,21%	3,45%	4,72%	5,13%
	Serrana (SC)	63,96%	70,00%	195,54%	6,38%	6,86%	14,51%
	Sul Catarinense (SC)	25,68%	50,94%	116,82%	2,90%	5,28%	10,16%
	Vale do Itajaí (SC)	23,39%	73,14%	96,92%	2,66%	7,10%	8,84%

	Região	Variação 2010-2018			Variação média anual		
		Bacharelado	Licenciatura	Tecnólogo	Bacharelado	Licenciatura	Tecnólogo
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	42,71%	140,90%	57,77%	4,55%	11,62%	5,86%
	Concórdia	50,27%	76,40%	44,44%	5,22%	7,35%	4,70%
	Joaçaba	29,50%	20,11%	68,89%	3,28%	2,32%	6,77%
	São Miguel do Oeste	22,83%	48,38%	73,93%	2,60%	5,06%	7,16%
	Xanxerê	-5,14%	-42,81%	-17,37%	-0,66%	-6,75%	-2,36%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Na Tabela seguinte, observa-se o crescimento das matrículas ofertadas na modalidade a distância no grau de bacharelado, no Brasil. Entre 2010 e 2018, a variação foi de 149,6%, enquanto na modalidade presencial foi de 26,8%. Em SC, a proporção foi de 232,9% para 15,1%; na Mesorregião, de 195,1% para 17,3%. Nas Microrregiões de Joaçaba (variação de 685,5% para 12,3%) e de São Miguel do Oeste (variação de 2.641,7% para 6,4%), o crescimento das matrículas na modalidade a distância foi ainda maior. As matrículas no grau de bacharelado ofertadas a distância na Mesorregião saltaram de 2.295 para 6.774 no período analisado (variação de 14,5% ao ano); já as ofertadas no modelo tradicional, de 27.063 para 31.744 (variação de 2% ao ano) (INEP, 2019a).

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Tabela 72 – Evolução das matrículas em cursos de graduação com grau de bacharelado por modalidade de ensino (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	26,78%	149,61%	3,01%	12,11%	
Santa Catarina	15,10%	232,93%	1,77%	16,22%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	14,62%	129,84%	1,72%	10,96%
	Norte Catarinense (SC)	20,99%	284,79%	2,41%	18,35%
	Oeste Catarinense (SC)	17,30%	195,16%	2,01%	14,49%
	Serrana (SC)	47,17%	294,70%	4,95%	18,72%
	Sul Catarinense (SC)	18,01%	136,47%	2,09%	11,36%
	Vale do Itajaí (SC)	2,19%	483,45%	0,27%	24,67%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	36,22%	87,45%	3,94%
Concórdia		22,08%	204,02%	2,52%	14,91%
Joaçaba		12,32%	685,51%	1,46%	29,39%
São Miguel do Oeste		6,39%	2641,67%	0,78%	51,27%
Xanxerê		-18,57%	173,60%	-2,54%	13,41%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O Censo da Educação Superior registrou, em 2018, 1.628.752 matrículas em cursos de licenciatura no Brasil, o que representa 19,4% do total de alunos da graduação. Os dados revelam que a formação de professores para a educação básica vem sendo liderada pelo setor privado de ensino superior, especialmente naquelas universidades e faculdades com fins lucrativos. Em 2018, as IES privadas detinham 62,8% das matrículas em cursos de licenciatura, enquanto as IES públicas contavam com 37,2% (INEP, 2019a).

A evolução das matrículas em cursos de licenciatura nas IES privadas, no período 2010-2018 (Tabela 73), foi de 26,5%, enquanto nas IES públicas, o crescimento foi de 10,5%. Em SC, a proporção do crescimento foi de 66,3% para -4,7%. Já na Mesorregião Oeste Catarinense, as matrículas realizadas em IES públicas apresentaram, no mesmo período, comportamento diverso: cresceram 210%, contra 32,5% nas IES privadas, impulsionadas pela instalação recente de IES públicas

nas Microrregiões de Chapecó, Concórdia e Joaçaba, como a UFFS, os Institutos Federais e a Udesc (INEP, 2019a).

Tabela 73 – Evolução das matrículas em cursos de licenciatura por categoria administrativa (2010-2018)

Região	Variação				
	2010-2018		Média anual		
	Pública	Privada	Pública	Privada	
Brasil	10,45%	26,46%	1,25%	2,98%	
Santa Catarina	-4,69%	66,27%	-0,60%	6,56%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	-32,82%	130,07%	-4,85%	10,98%
	Norte Catarinense (SC)	10,86%	59,50%	1,30%	6,01%
	Oeste Catarinense (SC)	210,08%	32,54%	15,20%	3,58%
	Serrana (SC)	-19,57%	73,01%	-2,68%	7,09%
	Sul Catarinense (SC)	51,12%	50,93%	5,30%	5,28%
	Vale do Itajaí (SC)	9,66%	84,67%	1,16%	7,97%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	219,86%	124,02%	15,64%	10,61%
	Concórdia	207,84%	63,10%	15,09%	6,31%
	Joaçaba	132,82%	14,57%	11,14%	1,72%
	São Miguel do Oeste	-	48,38%	-	5,06%
	Xanxerê	-	-45,45%	-	-7,30%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Os dados dos últimos censos revelam haver uma retração das matrículas em cursos de licenciatura ofertadas pelas IES públicas e IES privadas sem fins lucrativos e consequente aumento destas em cursos ofertados por IES privadas com fins lucrativos. No Brasil, entre 2010 e 2018, a evolução das matrículas nesse segmento foi de 88,9%, enquanto no segmento privado sem fins lucrativos foi negativa (-33,9%), como mostra a Tabela 35. Em Santa Catarina, a evolução no segmento privado lucrativo foi de 128,5% (variação de 10,9% ao ano); já no segmento privado não lucrativo houve redução de 29,8%. Na Mesorregião Oeste Catarinense, a evolução das matrículas em IES com fins lucrativos foi de 121,9% (variação de 10,5% ao ano), com destaque para as Microrregiões de Chapecó (353,1%) e de Joaçaba (292,8%). Já

a evolução das matrículas em cursos de licenciatura ofertados por IES não lucrativas foi negativa (-42,5%) (INEP, 2019a).

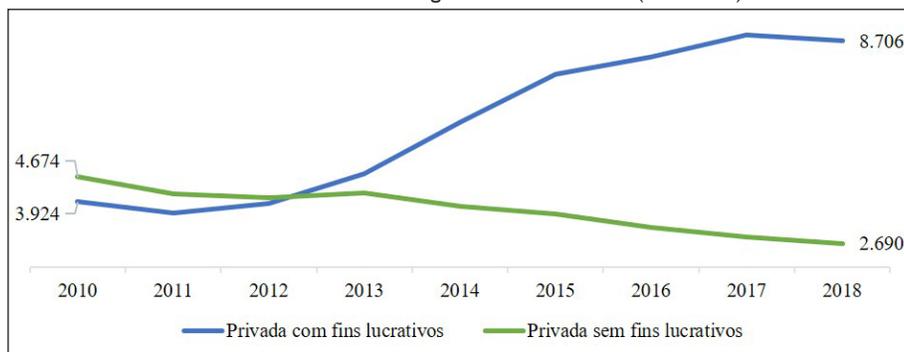
Tabela 74 – Evolução das matrículas em cursos de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	
Brasil	88,91%	-33,92%	8,28%	-5,05%	
Santa Catarina	128,51%	-29,75%	10,88%	-4,32%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	213,20%	-34,67%	15,34%	-5,18%
	Norte Catarinense (SC)	119,29%	-32,93%	10,31%	-4,87%
	Oeste Catarinense (SC)	121,87%	-42,45%	10,47%	-6,67%
	Serrana (SC)	119,81%	-32,78%	10,35%	-4,84%
	Sul Catarinense (SC)	130,74%	-37,64%	11,02%	-5,73%
	Vale do Itajaí (SC)	107,34%	14,81%	9,54%	1,74%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	353,10%	-8,30%	20,79%
Concórdia		130,86%	-58,89%	11,02%	-10,52%
Joaçaba		292,75%	-53,38%	18,65%	-9,10%
São Miguel do Oeste		157,71%	-51,90%	12,56%	-8,74%
Xanxerê		-38,94%	-70,99%	-5,98%	-14,33%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Entre os anos 2010 e 2018, as matrículas em cursos de licenciatura ofertadas por IES lucrativas na Mesorregião Oeste Catarinense saltaram de 3.924 para 8.706 (INEP, 2019a). De outro lado, nas IES sem fins lucrativos, houve redução de matrículas, como mostra o Gráfico 38.

Gráfico 38 – Evolução das matrículas em cursos de graduação com grau de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Em 2018, as matrículas em cursos de licenciatura a distância, no Brasil, representavam 50,2% do total (INEP, 2019a). Pela primeira vez, na série histórica, o número de alunos que frequentam cursos de licenciatura nessa modalidade de ensino é maior do que o número de alunos de cursos de licenciatura presenciais. Isso porque o segmento privado lucrativo de educação superior vem adotando a estratégia de expandir a oferta de cursos de licenciatura a distância, como revelam a Tabela 40 e o Gráfico 27. Entre 2010 e 2018 a evolução das matrículas nesse grau de ensino foi de 204,5%; já o setor privado não lucrativo apresentou queda de -14,7%. Em SC, as matrículas em IES privadas com fins lucrativos evoluíram 145,6% e as sem fins lucrativos 40,2%. Na Mesorregião Oeste Catarinense a evolução foi de 127,9% e nas sem fins lucrativos, de 84% (INEP, 2019a).

## A mesorregião Oeste catarinense:

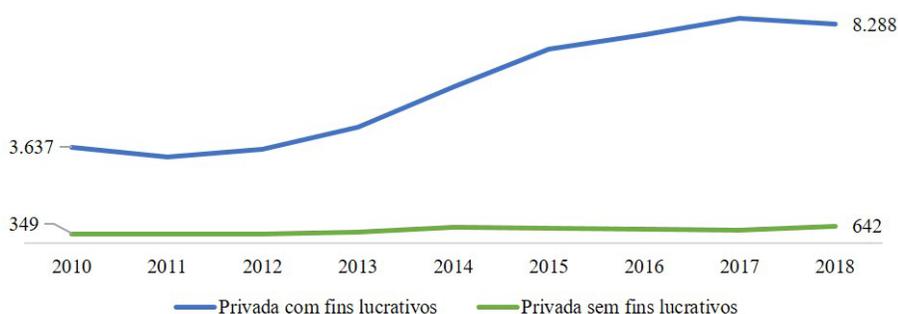
análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Tabela 75 – Evolução das matrículas em cursos de licenciatura a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual	
	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos
Brasil	204,50%	-14,72%	14,93%	-1,97%
Santa Catarina	145,60%	40,15%	11,89%	4,31%
Grande Florianópolis (SC)	219,58%	-16,80%	15,63%	-2,27%
Norte Catarinense (SC)	151,16%	251,79%	12,20%	17,03%
Oeste Catarinense (SC)	127,88%	83,95%	10,84%	7,92%
Serrana (SC)	205,02%	257,14%	14,96%	17,25%
Sul Catarinense (SC)	132,58%	-72,01%	11,13%	-14,71%
Vale do Itajaí (SC)	119,14%	81,67%	10,30%	7,75%
Mesorregiões de Santa Catarina				
Chapecó	384,15%	471,11%	21,79%	24,33%
Concórdia	130,86%	310,00%	11,02%	19,29%
Joaçaba	292,75%	39,56%	18,65%	4,25%
São Miguel do Oeste	193,76%	-47,83%	14,42%	-7,81%
Xanxerê	-37,69%	25,58%	-5,74%	2,89%
Microrregiões do Oeste Catarinense				

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Gráfico 39 – Evolução das matrículas em cursos de licenciatura nas IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

## 6.2.8 Concluintes em cursos de graduação

A evolução dos concluintes em cursos de graduação no período entre 2010 e 2018 (Tabela 76), no Brasil, foi de 29,8% (variação média de 3,3% ao ano). Em SC, a evolução ficou em 23,6%, abaixo, portanto, da evolução nacional. Na Mesorregião Oeste Catarinense há um processo de desaceleração no número de concluintes (17,3%), puxado pela redução de concluintes das Microrregiões de Xanxerê (-41,2%), Joaçaba (7,7%) e São Miguel do Oeste (16,3%). De outro lado, as Microrregiões de Concórdia (65,9%) e de Chapecó (51,6%) obtiveram, no período, aumento considerável no número de concluintes (INEP, 2019a).

Tabela 76 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação (2010-2018)

Região	Variação		
	2010-2018	Média anual	
Brasil	29,82%	3,32%	
Santa Catarina	23,64%	2,69%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	20,93%	2,40%
	Norte Catarinense (SC)	11,05%	1,32%
	Oeste Catarinense (SC)	17,34%	2,02%
	Serrana (SC)	84,30%	7,94%
	Sul Catarinense (SC)	44,14%	4,68%
	Vale do Itajaí (SC)	21,19%	2,43%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	51,61%
Concórdia		65,88%	6,53%
Joaçaba		7,66%	0,93%
São Miguel do Oeste		16,33%	1,91%
Xanxerê		-41,21%	-6,42%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Quanto à avaliação dos concluintes por categoria administrativa, em 2018, o Censo da Educação Superior registrou no País 1.264.239 concluintes, dos quais, 254.750 eram originários de IES públicas (20,2%) e 1.009.489, de IES privadas (79,8%). O número de concluintes na rede pública aumentou em média 4,1% ao ano;

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

já na rede privada, a variação foi de 3,1% ao ano. A variação percentual do número de concluintes no período entre 2010 e 2018 foi maior na rede pública (38,2%); na rede privada foi de 27,9% (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 42.

Em Santa Catarina, a evolução dos concluintes também foi maior nas IES públicas, na proporção de 26% para 23,2% em relação às IES privadas. Já na Mesorregião Oeste Catarinense, a proporção foi de 211,6% para as IES públicas e 13% para as IES privadas, puxada pelo crescimento de concluintes nas IES públicas das Microrregiões de Concórdia (1.775%) e de Chapecó (110,8%) (INEP, 2019a). O crescimento dos concluintes nessas duas Microrregiões é reflexo da criação da UFFS e dos Institutos Federais instalados na Mesorregião.

Tabela 77 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação por categoria administrativa (2010-2018)

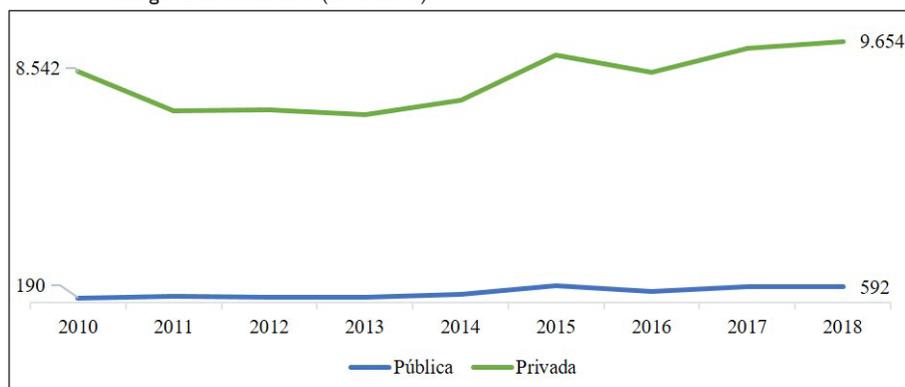
Região	Variação				
	2010-2018		Média anual		
	Pública	Privada	Pública	Privada	
Brasil	38,23%	27,86%	4,13%	3,12%	
Santa Catarina	25,99%	23,24%	2,93%	2,65%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	10,16%	27,76%	1,22%	3,11%
	Norte Catarinense (SC)	63,18%	8,06%	6,31%	0,97%
	Oeste Catarinense (SC)	211,58%	13,02%	15,26%	1,54%
	Serrana (SC)	-6,47%	106,05%	-0,83%	9,46%
	Sul Catarinense (SC)	995,12%	36,95%	34,88%	4,01%
	Vale do Itajaí (SC)	13,15%	22,71%	1,56%	2,59%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	110,75%	47,44%	9,77%	4,97%
	Concórdia	1775,00%	55,12%	44,25%	5,64%
	Joaçaba	-	4,28%	-	0,53%
	São Miguel do Oeste	-	14,88%	-	1,75%
	Xanxerê	-	-42,90%	-	-6,76%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Quando consideramos o número total de concluintes nas IES da Mesorregião Oeste Catarinense, observamos que são majoritariamente originários de IES privadas

(94,2%), como mostra o Gráfico 28. Isto se explica pelo fato de as IES públicas terem se estabelecido na região em período recente da história da educação superior.

Gráfico 40 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense por categoria administrativa (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evolução dos concluintes é maior nas IES privadas com fins lucrativos, tanto no País (61,3%) quanto em SC (74,3%) e suas mesorregiões. Já nas IES não lucrativas há nítida tendência de queda, como mostra a Tabela 78 (INEP, 2019a).

Tabela 78 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação na categoria administrativa privada (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	
Brasil	61,34%	-4,35%	6,16%	-0,55%	
Santa Catarina	74,30%	-10,16%	7,19%	-1,33%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	131,89%	-41,35%	11,09%	-6,45%
	Norte Catarinense (SC)	34,71%	-7,38%	3,79%	-0,95%
	Oeste Catarinense (SC)	67,73%	-14,73%	6,68%	-1,97%
	Serrana (SC)	248,72%	13,67%	16,90%	1,61%
	Sul Catarinense (SC)	100,32%	3,19%	9,07%	0,39%
	Vale do Itajaí (SC)	41,79%	3,16%	4,46%	0,39%

## A mesorregião Oeste catarinense:

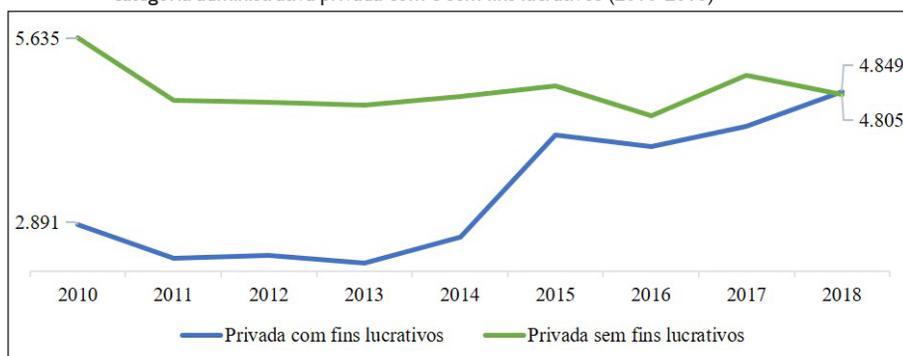
análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Região		Variação 2010-2018		Variação média anual	
		Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	124,85%	9,96%	10,66%	1,19%
	Concórdia	203,86%	-28,24%	14,90%	-4,06%
	Joaçaba	116,49%	-17,52%	10,14%	-2,38%
	São Miguel do Oeste	82,90%	-23,05%	7,84%	-3,22%
	Xanxerê	-37,90%	-49,30%	-5,78%	-8,14%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O Gráfico 41 indica que a evolução dos concluintes nas IES privadas lucrativas da Mesorregião Oeste Catarinense ocorreu de forma mais acelerada até o ano de 2015, mantendo-se estável nos três anos seguintes. Já nas IES não lucrativas, observa-se uma retomada do crescimento no número de concluintes entre os anos de 2016 e 2017, mas novamente com uma queda em 2018. Verifica-se, ainda, que em 2018 o número de concluintes de IES privadas com fins lucrativos é maior que o de IES privadas sem fins lucrativos (INEP, 2019a).

Gráfico 41 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense, na categoria administrativa privada com e sem fins lucrativos (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Ao avaliar as modalidades de ensino (Tabela 79), na educação a distância, a evolução dos concluintes em cursos de graduação é significativamente desproporcional se comparada à educação presencial no período analisado. No Brasil, a desproporção

é de 89,4% para 19,4%; em SC, de 69,5% para 6,1%; e na Mesorregião Oeste Catarinense, de 52,8% para 0,7% (INEP, 2019a).

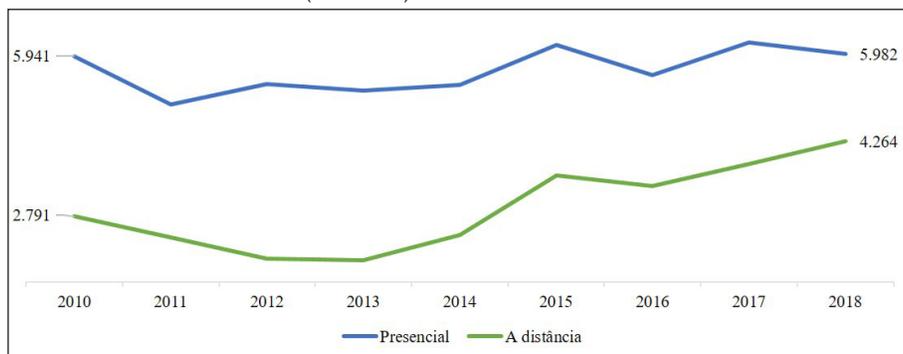
Tabela 79 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação por modalidade de ensino (2010-2018)

Região Presencial	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	19,43%	89,43%	2,24%	8,31%	
Santa Catarina	6,12%	69,51%	0,75%	6,82%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	3,96%	81,01%	0,49%	7,70%
	Norte Catarinense (SC)	-2,87%	49,72%	-0,36%	5,17%
	Oeste Catarinense (SC)	0,69%	52,78%	0,09%	5,44%
	Serrana (SC)	75,47%	99,66%	7,28%	9,03%
	Sul Catarinense (SC)	22,44%	95,10%	2,56%	8,71%
	Vale do Itajaí (SC)	2,06%	71,26%	0,26%	6,96%
	Microrregiões do Oes- te Catarinense	Chapecó	38,87%	77,41%	4,19%
Concórdia		1,72%	178,45%	0,21%	13,66%
Joaçaba		-18,67%	117,45%	-2,55%	10,20%
São Miguel do Oeste		5,77%	40,17%	0,70%	4,31%
Xanxerê		-41,49%	-40,88%	-6,48%	-6,36%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Entre 2010 e 2018, o número de concluintes em cursos de graduação a distância ofertados na Mesorregião Oeste Catarinense saltou de 2.791 para 4.264 (evolução de 52,8%); já na modalidade presencial, a evolução foi de apenas 0,7%, como mostra o Gráfico 42.

Gráfico 42 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Nas IES privadas, o crescimento do número de concluintes é significativamente maior em cursos ofertados na modalidade a distância, se comparado com o número de concluintes de cursos ofertados na modalidade presencial. No País, a proporção é de 94,1% para 14,5%; em SC, de 68,4% para 2,1%; e na Mesorregião Oeste Catarinense, de 48,8% para -4,2% (INEP, 2019a). Os dados atestam, mais uma vez, o crescimento vigoroso da educação a distância nesse segmento da educação superior, tanto no País quanto em Santa Catarina e suas mesorregiões (Tabela 80).

Tabela 80 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação, por modalidade de ensino, nas IES privadas (2010-2018)

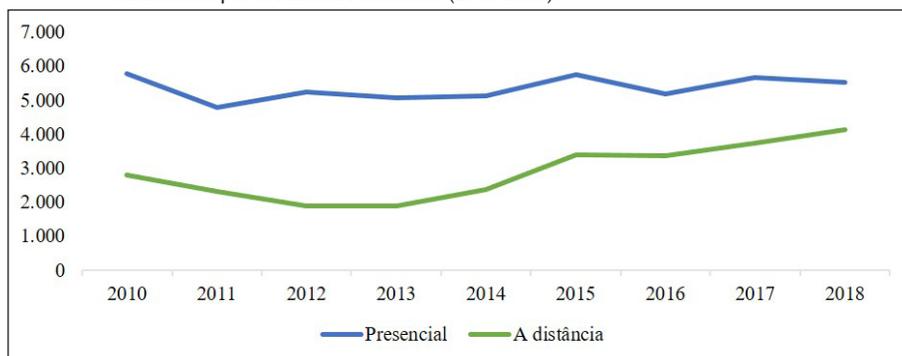
Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	14,51%	94,14%	1,71%	8,65%	
Santa Catarina	2,12%	68,35%	0,26%	6,73%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	-2,84%	85,65%	-0,36%	8,04%
	Norte Catarinense (SC)	-7,66%	49,08%	-0,99%	5,12%
	Oeste Catarinense (SC)	-4,22%	48,78%	-0,54%	5,09%
	Serrana (SC)	107,22%	104,56%	9,54%	9,36%
	Sul Catarinense (SC)	14,53%	90,95%	1,71%	8,42%
	Vale do Itajaí (SC)	-0,10%	69,38%	-0,01%	6,81%

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	31,14%	77,85%	3,45%	7,46%
	Concórdia	-11,66%	171,12%	-1,54%	13,28%
	Joaçaba	-19,37%	102,91%	-2,65%	9,25%
	São Miguel do Oeste	3,68%	40,17%	0,45%	4,31%
	Xanxerê	-41,49%	-44,55%	-6,48%	-7,11%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

O Gráfico 43 compara a evolução dos concluintes em cursos de graduação em IES privadas na Mesorregião Oeste Catarinense nas duas modalidades de oferta. Enquanto o número de concluintes em cursos de graduação ofertados a distância em IES privadas, entre 2010 e 2018, saltou de 2.778 para 4.133, na modalidade presencial, o número ficou praticamente estagnado (de 5.764 para 5.521) (INEP, 2019a).

Gráfico 43 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação em IES privadas na Mesorregião Oeste Catarinense por modalidade de ensino (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evolução dos concluintes em cursos de graduação a distância nas IES lucrativas é desproporcional ao crescimento verificado nas IES não lucrativas, como mostra a Tabela 81, por ser um mercado atrativo do ponto de vista financeiro para esse segmento da educação superior. No Brasil, a proporção é de 184,8% para -27,8%; em SC, de 98,5% para -31,1%; e na Mesorregião Oeste Catarinense, de 58,2% para -18,5% (INEP, 2019a).

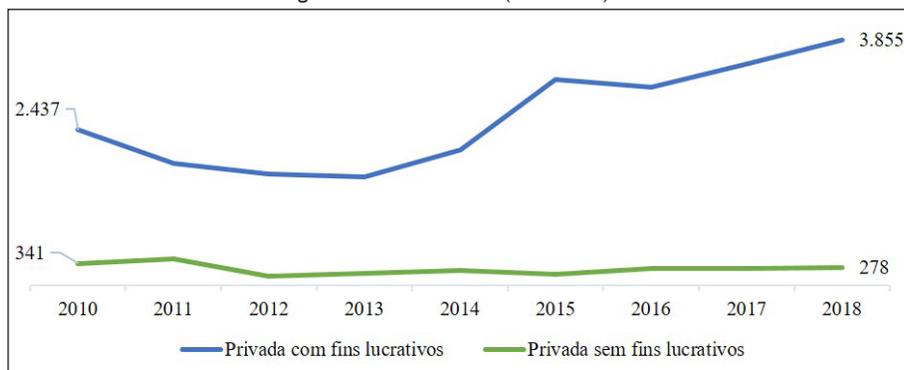
Tabela 81 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação a distância nas IES privadas com e sem fins lucrativos (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	
Brasil	184,83%	-27,75%	13,98%	-3,98%	
Santa Catarina	98,45%	-31,12%	8,94%	-4,55%	
*Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	289,67%	-55,04%	18,53%	-9,51%
	Norte Catarinense (SC)	96,23%	-54,37%	8,79%	-9,34%
	Oeste Catarinense (SC)	58,19%	-18,48%	5,90%	-2,52%
	Serrana (SC)	115,67%	19,70%	10,08%	2,27%
	Sul Catarinense (SC)	106,02%	-41,10%	9,46%	-6,40%
	Vale do Itajaí (SC)	67,41%	84,43%	6,65%	7,95%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	96,12%	-18,37%	8,78%
Concórdia		192,75%	-8,00%	14,37%	-1,04%
Joaçaba		116,49%	30,99%	10,14%	3,43%
São Miguel do Oeste		56,95%	-45,76%	5,80%	-7,36%
Xanxerê		-43,06%	-74,36%	-6,80%	-15,64%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Em 2010, as IES privadas lucrativas detinham 2.437 concluintes em cursos de graduação a distância, saltando para 3.855 em 2018 (58,2%); já as IES privadas não lucrativas viram seu número de concluintes decrescer no mesmo período (-18,5%) (INEP, 2019a), como mostra o Gráfico 44.

Gráfico 44 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação a distância em IES privadas com e sem fins lucrativos na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evolução do número de concluintes em cursos de graduação, por grau acadêmico, no período entre 2010 e 2018, no Brasil, foi maior no bacharelado (39%), seguido pelo tecnólogo (30%) e pela licenciatura (7%), como revelam a Tabela 47 e o Gráfico 33. Segundo o Censo da Educação Superior, o grau tecnólogo registrou queda no número de concluintes no período de 2014 a 2016, contudo, tem a maior variação positiva registrada entre 2007 e 2017 (133,6%). Em 2018, os concluintes do grau bacharelado corresponderam a 63,4% do total, enquanto na licenciatura a participação foi de 19,8% e no grau tecnólogo, de 16,8% (INEP, 2019a).

Em SC, entre 2010 e 2018, a evolução do número de concluintes em cursos de graduação foi 21% no grau bacharelado, 26,5% no grau licenciatura e 29% no grau tecnólogo. Na Mesorregião Oeste Catarinense, a evolução foi maior no grau licenciatura (36,2%) (INEP, 2019a).

## A mesorregião Oeste catarinense:

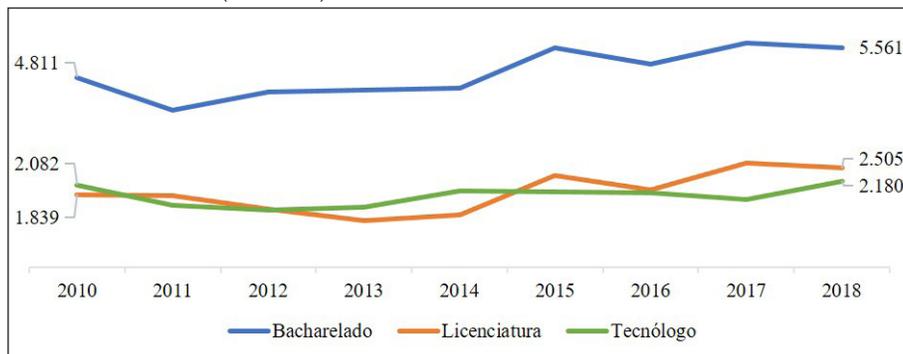
análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

Tabela 82 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação por grau de curso (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018			Variação média anual			
	Bacharelado	Licenciatura	Tecnólogo	Bacharelado	Licenciatura	Tecnólogo	
Brasil	39,01%	6,85%	30,31%	4,20%	0,83%	3,36%	
Santa Catarina	20,75%	26,51%	29,03%	2,38%	2,98%	3,24%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	8,03%	34,20%	70,25%	0,97%	3,75%	6,88%
	Norte Catarinense (SC)	23,77%	0,24%	-3,23%	2,70%	0,03%	-0,41%
	Oeste Catarinense (SC)	15,59%	36,22%	4,71%	1,83%	3,94%	0,58%
	Serrana (SC)	110,86%	31,96%	95,65%	9,77%	3,53%	8,75%
	Sul Catarinense (SC)	44,64%	21,37%	86,33%	4,72%	2,45%	8,09%
	Vale do Itajaí (SC)	13,37%	35,97%	30,58%	1,58%	3,92%	3,39%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	37,79%	192,56%	14,19%	4,09%	14,36%	1,67%
	Concórdia	34,22%	143,56%	80,40%	3,75%	11,77%	7,65%
	Joaçaba	4,14%	13,33%	11,44%	0,51%	1,58%	1,36%
	São Miguel do Oeste	26,96%	1,91%	9,20%	3,03%	0,24%	1,11%
	Xanxerê	-29,65%	-45,74%	-57,31%	-4,30%	-7,36%	-10,09%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

Gráfico 45 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação, por grau de curso, na mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evolução do número de concluintes por grau de curso ocorreu de forma mais volumosa nas IES privadas, com destaque para as IES lucrativas, e em cursos ofertados na modalidade a distância, fenômeno já constatado com relação aos ingressantes e aos matriculados no período em estudo. Na Mesorregião Oeste Catarinense, por exemplo, a evolução do número de concluintes de cursos de bacharelado ofertados a distância nas IES privadas foi de 107,2% contra os 6,1% verificados em cursos presenciais. No País, a evolução foi de 183,7% para 31,6%; e em SC, de 124,5% para 12% (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 48.

Tabela 83 – Evolução dos concluintes em cursos de graduação com grau de bacharelado nas IES privadas por modalidade de ensino (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	31,61%	183,70%	3,49%	13,92%	
Santa Catarina	12,00%	124,46%	1,43%	10,64%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	6,05%	0,23%	0,74%	0,03%
	Norte Catarinense (SC)	10,55%	243,07%	1,26%	16,66%
	Oeste Catarinense (SC)	6,12%	107,22%	0,75%	9,54%
	Serrana (SC)	141,54%	873,91%	11,65%	32,91%
	Sul Catarinense (SC)	24,88%	585,19%	2,82%	27,20%
	Vale do Itajaí (SC)	0,63%	865,38%	0,08%	32,77%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	41,46%	23,51%	4,43%
Concórdia		-6,90%	187,76%	-0,89%	14,12%
Joaçaba		-9,07%	2833,33%	-1,18%	52,55%
São Miguel do Oeste		16,64%	-	1,94%	-
Xanxerê		-32,18%	5,56%	-4,74%	0,68%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

### 6.2.9 Evasão

Para fins de análise, considera-se evadido o aluno desvinculado do curso com matrícula trancada e ou falecido. Para calcular o índice de evasão, considerou-se o

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

total de alunos evadidos, dividido pelo número de alunos vinculados em qualquer situação no ano do censo. Para calcular a variação entre os anos 2010 e 2018 e a variação média anual, considerou-se o número absoluto de alunos evadidos.

A média anual de evadidos do ensino superior no Brasil, entre 2010 e 2018, foi de 8,5% ao ano, e em Santa Catarina, foi de 9,2%. Na Mesorregião Oeste Catarinense, a média anual ficou em 10,4%, acima da verificada no País e no Estado (Tabela 84). A evasão vem crescendo na Mesorregião desde 2011, contudo, acelerou nos últimos três anos (INEP, 2019a).

Tabela 84 – Evolução da evasão em cursos de graduação por região (2010-2018)

Região	Variação		
	2010-2018	Média anual	
Brasil	92,12%	8,50%	
Santa Catarina	102,78%	9,24%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	106,34%	9,48%
	Norte Catarinense (SC)	136,10%	11,34%
	Oeste Catarinense (SC)	121,11%	10,43%
	Serrana (SC)	321,45%	19,70%
	Sul Catarinense (SC)	116,56%	10,14%
	Vale do Itajaí (SC)	44,39%	4,70%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	123,64%
Concórdia		173,35%	13,39%
Joaçaba		144,30%	11,81%
São Miguel do Oeste		138,40%	11,47%
Xanxerê		32,63%	3,59%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evolução da evasão em cursos de graduação é significativamente maior na modalidade de ensino a distância, uma tendência que vem se mantendo nos últimos anos no País, em SC e suas mesorregiões. No Brasil, entre 2010 e 2018, a variação média anual foi de 19,4%, enquanto na modalidade presencial foi de 5,3% (INEP, 2019a). Em SC, a proporção foi de 19,4% para 4,7%, e Oeste Catarinense, de 22,4% para 4,9% (INEP, 2019a), como mostra a Tabela 85.

Tabela 85 – Evolução da evasão em cursos de graduação por modalidade de ensino (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Presencial	A distância	Presencial	A distância	
Brasil	50,80%	311,91%	5,27%	19,36%	
Santa Catarina	44,47%	313,27%	4,71%	19,41%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	50,31%	394,13%	5,23%	22,10%
	Norte Catarinense (SC)	69,46%	331,13%	6,82%	20,04%
	Oeste Catarinense (SC)	46,33%	404,16%	4,87%	22,41%
	Serrana (SC)	253,61%	477,93%	17,10%	24,52%
	Sul Catarinense (SC)	68,33%	258,40%	6,73%	17,30%
	Vale do Itajaí (SC)	-2,09%	207,39%	-0,26%	15,07%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	50,71%	455,79%	5,26%
Concórdia		53,05%	356,02%	5,46%	20,89%
Joaçaba		68,32%	479,50%	6,73%	24,56%
São Miguel do Oeste		28,69%	938,17%	3,20%	33,98%
Xanxerê		-12,46%	118,06%	-1,65%	10,24%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).

A evasão em cursos de graduação ofertados na modalidade a distância em IES privadas lucrativas tem sido maior que a ofertada em IES privadas sem fins lucrativos. A variação média anual nesse modelo de educação superior, entre 2010 e 2018, no Brasil, foi de 32,2% ao ano, enquanto no modelo privado não lucrativo, houve uma queda de -3,4% (INEP, 2019a).

Em Santa Catarina, a proporção foi de 25,4% para 2,1%, e na Mesorregião Oeste Catarinense, de 29% para 2,9%, como ilustra a Tabela 51. O dado revela que, embora as IES lucrativas detenham maior percentual de matrículas na modalidade EaD em relação às IES não lucrativas, também detêm a maior taxa de evasão.

## A mesorregião Oeste catarinense:

*análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina*

Tabela 86 – Evolução da evasão em cursos de graduação a distância em IES com e sem fins lucrativos (2010-2018)

Região	Variação 2010-2018		Variação média anual		
	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	Com fins lucrativos	Sem fins lucrativos	
Brasil	831,23%	-24,28%	32,17%	-3,42%	
Santa Catarina	512,71%	18,16%	25,43%	2,11%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	790,00%	-0,91%	31,42%	-0,11%
	Norte Catarinense (SC)	595,59%	19,55%	27,44%	2,26%
	Oeste Catarinense (SC)	664,60%	25,53%	28,95%	2,88%
	Serrana (SC)	772,11%	20,86%	31,09%	2,40%
	Sul Catarinense (SC)	533,61%	-49,29%	25,96%	-8,14%
	Vale do Itajaí (SC)	258,02%	71,10%	17,28%	6,94%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	854,48%	33,52%	32,58%
Concórdia		676,92%	-6,49%	29,21%	-0,84%
Joaçaba		930,77%	40,66%	33,86%	4,36%
São Miguel do Oeste		2072,88%	8,33%	46,94%	1,01%
Xanxerê		135,19%	-25,45%	11,28%	-3,61%

Fonte: elaborada com base em dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2019a).



## **CAPÍTULO 7**

### **PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**

Os dados da pós-graduação stricto sensu (PG), aqui analisados, foram extraídos do Sistema de Informações Georreferenciais (GeoCapes), da Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2019). A análise ateu-se aos programas de PG vigentes nas regiões brasileiras, em SC e em suas correspondentes mesorregiões.

As informações do País foram consolidadas por unidade da federação; já as do Estado de SC e da Mesorregião Oeste Catarinense, por município. Tomou-se, para fins de recorte, o período entre 2010 e 2018. Foram objeto de estudo o número de cursos, de matrículas e de titulados. A análise foi feita por nível de curso, ou seja, mestrado e doutorado. Foram incluídos no estudo todos os cursos de PG que tivessem, ao menos, um aluno matriculado.

#### **7.1 CURSOS EM ANDAMENTO**

O Brasil contava, em 2018, com 7.028 cursos de PG, assim distribuídos por nível de ensino: 3.537 mestrados acadêmicos, 1.158 mestrados profissionais e 2.333 doutorados. A maior concentração da PG encontra-se na região Sudeste, com 3.200 cursos, seguida pela região Sul, com 1.492. A região Norte é a que detém o menor número de cursos (399). Santa Catarina contava, em 2018, com 270 cursos, entre os quais, 136 mestrados acadêmicos, 49 mestrados profissionais e 85 doutorados (CAPES, 2019).

Como se pode observar na Tabela 87, os cursos de pós-graduação em SC concentram-se, em grande parte, na Mesorregião Grande Florianópolis, onde estão localizadas duas universidades públicas, a UFSC e a Udesc. A UFSC conta com 137 cursos, representando 50,7% do total de cursos ofertados no Estado; a Udesc, conta com 47 cursos, representando 17,4% do total. A segunda maior concentração de cursos de PG está na Mesorregião Vale do Itajaí, com 33 cursos (12,3%), onde também se concentra o maior número de IES (CAPES, 2019).

A Mesorregião Oeste Catarinense contava, em 2018, com 15 mestrados acadêmicos, sete mestrados profissionais e três doutorados, totalizando 25 cursos (9,2%). Os cursos na Mesorregião estão concentrados nas IES privadas sem fins lucrativos, pertencentes ao modelo comunitário de educação superior, com 19 cursos (CAPES, 2019). Contudo, a tendência para os próximos anos é de que a expansão da PG se dê pela UFFS, instalada no Município de Chapecó em 2009.

Os dados apresentados revelam haver uma visível assimetria na oferta da PG no Estado de SC. A grande maioria dos cursos concentra-se na faixa litorânea, onde se encontram as Mesorregiões da Grande Florianópolis, Vale do Itajaí, Sul Catarinense e Norte Catarinense. Juntas, essas Mesorregiões contam com 233 cursos de mestrado e doutorado, correspondendo a uma participação de 86,3% em relação ao total (CAPES, 2019). Esse fenômeno caminha na contramão da própria política da Capes, cuja política tem sido a de desconcentrar a PG dos grandes centros urbanos para o interior do País, intenção, até então, não materializada.

Tabela 87 – Cursos de pós-graduação por nível de ensino e região

Região	Mestrado		Mestrado Profissional		Doutorado		
	2010	2018	2010	2018	2010	2018	
Brasil	2.542	3.537	242	1.158	1.499	2.333	
Regiões do Brasil	Centro-Oeste	187	292	16	92	92	173
	Nordeste	477	724	41	279	210	377
	Norte	123	192	7	100	43	107
	Sudeste	1.227	1.538	130	474	864	1.188
	Sul	528	791	48	213	290	488
	Santa Catarina	96	136	16	49	53	85
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	67	73	10	25	47	63
	Norte Catarinense (SC)	3	13	2	5		2
	<b>Oeste Catarinense (SC)</b>	<b>3</b>	<b>15</b>	<b>1</b>	<b>7</b>		<b>3</b>
	Serrana (SC)	1	7		1		4
	Sul Catarinense (SC)	7	12		3	2	4
	Vale do Itajaí (SC)	15	16	3	8	4	9

## A mesorregião Oeste catarinense:

análise comparativa de indicadores demográficos, econômicos e educacionais de Santa Catarina

	Região	Mestrado		Mestrado Profissional		Doutorado	
		2010	2018	2010	2018	2010	2018
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	1	10	1	5		2
	Concórdia				1		
	Joaçaba	2	4		1		1
	Xanxerê		1				

Fonte: elaborada com base em dados do GeoCapes (CAPES, 2019).

A Tabela 88 posiciona os cursos de PG (mestrados e doutorados) por categoria administrativa. As IES públicas possuem a liderança *absoluta* da oferta, atingindo, em 2018, 5.898 cursos (84%), contra 1.130 ofertados por IES privadas. Esse fenômeno também se verifica em SC, cuja proporção é de 78,5% para 21,5%. Na Mesorregião Oeste, contudo, a proporção se inverte: em 2018, as IES privadas somavam 16 cursos de mestrado e doutorado contra nove ofertados pelas IES públicas (CAPES, 2019). O fato se explica pela tardia presença na Mesorregião de uma universidade do sistema federal de educação superior. A Udesc, presente na Mesorregião Oeste Catarinense desde 2002, com a implantação de curso sequencial em Tecnologia de Produtos Alimentares Regionais, com turmas em Pinhalzinho e São José do Cedro, priorizou apenas a implantação de cursos de graduação.

Tabela 88 – Cursos de pós-graduação stricto sensu por categoria administrativa (2010-2018)

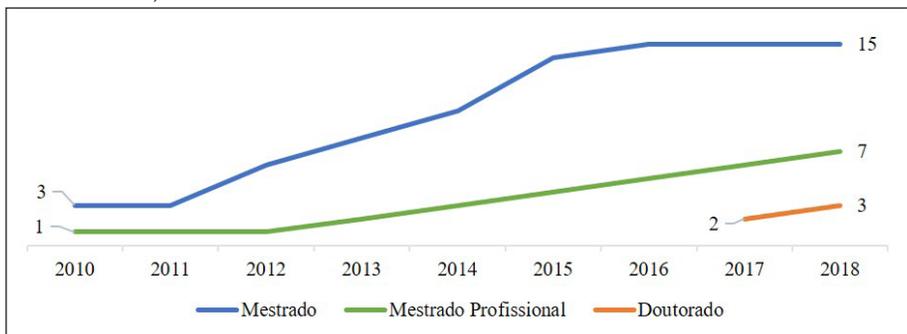
	Região	Estadual		Federal		Municipal		Privada	
		2010	2018	2010	2018	2010	2018	2010	2018
	Brasil	1.133	1.722	2.405	4.138	26	38	719	1.130
Regiões do Brasil	Centro-Oeste	9	52	243	441	1	1	42	63
	Nordeste	92	239	590	1.039	0	0	46	102
	Norte	8	36	159	348	0	0	6	15
	Sudeste	869	1.082	936	1.524	14	19	402	575
	Sul	155	313	477	786	11	18	223	375
	Santa Catarina	20	47	104	147	11	18	30	58

	Região	Estadual		Federal		Municipal		Privada	
		2010	2018	2010	2018	2010	2018	2010	2018
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	20	27	104	133	0	0	0	1
	Norte Catarinense (SC)	0	10	0	3	0	1	5	6
	Oeste Catarinense (SC)	0	2	0	4	1	3	3	16
	Serrana (SC)	0	8	0	1	0	0	1	3
	Sul Catarinense (SC)	0	0	0	3	0	0	9	16
	Vale do Itajaí (SC)	0	0	0	3	10	14	12	16
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	0	2	0	4	0	0	2	11
	Concórdia	0	0	0	0	0	1	0	0
	Joaçaba	0	0	0	0	1	2	1	4
	Xanxerê	0	0	0	0	0	0	0	1

Fonte: elaborada com base em dados do GeoCapes (CAPES, 2019).

O Gráfico 46 demonstra como tem sido a evolução da oferta de cursos de PG por nível de ensino na Mesorregião Oeste Catarinense. Pela ausência da educação superior de natureza pública, a PG *stricto sensu* se instalou na Mesorregião tardiamente, por iniciativa de IES privadas, representadas pelo sistema comunitário de educação superior, sobretudo a partir da segunda década dos anos 2000.

Gráfico 46 – Evolução dos cursos de PG por nível de ensino na Mesorregião Oeste Catarinense (2010-2018)



Fonte: elaborado com base em dados do GeoCapes (CAPES, 2019).

## 7.2 MATRÍCULAS NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

A Pós-graduação vem crescendo em ritmo acelerado a partir de 2010. Em 2011, quando a Capes completou 60 anos de sua criação, titularam-se, no País, mais de 50 mil alunos em cursos de mestrado e doutorado. Em 2018 havia 122.295 estudantes de pós-graduação, dos quais 76.323 em mestrados acadêmicos, 4.008 em mestrados profissionais e 41.964 em doutorados. As matrículas em cursos de mestrado acadêmico cresceram, entre 2010 e 2018, 3,7% ao ano; em cursos de mestrado profissional, o crescimento foi significativamente maior, com variação média de 19,4% ao ano. Já no doutorado, as matrículas apresentaram evolução de 7,5% ao ano. Contudo, apesar do crescimento, o Brasil possui uma taxa de pessoas entre 25 e 64 anos com doutorado de apenas 0,2%. A média dos países da OCDE é de 1,1%. Apenas 0,8% das pessoas entre 25 e 64 anos possuem mestrado, enquanto a média dos demais países é de 12,7% (CAPES, 2019).

Em Santa Catarina, os números seguem a mesma tendência de crescimento. Na Mesorregião Oeste Catarinense, o crescimento está acima da média do País e do Estado nos níveis de mestrado acadêmico e profissional, fato que se explica, como vimos anteriormente, pela instalação tardia da PG stricto sensu na região.

Tabela 89 – Evolução das matrículas na PG por nível de ensino e região (2010-2018)

Região	Mestrado		Mestrado Profissional		Doutorado		
	Variação 2010-2018	Var. média anual	Variação 2010-2018	Var. média anual	Variação 2010-2018	Var. média anual	
Brasil	33,46%	3,67%	311,87%	19,36%	77,85%	7,46%	
Regiões do Brasil	Centro-Oeste	42,09%	4,49%	562,30%	26,66%	141,37%	11,64%
	Nordeste	52,31%	5,40%	512,43%	25,42%	111,09%	9,79%
	Norte	69,25%	6,80%	1416,00%	40,47%	220,13%	15,66%
	Sudeste	19,68%	2,27%	201,43%	14,79%	51,17%	5,30%
	Sul	41,80%	4,46%	320,42%	19,66%	112,85%	9,90%
Santa Catarina	34,79%	3,80%	192,56%	14,36%	94,51%	8,67%	

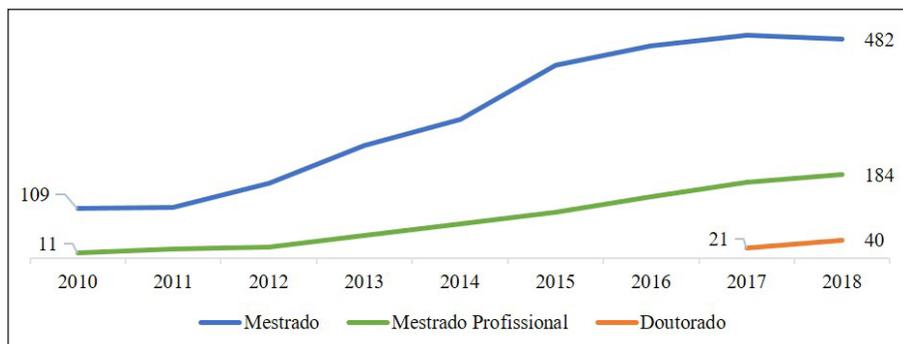
Região	Mestrado		Mestrado Profissional		Doutorado		
	Varição 2010-2018	Var. média anual	Varição 2010-2018	Var. média anual	Varição 2010-2018	Var. média anual	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	14,89%	1,75%	220,27%	15,66%	71,08%	6,94%
	Norte Catarinense (SC)	226,27%	15,93%	47,62%	4,99%	-	-
	Oeste Catarinense (SC)	342,20%	20,42%	1.572,73%	42,21%	-	-
	Serrana (SC)	540,00%	26,12%	-	-	-	-
	Sul Catarinense (SC)	121,74%	10,47%	-	-	171,67%	13,31%
	Vale do Itajaí (SC)	-19,29%	-2,64%	43,15%	4,59%	385,71%	21,84%
	Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	1089,29%	36,27%	1227,27%	38,16%	-
Concórdia		-	-	-	-	-	-
Joaçaba		59,26%	5,99%	-	-	-	-
Xanxerê		-	-	-	-	-	-

Fonte: elaborado com base em dados do GeoCapes (CAPES, 2019).

O Gráfico 47 apresenta, de forma mais clara, como se deu a evolução das matrículas da PG na Mesorregião. Os mestrados começam a ser implantados a partir de 2010; já os doutorados, a partir de 2017.

No Estado, as IES públicas detêm 81,8% do total das matrículas em cursos de PG, restando 18,2% para as IES privadas. Já na Mesorregião Oeste Catarinense, as IES públicas possuem representação menor (38,8%) em relação às matrículas em IES privadas (62,2%) (CAPES, 2019). A PG seria inexpressiva, portanto, não fosse a presença das universidades comunitárias.

Gráfico 47 – Evolução das matrículas na pós-graduação stricto sensu por nível de ensino na Mesorregião Oeste Catarinense



Fonte: elaborado com base em dados do GeoCapes (CAPES, 2019).

### 7.3 TITULADOS

O mestrado acadêmico e o profissional são os níveis de ensino com o maior número de titulados, no Brasil. Em 2018, eles representavam 59,1% e 14,7%, respectivamente, em relação ao total, restando 26,2% para os titulados no nível de doutorado (CAPES, 2019). O País forma poucos doutores se comparado aos países desenvolvidos. Dados de 2017 revelam que o Brasil tem os mais baixos índices de doutores por 100 mil habitantes (7,6 doutores). Na Inglaterra, são 41 doutores por 100 mil habitantes, em Portugal, 39,7 e na Alemanha, 34,4. Ou seja, se o Brasil quiser alcançar o nível desses países precisa começar a formar cerca de 30 mil doutores ao ano. Em 2018, o País formou 22.894 doutores. Já os cursos de mestrado formaram, no mesmo ano, 51.610 mestres, no formato acadêmico, e outros 12.822 mestres, no formato profissional (CAPES, 2019).

Em SC, a representação dos doutores em relação aos mestres é de apenas 26%. Na Mesorregião Oeste Catarinense, em 2018, ainda não havia doutores formados pelas IES da região, uma vez que as IES da região começaram a implantar os programas nesse nível de ensino somente a partir de 2017. Em nove anos, a Mesorregião formou, por meio de seus cursos de PG, 222 mestres (CAPES, 2019).

Tabela 90 – Representação dos titulados da PG por nível de ensino e região (2010-2018)

Região	Mestrado		Mestrado Profis- sional		Doutorado		
	2010	2018	2010	2018	2010	2018	
Brasil	71,21%	59,10%	6,57%	14,68%	22,23%	26,21%	
Regiões do Brasil	Centro-Oeste	78,81%	64,05%	6,15%	14,60%	15,04%	21,35%
	Nordeste	76,16%	61,60%	8,10%	16,59%	15,74%	21,81%
	Norte	85,13%	63,65%	3,92%	20,73%	10,95%	15,62%
	Sudeste	66,12%	55,20%	6,96%	14,83%	26,92%	29,95%
	Sul	77,33%	63,20%	4,74%	11,36%	17,93%	25,44%
Santa Catarina	76,98%	61,28%	4,38%	12,70%	18,65%	26,02%	
Mesorregiões de Santa Catarina	Grande Florianópolis (SC)	73,68%	59,21%	2,32%	8,89%	24,00%	31,89%
	Norte Catarinense (SC)	64,00%	64,93%	36,00%	30,33%	-	4,74%
	Oeste Catarinense (SC)	100,00%	75,25%	-	24,75%	-	-
	Serrana (SC)	-	65,79%	-	5,92%	-	28,29%
	Sul Catarinense (SC)	97,80%	71,14%	-	8,46%	2,20%	20,40%
	Vale do Itajaí (SC)	87,27%	53,20%	12,36%	22,67%	0,36%	24,13%
Microrregiões do Oeste Catarinense	Chapecó	100,00%	73,66%	-	26,34%	-	-
	Joaçaba	100,00%	78,89%	-	21,11%	-	-

Fonte: elaborada com base em dados do GeoCapex (CAPES, 2019).

## CAPÍTULO 8

# SÍNTESE DOS INDICADORES DA EDUCAÇÃO NO OESTE CATARINENSE

Neste Capítulo apresenta-se uma síntese avaliativa da evolução e das tendências para a educação na Mesorregião Oeste Catarinense, com base nos indicadores levantados e apresentados no Capítulo anterior. A primeira seção trata das avaliações que compreendem a educação básica, reunindo a educação infantil, a pré-escolar e os ensinos fundamental e médio. A seção seguinte trata da educação superior.

### 8.1 EDUCAÇÃO BÁSICA

Segundo dados do Censo Escolar, entre 2014 e 2018, houve redução de 1,3 milhão de matrículas nos diversos níveis de ensino da educação básica, puxada, principalmente, pelo ensino fundamental e pelo ensino médio. No ensino médio, nos últimos cinco anos, por exemplo, houve redução de 7,1% (INEP, 2019b).

O único nível em que houve avanço nas matrículas no período analisado foi o da educação infantil, cuja tendência, para os próximos anos, ainda é de crescimento, induzido pela política de universalização do setor. O PNE propõe que o atendimento às crianças de 0 a 3 anos, portanto, em idade de frequentar a creche, atinja a meta de 50% dessa população (BRASIL, 2014); isto representaria uma ampliação dos atuais 3,6 milhões para cerca de 5,5 milhões de matrículas. A creche atende apenas 32,7% da demanda disponível, indicando que há espaço para ampliação da oferta no Oeste Catarinense.

Também há espaço para a pré-escola crescer. Na faixa etária adequada a esse nível de ensino (4 e 5 anos), o atendimento escolar já atinge 91,7% da demanda, indicando que há uma lacuna a ser suprida. O PNE estabelece a universalização da pré-escola.

No ensino fundamental (6 a 14 anos), 99,2% da população encontra-se na escola (IBGE, 2019), atendendo ao princípio da universalização previsto na Constituição e no PNE. No entanto, conforme apurado no Capítulo 6, há uma nítida redução da taxa de matrículas nesse nível de ensino por conta da redução da

natalidade. A redução é maior no número de matrículas dos anos finais do ensino fundamental, e o Oeste Catarinense registrou a maior queda no Estado.

No ensino médio, o mesmo fenômeno vem ocorrendo ao longo dos últimos anos, porém com maior intensidade que no ensino fundamental. A queda é impulsionada, basicamente, pela soma de três fatores: a redução da taxa de natalidade, a diminuição da entrada proveniente do ensino fundamental e a melhora no fluxo escolar do ensino médio (a taxa de aprovação do ensino médio subiu 3,0% de 2013 para 2017). Mas há, igualmente, altas taxas de evasão e de migração de alunos para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) (IBGE, 2019).

A redução das matrículas no ensino médio é reflexo das políticas públicas aplicadas à educação básica como um todo. O País não tem conseguido incluir os cerca de 1,5 milhão de jovens que abandonaram as salas de aula antes de terminar a educação básica. Isso equivale a 15% do total de jovens de 15 a 17 anos, faixa etária ideal para se frequentar o ensino médio. Mais da metade dos adultos (52%) com idades entre 25 e 64 anos não atingiram o nível médio de formação, no Brasil (IBGE, 2019). O índice representa mais do que o dobro da média da OCDE e é maior que em países como Argentina (39%) e Chile (35%). Esse dado coloca o País como um dos países com o maior número de pessoas sem diploma de ensino médio.

Por outro lado, há ainda muito espaço para o crescimento da educação básica de tempo integral, política regulamentada pelo PNE 2014-2024 (BRASIL, 2014). O desafio lá proposto é o de atingir, até 2024, ao menos, 25% dos alunos de toda a educação básica pública. Portanto, há ainda uma distância muito grande para o atingimento da meta.

As mesmas tendências observadas nacionalmente também podem ser projetadas para a Mesorregião Oeste Catarinense. Com exceção da educação infantil, os demais níveis de ensino da educação básica vêm apresentando queda sistemática nas matrículas, sobretudo nas matrículas do ensino fundamental (-12,3% em 7 anos) e médio (-12,9%).

As causas para esse fenômeno são diversas. Mas há que se considerar, principalmente, a variável demográfica. As projeções indicam que a base da pirâmide demográfica no Brasil deve ficar cada vez mais estreita, o que causaria um impacto direto nas matrículas da educação básica. Segundo projeção do IBGE, em 2060, apenas 18% da população terá de zero a 10 anos, enquanto 34% terá mais de 60

anos de idade. Em 2010, havia 70 milhões de crianças e jovens de zero a 19 anos, correspondendo a 40% da população. Em 2018, esse percentual caiu para 31%. Em 2022, a previsão é de uma queda de, aproximadamente, 60 milhões nessa faixa etária, correspondendo a 28% da população total, até chegar-se em 2060 com apenas 39 milhões de crianças e jovens nessa mesma faixa, ou seja, 18% da população total (IBGE, 2018).

As taxas de crescimento demográfico da Mesorregião Oeste Catarinense, levantadas neste estudo, são menores que as respectivas taxas nacionais e representam, aproximadamente, a metade das taxas do Estado no período analisado (2000 a 2018). Embora a Mesorregião tenha registrado pequeno aumento na taxa média de crescimento populacional, a tendência para os próximos anos é de estabilização, com reduções naqueles municípios com menos de 10 mil habitantes, como já se observa. Essa estimativa, somada às projeções de queda nas taxas de crescimento de faixas etárias mais jovens, sobretudo a população das faixas etárias até 19 anos, certamente impactarão não somente na educação básica, como também na educação superior.

De outro lado, o fenômeno do envelhecimento demográfico persiste e deverá acentuar-se até 2030. Como analisado neste estudo, entre 2010 e 2018, as maiores taxas de crescimento no Estado de Santa Catarina são estimadas para a população acima de 50 anos e, principalmente, acima de 60 anos, respectivamente, com 24,4% e 43,1% (IBGE, 2018). Diante do cenário, pairam algumas dúvidas sobre o futuro da educação na Mesorregião. Como se posicionar a partir desses dados e o que já é possível fazer para não sofrer maiores consequências no dia de amanhã?

## 8.2 EDUCAÇÃO SUPERIOR

Apesar da ampliação do acesso ao ensino superior verificada nos últimos anos, apenas 21% dos brasileiros de 25 a 34 anos possuem ensino superior completo; a média dos países que fazem parte da OCDE é de 44%. A taxa de crescimento no Brasil é a pior entre os países latino-americanos, ficando atrás do México (23%), da Costa Rica (28%), do Chile (34%) e da Argentina (40%) (INEP, 2019a).

O Plano Nacional de Educação 2014-2024 prevê, na meta 12, elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior (ou seja, a porcentagem de estudantes da educação superior em relação à população de 18 a 24 anos) para 50% e a taxa líquida

para 33% da população de 18 a 24 anos (BRASIL, 2014). Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, de 2009 a 2015, houve um aumento de 6,5 pontos percentuais, atingindo 34,6% de matrículas na educação superior, mas ainda distante da meta de 50%. Já a porcentagem de matrículas da população de 18 a 24 anos na educação superior é de 18,1%, também distante da meta de 34,6% (IBGE, 2018). Tem-se, portanto, um cenário de desafios e de oportunidades para os próximos anos.

Embalada pela flexibilização da legislação e regulação, tudo indica que a educação a distância seguirá tendência de expansão acelerada nos próximos anos. Segundo o Censo da Educação Superior, em 2007, a modalidade representava 7% das matrículas de graduação; em 2018, pulou para 24,3%, atendendo 2.055.277 alunos. Entre 2010 e 2018, as matrículas na graduação a distância cresceram 121%; já na modalidade presencial, 17,3% (INEP, 2019a). Esses números devem dobrar até o fim de 2024, quando previsões indicam que mais alunos se matricularão em cursos da modalidade a distância do que nos presenciais.

As matrículas na graduação presencial vêm passando por um período de estagnação, como vimos nos dados analisados anteriormente. Contudo, é preciso ficar atento aos 8,9 milhões de jovens de 18 a 24 anos que concluíram o ensino médio no Brasil, mas ainda não ingressaram no ensino superior. Em 2015, o País chegou a 13,5% dos jovens com 25 anos ou mais com curso superior (cerca de 17,4 milhões). É um número inexpressivo se comparado a países desenvolvidos, ou mesmo a países da América Latina. O desafio reside em como atrair toda essa massa de pessoas ao ensino superior.

Dentre muitas dificuldades de acesso à educação superior, como o desemprego e a baixa renda de grande parte da população brasileira, observa-se a partir de 2010, uma redução drástica do financiamento público e um esvaziamento da rede pública de ensino superior, sobretudo das universidades federais. Em 2017, por exemplo, o número de estudantes que conseguiram ingressar no ensino superior por meio do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) caiu 12% em relação ao ano anterior. São problemas que se intensificarão enquanto o País não sair da crise econômica que já dura alguns anos.

Ao mesmo tempo, é preciso ficar atento à influência exponencial das tecnologias que estão revolucionando o modo como enxergamos a educação

superior; ela terá uma configuração surpreendentemente diversa da atual. Cada vez mais, a tendência será a de aliar educação on-line com educação presencial. A ascensão da inteligência artificial, entre outros recursos tecnológicos, ajudará a fazer essa transição.

Atualmente, os currículos estão ficando cada vez mais flexíveis e personalizados, e as barreiras entre professores e alunos estão diminuindo. Novos modelos de negócio surgirão, liderados por grupos privados e globais, suplantando os tradicionais modelos de ensino superior. As pequenas IES não conseguirão resistir aos impactos disruptivos já nos próximos anos. Em 2023, a graduação on-line será a responsável pela formação da maioria dos estudantes.

O ensino superior presencial já está sendo substituído pelo ensino híbrido (*blended learning*), combinando educação presencial com educação on-line ou educação com tecnologia. O Censo de 2017 constatou a existência de 1.119.031 matrículas em cursos de graduação semipresenciais (INEP, 2019a).

Por outro lado, as IES terão que se ajustar à procura, cada vez maior, de estudantes não “tradicionais”, em razão do aumento da expectativa de vida e do conseqüente envelhecimento da população, mudando o perfil dos estudantes do ensino superior nos próximos anos. A diversidade etária exigirá das IES modelos de aprendizagem diferenciados para esse novo perfil de aluno.

Finalmente, pode-se ponderar que o período de crise que impactou o País desde 2013 levou milhares de jovens, muitos deles desempregados, a postergarem a entrada no ensino superior. Boa parte desse público, uma vez inserido no mercado de trabalho, poderá buscar as universidades para fazer um curso superior.



## **CAPÍTULO 9**

# **INSTIGAÇÕES PARA REFLEXÃO E DEBATES PARA O OESTE**

Ante os contextos caracterizados nos Capítulos anteriores, sobretudo quanto aos indicadores socioeconômicos, apresentamos neste Capítulo alternativas que possam reanimar e dinamizar a Mesorregião Oeste Catarinense. As alternativas aqui propostas não se propõem como definitivas ou prioritárias. Também não se ambiciona considerá-las as principais e ou únicas alternativas. Pretende-se com elas, fundamentalmente, instigar reflexões e debates para a promoção de projetos e planos de desenvolvimento que reanimem e dinamizem a Mesorregião em termos econômicos e socioculturais. Com o que é sugerido neste Capítulo, pretende-se instigar a formulação e o desenvolvimento de alternativas, buscando de forma sistemática, a mudança do status quo que tende à estagnação econômica, social, cultural e demográfica da região.

A partir da dinamização econômica, pode-se lograr a dinamização demográfica, social e cultural. Evidentemente, a área de ensino deverá permear todas as demais áreas. A estabilização dos níveis demográficos com taxas de crescimento em níveis médios, depende, consideravelmente, das atividades econômicas geradoras de renda e de atividades sociais e culturais, incluindo esportes e lazer. Os fatores que proporcionam qualidade de vida dependem da relação equilibrada entre todas as áreas e atividades da sociedade.

Dessa forma, inicia-se pela apresentação de alternativas para a área econômica, lembrando que a partir destas pode-se desenvolver, em momentos simultâneos ou diferentes, as demais alternativas que propiciam o desenvolvimento local, regional e da sociedade em geral. Tais alternativas, além de outras, são, natural e necessariamente, complementadas por outros programas de suporte às iniciativas e empreendimentos que delas se originam.

A relação das alternativas sugeridas, nas quais não se pretende ficar restrito, compreende:

- a) a geração local e regional de inovações, com esforços para que tais inovações não se limitem a meras importações de tecnologias para aumento de produção e produtividade. Como exemplos, pode-se promover o desenvolvimento de máquinas e equipamentos para utilização nas atividades produtivas locais e regionais. As inovações tecnológicas locais e regionais contribuem para o surgimento e desenvolvimento de outras atividades econômicas e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de outras áreas.
- b) Os centros de inovação, parques científicos e tecnológicos e demais mecanismos de geração de empreendimentos inovadores, quando trabalhados dentro do conceito da hélice tríplice de inovação (instituições de ciência e tecnologia, governo e indústria) podem contribuir também para a dinamização e revitalização da matriz econômica da região.
- c) Definição de programas e planos para o desenvolvimento de produtos e serviços especializados com foco na utilização de vocações e capacidades instaladas na região, buscando economias de escopo, além das economias de escala.
- d) Definição de planos e programas para estudos e desenvolvimentos de novos ramos e segmentos produtivos, sobretudo aqueles que possam adicionar valor aos produtos e serviços locais e regionais. Dessa forma, propõe-se privilegiar alternativas com elevado teor de diferenciação. Para exemplificar, sugerem-se alternativas para novos produtos a partir de matérias-primas locais e regionais, como a erva-mate, as frutas nativas com propriedades alimentares – incluindo as plantas alimentares não convencionais (PANCs), as ervas nativas com propriedades nutricionais e ou medicinais, etc.
- e) As áreas sociais, culturais, esportivas e de lazer em geral devem merecer atenção, orientadas da mesma forma, para a promoção de bem-estar da população. As atividades para essas áreas podem e devem ser consideradas a partir de vocações locais e regionais, além de novas vocações, e com o aproveitamento de recursos disponíveis. Nessas áreas podem ser discutidos programas para: torneios esportivos periódicos em várias modalidades esportivas, para públicos distintos;

oficinas de artes (teatrais, musicais, literárias, visuais, orais, etc.), com periodicidades sistematizadas ou diversas; festivais e eventos artísticos diversos; programas de integração de públicos das distintas gerações (adolescência e juventude, terceira idade, etc.). Pode-se considerar, ainda, os debates para avaliação e desenvolvimento de planos para complementações de estrutura física e logística para atividades socioculturais e de lazer em geral.

- f) A infraestrutura viária e de logística enseja atenção destacada, sendo que essa área deve, inclusive, permear os debates e planos dos demais debates, estudos e planos de dinamização socioeconômica da região. Para essa área, merece atenção a melhoria de rodovias, incluindo revisões de leitos, sinalizações e duplicações, em especial da BR 282, que atravessa todo o Estado de SC, ligando a capital catarinense à Argentina. Também merecem atenção, estudos e planos para a viabilização de opções de voos domésticos nas regiões de Joaçaba, Videira, Caçador, Campos Novos, Concórdia e São Miguel do Oeste. Os debates para o desenvolvimento de melhorias das condições do sistema viário e de logística das empresas e da sociedade em geral devem pautar-se em planos de atuação conjunta das lideranças regionais da região.
- g) Destaca-se a atenção necessária para o público da terceira idade (por exemplo, com faixas etárias acima de 60 anos), cujo contingente vem crescendo. Além dos programas e eventos que já são realizados, devem ser contempladas novas alternativas para esse público, nas áreas econômica, sociocultural, de saúde e de lazer em geral.
- h) A área da educação se insere em todas as demais áreas e suas alternativas, devendo participar do desenvolvimento destas. Nesse sentido, as universidades, em especial, podem contribuir com pesquisas e desenvolvimento nas áreas de negócios e tecnológicas. Para isso, quando necessário, deverão estruturar e desenvolver programas e planos de ação que atendam a demandas de desenvolvimento de projetos das demais áreas, por meio de atividades de ensino, extensão e pesquisa. Tais esforços devem ser realizados em conjunto com os

segmentos da sociedade diretamente interessados e influenciados pelas demandas visadas.

Finalmente, sugere-se que os projetos para o desenvolvimento da região devem ser estruturados, preferencialmente, com a aplicação de recursos e vocações locais e regionais. Mesmo que incremental, o desenvolvimento de uma região terá maiores condições de efetividade e consistência quando se realizar por meio de esforços endógenos, privilegiando suas vocações e seus recursos, reduzindo a dependência externa.

## CAPÍTULO 10

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo, apurar, descrever e avaliar os indicadores demográficos, socioeconômicos e educacionais das mesorregiões de Santa Catarina e, mais precisamente, destacar esses indicadores na Mesorregião Oeste Catarinense, buscando identificar as potencialidades e fragilidades desta em relação às demais mesorregiões. Por meio das descrições e avaliações dos indicadores, visa-se estimular as avaliações locais e regionais mais densas de aspectos endógenos que poderão atenuar as fragilidades e contribuir para o desenvolvimento. Os resultados aqui apresentados poderão apoiar esforços de definições de cenários para planejamento de ações por parte de públicos interessados em promover o desenvolvimento em seus municípios ou em suas áreas de abrangência, limitados, a priori, ao Oeste Catarinense.

Suscintamente, as análises dos indicadores da Mesorregião Oeste Catarinense, comparativamente aos mesmos indicadores estaduais e nacionais, mostram desempenhos inferiores na maioria desses indicadores. E, sobretudo, quando os indicadores são avaliados de forma conjunta, identificam-se situações e tendências no Oeste que alertam para a perda de posições em termos de representatividade econômica e, conseqüentemente, o gradativo esvaziamento demográfico. Os indicadores demográficos da região mostram baixo crescimento da população residente. Embora sejam influenciados pela queda das taxas de natalidade e do crescente envelhecimento da população, fenômeno que ocorre em níveis nacionais e no Estado, no Oeste o desempenho desses indicadores também está relacionado a fatores predominantemente econômicos, apurando-se tendências de estagnação do contingente populacional, com esvaziamento em curso em alguns municípios com até 10 mil habitantes.

Na área socioeconômica, a maioria dos indicadores da região apura avanços inferiores aos respectivos indicadores estaduais e nacionais. Esse desempenho decorre principalmente do sistema viário e logístico insuficiente e precário que onera as atividades econômicas, sobretudo a indústria agroalimentar, que é a mais expressiva na região. Evidentemente, tais condições já resultaram no deslocamento

de operações industriais dessa cadeia para outros estados do País, com impactos nos demais segmentos das atividades econômicas na região.

Mesmo sob limitadas condições em termos de expansão, por conta da redução da população em faixas etárias mais baixas, a educação na Mesorregião Oeste Catarinense apresenta níveis de qualidade acima da média constatada no Estado, sobretudo no Ideb dos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Contudo, são muitos os desafios que se colocam para o ensino médio e para a educação superior. Aquele vem de uma reforma promovida pelo Estado brasileiro, cujos resultados são ainda desconhecidos. A educação superior, por sua vez, tem pouco a expandir-se para além da inédita expansão verificada nos anos 1990 e anos 2000; está refém da expansão do ensino médio, ainda distante de sua universalização, apesar dos esforços governamentais nessa direção.

As análises aqui apresentadas não se concluem com este trabalho, pois as variáveis que resultam nos indicadores avaliados se caracterizam por serem dinâmicas e sujeitas a frequentes mudanças de comportamento ao longo do tempo. Também, este trabalho não contempla outros indicadores que podem corroborar ou refutar as avaliações aqui apresentadas, em razão das dificuldades inerentes ao momento em curso em reuni-los em um mesmo conjunto.

Diante do que aqui se apresentou, sugere-se que outros estudos desta natureza possam ser desenvolvidos, buscando suprir lacunas deste trabalho e, assim, ampliando e aperfeiçoando as análises das tendências da Mesorregião Oeste Catarinense.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 6.094, de 25 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do plano de Metas Todos pela Educação. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6094.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6094.htm). Acesso em: 25 out. 2019.

\_\_\_\_\_. Decreto n. 8.752, de 9 de maio de 2016. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 maio 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8752.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8752.htm). Acesso em: 15 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Decreto n. 9.057**, de 25 de maio de 2017. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 25 maio 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm). Acesso em: 28 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Emenda Constitucional n. 59**, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta § 3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias [...]. Brasília, DF, 11 nov. 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc59.htm). Acesso em: 25 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 7 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências: Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm). Acesso em: 7 nov. 2019.

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Sistema de Informações Georreferenciais – Geocapes, 2019**. Dados Estatísticos. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em: 25 out. 2019.

CUNHA, A. M.; CAPUTI LELIS, M. T.; FLIGENSPAN, F. B. Desindustrialização e comércio exterior: evidências recentes para o Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 33, n. 3, p. 463-485, jun./set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rep/v33n3/v33n3a06.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA E EXTENSÃO RURAL DE SANTA CATARINA; CENTRO DE SOCIOECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, 2016-2017**. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2017. ISSN: 1677-5953. Disponível em: [http://docweb.epagri.sc.gov.br/website\\_cepapublicacoes/Sintese-Anual-da-Agricultura-SC\\_2016\\_17.pdf](http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepapublicacoes/Sintese-Anual-da-Agricultura-SC_2016_17.pdf). Acesso em: 30 out. 2019.

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Brasília, DF, 2000. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default\\_censo\\_2000.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm). Acesso em: 27 mar. 2019

\_\_\_\_\_. **Censo demográfico 2010**. Brasília, DF, 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 27 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Contagem da População 2007**. Brasília, DF, 2007. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm>. Acesso em: 27 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Estimativas de População**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6579> Acesso em: 18 ago. 2019

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Educação 2018. PNAD Contínua. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://agencia-denoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/00e02a8bb67cdedc-4fb22601ed264c00.pdf](https://agencia-denoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/00e02a8bb67cdedc-4fb22601ed264c00.pdf). Acesso em: 5 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Brasília, DF, 2012. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/21>. Acesso em: 10 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Brasília, DF, 2017. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5938> Acesso em: 10 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. **Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade:** 2010-2060. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=resultados>. Acesso em: 10 jun. 2019.

INEP – INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação Superior.** Notas estatísticas 2018. Brasília, DF: Inep, 2019a. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2018-notas\\_estatisticas.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf). Acesso em: 14 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar.** Microdados 2018. Brasília, DF: Inep, 2019b. Disponível em: <http://www.portal.inep.gov.br/microdados>. Acesso em: 14 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB.** Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/ideb>. Acesso em: 22 nov. 2019.

KOHLER, R.; GAY, A. L. Testes de Correlação entre o VAB Setores e o VAB Total de Municípios do Rio Grande do Sul, no período 1999-2012. *In: SALÃO DO CONHECIMENTO UNIJUÍ, JORNADA DE PESQUISA – CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS, 21., 2016, Ijuí. Anais [...].* Ijuí, 2016. ISSN: 2318-2385. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/7370>. Acesso em: 27 nov. 2019.

MARCONDES, T. A agropecuária em Santa Catarina: cenário atual e principais tendências. **Revista NECAT**, v. 5, n. 9 p. 8-38, 2016. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/necat/article/view/4171/4559>. Acesso em: 15 jan. 2020.

MTE – MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho – PDET. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).** Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

PARENTE, P. P. A indústria o petróleo e a retomada do crescimento: uma saída para o Brasil. In: VELLOSO, R. et al. (coord.). **Recessão, crise estadual e da infraestrutura**: para onde vai a economia brasileira? Rio de Janeiro: XXIX Fórum Nacional, 2017. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Altos Estudos – INAE, 2017. p. 333-346. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/18101>. Acesso em: 28 out. 2019.

SANTOS, L.; ARUTO, P. C. Impactos da crise econômica no mercado de trabalho catarinense: uma análise do triênio 2015-2017. **Revista NECAT**, v. 7, p. 54-71, 2018. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/necat/article/view/5278/5289>. Acesso em: 11 out. 2019.

SOUZA, F. E. P. Lições da evolução da economia brasileira e seus desafios. In: VELLOSO, R. et al. (coord.). **Recessão, crise estadual e da infraestrutura**: para onde vai a economia brasileira? Rio de Janeiro: XXIX Fórum Nacional, 2017; Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Altos Estudos – INAE, 2017. p. 229-250. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/18101>. Acesso em: 28 out. 2019.

SUPORTE GEOGRÁFICO. **Mapas para colorir – Santa Catarina**. 2018. Disponível em: <https://suportegeografico77.blogspot.com/2018/03/mapas-para-colorir-santa-catarina.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Observatório do Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <https://www.observatoriodopne.org.br/observatorio>. Acesso em: 18 nov. 2019.